

Universidade do Grande Rio – Unigranrio

Professor José de Souza Herdy

Tese

Vanessa Faria Silva

**Os Cineclubes da Baixada Fluminense como Organizações Substantivas:
Vida Humana Associada e Inserção Territorial**

RIO DE JANEIRO

2022

UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO (UNIGRANRIO)
ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS (ECSA)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO (PPGA)
CURSO DE DOUTORADO EM ADMINISTRAÇÃO

VANESSA FARIA SILVA

**OS CINECLUBES DA BAIXADA FLUMINENSE COMO ORGANIZAÇÕES
SUBSTANTIVAS: VIDA HUMANA ASSOCIADA E INSERÇÃO
TERRITORIAL**

Tese de doutorado apresentada à
Universidade do Grande Rio, como parte dos
requisitos parciais para obtenção do grau de
Doutora em Administração.

Área de concentração: Gestão
Organizacional

Linha de pesquisa: Organizações e
Sociedade

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Eduardo de
Pinho Velho Wanderley

RIO DE JANEIRO
FEVEREIRO 2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UNIGRANRIO – NÚCLEO DE COORDENAÇÃO DE BIBLIOTECAS

S586c Silva, Vanessa Faria.

Os cineclubes da Baixada Fluminense como organizações substantivas: vida humana associada e inserção territorial / Vanessa Faria Silva. – Rio de Janeiro, 2022.

191 f. : il. ; 31 cm.

Tese (Doutorado em Administração) – Universidade do Grande Rio “Prof. José de Souza Herdy”, Escola de Ciências Sociais e Aplicadas, 2022.

“Orientador: Prof. Dr. Sérgio Eduardo de Pinho Velho Wanderley”.

Referências: f. 172-181.

1. Administração. 2. Cinema. 3. Cineclube. 4. Baixada Fluminense (RJ). 5. Organizações substantivas. 6. Abordagem decolonial. I. Wanderley, Sérgio Eduardo de Pinho Velho. II. Universidade do Grande Rio “Prof. José de Souza Herdy”. III. Título.

Vanessa Faria Silva

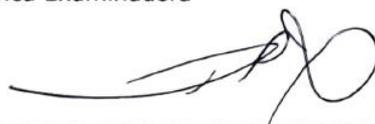
**"Os cineclubes da Baixada Fluminense como organizações substantivas:
vida humana associada e inserção territorial"**

Tese apresentada à Universidade do Grande Rio "Prof. José de Souza Herdy", como parte dos requisitos parciais para obtenção do grau de Doutor em Administração.

Área de Concentração:
Gestão Organizacional.

Aprovada em 22 de Novembro de 2022.

Banca Examinadora



Prof. Dr. Sergio Eduardo de Pinho Velho Wanderley
Universidade do Grande Rio - UNIGRANRIO



Prof.ª Dr.ª Denise Franca Barros
Universidade do Grande Rio - UNIGRANRIO



Prof.ª Dr.ª Ana Carolina de Gouvea Dantas Motta
Universidade do Grande Rio - UNIGRANRIO



Prof. Dr. Michel Jean Marie Thiollent
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ



FERNANDO GUILHERME TENÓRIO

Prof. Dr. Fernando Guilherme Tenório
Fundação Getúlio Vargas - FGV

A todas e todos os cineclubistas, produtores e produtoras de audiovisual da Baixada Fluminense, com grande admiração.

AGRADECIMENTOS

Esta tese é parte do resultado do meu doutoramento, na Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO), entre os anos de 2018 e 2022. Ao longo destes quatro anos, em uma mistura de risos e lágrimas, aprendi a respeitar as minhas lágrimas e respeitar “ainda mais minha risada”, como canta Maria Betânia. As lágrimas vieram das incertezas sobre o futuro, da redução do convívio com pessoas queridas, das minhas inseguranças e da angustiante sensação de urgência por organizar o quanto antes meus turbilhões de ideias e pensamentos para conseguir cumprir todos os prazos. Já as risadas vieram dos encontros com pessoas tão queridas, que vou levar para a vida; dos debates empolgantes, dentro e fora do ambiente acadêmico; e do fortalecimento de amizades e afetos preexistentes. Pensando nisso, e por entender que este trabalho é fruto de uma construção coletiva, quero registrar aqui meus agradecimentos às pessoas que tanto contribuíram para que eu alcançasse este objetivo:

Minha querida avó Elza, que infelizmente faleceu em 2021 e não está aqui para ver esta conquista. Sem ela a minha formação acadêmica seria totalmente diferente. Por incontáveis vezes ela me ajudou a pagar a passagem de ônibus para a escola e universidade e as taxas de inscrição dos vestibulares e, depois, dos congressos acadêmicos. Ela também me ensinou a dançar diante do caos, a apoiar outras mulheres e nunca desistir da vida.

Minha mãe, meu pai e meu irmão: Rosi, Eli e Elias. Muito obrigada por terem me ensinado a não ser conformada com as injustiças, mas a sonhar com um mundo melhor e mais justo. Obrigada também pelo afeto seguro que vocês me transmitem e pela certeza de que sempre vou encontrar abraço e acolhimento em casa. Isso fez e faz toda a diferença.

Meu tio Duia, pelo cuidado e todos os doces. Na época que fiz o curso preparatório para o processo seletivo do doutorado (o teste ANPAD), e as aulas terminavam depois das 22 horas, lá em Botafogo, ele me esperava para que eu não voltasse para casa sozinha e ainda me dava ótimos doces. Infelizmente ele foi vítima da covid-19 no ano de 2021 e não viu a conclusão deste trabalho.

Meu companheiro de vida, Silvio Junior. Obrigada pela parceria, pelas conversas tranquilizadoras e esperançosas; pelos cafés, que eu tanto amo; pelas perguntas, que me fizeram pensar em novos argumentos e ideias para este trabalho; pelo empenho em me ajudar a encontrar programas de transcrição para as entrevistas e por toda a amizade e incentivo ao longo destes anos.

Ana P. Bauer, minha grande amiga, desde o mestrado. Ter convivido com a Ana tão de perto no doutorado foi uma alegria que eu guardo com muita gratidão. Em dias de muita chuva, ou, quando eu tinha aula a noite na Lapa, ela me acolhia no apartamento dela. Nossas conversas eram, e ainda são, momentos de renovação de energias. Também agradeço pela companhia em congressos, parceria na escrita de trabalhos, risadas infinitas, andanças pelo centro do Rio e todos os planos de viagens futuras, tão fundamentais para que esse processo fosse mais leve e feliz. Obrigada por tanto, Ani!

Minhas amigas queridas que, mesmo de longe, me ajudaram a superar os momentos de medo e ansiedade: Marina Gonçalves, Thais Rigoni e Elizabeth Souza. Ouvir como cada uma estava enfrentando o processo de doutoramento foi muito terapêutico para mim.

Meu orientador, professor Sergio Wanderley, que foi sempre muito respeitador, amigo e parceiro deste trabalho. Em nenhum momento do processo de orientação o prof. Sergio se colocou em uma posição de superioridade ou foi autoritário comigo, muito pelo contrário, ele me deu grande autonomia durante a pesquisa. Sou muito grata por ter tido um orientador generoso, que me ajudou a superar os meus medos, me deu liberdade criativa na escrita do trabalho e que me ajudou a ter mais segurança como pesquisadora.

Me sinto muito privilegiada também por ter sido inicialmente orientada pelo professor Michel Thiollent. Poder escutar o que o professor Thiollent tem a dizer e ouvir as sugestões de leituras e os contextos históricos das teorias, que ele tão bem memoriza, é uma riqueza. Obrigada pela oportunidade de convívio, pelo bom humor e pelas ideias e sugestões que tanto contribuíram para a formação desta pesquisa.

Sou grata também aos encontros que tive na Unigranrio. Já sinto saudades de ir tomar café depois da aula, conversar sobre filmes e coisas do cotidiano com pessoas tão queridas. Obrigada pelo convívio: Vania, Camilla, Clayton, Áurea, Renan, Leonardo, Rodolfo, Tiago, Luciana, Iluska, Michelle, Antonio, Lucianos e Marta.

A professora Denise Barros, sempre tão solar e querida comigo, que participou da banca de qualificação e defesa desta tese. É um grande incentivo e aprendizado ver e ouvir esta “gata garota”, como ela ama dizer. As falas e considerações dela contribuíram muito para a melhoria desta pesquisa e, certamente, contribuirão para as pesquisas futuras.

O professor Fernando Tenório. Me senti honrada por um dos principais autores da área dos Estudos Organizacionais ter lido meu trabalho e feito sugestões para elaboração da pesquisa, tanto na fase do projeto de qualificação quanto da versão final da tese. Durante a banca de defesa da tese também foi um presente ouvir o prof. Tenório contar sobre suas experiências com o prof. Guerreiro Ramos, autor que fundamentou a pesquisa.

Também agradeço à professora Ana Dantas, que prontamente aceitou participar da banca de defesa da tese. Obrigada pelas considerações e contribuições, professora.

A professora e coordenadora Rejane Prevot Nascimento, que sempre me incentivou a crescer enquanto pesquisadora e contribuiu muito para o meu doutoramento.

As professoras e os professores que, em diferentes momentos, fizeram parte da minha formação: Janaína Simões; Claudiana Guedes; Alessandra Costa; Marcus Hemais; Eduardo Ayrosa; João Felipe Sauerbronn; Arthur Autran e Luciana Corrêa de Araújo.

Agradeço, especialmente, todas e todos os cineclubistas que participaram desta pesquisa: Pamela, Isa, Nati, Heraldo, Bion, Erika, Maciel, Sassá, Nathalie, Sandro, Ricardo e Murilo. Sem vocês a pesquisa não existiria. Obrigada!

Por fim, agradeço à Universidade do Grande Rio pela oferta, e alta qualidade, do curso de Pós-Graduação em Administração. Também agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro, desde 2019, que possibilitou minha dedicação exclusiva ao curso de doutorado e que durante a pandemia de covid-19 foi um recurso importante para a minha família.

Sou Negro

meus avós foram queimados
pelo sol da África
minh`alma recebeu o batismo dos tambores
atabaques, gonguês e agogôs

Contaram-me que meus avós
vieram de Loanda
como mercadoria de baixo preço
plantaram cana pro senhor do engenho novo
e fundaram o primeiro Maracatu.

Depois meu avô brigou
como um danado nas terras de Zumbi
Era valente como quê
Na capoeira ou na faca
escreveu não leu
o pau comeu
Não foi um pai João
humilde e manso.

Mesmo vovó
não foi de brincadeira
Na guerra dos Malês
ela se destacou.

Na minh´alma ficou
o samba
o batuque
o bamboleio
e o desejo de libertação.

(Solano Trindade, o poeta do povo)

RESUMO

O objetivo desta tese é investigar, sob a ótica dos cineclubistas, a inserção dos cineclubes em seus respectivos territórios na Baixada Fluminense – Rio de Janeiro, com base na teoria das organizações substantivas. Para isso, a pesquisa também está fundamentada na abordagem decolonial, o conceito de colonialidade do território e a noção de territorialidade de Milton Santos. Quanto à abordagem metodológica, a característica dialógica dos cineclubes e a proximidade epistemológica desta metodologia com a fundamentação teórica da pesquisa, contribuíram para que a investigação temática fosse escolhida como método. Sendo assim, baseada em João Bosco Pinto, a pesquisa foi iniciada com a fase de investigação do universo temático, na qual participei de sessões cineclubistas, cursos e eventos e entrevistas com participantes dos nove cineclubes que fazem parte da pesquisa. Em seguida, foi realizada a fase da tematização, onde foram codificados os temas discutidos nas entrevistas e elaborado o capítulo de análise e resultados da pesquisa. A análise e os resultados da pesquisa provocaram a criação do site Cinemateca da Baixada Fluminense. Estes resultados serão discutidos, futuramente, em uma sessão cineclubista, realizada em conjunto com os/as participantes dos cineclubes estudados e consolidarão a terceira etapa da investigação temática. A Cinemateca foi criada como resposta ao desejo por ressignificar a imagem da região e a percepção da relação distante dos cineclubes com o poder político municipal, temas tratados com maior ênfase durante as entrevistas. Dessa maneira, a tese contribui para ampliar a visibilidade da produção audiovisual da Baixada Fluminense, para a reflexão sobre a relação dos/das cineclubistas com o território e para a discussão sobre as articulações entre a teoria das organizações substantivas, a abordagem decolonial, conceito de território e a investigação temática. Os dados sobre a força do cineclubismo na Baixada Fluminense e a distância entre estas organizações e os poderes políticos municipais, também podem servir para inserir os cineclubes na agenda pública e basear a formulação de políticas públicas culturais na Baixada Fluminense. Por fim, com a realização da pesquisa foi possível considerar que os cineclubes localizados na região da Baixada Fluminense, exibidores e produtores de conteúdo audiovisual, estão inseridos na sociedade, enquanto organizações culturais, a partir de um desejo pessoal e coletivo por transformação da própria região, mas também pelo prazer individual dos/das participantes em produzir e discutir filmes autorais.

Palavras-chave: cineclubes; organizações substantivas; abordagem decolonial; investigação temática.

ABSTRACT

The objective of this thesis is to investigate, from the point of view of film clubs, the insertion of film clubs in their respective territories in the Baixada Fluminense - Rio de Janeiro, based on the theory of substantive organizations. In addition to the associated substantive theory of human life and the concept of substantive organizations, thought by Guerreiro Ramos, the decolonial approach and the concept of territorial coloniality, as well as Milton Santos' notion of territoriality, are used as theoretical foundations. As for the methodological approach, the dialogic characteristic of film clubs and the epistemological proximity of this methodology with the theoretical foundation of the research, contributed to the thematic investigation being chosen as a method. Thus, based on João Bosco Pinto, the research started with the investigation phase of the thematic universe, in which I participated in film club sessions, courses and events and interviews with participants of the nine film clubs that are part of the research. Then, the thematization phase was carried out, where the themes discussed in the interviews were coded and the chapter of analysis and research results was elaborated. The analysis and research results led to the creation of the website Cinemateca da Baixada Fluminense. These results will be discussed, in the future, in a film club session, held together with the participants of the film clubs studied. The Cinemateca was created as a response to the desire to re-signify the image of the region and the perception of the distant relationship between film clubs and municipal political power, topics treated with greater emphasis during the interviews. In this way, the thesis contributes to increasing the visibility of the audiovisual production of Baixada Fluminense, to the reflection on the relationship of the filmmakers with the territory and to the discussion about the articulations between the theory of substantive organizations and the concept of territory. Data on the strength of film clubs in Baixada Fluminense and the distance between these organizations and municipal political powers can also serve to insert film clubs into the public agenda and base the formulation of cultural public policies. Finally, with the accomplishment of the research, it was possible to consider that the film clubs located in the region of Baixada Fluminense, exhibitors and producers of audiovisual content, are inserted in society, as cultural organizations, from a personal and collective desire for the transformation of the region itself, but also for the individual pleasure of the participants in producing and discussing authorial films.

Keywords: film clubs; substantive organizations; decolonial approach; thematic investigation.

RESUMEN

El objetivo de esta tesis es investigar, desde el punto de vista de los cineclubes, la inserción de los cineclubes en sus respectivos territorios en la Baixada Fluminense - Rio de Janeiro, a partir de la teoría de las organizaciones sustantivas. Además de la asociada teoría sustantiva de la vida humana y el concepto de organizaciones sustantivas, pensado por Guerreiro Ramos, se utilizan como fundamentos teóricos el enfoque decolonial y el concepto de colonialidad territorial, así como la noción de territorialidad de Milton Santos. En cuanto al enfoque metodológico, la característica dialógica de los cineclubes y la proximidad epistemológica de esta metodología con la fundamentación teórica de la investigación, contribuyeron a que se escogiera como método la investigación temática. Así, con base en João Bosco Pinto, la investigación comenzó con la fase de investigación del universo temático, en la que participé de sesiones de cineclub, cursos y eventos y entrevistas con participantes de los nueve cineclubes que forman parte de la investigación. Luego, se realizó la fase de tematización, donde se codificaron los temas tratados en las entrevistas y se elaboró el capítulo de análisis y resultados de la investigación. Los resultados del análisis y la investigación llevaron a la creación del sitio web Cinemateca da Baixada Fluminense. La Cinemateca fue creada como respuesta al deseo de resignificar la imagen de la región y la percepción de la relación distante entre los cineclubes y el poder político municipal, temas tratados con mayor énfasis durante las entrevistas. De esta forma, la tesis contribuye a aumentar la visibilidad de la producción audiovisual de la Baixada Fluminense, a la reflexión sobre la relación de los cineastas con el territorio y a la discusión sobre las articulaciones entre la teoría de las organizaciones sustantivas y el concepto de territorio. Los datos sobre la fuerza de los cineclubes en la Baixada Fluminense y la distancia entre estas organizaciones y los poderes políticos municipales también pueden servir para insertar los cineclubes en la agenda pública y fundamentar la formulación de políticas públicas culturales. Finalmente, con la realización de la investigación, fue posible considerar que los cineclubes ubicados en la región de la Baixada Fluminense, exhibidores y productores de contenidos audiovisuales, se insertan en la sociedad, como organizaciones culturales, a partir de un deseo personal y colectivo de transformación de la propia región, sino también para el placer individual de los participantes en la producción y discusión de películas autorales.

Palabras clave: cineclubes; organizaciones sustantivas; enfoque decolonial; investigación temática.

Lista de Figuras

Figura 1: ilustração do Jornal do Brasil (1978), com piada sobre a Baixada Fluminense	31
Figura 2: Estrutura da colonialidade do poder segundo Mignolo (2010).....	58
Figura 3 desenho do plano metodológico da pesquisa sobre os cineclubes da Baixada Fluminense	94
Figura 4: áreas dos terrenos/construções da Prologis na Baixada Fluminense	101
Figura 5: área afetada pelas obras da PROLOGIS em São João de Meriti – RJ.....	102
Figura 6: relevância dada ao time Fraternidade Futebol Clube, da Venda Velha.....	103
Figura 7: Reportagem sobre o time da Venda Velha.....	104
Figura 8: anos de instalação e criação dos municípios da Baixada Fluminense	110
Figura 9: Municípios brasileiros que possuem sala de cinema	114
Figura 10: mapa de distribuição de salas de cinema comerciais na região metropolitana do Rio de Janeiro	115
Figura 11: Distribuição de salas de cinema na região metropolitana do Rio de Janeiro	116
Figura 12: reportagem 2 sobre criação de cineclube e Duque de Caxias no ano de 1957	120
Figura 13: reportagem sobre cineclube em Nova Iguaçu, em 1968	121
Figura 14: reportagem sobre o protesto do CNC contra a apreensão de filmes da Dinafilme, em 1978.	123
Figura 15: reportagem sobre o protesto da Federação de Cineclubes de Minas Gerais contra a apreensão do acervo da Dinafilme.....	123
Figura 16: reportagem sobre a criação do cineclube Solano Trindade, em Duque de Caxias, no ano 1980, com presença de Barboza Leite e do vice-presidente do Conselho Nacional de Cineclubes	124
Figura 17: reportagens sobre as dificuldades enfrentadas pelos cineclubes nos anos 1980.	125
Figura 18: página inicial do site Cinemateca da Baixada Fluminense	159
Figura 19: segunda página do site Cinemateca da Baixada Fluminense.....	160
Figura 20: página de catalogação de filmes produzidos na Baixada Fluminense	161
Figura 20: Página de divulgação de eventos e festivais de audiovisual no site Cinemateca da Baixada	161
Figura 22: Cartaz de Divulgação do Cine Reflexão 1	162
Figura 23: Cartaz de Divulgação do Cine Reflexão 2	163
Figura 24: cartaz de divulgação do Fórum Decolonial.....	164
Figura 25: cartaz de divulgação Seminário de Pesquisa.....	165

Lista de Tabelas

Tabela 1: dados populacionais e ambientais dos municípios da Baixada Fluminense. 106	106
Tabela 2: dados econômicos dos municípios da Baixada Fluminense	108
Tabela 3: Comparação da relação entre população e salas de cinema no Estado, Capital e Municípios da Baixada Fluminense - RJ.	112
Tabela 4: Programação das sessões do Cineclube Imbariê Nos Trilhos	133

Lista de Quadros

Quadro 1: Cineclubes da Baixada Fluminense	27
Quadro 2: cineclubes participantes da pesquisa	28
Quadro 3: Características das Organizações Substantivas estudadas por Serva (1993). 45	
Quadro 4: participação em cursos, sessões cineclubistas e eventos para a realização da pesquisa	85
Quadro 5: lista de entrevistas realizadas para a pesquisa	89
Quadro 6: categorias de análise dos dados	90

Sumário

Prólogo: Por que os cineclubes?	17
1. Introdução	19
Objetivo Geral	25
Objetivos Específicos	25
Suposição	26
Delimitação	26
Relevância da Pesquisa	30
Organização Geral do Trabalho	33
2. Fundamentação Teórica	36
2.1. Teoria Substantiva da vida humana associada	36
2.2. Produção acadêmica elaborada a partir da teoria substantiva: o conceito de organizações substantivas	43
2.3. A abordagem decolonial e o território.....	53
2.4. A experiência com o cinema e o papel da associação no comportamento dos indivíduos.....	66
3. Percurso Metodológico	76
3.1. A investigação temática e a abordagem decolonial	76
3.2. A prática da investigação temática na pesquisa sobre os cineclubes da Baixada Fluminense	81
4. Resultados e análise dos dados da pesquisa	95
4.1. Apresentação da região da Baixada Fluminense nos âmbitos histórico, geográfico, econômico e cultural	96
4.1.1. As ocupações do território da Baixada Fluminense	96
4.1.2. Ocupações na Baixada Fluminense do tempo presente: o exemplo do bairro Venda Velha, em São João de Meriti/RJ	99
4.1.3. O contexto sócio econômico da Baixada Fluminense	105
4.2. Dos movimentos de organização e reorganização do cineclubismo no Brasil ao atual contexto do cineclubismo na região da Baixada Fluminense.....	117
4.2.1. O cineclubismo na Baixada Fluminense a partir do ano 2000	126
4.3. A substância dos cineclubes da Baixada Fluminense: a relação entre as produções audiovisuais e a valorização do território	130
4.3.1. Exemplos de produções audiovisuais realizadas e exibidas por cineclubes da Baixada Fluminense.....	138
4.4. Os efeitos do processo de participação nos cineclubes da Baixada Fluminense nas dimensões inserção territorial e associação da vida humana	144
4.5. Resultado Prático da Pesquisa.....	158
4.5.1. Criação do site Cinemateca da Baixada Fluminense.....	158
4.5.2. Realização de sessões cineclubistas	162

4.5.3. Apresentação dos resultados preliminares da pesquisa em aulas e eventos acadêmicos.....	164
4. Considerações Finais.....	167
Referências	172
Anexo 1: entrevista de Guerreiro Ramos ao Jornal Última Hora (1956)	182
Apêndice 1: Roteiro de Entrevista.....	183
Apêndice 2: Programação das sessões do Cineclube Imbariê Nos Trilhos.....	186

Prólogo: Por que os cineclubes?

Para explicar o motivo do objeto de pesquisa desta tese ser o papel da inserção dos cineclubes da Baixada Fluminense na vida dos seus participantes, preciso primeiro contar minha trajetória acadêmica. Quando iniciei o curso de graduação em administração, em 2009, eu não sabia que a área da administração fazia pesquisa social aplicada voltada para a melhoria da vida das pessoas. Até então eu imaginava que as pesquisas que a área da administração realizava eram para maximizar os ganhos e aprimorar as estratégias das organizações. Então, no primeiro período do curso de graduação, na disciplina Fundamentos da Administração, tive a oportunidade de ler textos de pensadores sociais brasileiros, como Guerreiro Ramos, Milton Santos e Celso Furtado. Nesse mesmo período ingressei em um grupo de estudos, coordenado pela professora Janaína M. Simões, que estudava organizações culturais. Uma das pesquisas do grupo tinha como objetivo analisar os pontos de cultura da Baixada Fluminense, que foi um programa do Governo Federal voltado para incentivar projetos culturais. Para a coleta de dados da pesquisa visitei projetos culturais e entrevistei, junto com outra amiga de pesquisa, gestores da Baixada Fluminense, que me possibilitaram ver o potencial de transformação que um projeto cultural tem na vida de uma pessoa. Digo isto porque, como moradora da Baixada, conheço muitas pessoas que cresceram acreditando que a universidade não é para elas, ou, que ser cineasta, por exemplo, é coisa de quem tem dinheiro, enquanto que nos projetos culturais ouvi muitos relatos de pessoas que mudaram de perspectiva. Então, conhecer os autores brasileiros e os projetos culturais da Baixada me possibilitou perceber que a área da administração também tem a possibilidade de contribuir com as lutas sociais, por exemplo, a partir do estudo de organizações culturais. Com isso, para a pesquisa de tese eu poderia escolher estudar qualquer projeto cultural, porque a Baixada Fluminense possui uma efervescência cultural incrível, que muitas vezes é invisibilizada pelos estigmas de violência e de cidades dormitórios, mas escolhi os cineclubes porque um dos projetos que mais me impactou durante a graduação foi a Escola Livre de Cinema, que ficava no bairro de Austin, interior do município de Nova Iguaçu - RJ, e que desde 2006 contribuiu para a formação de crianças e jovens da região. Além disso, em março de 2018 assisti no Cine Odeon uma sessão de lançamento de curtas, na qual assisti diversos filmes produzidos sob o olhar de moradores da Baixada. Ver o lugar de onde eu sou na tela de um cinema me fez chorar, vivi ali uma mistura de sensações, como pertencimento e orgulho. Percebi que estudar os cineclubes é uma oportunidade de dar visibilidade e de entender como as pessoas que participam dessas atividades são

impactadas. Além disso, a escolha da investigação temática como abordagem metodológica é antes de tudo resultado da minha admiração pelo trabalho do professor Michel Thiollent, que foi o orientador inicial desta pesquisa e que de forma muito generosa continuou conversando comigo. Ao começar a ler sobre pesquisa participativa percebi que discussões sobre o distanciamento da academia com a prática e as inquietações sobre as contribuições dos Estudos Organizacionais, como as perguntas se fazemos só “crítica pela crítica”, levantadas com frequência nos encontros da área, como o Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais (CBEO) e o Congresso Internacional da Rede Pilares, são respondidas pela pesquisa participativa. No campo cultural esta abordagem metodológica parece fazer muito sentido, assim como faz sentido para pesquisas que assumem a abordagem decolonial. Já a conexão da investigação temática com a abordagem decolonial e a teoria das organizações substantivas, foi assumida no projeto de tese a partir das contribuições do professor Sergio Wanderley, que de forma muito cordial aceitou me orientar e propôs a inclusão da teoria das organizações substantivas na tese. Portanto, o estudo dos cineclubes da Baixada Fluminense é um resultado da minha trajetória, do meu compromisso com o lugar de onde eu sou e também da generosidade dos meus orientadores, que me deram a liberdade de escolher o objeto de estudo deste projeto.

1. Introdução

Os cineclubes podem ser compreendidos como grupos de pessoas que se reúnem com o objetivo de realizar exposições e debates de filmes. Para Felipe Macedo (2018), cineclubista que atuou na fundação e direção de organizações importantes para o movimento cineclubista brasileiro, especialmente na década de 1970, como o Conselho Nacional de Cineclubes e a distribuidora de filmes Dinafilme, os cineclubes são caracterizados como associações democráticas, sem fins lucrativos, que possuem compromisso cultural e ético. Além da característica apontada por Macedo (2018), alguns cineclubes também produzem filmes e contribuem para a formação de profissionais da área do audiovisual, por meio da oferta de oficinas, por exemplo, de criação de roteiro ou fotografia, como ocorre com a maioria dos cineclubes localizados na região da Baixada Fluminense, área pertencente à metrópole do estado do Rio de Janeiro.

O cineclubes Mate com Angu, por exemplo, o mais antigo cineclubes em atividade da região da Baixada Fluminense, criado no ano de 2002, é autodefinido como um coletivo audiovisual que atua na exibição, produção e formação audiovisual. Segundo descrição disponível na página *online* do cineclubes, o desejo é “provocar a produção/exibição de imagens e suas reverberações na realidade e no modo de vida da região” (MATE COM ANGU, 200?). Contudo, como um tipo de organização cultural, os cineclubes enfrentam os desafios presentes na área cultural brasileira. Por exemplo, as descontinuidades das políticas públicas de incentivo à cultura, que também constituem e caracterizam o histórico do setor cultural brasileiro.

A área cultural foi considerada pelo poder público federal como uma área integrada à educação até meados da década de 1980. Conforme indicava breve histórico apresentado na antiga página oficial do Ministério da Cultura (MinC), o reconhecimento da “autonomia e a importância desta área fundamental” ocorreu com a criação do MinC em 15 de março de 1985. Segundo a página oficial da Secretaria Especial da Cultura [2019 ou 2020], no ano de 1990, durante o governo Fernando Collor, o MinC foi substituído pela Secretaria da Cultura, e voltou a ser Ministério em 1992, no governo Itamar Franco. Diante das extinções e recriações do MinC, o setor foi caracterizado pela descontinuidade e também pela instrumentalização da natureza da relação entre cultura e desenvolvimento, que está atrelada à ideia de mercantilização da cultura (SIMÕES, 2011).

No cenário político atual do Brasil, entre o ano 2016 e 2021, a caracterização do setor cultural por ciclos de avanços e retrocessos na agenda pública deu lugar à constante dos retrocessos. Em janeiro de 2019, início do governo Jair Bolsonaro, o MinC foi mais uma vez extinto, sendo que em 2016, após o impedimento da presidente Dilma Rousseff, o MinC já havia passado por um curto período de extinção, recriação e frequentes trocas de ministros nomeados por Michel Temer. Após a nova extinção do MinC, em 2019, foi criada a Secretaria Especial da Cultura, que inicialmente integrou o Ministério da Cidadania, mas em novembro de 2019 foi transferida para o Ministério do Turismo, de acordo com o decreto nº 10.107 publicado no Diário Oficial da União.

Desde a criação da Secretaria Especial da Cultura, diversas pessoas já ocuparam e desocuparam o cargo de secretário. Segundo reportagem de Gaglioni (2019), no Nexo Jornal: o primeiro secretário foi Henrique Pires, que recusou o cargo após o governo suspender um edital de séries de televisão que discutiriam temas LGBT e diversidade de gênero; o segundo foi o economista Ricardo Braga, que após dois meses foi transferido para o Ministério da Educação; e o terceiro foi Roberto Alvim, que foi exonerado após o governo perceber a repercussão negativa de um vídeo com citações nazistas publicado pelo então secretário. Entre os meses de março e maio de 2020, a atriz Regina Duarte assumiu a secretaria, mas após críticas sofridas por ter minimizado as mortes provocadas pela ditadura empresarial militar, a atriz foi substituída pelo ator Mário Frias. Sendo que a justificativa do presidente Jair Bolsonaro para a saída da atriz não foi a falta de elaboração de políticas públicas culturais, ou, o apoio à ditadura, a justificativa usada foi a “saúde da família” (MAGRI E OLIVEIRA, 2020).

As inconstâncias na gestão da Secretaria Especial de Cultura do mandato Bolsonaro, bem como em governos anteriores, refletem as incertezas e falta de políticas públicas continuadas enfrentadas pelo setor cultural brasileiro. No campo do audiovisual, por exemplo, em diferentes períodos, estas incertezas estiveram refletidas nas discontinuidades de instituições do setor. Como informa Ikeda (2015), na década de 1990, durante o governo Fernando Collor, foram extintas: a Empresa Brasileira de Filmes (EMBRASILFILME), o Conselho Nacional de Cinema (CONCINE) e a Fundação do Cinema Brasileiro (FCB). Para o autor, estas instituições representavam o “tripé de sustentação da política cinematográfica” do Brasil (IKEDA, 2015, p.165). Além disso, eram instituições que preservavam a memória fílmica brasileira e fomentavam o associativismo no campo audiovisual.

No contexto atual, um exemplo das consequências das discontinuidades das políticas culturais no Brasil é o incêndio ocorrido na Cinemateca Brasileira, em julho de 2021. A Cinemateca Brasileira, que “é a instituição federal responsável pela documentação, preservação e difusão de nossa memória audiovisual”, sofre enfraquecimento institucional desde 2013, quando ocorreram afastamentos de dirigentes e redução dos recursos, por parte do extinto Ministério da Cultura (MORETTIN, 2021, p.555). Além disso, a instituição já havia sofrido outros incêndios, como o ocorrido em 2016, sob o governo Michel Temer, e, neste mesmo período, sofreu com a redução da participação de seu Conselho Consultivo, que atuava no processo de tomada de decisão. Já em 2020, governo Bolsonaro, seu enfraquecimento foi agravado, com a aproximação de militares e políticos conservadores, e a interrupção dos repasses dos recursos federais (MORETTIN, 2021).

Como aponta Morettin (2021), a Cinemateca não é um caso isolado de descaso governamental e depende da mobilização social, para conseguir reverter o projeto articulado de destruição do campo cultural. Cabe ressaltar que este projeto articulado de destruição, que as instituições culturais enfrentam, está atrelado a ideia de “guerra cultural”, também chamada de “marxismo cultural”, com a qual governos de extrema direita compreendem que “as universidades e instituições culturais públicas foram ocupadas por representantes da esquerda” e, por isso, precisam ser eliminadas, como expõe a nota explicativa de Morettin (2021, p.555).

No caso específico das organizações culturais cineclubistas, a característica de descontinuidade presente no setor cultural brasileiro também foi provocada por períodos de censura. De acordo com Butruce (2003), na década de 1940 o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), durante o período do Estado Novo, no governo Getúlio Vargas, proibiu a existência de cineclubes no Brasil. Enquanto que no período da ditadura empresarial militar, a partir do Ato Institucional nº 5, no ano de 1968, os cineclubes foram novamente censurados no território brasileiro. Dessa forma, na história dos cineclubes no Brasil as descontinuidades sofridas não estiveram relacionadas apenas à falta de incentivo por meio das políticas públicas, mas consistiram em ações de censura à essa atividade cultural. Por outro lado, alguns cineclubes mantiveram as atividades de maneira clandestina e, após os períodos de proibições, ocorreram movimentos de rearticulação e retomada das atividades cineclubistas no Brasil (BUTRUCE, 2003).

Diante do histórico de luta e do objetivo reflexivo que os cineclubes possuem, os cineclubistas definem os cineclubes como um movimento cultural de resistência, como é

apresentado no livro “Cineclubismo: memórias dos anos de chumbo”, escrito por Matela (2008). Além disso, no contexto atual, representantes de cineclubes em funcionamento na região da Baixada Fluminense¹, no Rio de Janeiro (RJ), em depoimento dado ao documentário de curta-metragem “Cineclubismo na BF”², dirigido por Carol Vilamaro, também se posicionam como uma resistência à desigualdade de investimentos em filmes fora do circuito comercial. Os depoimentos exibidos no documentário, minha participação preliminar em um cineclube localizado na Baixada Fluminense e leitura das pesquisas sobre cineclubismo, realizadas por Butruce (2003) e Matela (2008), também possibilitaram observar nesta atividade cultural as características de promoção do debate a respeito de questões sociais, especialmente na região da Baixada Fluminense. A Baixada Fluminense consistiu na delimitação geográfica da pesquisa devido sua produção de conteúdo audiovisual próprio e local, que geralmente não possui espaço em salas de cinema comerciais.

A possibilidade de diálogo e reflexão presente na atividade cineclubista provocou, no processo de formulação deste estudo, a perspectiva otimista de que a participação em cineclubes pode contribuir para o desenvolvimento do pensamento crítico. Afinal, conforme afirma Furtado (1984), a cultura é um fator fundamental para o desenvolvimento. A característica dialógica da atividade também provocou pensar a respeito da relação destas organizações com a “teoria substantiva da vida humana associada”, desenvolvida por Alberto Guerreiro Ramos (1981). Ramos foi um pensador social brasileiro que construiu teorias a partir de suas experiências práticas na área da administração pública e no campo cultural (AZEVEDO, 2006; MAIO, 2016). Um exemplo da participação do autor no campo cultural é o Teatro Experimental do Negro (TEN), criado em 1944, sob direção de Abdias Nascimento (MAIO, 2015).

O TEN representa o contexto cultural contemporâneo de Guerreiro Ramos, ou seja, de busca por transformação social e econômica, em benefício do próprio país e o povo brasileiro. Ao ingressar no TEN, por exemplo, Ramos teve como desafio inicial desenvolver “um projeto de valorização da subjetividade de negros e mulatos, assolada pelos recalques provocados pela escravidão e pela exclusão do processo de modernização capitalista, por meio do teatro, do psicodrama, do sociodrama” (MAIO, 2015). Em

¹ A região da Baixada Fluminense é considerada a “periferia da metrópole do Rio de Janeiro”, segundo a Fundação CEPERJ [200?].

² O documentário, lançado no ano de 2018, apresenta o movimento cineclubista na Baixada Fluminense a partir de entrevistas realizadas com representantes dos principais cineclubes da região. O documentário está disponível <https://www.youtube.com/watch?v=crPgsiB2H9c&t=676s>

entrevista do autor ao Jornal Última Hora, em julho de 1956, resgatada por Maio (2016, p.210), o autor afirma: “Na minha vida profissional, aliás, em certo sentido, a prática precedeu a teoria. [...] O Teatro Experimental do Negro me possibilitou a 'práxis' do 'problema' e depois dele cheguei à teoria.”. Por esta conexão entre teoria e prática, e envolvimento cultural do autor, que a teoria substantiva da vida humana associada foi escolhida como fundamentação teórica para a análise dos cineclubes da Baixada Fluminense – RJ.

Segundo Ramos (1981), em um cenário no qual o mercado se tornou o centro da sociedade, com força para desconfigurar a vida humana e impor comportamentos, existem organizações de múltiplos centros, formadas por indivíduos conscientes dos efeitos negativos da centralidade do mercado para as organizações e vida humana, mas que costumam ser invisibilizadas pelos meios acadêmicos modernos, que legitimam a centralização do mercado. Com isso, o autor defende ser necessária uma nova ciência das organizações, que seja livre de paroquialismos impostos pela teoria dominante da organização e que valorize a razão substantiva.

Para Ramos (1981, p.XII) a nova ciência das organizações também é necessária porque no contexto da sociedade centrada no mercado há poucas chances de ocorrer uma “transformação social revitalizadora”. Além disso, o autor considera que a centralização no mercado provoca uma síndrome psicológica que persuade os cidadãos a aceitarem viver baseados em pressões que impõem comportamentos individualistas, formais, perspectivistas³ e operacionais positivistas (RAMOS, 1981, p.50-67), ou seja, há uma interferência na autonomia dos indivíduos. Com isso, a partir da contribuição teórica do autor, compreende-se que está na teoria substantiva da vida humana associada a possibilidade de uma transformação social. Porque, segundo Ramos (1981, p.67), a “disciplina administrativa dominante” e, conseqüentemente, as organizações formais convencionais não ajudam o indivíduo a superar as síndromes provocadas pela centralização do mercado, e ainda ignoram outros delineamentos organizacionais de crítica à sociedade moderna.

As críticas realizadas por Ramos (1981) a respeito do paroquialismo presente na ciência das organizações, bem como sobre as conseqüências psicológicas provocadas pela

³ De acordo com Ramos (1981, p, 57) o perspectivismo consiste em uma conduta na qual o indivíduo é persuadido a adotar comportamentos que são regidos apenas pelas “conveniências exteriores, os pontos de vistas alheios e os propósitos em jogo”.

ideia do mercado como o único centro da vida humana, também pareceram conversar com os debates promovidos pela abordagem decolonial. A abordagem decolonial questiona a permanência do colonialismo na sociedade e o considera um projeto da modernidade, que provoca uma redução do senso de comunidade e desvalorização da vida (MIGNOLO, 2003) e percebe a interferência da colonialidade no processo de construção do conhecimento (MIGNOLO, 2010). Estas aproximações entre a abordagem decolonial e os pensamentos de Guerreiro Ramos⁴ também foram percebidas por Bauer, Silva e Wanderley (2019) e Silva e Wanderley (2022), ao discutirem o pensamento do autor como predecessor dos debates decoloniais.

Diante deste debate, o exercício de questionar a naturalização das ciências sociais globais e a universalização do conhecimento, proposto pela abordagem decolonial (LANDER, 2005), foi utilizado neste trabalho na busca por reduzir as dificuldades de reflexão sobre novas ciências das organizações, impostas pelo pensamento hegemônico (RAMOS, 1981). Além disso, a abordagem decolonial também foi escolhida como base teórica devido a percepção da existência de cineclubes, produtores de conteúdo audiovisual, na região da Baixada Fluminense, como possíveis expressões culturais que resistem a práticas coloniais ainda presentes na sociedade. Logo, uma vez percebida as aproximações entre os pensamentos realizados pela abordagem decolonial e Guerreiro Ramos, a respeito das relações de poder que circundam o conhecimento e as propostas para a vida em sociedade, para o estudo sobre os cineclubes da Baixada Fluminense, baseado na teoria substantiva da vida humana associada (RAMOS, 1981), foi adotada a perspectiva decolonial (MIGNOLO, 2003, 2010; LANDER, 2005).

As discussões realizadas por Ramos (1981) e a observação prévia da atividade cineclubista na Baixada Fluminense provocaram ainda pensar que estas organizações culturais poderiam estar próximas da teoria substantiva da vida humana associada, porque os cineclubes incentivam o diálogo e a reflexão sobre a realidade. Para Serva (1993), que estudou organizações a partir da teoria substantiva, desenvolvida por Ramos (1981), as organizações substantivas são organizações autônomas, que surgem a partir do esforço espontâneo e coletivo de diferentes indivíduos da sociedade, além disso, possuem

⁴ As aproximações entre o pensamento de Guerreiro Ramos e a abordagem decolonial, citadas nesta pesquisa, referem-se às reflexões do autor a respeito das teorias das organizações, das críticas à produção do conhecimento hegemônico e da proposta de redução sociológica. Já o pensamento do autor sobre as questões raciais não foi considerado nesta pesquisa e merece ser estudo e debatido em pesquisas futuras, uma vez que as propostas de Ramos, durante a atuação no TEN, na década de 1950, incluía, por exemplo, a criação de um concurso de beleza para mulheres negras e entendia a ascensão social da população negra como uma das soluções para o racismo, como cita Maio (2015).

princípios baseados no equilíbrio entre a valorização da individualidade e a dimensão coletiva dos membros da organização. Sendo assim, a pesquisa foi iniciada com a reflexão sobre as possíveis conexões entre a atividade cineclubista e a teoria das organizações substantivas.

A partir de resultado de pesquisa realizada com 12 organizações substantivas do município de Salvador – Bahia, Serva (1993) caracteriza essas organizações pela adoção de práticas informais de controle, como o autocontrole; intensas relações interpessoais entre os membros da organização; grande participação dos membros nas reflexões e discussões sobre a organização; estrutura hierárquica altamente flexível; critério para escolha dos membros da organização pautado na identificação de valores pessoais e grupais; e não confidencialidade de informações e processo decisório coletivo. Já Vizeu (2009), ao corroborar com os estudos sobre organizações substantivas, considera que as ações pessoais e o vínculo são fatores centrais para o desenvolvimento das práticas das organizações substantivas.

Logo, considerando a caracterização das organizações substantivas apresentada por Serva (1993) e Vizeu (2009), e principalmente a teoria substantiva cunhada por Guerreiro Ramos (1981), este estudo foi iniciado com o questionamento sobre como os cineclubes localizados na região da Baixada Fluminense se inseriam na sociedade, a partir da teoria das organizações substantivas. Afinal, os cineclubes são organizações que possuem a coletividade como um fator fundamental para sua existência, bem como para a permanência das atividades desenvolvidas. Além do mais, considerando que para Ramos (1956), em entrevista ao Jornal Última Hora, citada por Maio (2016), “*quem não participa do processo societário não compreende a sociedade*”, a pesquisa foi realizada a partir da metodologia participativa da Investigação Temática (BOSCO PINTO, 2014). Diante dessas questões, a pesquisa foi traçada com os seguintes objetivos:

Objetivo Geral

Investigar, sob a ótica dos cineclubistas, a inserção dos cineclubes em seus respectivos territórios na Baixada Fluminense, com base na teoria das organizações substantivas.

Objetivos Específicos

- a) Caracterizar a região da Baixada Fluminense nos âmbitos histórico, geográfico, econômico e cultural;
- b) Descrever a trajetória histórica dos movimentos de organização e reorganização do cineclubismo no Brasil e apresentar seu momento atual na Baixada Fluminense;
- c) Articular a teoria das organizações substantivas com o conceito de colonialidade no território, discutida pela abordagem decolonial;
- d) Descrever a relação entre as produções cineclubistas na Baixada Fluminense e a valorização do território;
- e) Analisar os efeitos do processo de participação nos cineclubistas da Baixada Fluminense nas dimensões inserção territorial e associação da vida humana.

Suposição

Diante da contextualização apresentada, e dos objetivos propostos, o trabalho foi iniciado com a suposição de que a inserção dos cineclubes na sociedade possibilita a “transformação social revitalizadora”, debatida por Guerreiro Ramos (1981, p.XII) na “teoria substantiva da vida humana associada”. Além disso, considerando o papel de resistência e conscientização que os cineclubes tiveram antes e durante a ditadura empresarial militar no Brasil, a pesquisa também foi realizada com a suposição de que os cineclubes em atividade na Baixada Fluminense retomaram as ações conscientizadoras que estas organizações exerceram na década de 1960.

Delimitação

Em levantamento realizado no ano 2019 para a elaboração da pesquisa, foi contabilizada a existência de 22 cineclubes na região da Baixada Fluminense, criados nos anos 2000. Esse levantamento foi realizado em maio de 2019 a partir de: 1) busca na rede social *facebook* pela palavra-chave “cineclubes”, filtrando por cidades localizadas na Baixada Fluminense, 2) visionamento do curta-metragem “Cineclubismo na BF”, no qual foram entrevistados representantes de alguns cineclubes da Baixada, e 3) leitura do artigo “Táticas do Cinema de Guerrilha da Baixada” (LEROUX, 2017). Na lista a seguir apresento os nomes dos cineclubes localizados nos municípios da Baixada Fluminense, o ano da criação e o município onde estão localizados:

Quadro 1: Cineclubes da Baixada Fluminense

Nº	Nome do Cineclube	Ano de Criação	Município
1	Cineclube Mate com Angu	2002	Duque de Caxias
2	Cineclube Ankito – IFRJ	2006	Nilópolis
3	Cineclube Buraco do Getúlio	2006	Nova Iguaçu
4	Cine Mofo*	2007 -	Duque de Caxias/Nova Iguaçu
5	Cineclube Guandu*	2007	Japeri
6	Cinegoteira*	2007 – 2009	Mesquita
7	Cineclube Digital*	2009 – 2012	Nova Iguaçu
8	Cineclube Donana	2009	Belford Roxo
9	Cine Belém*	2009 – 2010	Japeri
10	Cineclube Anima Rural*	2010 -	Seropédica
11	Cineclube Marapicu*	2011 -	Queimados
12	Cineclube Cinema de Guerrilha da Baixada	2011	São João de Meriti
13	Cineclube Xuxu Com Xis	2012	Nova Iguaçu (Itinerante)
14	Cineclube Ágora	2013	Duque de Caxias
15	Cineclube Videoverso*	2013	Mesquita
16	Cineclube Toca da Coruja*	2013 – 2017	Nilópolis
17	Facção Feminista Cineclube	2016	Nilópolis/ Duque de Caxias (Itinerante)
18	Núcleo de Audiovisual Ofélia Ferraz (NAV) – CIEP 175*	2016	São João de Meriti
19	Cinedutra - UFRRJ*	2016	Seropédica
20	Cineclube Imbariê nos Trilhos	2017	Duque de Caxias
21	Cineclube Velho Brejo	2018	Belford Roxo
22	Cinecasulo – UFRRJ	2018	Seropédica

Fonte: elaborado pela autora.

Legenda: * Cineclubes que não estão mais em funcionamento.

Contudo, dos cineclubes listados, onze não indicaram atividade e, por isso, não participaram da pesquisa. Sendo eles: Mofo; Guandu; Cinegoteira; Digital; Belém; Anima Rural; Marapicu; Videoverso; Toca da Coruja; Núcleo de Audiovisual Ofélia Ferraz e Cinedutra. Já os cineclubes Donana, Cinema de Guerrilha e Facção Feminista, que estão com as sessões cineclubistas interrompidas, e o cineclube Buraco do Getúlio, que realiza atividades esporádicas, participaram da pesquisa. Os cineclubes Ankito e Cinecasulo são projetos de extensão de Instituições de Ensino. Por estarem submetidos aos interesses das instituições, esses dois cineclubes não participaram ativamente da pesquisa. Por outro lado, o Cineclube Velho Brejo também está conectado ao Instituto

Federal do Rio de Janeiro (IFRJ), mas é um projeto de um antigo aluno da instituição e atua de maneira autônoma, por isso, foi analisado na pesquisa como os outros cineclubes da Baixada Fluminense. Portanto, participaram da pesquisa os seguintes cineclubes:

Quadro 2: cineclubes participantes da pesquisa

Nº	Nome do Cineclube	Ano de Criação	Município
1	Cineclube Mate com Angu	2002	Duque de Caxias
2	Cineclube Buraco do Getúlio	2006	Nova Iguaçu
3	Cineclube Donana	2009	Belford Roxo
4	Cineclube Cinema de Guerrilha da Baixada	2011	São João de Meriti
5	Cineclube Xuxu Com Xis	2012	Nova Iguaçu (Itinerante)
6	Cineclube Ágora	2013	Duque de Caxias
7	Facção Feminista Cineclube	2016	Nilópolis/ Duque de Caxias (Itinerante)
8	Cineclube Imbariê nos Trilhos	2017	Duque de Caxias
9	Cineclube Velho Brejo	2018	Belford Roxo

Fonte: elaborado pela autora.

O cineclube Mate com o Angu é o cineclube mais antigo em atividade na Baixada Fluminense, criado no ano 2002. As sessões do Mate costumam ser festivas, com a participação de Djs tocando música. O Buraco do Getúlio também possui essa característica de misturar cineclube e festa. Enquanto o Mate com Angu realiza sessões em espaços físicos, o Buraco do Getúlio já realizou sessões em diferentes espaços: espaço físico, bares e praças. O cineclube Donana é vinculado ao Centro Cultural Donana e hoje funciona em parceria com o Cineclube Velho Brejo, que também é de Belford Roxo. O Cinema de Guerrilha foi criado a partir do pedido de produtores para ter um espaço para a exibição dos próprios filmes. O Xuxu Com Xis foi criado dentro da Escola Livre de Cinema, que foi um dos projetos que recebeu apoio financeiro do edital dos Pontos de Cultura do governo federal. Atualmente o cineclube é itinerante e funciona em praças públicas.

Outro cineclube que também participou da pesquisa é cineclube Ágora. O Ágora foi criado a partir da insatisfação de dois amigos com o formato que as sessões do Mate eram realizadas e da necessidade que sentiam em discutir questões de posicionamento conservador. Para estes cineclubistas, era preciso seguir um formato tradicional de cineclubismo, ou seja, focado no debate de filmes, sem a realização de festas. Já a Facção Feminista foi criada por mulheres, algumas delas já participavam do Mate com Angu, com o objetivo de priorizar nas discussões e nas produções audiovisuais a temática

feminista e racial. Este cineclube funcionava de forma itinerante e realizava as sessões em praças e bares. O cineclube Imbariê nos Trilhos foi criado como uma resposta à ameaça de fechamento da casa de cultura de Imbariê e possui como tema principal a questão da mobilidade urbana. Por fim, o cineclube Velho Brejo, que foi criado a partir da inquietação com a falta de cinema em um território de mais de 500 mil habitantes, Belford Roxo, e realiza sessões em bares e escolas. Com exceção do cineclube Ágora, os cineclubes da Baixada Fluminense possuem forte vínculo com o território, valorizam os filmes independentes e se dedicam às produções audiovisuais próprias, que visam contribuir para a construção do imaginário do próprio território.

Para a análise dos nove cineclubes em atividade na Baixada Fluminense, a pesquisa teve como delimitação teórica a teoria das organizações substantivas e da abordagem decolonial. Dessa maneira, além da obra de Guerreiro Ramos e os conceitos de organizações substantivas (SERVA, 1993; VIZEU, 2009), a pesquisa assumiu como delimitação teórica a abordagem decolonial e o debate sobre a interferência da colonialidade do ser e do saber na noção de território (MIGNOLO, 2003 e 2010; ESCOBAR, 2005; LANDER, 2005). Para as discussões sobre território também foi utilizado como base teórica as contribuições de Milton Santos (2001, 2007).

Ao definir a Baixada Fluminense, região periférica do Rio de Janeiro, como a delimitação geográfica da pesquisa, o trabalho considerou a teoria das organizações substantivas a partir da perspectiva decolonial. Essa delimitação teórica se deu devido à compreensão de que, apesar de, em uma dimensão global, o Estado do Rio de Janeiro poder ser considerado como uma região periférica, no contexto nacional o Rio de Janeiro se configura como o centro, enquanto que a Baixada Fluminense pode ser considerada como a periferia da periferia – quando a posição do Estado do Rio de Janeiro é vista a partir do cenário eurocêntrico. Logo, diante das especificidades da região da Baixada Fluminense, e das diversas periferias que também a compõe, a perspectiva decolonial é adotada como uma abordagem teórico-metodológica, que provoca o exercício de considerar a teoria das organizações substantivas sem esquecer das particularidades presentes na Baixada Fluminense, ou seja, o exercício de olhar para os “saberes outros” presentes nessas “organizações outras”. Portanto, para a pesquisa, adotar a perspectiva decolonial consiste em considerar a relevância do território como um processo social de construção de saberes e identidade cultural de uma sociedade (SAQUET e BRISKIEVICZ, 2009).

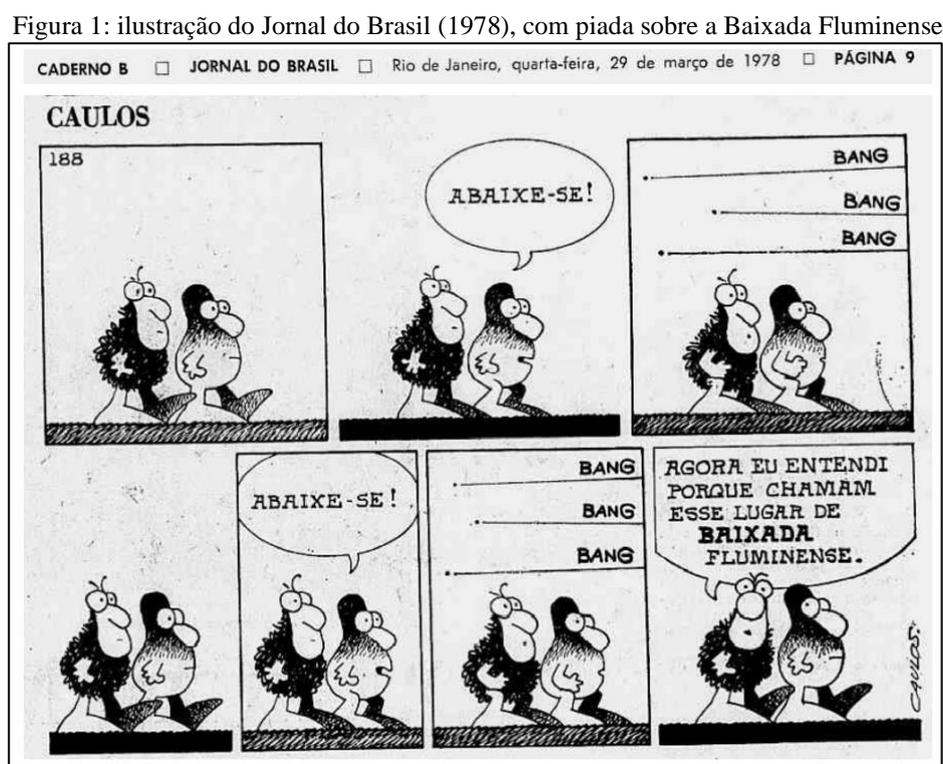
Além da dimensão territorial, a perspectiva decolonial foi adotada com a intenção de compreender os usos de cinema enquanto linguagem, uma vez que essa linguagem pode ser usada tanto de maneira colonizadora quanto decolonizadora. Como exemplo do uso do cinema como linguagem colonizadora é possível citar o relato apresentado por Carrière (1995), que informa que no início do cinema, quando ainda não existia o recurso da edição, os filmes eram exibidos com a presença de um explicador das imagens. Nesse período o autor destaca o exemplo de países do continente africano, que durante a Primeira Guerra Mundial recebiam sessões de cinema organizadas por colonizadores franceses, que objetivavam entreter e “demonstrar a supremacia das nações brancas” (CARRIÈRE, 1995, p.9). O autor afirma que os espectadores dos países africanos, com uma cultura vigorosamente de tradição oral, não conseguiam se adaptar às sequências de imagens silenciosas, não editadas, que eram exibidas.

No contexto brasileiro o cinema também foi usado como ferramenta de dominação. De acordo com pesquisa realizada por Barros, Barros e Wanderley (2019, p.12), por exemplo, entre as articulações que envolveram o golpe empresarial militar no Brasil da década de 1960 estão a produção e exibição em massa de filmes curta-metragem, financiados por empresários, que foram usados para influenciar a opinião pública e “disseminar uma estrutura ideológica” contrária a qualquer possibilidade de avanço do pensamento comunista no país. Logo, tanto o exemplo do uso de filmes no período colonial africano, quanto no período pré-ditatorial brasileiro da década de 1960, indicam a relevância de utilizar a abordagem decolonial como delimitação teórica de uma pesquisa que estudará organizações que utilizam a exibição de filmes, de produção geralmente local, como ponto de partida para a dialogicidade.

Outro ponto que justifica a escolha pela perspectiva decolonial consiste na consideração que, segundo Edgar Morin (1983), a experiência cinematográfica provoca no espectador um isolamento e uma imersão na subjetividade que o tornam menos resistente ao que está sendo transmitido no filme. Com isso surgem os questionamentos sobre como o cinema pode ser usado como instrumento da colonialidade do ser e do saber, ou, como instrumento de reflexão. Logo, a definição da perspectiva decolonial como delimitação teórica da pesquisa contribuiu para o entendimento a respeito da relação entre os cineclubes e a vida humana associada, devido ao caráter reflexivo destas atividades.

Relevância da Pesquisa

Realizar a pesquisa sobre os cineclubes localizados na Baixada Fluminense, com base na teoria substantiva da vida humana associada, é relevante porque contribui para ampliar a visibilidade dos cineclubes e das produções audiovisuais locais. Os próprios cineclubistas da região, ao elaborarem o Manifesto Baixada Filma, reconhecem a falta de visibilidade que o audiovisual da Baixada Fluminense enfrenta, bem como os estigmas sociais que impactam no imaginário da região. Esse imaginário pode ser exemplificado pela ilustração apresentada na figura 1, que encontrei no repositório online da Biblioteca Nacional, durante a fase de buscas por reportagens de jornais sobre a Baixada Fluminense:



Dessa maneira, estudar os cineclubes, apresentar trabalhos sobre o tema em universidades e congressos acadêmicos, assim como divulgar os resultados da pesquisa em revistas acadêmicas e mídias não acadêmicas, contribui para que a produção cultural e audiovisual da Baixada Fluminense seja conhecida e reconhecida. Com a divulgação dos cineclubes, a pesquisa também contribui para a construção de identidade da Baixada Fluminense, porque retrata atividades culturais promovidas por moradoras e moradores da região. Ainda possibilita que os filmes produzidos na região, sob a ótica de pessoas que são desse território, sejam mais divulgados. A partir disso, a pesquisa desloca o foco da discussão sobre a Baixada Fluminense, geralmente pautada em questões sobre violência e insegurança, para o debate sobre a potência e força cultural da região.

Para a área da administração, ao apresentar um panorama do histórico da formação da região da Baixada Fluminense, caracterizar a situação atual dos municípios e discutir o movimento cineclubista do território, a realização da pesquisa contribui para que os poderes públicos locais tenham mais informações sobre a Baixada Fluminense. Essas informações podem ser usadas como dados para a inserção do cineclubismo e a produção audiovisual da Baixada nas agendas públicas dos municípios e fomentar a elaboração de políticas públicas que fortaleçam o desenvolvimento continuado desse segmento cultural. A pesquisa pode ainda contribuir para reforçar a necessidade de todos os municípios da Baixada terem Secretaria de Cultura e espaços para exibição audiovisual. Com isso, seria possível potencializar o setor cultural da região e a distribuição da produção audiovisual local.

Já para os/as cineclubistas que participaram da pesquisa, a publicação deste estudo servirá como registro e documentação dos cineclubes em atividade na Baixada Fluminense (no período de realização da pesquisa: 2018 a 2021). A pesquisa também contribui para apresentar os elementos semelhantes presentes nas perspectivas dos cineclubistas dos municípios da Baixada Fluminense quando, nas entrevistas, refletiram sobre essa atividade, bem como as considerações sobre os pontos que ainda precisam ser transformados nesse movimento. Já com a catalogação das produções audiovisuais dos coletivos que participaram do estudo, a pesquisa contribuiu para registrar os filmes que já foram produzidos pelos cineclubes e produtoras audiovisuais vinculadas aos cineclubes.

Quanto à relevância teórica, ao utilizar como delimitação teórica a teoria substantiva da vida humana associada e a abordagem decolonial, a pesquisa contribui para a reflexão a respeito das articulações entre a teoria das organizações substantivas e o conceito de colonialidade no território, discutida pela abordagem decolonial. Além disso, como a pesquisa foi realizada sob a perspectiva decolonial e a partir das epistemologias da pesquisa participativa, desenvolvida por Bosco Pinto (2014), e das discussões de Ramos (1981), a respeito da nova ciência das organizações, também percebo a contribuição dos saberes práticos dos cineclubes para os Estudos Organizacionais. Afinal, uma vez que os cineclubes realizam atividades baseadas em interesses democráticos e não econômicos, compreender o funcionamento dessas organizações é uma possibilidade de reflexão para a ciência das organizações de múltiplos centros, como discute Ramos (1981).

As discussões realizadas no capítulo de abordagem metodológica da pesquisa também contribuem para os estudos decoloniais da área de gestão, que, geralmente, precisam atender instituições de ensino ou revistas acadêmicas que exigem explicações detalhadas quanto aos métodos de pesquisa. Como a abordagem decolonial foi, predominantemente, desenvolvida na área das ciências sociais, que, diferente da área da administração, não costuma buscar comprovar a cientificidade de um estudo a partir da explicação do método de pesquisa usado, os textos decoloniais deixam lacunas a respeito dos métodos de pesquisa coerentes à essa perspectiva. Isso pode provocar inseguranças metodológicas em pesquisadoras e pesquisadores iniciantes nesta abordagem, como ocorreu comigo durante o planejamento desta pesquisa. Além disso, para Silva, Sauerbronn e Thiollent (2021), utilizar métodos de pesquisas não-extrativistas, como a pesquisa participativa, é importante para o desenvolvimento de saberes com os indivíduos e uma possibilidade de lutar contra a subordinação do conhecimento em gestão à modernidade ocidental. Com isso, a discussão sobre abordagem metodológica na pesquisa decolonial em organizações contribui para que pesquisadoras e pesquisadores de perspectiva decolonial tenham mais um exemplo de alternativa metodológica para estudos futuros sob a ótica decolonial.

Organização Geral do Trabalho

Diante da contextualização e do problema de pesquisa apresentados nesta primeira seção, bem como objetivos, suposição e delimitação da pesquisa, o capítulo a seguir será dedicado a discutir a fundamentação teórica da pesquisa. Sendo assim, inicialmente é discutido o conceito de teoria substantiva da vida humana associada, já que a pesquisa buscou analisar os cineclubes a partir do conceito de organizações substantivas (RAMOS, 1981). A partir disso, é apresentado o conceito de organizações substantivas e as sínteses das produções acadêmicas elaboradas com base na teoria substantiva da vida humana associada. A outra subseção que compõe o capítulo de revisão teórica discute os conceitos de abordagem decolonial e sua articulação com a teoria das organizações substantiva desenvolvida a partir de Ramos (1981).

Nesta parte do texto também é abordada a colonialidade do ser e do saber, bem como sua relação com a territorialidade, uma vez que a abordagem decolonial é adotada na pesquisa como um exercício de reconhecimento das especificidades do território ao qual as organizações estudadas pertencem. Em seguida é debatido o papel da associação

para os indivíduos. Para isso, a subseção é iniciada com a discussão sobre a experiência individual e coletiva que o cinema pode proporcionar, para então iniciar a discussão sobre comunidade e a conexão com a abordagem decolonial, a teoria substantiva e o movimento cineclubista no Brasil.

O terceiro capítulo da tese possui o objetivo de apresentar o percurso metodológico da pesquisa. Sendo assim, o capítulo é iniciado com a discussão sobre as interseções entre a abordagem decolonial e a investigação temática, a fim de justificar a escolha desta modalidade de pesquisa participativa para o desenvolvimento da tese. Como a construção da investigação temática utilizada na pesquisa foi baseada nas contribuições de Bosco Pinto (2014[1975]), publicadas no livro organizado por Duque-Arazola e Thiollent (2014), neste capítulo também é explicado o contexto de formação da pesquisa participativa e da investigação temática na América Latina. Após as explicações sobre a origem, conexão com a abordagem decolonial e as etapas de pesquisa sugeridas pela investigação temática, o capítulo é dedicado a apresentar como os dados utilizados na pesquisa foram produzidos/coletados e tratados, bem como quais foram as fontes utilizadas nesta fase da pesquisa.

O capítulo 4 apresenta os resultados e análise dos dados da pesquisa, seguindo as sugestões das etapas da investigação temática apresentadas por Bosco Pinto (2014). Sendo assim, a primeira seção contextualiza a região da Baixada Fluminense nos âmbitos histórico, geográfico, econômico e cultural. Esta seção é dividida em subseções, que discutem as ocupações iniciais que formaram o território da Baixada Fluminense; apresentam um exemplo das ocupações de empresas, entre as décadas de 1970 e 2020, em um bairro da Baixada Fluminense – o bairro da Venda Velha, no município São João de Meriti, de onde eu pertenço; contextualizam a Baixada Fluminense no âmbito sócio econômico e relacionam a dependência existente entre os municípios da região com o histórico de formação de cada município.

Já na segunda seção do capítulo 4 são apresentados os movimentos de organização e reorganização do cineclubismo no Brasil. Para isso, a seção é iniciada com a explicação sobre o contexto de formação do movimento cineclubista no Brasil na década de 1920, a censura da década de 1940 pela Era Vargas; a posterior ampliação da prática cineclubista no país; as perseguições provocadas pelo regime ditatorial empresarial militar na década de 1970; as reportagens que encontrei sobre cineclubes localizados na Baixada Fluminense; o enfraquecimento do movimento cineclubista na década de 1980 devido às inovações tecnológicas do mercado audiovisual e à falta de recursos financeiros dos

cineclubes; e a retomada das atividades cineclubistas nos anos 2000, com foco na região da Baixada Fluminense.

No capítulo 4 também são apresentadas as análises da pesquisa sobre a relação entre as produções cineclubistas na Baixada Fluminense e a valorização do território e os efeitos do processo de participação nos cineclubes da Baixada Fluminense nas dimensões inserção territorial e associação da vida humana. Essas análises foram realizadas a partir da abordagem decolonial e estão teoricamente baseadas na noção de território e de organizações substantivas. Sendo assim, ao longo das seções 4.3 e 4.4, são apresentados trechos das falas das e dos cineclubistas que participaram da pesquisa por meio de entrevistas semi-abertas individuais ou em grupo e as conexões e distanciamentos dessas falas com a base teórica da pesquisa. Na seção 4.5 é apresentado o projeto da Cinemateca da Baixada Fluminense, que consiste no resultado prático da pesquisa, voltada para preservar a produção audiovisual da Baixada e ampliar a divulgação dos cineclubes e dos filmes produzidos na região. Por fim, são apresentados os capítulos de considerações finais da pesquisa; lista das referências utilizadas para a construção do texto que compõe o trabalho, bem como o apêndice e anexos, onde podem ser consultadas informações que complementam o trabalho, como uma entrevista de Guerreiro Ramos ao Jornal Última Hora de 1956 e a lista de programação de sessões do cineclube Imbariê nos Trilhos.

2. Fundamentação Teórica

O propósito deste capítulo é discutir as bases teóricas da pesquisa. Sendo assim, o capítulo é iniciado com a apresentação da teoria substantiva da vida humana associada, elaborada por Guerreiro Ramos (1981). Na sequência, a seção 2.2 discute o conceito de organizações substantivas, a partir da apresentação da produção acadêmica, da área das organizações, que usa como fundamentação teórica Ramos (1981). Neste capítulo também é debatida a abordagem decolonial e sua articulação com a teoria das organizações substantiva; assim como a colonialidade do ser e do saber, e a relação da colonialidade com a noção de território. Já na última subseção deste capítulo são discutidos os conceitos de comunidade e a conexão dessa discussão com a abordagem decolonial; a teoria substantiva e o movimento cineclubista no Brasil.

2.1. Teoria Substantiva da vida humana associada

A teoria substantiva da vida humana associada foi desenvolvida por Guerreiro Ramos⁵ (1981) no livro “A nova ciência das organizações: uma reconceituação da riqueza das nações”. A respeito deste título, Ramos (1981, p. XV) alerta que a nova ciência que será apresentada, na realidade, é milenar. Segundo o autor, o termo “nova ciência” foi escolhido somente “porque a sua tradição é ignorada nos meios acadêmicos tipicamente modernos”, ou seja, nos meios que legitimam a “sociedade centrada no mercado”.

Em defesa da relevância da nova ciência das organizações, Ramos (1981) problematiza o uso da racionalidade instrumental⁶ como base da teoria dominante da organização. Para o autor, esta prática provoca um sucesso unilateral para as organizações. Além disso, o autor considera que a teoria da organização, quando fundamentada na racionalidade instrumental, “exerce um impacto desfigurador” (p.1) na vida humana associada, uma vez que assume a organização como o ponto de interesse primordial. Logo, a teoria substantiva da vida humana associada, que será o foco de

5 Guerreiro Ramos “foi um dos primeiros, senão o primeiro sociólogo brasileiro a se preocupar com os estudos organizacionais, inclusive antecipando-se ao pensamento crítico anglo-saxão” (TENÓRIO, 2019, p.30).

6 As discussões sobre a razão e as racionalidades realizadas por Ramos (1981) em a Nova Ciência das Organizações estão teoricamente fundamentadas nos conceitos desenvolvidos pela chamada Escola de Frankfurt. Estas referências são citadas pelo autor no prefácio e no primeiro capítulo do livro.

discussão da presente seção, foi pensada por Ramos (1981) a partir do questionamento sobre os impactos da teoria da organização para a vida humana associada.

Para a construção deste pensamento, Ramos (1981) utilizou como base teórica autores internacionais das ciências sociais, como Max Weber e Karl Mannheim. Sendo assim, a fim de compreendermos como a teoria substantiva da vida humana associada foi desenvolvida por Guerreiro Ramos, este subcapítulo será iniciado com a discussão das duas principais bases teóricas que contribuíram para o pensamento do autor.

Um dos autores citados por Ramos (1981) é Mannheim (1968), que buscou investigar o pensamento enquanto instrumento da ação coletiva, a partir da tese de que a compreensão da sociologia do pensamento depende de informações sobre as origens sociais. Com esse princípio, o autor considera que, apesar de ser individual, o pensamento também depende do contexto histórico-social no qual os indivíduos vivem. O autor afirma, por exemplo, que no processo de pensar:

O indivíduo se encontra em uma situação herdada, com padrões de pensamento a ela apropriados, tentando reelaborar os modos de reação herdados, ou substituindo-os por outros, a fim de lidar mais adequadamente com os novos desafios surgidos das variações e mudanças em sua situação. (Mannheim, 1968, p.23)

As considerações de Mannheim (1968) a respeito das “situações herdadas”, às quais os indivíduos em sociedade precisam reagir, podem ser percebidas nas preocupações de Ramos (1981). Na construção da teoria substantiva, Ramos (1981) argumenta, por exemplo, sobre as consequências da centralização no mercado para a vida humana, entre elas, as alterações no pensamento e comportamento de um indivíduo na busca por adequação social. Portanto, a compreensão do pensamento na dimensão coletiva e individual, discutida por Ramos (1981), possui como base teórica as considerações de Mannheim (1968), a respeito do peso do contexto histórico-social para o pensamento individual e as conseqüentes heranças de pensamento que o indivíduo precisa lidar ao longo da vida em sociedade.

As reflexões de Mannheim (1968) sobre o pensamento individual e a ação coletiva também são contribuições para a formação do pensamento de Ramos (1981). Para Mannheim (1968), em relação à coletividade, a relevância do indivíduo não deve ser superestimada. Porque o autor considera que os novos pensamentos individuais, como as mudanças nas formas de identificar o que é real e o que deveria ser, apesar de ocorrerem na dimensão individual, dependem de problemas ou objetivos coletivos reconhecidos

pelo indivíduo. Nesse ponto, as discussões de Mannheim (1968) sobre as imagens do real, o pensamento individual e coletivo, contribuem para o pensamento de Ramos (1981) a respeito do papel da vida humana associada para a transformação social.

Outro ponto importante para o pensamento de Ramos (1981) é a razão. Para o autor, um dos efeitos da imposição da ideia do mercado como o único centro da vida humana é a alteração do significado da razão. Na construção desse pensamento, Ramos (1981) utilizou como base teórica as reflexões de Weber (1999). Em seus estudos, Weber (1999) questionou a sociedade de mercado e a maneira como o indivíduo é dominado por essa lógica capitalista. Na citação apresentada a seguir, por exemplo, o autor critica a forma como a economia capitalista impõe uma adequação do comportamento do indivíduo:

A economia capitalista moderna é um imenso cosmos no qual o indivíduo nasce, e que se lhe afigura, ao menos como indivíduo, como uma ordem de coisas inalterável, na qual ele tem de viver. Ela força o indivíduo, a medida que esse esteja envolvido no sistema de relações de mercado, a se conformar às regras de comportamento capitalistas. O fabricante que se opuser por longo tempo a essas normas será inevitavelmente eliminado do cenário econômico, tanto quanto um trabalhador que não possa ou não queira se adaptar às regras, que será jogado na rua, sem emprego. (WEBER, 1999, P.21)

Para Weber (1999), a lógica capitalista, onde as relações estão baseadas no sistema de mercado, é sustentada por modos de vida coletivos, que foram construídos e disputados historicamente, ou seja, não foi formada pelas ideias de indivíduos isolados. Na perspectiva do autor, a construção do espírito capitalista está relacionada ao pensamento racional de devoção ao trabalho e à vocação acima de tudo (WEBER, 1999). Sendo que este pensamento, inicialmente racional, é irracional quando a questão do auto-interesse por uma vida feliz é considerada (WEBER, 1999). Nestas discussões do autor sobre a razão na cultura capitalista é possível observar que o afastamento da busca por auto-realização, presente na racionalidade instrumental, debatida por Ramos (1981), possui como referências as considerações de Weber (1999).

A respeito da razão, Weber (2004) a considera como um dos elementos determinadores da “ação social”. Como ação social, o autor compreende todas as ações, externas ou internas, que são orientadas pelo comportamento de outros. Com este entendimento, Weber (2004) argumenta que a ação pode ser determinada pela “razão racional”, quando as expectativas construídas a partir do comportamento de outras pessoas ou objetos externos são utilizadas como os “meios” para alcançar, racionalmente, os próprios “fins” desejados; bem como pode ser determinada pela razão baseada em

valores, quando, independentemente dos resultados/consequências, os valores determinam o comportamento. Além da razão, o autor afirma que a ação social também pode ser determinada pela emoção e por tradições, que são ações baseadas em hábitos. Uma vez que estes tipos de razão não são pensados de maneira isolada, mas em maior ou menor grau, as divisões apresentadas por Weber (2004) possuem caráter explicativo.

No entanto, toda a construção teórica de Weber (2004), e demais autores estabelecidos pela ciência social tradicional como clássicos, utiliza como ponto de partida o mundo europeu ocidental. Com isso, ainda que o autor discuta questões como a dominação, sua reflexão parte de experiências específicas: a realidade europeia ocidental. Logo, como pondera Dussel (2005, p.28), a análise realizada por Max Weber sobre a racionalização, como a de outros autores que discutiram a modernidade, consiste em uma “visão provinciana e regional”.

No desenvolvimento da teoria substantiva da vida humana associada, as diferenças regionais entre Guerreiro Ramos e os autores adotados como referências teóricas foram levadas em conta (RAMOS, 1981). No ano de 1958, no livro “A redução sociológica”, o autor já havia discutido a necessidade de utilizar em pesquisas o método teórico e/ou prático de redução sociológica, que consiste em questionar o que está por trás das referências e natureza histórica da realidade social local:

“[...] é um procedimento crítico-assimilativo da experiência estrangeira. A redução sociológica não implica em isolacionismo, nem exaltação romântica do local, regional ou nacional. É, ao contrário, dirigida por uma aspiração ao universal mediatizado, porém, pelo local, regional ou nacional” (RAMOS, 1958, p.46)

Já na apresentação da edição brasileira de “A nova ciência das organizações”, o autor afirma que este livro é a sistematização de sua trajetória intelectual, especialmente com o desenvolvimento de “A redução sociológica”. Segundo o autor, a redução sociológica foi pensada nos sentidos de: assimilar criticamente a ciência e a cultura importada; ter conhecimento para resistir às imposições sociais de massificação da conduta individual e superar os moldes institucionais e universitários das ciências sociais. Sendo o livro “A nova ciência das organizações” resultado de seus estudos sobre a redução sociológica no último sentido apresentado: superar os moldes institucionais e universitários das ciências sociais (RAMOS, 1981).

Em entrevista concedida ao *Jornal Última Hora*, Ramos (1956)⁷ apresenta suas críticas à divisão tradicional das ciências sociais, criada a serviço da ideia da burguesia europeia como o “centro confortador do mundo” e que promove a “visão unitária e global das sociedades”. Diante disso e da percepção de que “na periferia do mundo” estavam sendo esboçadas ondas que poderiam repartir as forças internacionais, o autor reflete sobre a necessidade de uma nova ciência social, baseada na relação teoria-prática: “Quem não age, quem não entende o processo societário não entende a sociedade” (RAMOS, 1956). Sendo assim, as experiências práticas de Guerreiro Ramos também foram importantes para a reflexão que o levou à construção da teoria substantiva da vida humana associada. Além disso, as referências de autores europeus como base teórica foi usada por Ramos (1981) a partir da prática da redução sociológica:

“A produção sociológica, como toda espécie de produção, é historicamente condicionada. Portanto, a produção sociológica, direta ou indiretamente, reflete os característicos específicos da sociedade particular do produtor, ou dos produtores. Todo produto sociológico é dotado de intencionalidade. No domínio da ciência social, tem validade também a observação de que o desenvolvimento nacional consiste em grande parte na substituição de importações. Assim como somos brasileiros, consumindo Guaraná em vez de Coca-Cola, tecidos Bangu em vez de tecidos inglese, devemos produzir e consumir a nossa sociologia em vez de consumir a de outros passivamente. Para o autêntico profissional brasileiro, a produção sociológica estrangeira deve ser considerada como subsídio, jamais como norma ou critério de pensamento e ação. [...] Começo a me preocupar com a criação de uma técnica de ‘redução sociológica’, que habilite o estudioso a ‘suspender’ os produtos sociológicos, a fim de assimilá-los, sem perigo de deixar-se envolver por sua internacionalidade ou de alienar-se. Quem apenas conhece a literatura sociológica universal sem se dar conta do que chamo de ‘redução sociológica’ não passa de simples ‘alfabetizado’ em sociologia. No Brasil, pessoas meramente alfabetizadas em sociologia são erroneamente consideradas sociólogos. A história da sociologia no Brasil é, em larga margem, uma crônica de livros, ou de cadernos de deveres” (RAMOS, 1956, em *Jornal Última Hora*, p.7)

Com isso, além das bases teóricas do autor terem sido adotadas após assimilação crítica, a teoria substantiva da vida humana associada parte do reconhecimento de Ramos (1981) sobre a existência de pequenos movimentos, que também são silenciados, organizados por indivíduos que se conscientizam do “efeito deculturativo do mercado” (p.XV), e estabelecem um modelo de restauração dos “elementos permanentes da vida humana” (p.XVI), constituindo-se uma referência para a crítica à sociedade moderna. Diante disso, o autor objetiva apresentar a teoria substantiva como uma alternativa de “modelo de análise de sistemas sociais e de delineamento organizacional de múltiplos

⁷ A partir da leitura do artigo de Maio (2016) soube da existência da entrevista e busquei a reportagem original no acervo digital da Biblioteca Nacional, disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=386030&Pesq=%22Guerreiro%20Ramos%22&pagfis=31020>. A imagem da reportagem também pode ser visualizada na seção “Anexos”.

centros” (p.XI), a partir da percepção de que os princípios da teoria da organização dominante, centralizada no mercado, não são adequados/universais para todos os sistemas sociais, apesar de serem ensinados como tal.

Ramos (1981) argumenta que o ensino e a adoção dos princípios da teoria da organização centralizada no mercado, como única possibilidade para “todas as formas de atividade”, ou seja, sem reconhecer a limitação funcional do modelo, dificulta “a atualização de possíveis novos sistemas sociais, necessários à superação de dilemas básicos de nossa sociedade” (RAMOS, 1981, p.XI). Sendo assim, a nova ciência proposta pelo autor é um exercício de questionar o ensino e as práticas organizacionais adotadas, bem como de reconhecer práticas sociais que se configuram como contrapontos aos princípios do modelo centralizado no mercado.

A relevância de discutir sobre uma nova ciência das organizações e apresentar a teoria substantiva da vida humana associada é justificada por Ramos (1981) pela percepção do contexto no qual a sociedade centrada no mercado naturaliza a prática de coagir o ser humano a reprimir sua razão com o fim de se adequar a esta sociedade. Nesse cenário o autor ainda afirma que a sociedade centrada no mercado provoca uma “transvalorização” do termo razão. Diante disso, o autor aponta que para se compreender o conceito de vida humana associada é primordial compreender o que é racionalidade. Isso se dá porque, de acordo com o autor, o conceito de vida humana associada possui duas concepções distintas: uma fundamentada na categoria racionalidade funcional, ou seja, voltada para meios e fins, e a outra fundamentada na categoria racionalidade substantiva, relacionada aos valores.

Ao apresentar a nova ciência das organizações, Ramos (1981) realiza uma crítica à sociedade de mercado e aponta sua preocupação com as consequências do processo de manutenção da sociedade de mercado, como a influência na linguagem, por exemplo, para exercer um domínio na existência humana. O sistema de mercado para Ramos (1981, p.38), quando “deixado à sua própria dinâmica, [...] trabalha contra a constituição da vida humana associada”. Dessa maneira, o autor considera que este sistema provoca uma “síndrome comportamentalista” (p.46) que deforma a natureza humana de associação. A respeito dessa deformação, o autor afirma:

Homens e mulheres já não vivem mais em comunidades onde um senso comum substantivo determina o curso de suas ações. Pertencem, em vez disso, a sociedades em que fazem pouco mais além de responder a persuasões organizadas. O indivíduo tornou-se uma criatura que se comporta. (RAMOS, 1981, p.51)

Diante desta problematização, Ramos (1981) conclui que a organização econômica formal, estabelecida como centro da vida humana, deveria assumir um lugar secundário na vida das pessoas. Para o autor, a dominação da sociedade pelo mercado deveria ser ocupada pela “aprendizagem dos meios capazes de facilitar múltiplos tipos de microssistemas sociais” e aos relacionamentos interpessoais, livres de pressões organizacionais (RAMOS, 1981, p.115). Para o autor, a dominação do mercado provoca alterações na forma como a sociedade lida e compreende o tempo e o espaço. Em oposição ao cenário de dominação do mercado, Ramos afirma:

As sociedades antigas interpretavam-se como réplicas do cosmos, e assim se conformavam a prescrições de caráter sagrado, ou quase-sagrado. Em tais sociedades, as pessoas dispunham de muito tempo não relacionado à sua condição de trabalhadoras, no qual se poderiam engajar em objetivos auto-gratificantes. Em seu calendário, o caráter das horas, dos dias, dos meses e dos anos refletia o interesse que tinham pelas múltiplas implicações da dimensão sagrada da vida. (RAMOS, 1981, p.173)

Para Ramos (1981) o mercado que deveria se ajustar e contribuir para elevar a qualidade de vida em comunidade. Como solução para a retomada da valorização das dimensões sagradas da vida, no lugar da obrigação por seguir regras e assumir comportamentos voltados para o mercado como centro, Ramos (1981) pressupõe que as pessoas precisam se libertar da escravização mental ao mercado. Porque a base argumentativa do pensamento do autor é que as imposições do mercado como o único centro da vida humana provocam nas pessoas o medo da exclusão e a necessidade de se adaptarem às exigências deste sistema, o que resulta na diminuição da conscientização a respeito da própria vida, do espaço e do tempo possuído.

As reflexões de Ramos (1981) sobre as consequências do sistema de mercado na vida humana associada, como a constituição de síndromes psicológicas e a redução da vida em comunidade, provocam pensar sobre as consequências da lógica do mercado para o agir coletivo, bem como para a noção de identidade de um grupo, visto que a vida associada é um dos elementos centrais das discussões da teoria substantiva. Além disso, como Ramos (1981) indica que, por falta de pesquisas empíricas, o livro “a nova ciência das organizações”, que foi o último livro produzido pelo autor, consiste em uma obra inacabada, também é relevante investigar a produção acadêmica realizada a partir das considerações apresentadas no livro.

Paula (2007), por exemplo, ao escrever sobre as contribuições de Guerreiro Ramos para os estudos críticos em administração, considera que resgatar a discussão da abordagem substantiva desenvolvida em Ramos (1981) é uma possibilidade de manter forte o movimento de crítica à administração. Sendo assim, na seção a seguir serão apresentadas as produções acadêmicas da área de administração que foram elaboradas com base na teoria substantiva (RAMOS, 1981). Já as seções posteriores serão dedicadas a discutir a abordagem decolonial e sua relação com o território.

2.2. Produção acadêmica elaborada a partir da teoria substantiva: o conceito de organizações substantivas

A partir da teoria substantiva da vida humana associada (RAMOS, 1981), trabalhos acadêmicos foram elaborados na área das organizações. Entre as primeiras pesquisas realizadas tendo a teoria substantiva como delimitação teórica está o trabalho de Serva (1993). Para o autor, as organizações substantivas podem ser caracterizadas como organizações autônomas ou alternativas, e surgem a partir do esforço espontâneo e coletivo de diferentes indivíduos da sociedade. Assim como Ramos (1981) ressalta que a proposta da teoria substantiva como uma nova ciência das organizações ocorre somente devido ao silenciamento que esta teoria é submetida, Serva (1993) afirma que as organizações denominadas autônomas ou alternativas, consideradas por ele substantivas, tiveram início na década de 1960, marcadas pela autonomia. Dessa maneira, o autor afirma que:

organizações substantivas parecem brotar pela força espontânea de milhares de indivíduos, espalhados por todo o mundo, que têm-se reunido em torno de ideais e princípios determinantes de ações conjuntas as quais, por sua vez, acabam configurando práticas sócioorganizacionais relativamente descompromissadas com o estatuto essencialmente sistêmico da sociedade burocratizada. (SERVA, 1993, p.37)

Esse não compromisso com as normas da sociedade burocratizada, citado por Serva (1993), talvez explique a dificuldade de visibilidade que a teoria substantiva enfrenta na ciência, como apresentou Ramos (1981). Como exemplo é possível citar o texto de Misoczky, Flores e Böhm (2008), que ao estudarem organizações de resistência, mais especificamente os movimentos sociais, também perceberam a invisibilidade que as formas de organizar não hegemônicas enfrentam. De acordo com os autores, as múltiplas formas organizacionais existentes são negadas/marginalizadas pela organização

hegemônica, como uma tentativa desse modelo se manter naturalizado, transmitindo a ideia de que este é o único modelo de organizar possível. Diante disso, a autora e os autores consideram urgente a ação política de “desnaturalizar a articulação hegemônica da organização” (MISOCZKY, FLORES e BÖHM, 2008 p.182).

Enquanto pesquisadores dos movimentos sociais, Misoczky, Flores e Böhm (2008) sugerem que a ação política de “desnaturalizar” a hegemonia organizacional ocorra por meio da reflexão e ampliação da visibilidade dos “processos de organização da resistência e de lutas sociais que tendem a ser ignorados pelo discurso organizacional contemporâneo”, sendo esta ação capaz de possibilitar que “diferentes mundos e sociedades” sejam imaginados (MISOCZKY, FLORES e BÖHM, 2008 p.182). Logo, a experiência contada pelos autores, sobre a pesquisa de movimentos sociais de resistência na área dos estudos organizacionais, contribui para a percepção de que o silenciamento e falta de visibilidade que as alternativas ao modelo hegemônico sofreram até a década de 1980, de acordo com Ramos, e na década de 1990, segundo Serva, ainda estão presentes nos anos 2000.

A invisibilização de tipos outros de organizar, percebida por Misoczky, Flores e Böhm (2008), foi explicada Serva (1993) como uma rejeição da organização burocrática à não uniformidade das práticas organizacionais, que a característica de autonomia da organização substantiva provoca. Segundo o autor, a não uniformidade das práticas organizacionais é “inaceitável na concepção fundamental de organização burocrática” (SERVA, 1993, p.37). O autor ainda analisa que as organizações substantivas, até mesmo as que estão conectadas em redes de ajuda mútua, se analisadas como um conjunto, não possuem práticas uniformes.

Serva (1993) também ressalta que as organizações substantivas não consistem em um movimento alternativo, um conjunto ou sistema, porque são múltiplas, altamente singulares e heterogêneas. Segundo o autor, analisar organizações substantivas requer uma firmeza metodológica que considere a “autonomia do social” (SERVA, 1993, p.37). Dessa maneira, é possível considerar que para analisar as organizações substantivas é fundamental que a pesquisadora/pesquisador realize um exercício constante de autoconscientização para que não caia na fraqueza metodológica (SERVA, 1993, p.37), que também poderia ser entendida como um vício epistêmico, de não conseguir visualizar o que difere do hegemônico. Afinal, a dificuldade de analisar os múltiplos modelos de organizar é a estratégia adotada pelo modelo hegemônico para se manter naturalizado e único, como apresentam Misoczky, Flores e Böhm (2008).

Serva (1993), juntamente com o Grupo de Pesquisa em Organizações Substantivas, localizado na Universidade Federal da Bahia, estudou doze organizações substantivas sediadas em Salvador – Bahia. Atuantes em áreas diversificadas, como defesa da ecologia e apoio psicológico para comunidade rural, e com tipologias também distintas, como associações, microempresas e organizações tipicamente coletivistas, as organizações estudadas foram compreendidas por possuírem as seguintes características:

Quadro 3: Características das Organizações Substantivas estudadas por Serva (1993)

Categoria	Descrição
Princípios basilares ⁸	<ul style="list-style-type: none"> ■ Busca do equilíbrio entre o homem e a organização, a partir do reconhecimento da grande importância da individualidade dos membros e valorização da dimensão coletiva; ■ Respeito à dignidade humana, culto à liberdade, assunção espontânea de compromissos (vontade), e identidade de valores gerais; ■ Aceitação da existência de conflitos; ■ Autocontrole.
Relacionamento entre os membros da organização	<ul style="list-style-type: none"> ■ Intenção geral de que o trabalho seja uma atividade prazerosa, na qual o processo de sua realização se sobreponha às finalidades; ■ Alto grau de solidariedade e afetividade entre os membros; ■ Existência de participação efetiva de cada membro na vida da organização.
Reflexão sobre a organização	<ul style="list-style-type: none"> ■ Geralmente intensa e coletivizada; ■ Participação generalizada dos membros da organização nas discussões.
Hierarquia	<ul style="list-style-type: none"> ■ Estrutura hierárquica flexível, definida a partir do grau de interação com os agentes externos.
Critérios para a escolha/aceitação dos membros da organização	<ul style="list-style-type: none"> ■ Critérios essenciais: sintonia com a causa maior da organização e identificação com os valores pessoais e grupais; ■ Critérios complementares: disponibilidade para realização de tarefas e empatia.
Veiculação de informações e processo decisório	<ul style="list-style-type: none"> ■ Não foram encontrados casos de confidencialidade; ■ Processo decisório coletivo.
Remuneração	<ul style="list-style-type: none"> ■ Determinada de acordo com o tipo de organização.
Horário	<ul style="list-style-type: none"> ■ Extremamente flexível.
Auto-avaliação	<ul style="list-style-type: none"> ■ Realizada com base nos aspectos subjetivos.

⁸ Serva (1993) nomeia esta categoria como “princípios norteadores”. Contudo, partindo de uma perspectiva decolonial, que questiona o discurso do norte como a referência do mundo, a categoria foi renomeada para “princípios basilares”.

Aferição do rendimento individual	<ul style="list-style-type: none"> Realizada pelo grupo, a partir do diálogo e negociações. Algumas organizações não consideram primordial, então não realizam com frequência.
Expressão social da organização	<ul style="list-style-type: none"> Está relacionada com a ampla divulgação dos ideais e valores da organização, bem como a transparência em suas práticas e atividades.
Satisfação do usuário	<ul style="list-style-type: none"> Não foi percebido como uma preocupação tratada como primordial pelas organizações estudadas.
Inserção da organização na sociedade	<ul style="list-style-type: none"> “Em geral, busca-se, naturalmente, o apoio das pessoas e/ou grupos sociais identificados com a causa e valores defendidos, como também dos meros simpatizantes destes.”

Fonte: Serva (1993, p. 38 - 40), adaptado pela autora.

Diante das características identificadas nas organizações substantivas estudadas, Serva (1993) considera que essas organizações possuem uma consistência lógica nos princípios, inter-relacionados, que as orientam. Além disso, das características apresentadas pelo autor, duas se destacam: o princípio de construir a organização a partir do indivíduo e a intensidade das relações interpessoais, baseada na comunicação. Dessa maneira, apesar da forte autonomia que torna essas organizações heterogêneas, os princípios organizacionais baseados no equilíbrio entre indivíduo e organização e a valorização das relações e dos sentimentos dos membros da organização são as principais categorias que as caracterizam como organizações substantivas.

Segundo Serva (1993, p.41), as organizações substantivas estudadas se preocupam com o “efetivo resgate da condição humana”, sendo a racionalidade substantiva a principal marca destas organizações. Além disso, ao considerar as características das organizações estudadas, o autor destaca a dificuldade de realizar uma análise a partir da teoria da administração, uma vez que as organizações substantivas não seguem um modelo de organizar. De acordo com o autor, ao valorizar o presente e o cotidiano, as organizações substantivas se singularizam e se distanciam de qualquer tentativa de padronização ou modelo teórico. Diante disso, Serva (1993) considera que as organizações substantivas requerem uma nova teorização para serem compreendidas.

A reflexão teórico-empírica realizada por Serva (1993) a partir da teoria substantiva da vida humana associada de Ramos (1981), também foi realizada por Tenório (1997) por meio de uma reflexão pessoal, denominada pelo autor como texto-depoimento. Dessa maneira, assim como a análise de organizações substantivas fizeram Serva (1993) considerar a necessidade de uma nova teorização, a leitura dos textos desenvolvidos por

Guerreiro Ramos provocou em Tenório (1997) a formação de uma consciência crítica a respeito da própria produção acadêmica no campo da administração. De acordo com Tenório (1997), entre os anos 1978 e 1983 seus textos eram elaborados sob uma percepção acrítica e positivista da administração enquanto ciência social aplicada. Contudo, o autor afirma que a leitura de textos de Guerreiro Ramos sobre a nova ciência das organizações o possibilitou vivenciar um processo pessoal de reflexão crítica.

Entre as questões citadas por Tenório (1997) como ponto de partida para sua reflexão crítica estão as limitações presentes nas teorias das organizações referentes à análise da complexidade dos sistemas sociais organizados; bem como a proposta de abordagem multidimensional que propunha reflexões como, por exemplo, os múltiplos enclaves constituintes da sociedade (sendo o mercado apenas um desses enclaves). Com isso, o autor considera que sua aproximação aos textos de Guerreiro Ramos possibilitaram uma revisão da própria maneira de pensar e compreender as teorias das organizações e a teoria crítica, e consequentemente a posição crítica, não alienada, com relação ao pensamento administrativo. Portanto, o texto elaborado por Tenório (1997) indica uma contribuição direta dos pensamentos de Guerreiro Ramos para a reflexão crítica de pesquisadores e pesquisadoras da área da ciência social aplicada.

A respeito do termo organização substantiva, Vizeu (2009) afirma que o termo, cunhado por Serva (1993), se refere ao tipo de organização onde, supostamente, há um predomínio da racionalidade substantiva. Ao discutir as organizações substantivas, o autor utiliza a sociologia da dádiva, de Marcel Mauss, como base teórica, que se dedica a olhar para as trocas e vínculos que constituem as relações sociais. A partir dessa reflexão, Vizeu (2009) considera que, para compreender melhor as organizações substantivas, é preciso considerar a simultaneidade existente entre as racionalidades instrumental e substantiva, e não a polarização e dicotomia sugerida por Serva (1997), ao analisar empiricamente a existência de tensão entre as racionalidades. Além disso, de acordo com Tenório (1997), a base teórica utilizada por Ramos (1981) não compreende as racionalidades substantiva e instrumental como opostos. Por outro lado, o autor considera que frequentemente ocorre nas organizações o confronto entre as racionalidades.

Assim como Serva (1993) enfatiza a existência das características de intensas relações interpessoais e de valorização dos sentimentos dos indivíduos nas organizações substantivas, Vizeu (2009, p.420) reconhece que a afetividade e solidariedade nas organizações substantivas contribuem para uma “significativa ruptura com a lógica impessoal e com o cálculo nas relações sociais”. De acordo com Vizeu (2009) o vínculo

do indivíduo com a organização substantiva proporciona dádivas, entre elas está o trabalho, que mesmo quando não voluntário, ou seja, remunerado, é realizado por uma razão que vai além do valor econômico. Além disso, o autor também apresenta a palavra e a liberdade das interações comunicativas como dádivas, porque são estabelecidas a partir de relações de reciprocidade entre os falantes. Por outro lado, o autor reconhece que a dádiva também apresenta contradições nas organizações substantivas, devido as tensões presentes nas racionalidades.

Uma outra tentativa de aproximação empírica da teoria substantiva com as organizações é feita por Webering (2019, p. 446), após discutir sobre os “pontos cegos” das teorias organizacionais apresentados por Ramos (1981). A autora afirma que a teoria organizacional substantiva possui “alguns conceitos e lógicas relacionadas à Economia Solidária, cooperativismo e Tecnologia Social”. Para a autora, essas organizações possuem sentido comunitário e “maior potencial de equilíbrio das racionalidades” (WEBERING, 2019, p. 446). Dessa maneira, considerar a simultaneidade entre as racionalidades instrumental e substantiva – citada por Vizeu (2009) como uma saída para a melhor compreensão das organizações substantivas, ou, nos termos de Serva (1993), como a forma de superar as possibilidades de “fraqueza metodológica” que a análise de organizações não hegemônicas enfrenta – foi identificada por Webering (2019) como a presença do sentido comunitário nas organizações, que contribui para a existência desse equilíbrio entre as racionalidades.

Em levantamento bibliográfico realizado na plataforma Scielo, foi possível encontrar 18 artigos acadêmicos que tiveram como base teórica o conceito de racionalidade substantiva ou de teoria substantiva da vida humana associada, elaborada por Ramos (1981). Dessa maneira, além do artigo de autoria de Serva (1993; 1997) e Vizeu (2009), citados anteriormente, estão disponibilizados na biblioteca eletrônica Scielo nove ensaios teóricos e nove trabalhos teórico-empíricos que utilizaram como base teórica Ramos (1981). A seguir é apresentada uma síntese desses artigos:

O ensaio teórico elaborado por Fernandes e Ponchirolli (2011), busca analisar os ensaios sobre racionalidade substantiva de Guerreiro Ramos, racionalidade ambiental de Enrique Leff, racionalidade comunicativa de Habermas, e “suas implicações no universo organizacional”. Apesar do texto apresentar as discussões sobre racionalidade realizadas por Ramos, Leff e Habermas, que segundo os autores possuem como ligação a motivação da ação, ou seja, a importância dada a moral e a ética, o texto poderia ainda ampliar o

debate sobre quais as implicações/contribuições da produção acadêmica analisada para as organizações e os estudos organizacionais.

Outros dois artigos encontrados buscam aproximar os conceitos desenvolvidos por Ramos (1981) com outras teorias. Um deles foi escrito por Bizarria (2019), que busca desenvolver argumentos que fortaleçam a ideia de “racionalidade substantiva cosmopolita”, ou seja, relaciona a racionalidade substantiva de Ramos (1981) com a racionalidade cosmopolita de Boaventura de Sousa Santos. Para a autora, esta interação de racionalidades proporcionaria a possibilidade de uma vida com base ética, estabelecida em interações sociais mediada pela tradução de saberes e que reconheceria o homem como ser plural. Já o artigo elaborado por Santos *et. al* (2019) possui como objetivo aproximar as discussões feitas por Guerreiro Ramos sobre racionalidade substantiva e o homem parentético com o conceito de sujeito existencial, de ação ética, desenvolvido por Bernard Lonergan. Para os autores, as proximidades entre os dois conceitos estão no entendimento de consciência crítica discutido por Ramos e consciência de responsabilidade desenvolvido por Lonergan. Dessa maneira, esses últimos dois ensaios teóricos citados tiveram por foco relacionar as discussões realizadas por Guerreiro Ramos com outros autores que discutem ética, enquanto que o primeiro discutiu os conceitos de racionalidades de três autores.

Outros três ensaios teóricos encontrados no levantamento bibliográfico realizado possuem como foco a discussão de conceitos desenvolvidos por Guerreiro Ramos:

1) Flores (2015), discute o conceito de “comunidade humana universal”, desenvolvido por Guerreiro Ramos no livro *A Redução Sociológica*, e uma das dimensões que o autor utiliza na reflexão teórica é a ciência social e a vida humana associada. Para o autor, o conceito de comunidade humana universal é desenvolvido por Guerreiro como uma proposta de método para superar “a capa ideológica do eurocentrismo” e evitar “autoexaltações nacionais” (FLORES, 2015, p.587). Com isso, Flores (2015) possibilita o entendimento de que Guerreiro Ramos possuía o compromisso científico de manter a consciência de que cada pesquisador e comunidade possuem variedades históricas, e isso os torna incompatíveis com qualquer tentativa de padronização científica;

2) O ensaio teórico elaborado por Souza e Ornelas (2015) busca refletir sobre as principais contribuições epistemológicas de Guerreiro Ramos e sua relação com a teoria crítica atual. De acordo com os autores, a principal contribuição de Ramos

é a autonomia da sociologia brasileira, como as reflexões sobre a produção teórica de autores eurocêntricos e as provocações sobre a racionalidade substantiva e a sociedade centrada no mercado;

3) A discussão teórica realizada por Salgado e Abad (2015) apresenta os conceitos desenvolvidos por Guerreiro Ramos, suas contribuições para a teoria crítica, e a partir disso busca propor o exercício de imaginar as organizações e a teoria das organizações comprometidas com o trabalho como forma de emancipação e que valorizem a racionalidade substantiva. Para os autores, esse exercício de imaginação pode contribuir para as mudanças sociais e organizacionais. Sendo assim, os três ensaios teóricos citados tiveram por foco a discussão das contribuições de Guerreiro Ramos para a teoria crítica e com isso apresentam o autor como um exemplo para as pesquisas atuais.

O artigo elaborado por Leitão *et. al* (2006) discute a relevância dos relacionamentos e das emoções nas organizações, para isso os autores utilizam como base teórica a racionalidade substantiva e as críticas feitas por Ramos (1981) aos efeitos da centralização do mercado na vida do ser humano. A discussão teórica realizada por Muzzio (2014) aborda a necessidade de convergência entre as racionalidades exigida pela função paradoxal da administração de recursos humanos, que predominantemente é direcionada pela lógica instrumental. Já o ensaio elaborado por Andrade *et. al* (2012) argumenta que existem aproximações entre os sentidos do trabalho e as racionalidades instrumental e substantiva, já que o trabalho com sentido inclui a garantia da sobrevivência e possibilidades de autonomia e autorrealização, assim como são caracterizadas, respectivamente, a racionalidade instrumental e a substantiva.

Entre os trabalhos teórico-empíricos que utilizaram como base teórica a teoria substantiva desenvolvida por Ramos (1981) está a pesquisa realizada por Siqueira (2017). O autor utilizou o método etnográfico para investigar as tensões entre racionalidade instrumental e substantiva na gestão de uma ecovila. De acordo com o autor, a análise dos dados possibilitou considerar que as racionalidades, instrumental e substantiva, não são excludentes. Como exemplo o autor cita a tensão “entre a ética pessoal e as exigências de sobrevivência econômica” que precisam ser conciliadas na ecovila estudada (SIQUEIRA, 2017, p.781). O trabalho de Matarazzo e Boeira (2016) também discute a tensão entre as racionalidades instrumental e substantiva. Ao estudar cooperativas populares os autores consideraram que após os participantes das cooperativas alcançarem a necessidade de geração de renda, outros valores passam a ser mais relevantes para os

cooperativistas, como responsabilidade ambiental, socialização e autonomia. Sendo assim, os autores também consideram que as racionalidades provocam tensões, mas não são excludentes.

O artigo elaborado por Boeira e Mudrey (2010) também analisa as racionalidades instrumental e substantiva, sendo que o objeto de estudo é uma organização sem fins lucrativos, a rede Uni-Yôga. De acordo com os autores, na organização estudada há uma tendência de predomínio da racionalidade substantiva, que é uma delineadora das atividades que demandam a racionalidade instrumental. Com isso, os autores consideram que na organização estudada as racionalidades, instrumental e substantiva, estão inter-relacionadas. Sendo assim, os três artigos teórico-empíricos apresentados consideraram que, apesar das tensões, nas organizações estudadas não houve exclusão de uma das racionalidades. Além disso, a comparação dos resultados de pesquisa dos três estudos permite considerar que quanto menor for a relevância do fator econômico para a organização, maior será a proporção da racionalidade substantiva.

A pesquisa apresentada por Severo e Pedrozo (2008) também teve por interesse a análise das racionalidades no processo de tomada de decisão. Os autores investigaram se agricultores de uma cooperativa decidiam pelo cultivo orgânico a partir da racionalidade instrumental ou substantiva, e se a cooperativa poderia ser considerada uma organização substantiva. De acordo com os resultados da pesquisa os autores consideraram que o processo de escolha dos agricultores é baseado nas duas racionalidades, e que a cooperativa possui muitas características da organização substantiva discutida por Serva (1997). Nesse ponto, a leitura de pesquisas teórico-empíricas que utilizam a teoria das organizações substantivas aponta para o risco de definir a base teórica a priori e na ida ao campo não perceber outros elementos que indiquem a necessidade de uma nova base teórica. De acordo com Severo e Pedrozo (2008) a pesquisa teve como limitação a falta de dados para analisar a racionalidade predominante no momento dos conflitos. Talvez a reflexão sobre outras bases teóricas poderia contribuir para a percepção de características próprias da organização estudada que não estão mencionadas na teoria substantiva.

Já o trabalho desenvolvido por Margoto *et. al* (2010) apresenta a análise das racionalidades durante o processo em que pessoas decidem pedir demissão de organizações burocráticas para viver fora desse tipo de dominação. De acordo com as autoras e o autor, as pessoas que pediram demissão dos empregos para iniciar um novo estilo de vida tomaram essas decisões fortemente a partir da lógica substantiva. De maneira semelhante aos demais artigos teórico-empíricos, Carvalho e Medeiros (2013)

buscam analisar as racionalidades instrumental e substantiva nas ações de responsabilidade social corporativa de sete diferentes setores da economia. Segundo os autores nas corporações estudadas as ações de responsabilidade social foram tomadas com base predominante na racionalidade instrumental, ou seja, focada nos resultados. O artigo de Lima *et. al* (2004) consiste em um estudo de caso realizado voltado para a análise das racionalidades na construção de identidade profissional de um médico. Como resultados dos dados da pesquisa as autoras e o autor consideraram a necessidade de complementariedade entre ambas as racionalidades, também afirmam que apesar de uma cultura colonizadora que impõe a racionalidade instrumental, a busca dos profissionais por autorrealização pode contribuir para o fortalecimento da racionalidade substantiva como forma de resistência.

Os outros dois trabalhos teórico-empíricos encontrados no levantamento bibliográfico possuem como objetivo principal a análise da gestão a partir da teoria da racionalidade. Apesar de não terem estabelecido como delimitação as tensões entre racionalidades, como fizeram os três artigos citados no parágrafo anterior, esses dois artigos também observaram nas considerações finais as diferenças entre práticas de gestão baseadas na racionalidade instrumental ou substantiva. O artigo escrito por Bezerra e Vieira (2012) buscou analisar como a racionalidade orienta as práticas de gestão voltadas para promover a igualdade de oportunidades para trabalhadores com deficiência intelectual. Os autores estudaram tanto organizações com fins lucrativos quanto organizações sem fins lucrativos, e a partir da análise dos dados consideraram que os dois tipos de organização adotam práticas de gestão com elementos apenas de racionalidade instrumental. De acordo com a análise dos autores, a contratação de trabalhadores com deficiência intelectual deveria estar baseada “em valores nos quais os resultados não interessariam” (BEZERRA; VIEIRA, 2012, p.243), mas os resultados da análise indicaram que a gestão das organizações estudadas está mais pautada nos resultados finais e na instrumentalidade do que nos valores.

Já o artigo de Silva e Fernandes (2011) discute a racionalidade substantiva no processo decisório de organizações voltadas para o tratamento oncológico. A partir da análise dos dados da pesquisa os autores consideram que apesar de pertencer ao mesmo setor, uma das instituições investigadas apresentou características instrumentais durante o processo decisório, enquanto que a outra possuía elementos que possibilitavam a emancipação e realização do ser humano, como a valorização do consenso e da igualdade dos membros da organização. Sendo assim, os estudos teórico-empíricos realizados com

base na teoria substantiva da vida humana associada foram desenvolvidos a partir de um olhar interessado em identificar a racionalidade substantiva e a racionalidade instrumental nas organizações.

A respeito da racionalidade, apesar da ênfase que Ramos (1981) precisou dar às diferenças entre a racionalidade instrumental e substantiva para elaborar a teoria substantiva da vida humana associada como proposta de uma nova ciência das organizações, a principal problemática do autor foi refletir, e questionar, sobre o papel da racionalidade substantiva e os efeitos da razão moderna para a vida humana. Sendo assim, ao explicar sobre o conceito de razão, o autor cita autores que escreveram sobre esse tema, como Weber, Mannheim, Horkheimer e Habermas. Para Ramos (1981), Habermas contribuiu para a compreensão e crítica à razão moderna, mas seu pensamento também apresentou pontos que devem ser questionados, como o alcance do esclarecimento e da emancipação a partir do coletivo e não na dimensão da psique individual. Por fim, ao considerar a produção teórica sobre razão, Ramos (1981, p.20) afirma que apesar da contribuição crítica dos demais autores, apenas Voegelin “sustenta que a razão moderna exprime uma experiência deformada da realidade”. Com isso, o autor realiza uma reflexão crítica a respeito das bases teóricas usadas na construção da teoria substantiva e se posiciona criticamente em relação a razão moderna.

Apesar da crítica feita por Ramos (1981) a forma como Habermas e demais autores, exceto Voegelin, lidavam com a razão moderna, pesquisadores como Serva (1997) e Vizeu (2009) se apoiaram teoricamente em Habermas para dar continuidade ao trabalho de Ramos (1981). Entretanto, de acordo com Grosfoguel (2008) o projeto modernidade apoiado por Habermas não contribui para a superação dos problemas deixados pela colonialidade. Sendo que as consequências da colonialidade eram as principais inquietações que Ramos (1996) buscou enfrentar enquanto cientista social. Diante disso, este trabalho propõe a abordagem decolonial, que será discutida na seção seguinte, como fundamentação teórica para estudar as organizações substantivas.

2.3. A abordagem decolonial e o território

A reflexão crítica proposta por Guerreiro Ramos às teorias produzidas a partir de outras realidades – por exemplo, o questionamento que o autor fez à perspectiva de Habermas a respeito da emancipação ser alcançada pela dimensão coletiva e não da psique individual (RAMOS, 1981. p.20), que talvez seja uma perspectiva que considera

somente a realidade da sociedade eurocêntrica – provoca discussões atuais a respeito da aproximação do pensamento de Guerreiro Ramos com o recente movimento que questiona os efeitos da modernidade e colonialidade em países e indivíduos herdeiros da colonização. Para Alcadipani (2017), por exemplo, Guerreiro Ramos é um pensador pós-colonial porque, desde a década de 1950, provoca no pensamento social brasileiro o desenvolvimento de ideias pós-coloniais.

Ao analisar depoimentos de estudantes brasileiros que foram cursar pós-graduação nos Estados Unidos entre as décadas de 1950 e 1960, Alcadipani (2017) considera que Guerreiro Ramos contribuiu para uma reflexão crítica no ensino gerencial brasileiro, a partir do conceito de Redução Sociológica. Logo, para o autor, o conceito de Redução Sociológica possibilitou que estudantes brasileiros tivessem uma perspectiva crítica – sem isolacionismo ou romantismo local – sobre os estudos gerenciais, e ideológicos, ensinados nas décadas 1950 e 1960.

Enquanto que Alcadipani (2017) discute as contribuições de Guerreiro Ramos como uma perspectiva pós-colonial, Bauer, Silva e Wanderley (2019) argumentam que a produção teórica do autor possui maior aderência com a abordagem decolonial. Para as autoras e o autor, os textos elaborados por Guerreiro Ramos entre as décadas de 1950 e 1960 representam uma antecipação da abordagem decolonial, porque possuem como principal proposta o compromisso com a realidade local.

A respeito da abordagem decolonial, de acordo com Ballestrin (2013), este pensamento teve início a partir de autores, majoritariamente latino-americanos, como Walter Mignolo, Arturo Escobar e Edgardo Lander, que denunciaram a permanência – mesmo com o fim oficial do colonialismo – de relações coloniais nas esferas políticas e econômicas. Conforme a autora apresenta, inicialmente os autores que desenvolveram a abordagem decolonial participavam do grupo de estudos pós-coloniais e subalternos. Contudo, esses autores perceberam que, apesar de questionar a colonização, o pós-colonialismo não realizava uma ruptura adequada com o eurocentrismo, e não considerava em suas reflexões a trajetória de dominação e resistência da América Latina, ou seja, a América Latina continuava oculta nos debates das ciências sociais (BALLESTRIN, 2013).

A partir da observação da não ruptura com a colonialidade, Ballestrin (2013) informa que foram iniciados encontros voltados para pensar sobre a descolonização da epistemologia ocidental, que, aos poucos, estruturam o grupo modernidade/colonialidade,

ou seja, a abordagem decolonial. Logo, diante do histórico da construção da abordagem decolonial e da compreensão das diferenças com a abordagem pós-colonial, este projeto de tese, assim como Bauer, Silva e Wanderley (2019), considera que as contribuições de Guerreiro Ramos representam uma antecipação da abordagem decolonial.

Entre as aproximações das contribuições de Guerreiro Ramos com a abordagem decolonial é possível dizer que, assim como Ramos (1981) realiza uma crítica aos efeitos da razão moderna para a vida humana, a abordagem decolonial se posiciona contra o projeto modernidade, porque compreende que a modernidade se constitui a partir da colonialidade, como explica Mignolo (2003). Como exemplo da permanência da colonialidade, cabe citar a consideração de Gonzalez (2020) a respeito da perpetuação e reforço do racismo no Brasil, mesmo após a abolição da escravatura, como forma de manutenção da exploração. Para a autora, o racismo como discurso ideológico permanece eficaz no Brasil em decorrência de “sua internalização por parte dos atores (tanto os beneficiários quanto os prejudicados), que o reproduzem em sua consciência e em seu comportamento imediatos.” (GONZALEZ, 2020, p.35)

Segundo Dussel (2005) a ideia da modernidade é uma construção, voltada para o reconhecimento da Europa como o centro do mundo. Com essa ideia “moderna”, a Europa ocidental seria os pontos de partida e chegada do processo de desenvolvimento. Para sustentar o eurocentrismo, a colonialidade foi e é usada como um mecanismo de controle do poder, do conhecimento e do ser (MIGNOLO, 2010). Sendo assim, a colonialidade consiste no lado oculto da modernidade, e a pós-colonialidade é intrínseca à pós-modernidade (MIGNOLO, 2003).

Diante disso, no modelo de mundo moderno/colonial, no qual o projeto neoliberal é parte e consequência, há uma desvalorização da vida e prevalência da perda do senso de comunidade, do egoísmo, e do esquecimento da razão pela qual os conceitos foram criados (MIGNOLO, 2003). Essas reflexões muito se aproximam da síndrome psicológica discutida por Ramos (1981), caracterizada pelo individualismo, perspectivismo, formalismo e operacionalismo positivista.

Como possibilidade de construção de esperança em relação à luta por mudança deste cenário perverso, e a partir de um incômodo sobre o sofrimento dos sujeitos inseridos neste contexto, Mignolo (2003) busca apresentar um “paradigma outro, de pensamento crítico, analítico e utópico”. O “paradigma outro” discutido por Mignolo (2003) é citado por Ballestrin (2013, p.99) como um exemplo de conceito próprio do

grupo modernidade/colonialidade. Segundo a autora, o grupo modernidade/colonialidade “compartilha noções, raciocínios e conceitos que lhe conferem uma identidade e um vocabulário próprio, contribuindo para a renovação analítica e utópica das ciências sociais latino-americanas do século XXI.” (BALLESTRIN, 2013, p.99).

Nas reflexões realizadas por Mignolo (2003), que compõem a abordagem decolonial, o “paradigma outro” não foi proposto com a pretensão de nomear autores de referência ou estabelecer uma origem comum. Segundo o autor, inserido no contexto do sistema mundo modernidade/colonialidade, o “paradigma outro” consiste em um conector de pensamentos críticos emergentes, ou seja, é “o pensamento crítico e utópico que se articula em todos aqueles lugares nos quais a expansão imperial/colonial negou a possibilidade da razão, do pensamento e de pensar o futuro” (MIGNOLO, 2003, p.20 – tradução própria). Para o autor, o “paradigma outro” busca negar a universalidade e a ideia de novidade apresentada pelo projeto modernidade, que contribui para manter invisível a colonialidade. Com isso, as críticas à modernidade e colonialidade apontadas por Mignolo (2003) estão em concordância com as preocupações de Ramos (1981, 1996) a respeito das pressões feitas pela razão moderna na sociedade centrada no mercado.

No contexto de crítica às generalizações do projeto modernidade, Dussel (2016) cita que, entre as estratégias de manutenção da colonialidade, está o discurso de valorização da diversidade. De acordo com o autor, ao longo dos anos, a modernidade e a pós-modernidade usaram as culturas ditas periféricas e a diversidade (muitas vezes, alocada no campo do exótico e místico, como ocorre com culturas indígenas da América Latina) como estratégia de colonização e silenciamento das diferenças. A decolonialidade é uma reação às violências sofridas por estas culturas e é por isso que defende existência de “pluriversos transculturais”, ou seja, do diálogo simétrico entre as multiculturas que existem (DUSSEL, 2016).

Mais uma estratégia usada pelos defensores do pensamento dominante, para impedir “outras possibilidades de consciência social”, é o uso de termos ofensivos, geralmente formados pelo sufixo “-ismo”, que buscam desestabilizar o emissor do pensamento alternativo (TENÓRIO; PARRA, 2020). A reflexão realizada pelos autores contribui para percebermos que, no campo da dominação, o pensamento outro é ignorado desde o nível da argumentação, o que já era esperado dentro da lógica colonial, uma vez que reconhecer a fala seria admitir a existência do outro (FANON, 2008). Nesse processo de colonização, os autores também afirmam que o indivíduo é transformado “em um ser inorgânico, [...] um ser inanimado” (TENÓRIO; PARRA, 2020, p.17). Como argumenta

Ramos (1981), na lógica de mercado, a comodidade da não oposição induz que os indivíduos apenas se comportem.

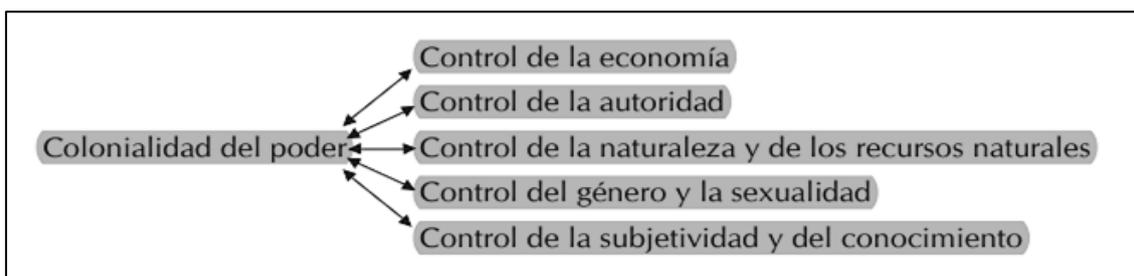
Como possibilidade de transformação do cenário colonizador, Tenório e Parra (2020) sugerem a prática da “redução sociológica”, proposta por Ramos (1996). Com isso, os conhecimentos produzidos fora serão usados com a consciência de que são subsídios, não normas, seja no campo acadêmico ou nas práticas organizacionais. Essa prática não essencialista, que busca usar de maneira crítica o conhecimento externo, também pode ser refletida a partir do conceito de pensamento de fronteira (tradução livre do termo “*border thinking*”) (GROSFOGUEL, 2008).

A perspectiva do pensamento de fronteira privilegia o pensamento local, subalternizado pelo imperialismo, sem que as teorias e práticas que foram produzidas em contextos externos sejam ignoradas (MIGNOLO; TLOSTANOVA, 2006). A partir disso, Faria (2013) aponta para a possibilidade de mudança para um espaço formado pela coexistência de muitos mundos e conhecimentos. Essa mudança para o convívio não hierarquizado das diferenças (DUSSEL, 2016), é uma resposta do conhecimento do subalternizado “rumo a uma luta de libertação decolonial em prol de um mundo capaz de superar a modernidade eurocentrada (GROSFOGUEL, 2008, p. 74).

Para desvendar a lógica perversa e violenta da modernidade/colonialidade que, a partir da retórica, é naturalizada como um projeto universal e global, é preciso compreender que os conhecimentos são usados por essa lógica como um “instrumento imperial de colonização” (MIGNOLO, 2010, p.11). Diante disso, além da necessidade de decolonializar o conhecimento o autor argumenta sobre a necessidade de descolonizar o ser, ou seja, a subjetividade.

Ao explicar os conceitos usados pela abordagem decolonial, Mignolo (2010) afirma que nas reuniões de discussão realizadas pelo grupo modernidade/colonialidade o termo descolonialidade passou a ser relacionado ao conceito de colonialidade, e a expressão “colonialidade do poder” – cunhada por Aníbal Quijano para se referir à colonialidade nos níveis econômico e político – passou a se desmembrar nas expressões “colonialidade do conhecimento” e “colonialidade do ser” (MIGNOLO, 2010, p.11). De acordo com o autor, a colonialidade do poder é “uma estrutura complexa de níveis entrelaçados” (MIGNOLO, 2010, p.12). Para exemplificar, o autor apresenta o esquema a seguir:

Figura 2: Estrutura da colonialidade do poder segundo Mignolo (2010)



Fonte: Mignolo, 2010, p.12.

Além disso, para explicar a estrutura complexa que a colonialidade do poder é composta, Mignolo (2010) especifica os controles que a colonialidade exerce:

a colonialidade do conhecimento, a colonialidade do ser, a colonialidade do ver, a colonialidade do fazer e do pensar, a colonialidade do ouvir, etc. Muitas dessas atividades podem ser agrupadas sob a colonialidade do sentimento, dos sentidos, ou seja, da *aeshtesis* [sensibilidade]. Posteriormente, no século XVIII, a *aeshtesis* foi apropriada pelo pensamento imperial e transformada em estética, um sentimento do belo e do sublime. Nos últimos três séculos, o sublime ficou em segundo plano e a beleza totalizou a estética, limitando-se ao conceito ocidental de arte. Em suma, a colonialidade do poder refere-se à complexa matriz ou padrão de poder baseado nos pilares: conhecer (epistemologia), entender ou compreender (hermenêutica) e o sentir (*aeshtesis*). (MIGNOLO, 2010, p.12 – tradução própria)

Sendo assim, Mignolo (2010) enfatiza a colonialidade dos sentimentos como um núcleo de outras dimensões de colonialidade. A citação apresentada ainda contribui para a compreensão das consequências da colonialidade dos sentimentos para o campo das artes, ou seja, indica que a colonialidade limita a sensibilidade ao conceito hegemônico de arte ocidental. Ainda segundo o autor, há uma dependência por parte do controle da economia e da autoridade em relação às bases que estão constituídos o conhecimento, a compreensão e o sentimento. Nesse sentido, o autor afirma que a matriz colonial do poder é formada por uma rede de crenças que fundamentam a execução e a racionalização da ação. Sendo assim, o sentimento – a subjetividade – é uma das principais dimensões que a colonialidade busca controlar. Segundo Mignolo (2010), as opções deixadas por essa lógica são: tirar proveito, ou, sofrer as consequências.

Apesar das contribuições destes autores para a reflexão sobre a permanência da colonialidade, Lugones (2010) alerta para a necessidade de também olharmos para o que pode estar escondido em nossas compreensões de raça e gênero, e suas relações com a heterossexualidade normativa. Afinal, como aborda a autora, a homogeneidade e a categorização separável é uma tendência da modernidade. Nesse sentido, a modernidade

colonial separa o humano do não humano, sendo o humano da modernidade o homem civilizado, como discute a autora. Com isso, Lugones (2010) afirma que a colonialidade do ser é constituída pela desumanização de todos que diferem do homem branco heterossexual.

Como consequência colonial, Lugones (2010) percebe que a colonialidade de gênero discutida pelos autores decoloniais está limitada ao “acesso sexual às mulheres”. Diante disso, refletindo sobre as considerações de Ramos (1981) a respeito da dominação do sistema de mercado, é possível considerar que no pensamento decolonial também é necessária a libertação da escravidão psicológica, especialmente nas noções de raça e gênero. Além disso, segundo Lugones (2010), nós mesmas precisamos resistir à prática do apagamento, porque este é um hábito epistemológico comum da colonialidade.

Como aborda Lugones (2010), a dicotomia de gêneros foi criada e imposta pela colonialidade. A autora ainda enfatiza para a criação das imagens dos colonizados como seres fracos e primitivos. Gonzalez (2020) também compartilha dessa percepção. De acordo com a autora, foi criado no Brasil, especialmente no ensino infantil, uma imagem de que no período colonial oficial a população negra tinha como características predominantes a “passividade, infantilidade, incapacidade intelectual, aceitação tranquila da escravidão” (GONZALEZ, 2020, p.55). Contudo, a autora reforça que a história invisibilizada relata que “já em 1559 se tem notícia da formação dos primeiros quilombos, essas formas alternativas de sociedade, na região das plantações de cana do Nordeste” (GONZALEZ, 2020, p.55). A autora ainda conta que o maior esforço bélico do período colonial não foi contra a invasão holandesa, entre 1630 e 1654, foi na antiga Capitania de Pernambuco, contra a República Negra de Palmares, o primeiro Estado Livre do continente americano, no período entre 1595 e 1695.

A partir da percepção de que a colonialidade silencia, Lugones (2010) decide olhar para a resistência dos/das colonizadas, que criam fraturas dentro do sistema e vivem em uma relação dual entre a opressão e a resistência:

“em vez de pensar o sistema global capitalista colonial como exitoso em todos os sentidos na destruição dos povos, relações, saberes e economias, quero pensar o processo sendo continuamente resistido e resistindo até hoje. [...] um ser que começa a habitar um lócus fraturado, construído duplamente, que percebe duplamente, relaciona-se duplamente, onde os “lados” do lócus estão em tensão, e o próprio conflito informa ativamente a subjetividade do ente colonizado em relação múltipla” (LUGONES, 2010, p.8)

Com o conceito de lócus fraturado Lugones (2010) atualiza as reflexões da abordagem decolonial, porque traz para o debate a força do oprimido, que a todo tempo sofre com silenciamentos por parte do colonizador e dos colonizados. Segundo a autora, o lugar da fratura existe por causa da resistência subjetiva dos/das colonizadas contra a invasão colonial no próprio eu dentro da comunidade. Como a autora afirma, a resistência ocorre a partir da habitação desse eu (LUGONES, 2010, p.749).

A partir da figura 2 também é possível visualizar a quantidade de dimensões da vida humana, e de todo tipo de vida, já que também há o controle da natureza e dos recursos naturais, que a colonialidade exerce controle. Contudo, considerando que o objetivo desta tese é estudar os cineclubes localizados na Baixada Fluminense e a inserção social, a partir da teoria substantiva da vida humana associada, entre as dimensões apresentadas por Mignolo (2010), esta seção se delimitará a discutir a dimensão controle da subjetividade e do conhecimento.

De acordo com Escobar (2005) a colonialidade do ser e do saber muito está relacionada à globalização. Segundo o autor, a partir da globalização ocorre uma interferência na noção de lugar, ou seja, é provocado o entendimento de que o lugar não é relevante. Sendo que, como considera o autor, o lugar, por ter um sentido de pertencimento, é relevante para a vida das pessoas. Com isso, a interferência da colonialidade do ser e do saber na compreensão do que é o lugar consiste em uma ferramenta de controle da subjetividade e do conhecimento (MIGNOLO, 2010).

Esta compreensão do uso do lugar como ferramenta de controle conversa com as discussões realizadas pelo geógrafo e pensador social brasileiro Milton Santos (2007). Para Santos (2007, p.13), no contexto do mundo contemporâneo, as ações humanas no espaço geográfico estão impostas como uma condição histórica, visto que todas as ações consideradas essenciais são realizadas “a partir do conhecimento do que é o território”. Com isso, quando o território, que é um local vivo, de relações e existência humana (SANTOS, 2007), é ocupado por “não lugares” (AUGÉ, 1994) ou “espaços de fluxo” (CASTELLS, 2011) ou “verticalidades” (SANTOS, 2001), ou seja, quando deixa de ser um lugar de relações e passa a ser um lugar padronizado, a-histórico e de passagem, provoca uma interferência na noção de pertencimento dos indivíduos a esse espaço e nas relações humanas.

Para Escobar (2005), lugar é entendido como a “experiência de uma localidade específica com algum grau de enraizamento, com conexão com a vida diária, mesmo que

sua identidade seja construída e nunca fixa” (ESCOBAR, 2005, p.133). Com isso, o autor reforça a relevância do lugar para o indivíduo e indica a estratégia da modernidade em controlar o ser e o saber a partir de uma minimização do papel do lugar, diante da ideia da globalização. Como consequência desse processo de enfraquecimento do lugar, o autor apresenta a dificuldade de compreender a cultura, o conhecimento, a natureza e a economia.

Na perspectiva de Escobar (2005, p.134), o posicionamento teórico de reafirmar – constantemente – a necessidade de reconhecimento da importância do lugar, atrelado à oposição ao discurso da globalização, por exemplo, a noção de domínio do espaço, pode “resultar em teorias que tornem viáveis as possibilidades para reconceber e reconstruir o mundo a partir de uma perspectiva de práticas baseadas-no-lugar”. A urgência da necessidade de valorização do lugar que o autor apresenta é baseada na compreensão de que o enfraquecimento do lugar e da ideia de construção cultural do lugar provoca a invisibilidade das formas subalternas de pensar, bem como das distintas formas regionais e locais de configurar o mundo, incluindo a configuração da natureza. Com isso, o autor sugere o questionamento das hegemonias, sejam elas discursivas ou práticas, que formam a “ordem atual das coisas”, e contribui para a reflexão sobre quais seriam as alternativas para “liberar a efetividade do local, em toda a sua multiplicidade e suas contradições” (ESCOBAR, 2005, p.164).

Para Lander (2005), a busca por alternativas às desigualdades provocadas pelo mundo moderno deve ser iniciada com o questionamento das ciências sociais globais, que são instrumentos de naturalização e legitimação da ordem social. Nesse contexto, o autor apresenta como contribuição a discussão das dimensões que constituem os saberes modernos: as múltiplas separações do mundo ocidental (como a religiosa e a histórica) que servem de base para a construção do conhecimento global/universal, e a forma como se articulam os saberes modernos e a organização do poder, como é o caso do estabelecimento da ideia do modo de vida liberal e as relações capitalistas como as “formas naturais de vida social”. Com isso, o autor explica que pensamento eurocêntrico colonial, quando não questionado, provoca um domínio no pensamento que impede que a própria realidade seja compreendida. Portanto, o autor destaca a relevância da reflexão crítica e compreensão desse contexto para que novos pensamentos sejam construídos, como é o caso das reflexões realizadas com a abordagem decolonial.

A partir das discussões realizadas por Mignolo (2003, 2010), Escobar (2005) e Lander (2005), é possível compreender que a abordagem decolonial possui o

compromisso de denunciar as relações coloniais, que estão ocultas no discurso da modernidade, e que de maneira inquestionada reforçam as desigualdades e a violência contra a vida. As reflexões desenvolvidas pela abordagem decolonial ainda contribuem para pensar nos porquês da ordem e do pensamento social dominante. Além disso, a abordagem contribui para o reconhecimento do local/território, a partir da compreensão de que os saberes subalternizados e as diferenças locais são relevantes e não podem ser apagados por saberes universais.

A relevância do território nas discussões sobre modernidade/colonialidade pode ser compreendida a partir da definição de Santos (2001). O pensador social brasileiro define o território não apenas como um lugar de uso, mas também como lugar de identidade:

“O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. [...] Quando se fala em território deve-se, pois, de logo, entender que se está falando em território usado, utilizado por uma dada população”. (SANTOS, 2001, p. 96 e 97)

Na definição do território, o autor ainda afirma: “O território é o fundamento do trabalho; o lugar da resistência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida” (SANTOS, 2007, p. 14). Sendo assim, o território, segundo Santos (2007), é parte de quem o indivíduo é, ou seja, além de usar o território, o indivíduo é o território.

Nesse sentido, quando a colonialidade consegue convencer indivíduos e instituições de que o território é irrelevante (ESCOBAR, 2005), provoca uma alteração em quem o indivíduo é. Parafraseando Ramos (1981), em uma busca por adequação ao sistema hegemônico, os indivíduos alteram seus pensamentos e comportamentos, o que desfigura a vida humana associada. Já nas palavras de Santos (2007), as consequências da globalização perversa, quando o capital passa a reger o território, é que os agentes deste espaço, envolvidos por sentimentos de instabilidade e medo de perder o que ainda possuem, são chamados a apoiar aquilo que não acreditam. Com isso, usando diferentes delimitações e nomenclaturas para olhar para a vida na sociedade, as três perspectivas apontam para as ameaças que a liberdade de pensamento dos indivíduos passa, devido a ambição individualista do mercado global.

Além disso, assim como Ramos (1981) considera os meios acadêmicos como legitimadores da sociedade centrada no mercado e como Lander (2005) aponta para as ciências sociais globais como naturalizadoras da ordem social, Santos (2007) argumenta sobre as instituições que legitimam a lógica individualista exercida por empresas globais

no território. Para Santos (2007, p.19), a lógica que fundamenta a prática do território ser usado como recursos descartáveis, a serviço do capital, é legitimada por bancos internacionais, mas também por “universidades centrais produtoras de ideias de globalização e pelas universidades subalternas que aceitam reproduzi-las”. Dessa maneira, Santos (2007) corrobora para reforçar a necessidade da prática da redução sociológica e a construção da nova ciência das organizações, discutida por Ramos (1996 e 1981), bem como para o questionamento sobre a colonialidade do ser e do saber, proposto pela abordagem decolonial (ESCOBAR, 2005).

Apesar da compreensão da existência de alterações no território, o geógrafo brasileiro Haesbaerth (2004) considera que a existência do território não está ameaçada. O autor ainda afirma que o “fim dos territórios” seria um paradoxo, visto que “sociedade e espaço social são dimensões gêmeas” (HAESBAERTH, 2004, p.20), ou seja, indivíduos e grupos dependem de um contexto territorial para serem definidos, um contexto que vai além do material.

Por outro lado, Haesbaerth (2004) menciona a relevância do tema desterritorialização, que apesar de antigo, presente, por exemplo, nos textos de Marx sobre os trabalhadores que precisavam deixar suas casas para trabalhar na cidade, ainda não foi incluída nos dicionários. Haesbaerth (2004, p. 32), também afirma que o tema muitas vezes consiste em um discurso eurocêntrico, preocupado com as “elites efetivamente globalizadas e alheio à ebulição de diversidade de experiências e reconstruções do espaço em curso” nas periferias. Com isso, o autor afirma que entre as distintas dimensões que a desterritorialização é tratada, a menos abordada é a relacionada a exclusão socioespacial. Dessa maneira, o debate iniciado por Haesbaerth (2004) contribui para pensar que a “multi-territorialidade” e a desterritorialização, ou seja, o processo de destruição seguido da construção de territórios com novas articulações territoriais é um debate seletivo. Por exemplo, a relevância dada pelas autoridades governamentais a questões referentes a imigração parece não ter o mesmo peso que o tema da gentrificação deveria receber.

Apesar dos problemas presentes na organização do território, como as disputas pelos melhores espaços, geralmente vencidas pela condição financeira e racionalidade dominante, Santos (2001) aponta que os lugares também propiciam outras formas conscientes de vida. Essa dualidade é denominada pelo autor como esquizofrenia do território, como indica o trecho a seguir: “O espaço geográfico não apenas revela o

transcurso da história, como indica a seus atores o modo de nela intervir de maneira consciente” (SANTOS, 2001, p.80).

Para a compreensão da esquizofrenia do território, discutida por Santos (2001), é interessante recorrer aos conceitos de verticalidade e horizontalidade, desenvolvidos pelo autor. A verticalidade, segundo Santos (2001), remete à ideia de espaços de fluxos, recuperada por Castells (2011). Neste conceito, o espaço total é dividido em redes de atores que buscam atender à velocidade e fluidez exigida pela produtividade da atividade econômica (SANTOS, 2001). Com isso, as grandes empresas, com autorização ou ausência do Estado, tornam-se as reguladoras do espaço e possuem o papel de integrar as redes que o configuram. A crítica do autor é que “tal integração, todavia, é vertical, dependente e alienadora, já que as decisões essenciais concernentes aos processos locais são estranhas ao lugar e obedecem a motivações distantes” (SANTOS, 2001, p.106). Assim, o autor afirma que os destinos dos espaços e da sociedade local ficam submetidos aos interesses privados de uma corporação.

No conceito de horizontalidade, Santos (2001) utiliza a ideia de espaço banal, que consiste no espaço de vivências, compartilhado por empresas, instituições e pessoas. De acordo com o autor, a horizontalidade é caracterizada pela solidariedade, voltada para a sobrevivência do conjunto, ainda que os interesses individuais sejam distintos. O autor ainda afirma que esta solidariedade contribui para a visibilidade do interesse comum e não depende do estabelecimento de acordos entre os agentes. Além disso, a horizontalidade é contra a imposição de “formas de convivência e de regulação criadas a partir do próprio território e que se mantêm nesse território a despeito da vontade de unificação e homogeneização, características da racionalidade hegemônica típica das verticalidades” (SANTOS, 2001, p. 110). Para o autor, essa característica contribui para que sejam recriadas novas formas de existência e o exercício de uma vida reflexiva. Sendo assim, as características da horizontalidade em oposição às da verticalidade indicam a esquizofrenia do espaço, mas também apontam para os múltiplos usos do espaço que são invisibilizados pela ordem hegemônica.

A pobreza de muitos e o privilégio de uma minoria é um exemplo das desigualdades presentes no espaço, citadas por Santos (2001). Sendo a percepção dessas desigualdades e as ações inconformadas, mesmo em um espaço propício à alienação, o indicativo da esquizofrenia e contradições do território:

Mas há também a desilusão das demandas não satisfeitas, o exemplo do vizinho que prospera, o cotidiano contraditório. Talvez por aí chegue o

despertar. Num primeiro momento, este é, apenas, o encontro de uns poucos fragmentos, de algumas peças do puzzle [*jogo de quebra-cabeça*], mas também a dificuldade para entrar no labirinto: falta-lhes o próprio sistema do mundo, do país e do lugar. Mas a semente do entendimento já está plantada e o passo seguinte é o seu florescimento em atitudes de inconformidade e, talvez, rebeldia. (SANTOS, 2001, p.133 – grifo da autora)

Um exemplo de ação que vai contra a tentativa de homogeneização da lógica global está na área cultural (SANTOS, 2001). De acordo com o autor, mesmo com a busca do mercado de impor a cultura das massas como algo indispensável, e unificar as culturas, essa ação nunca é completa, porque é impedido pela resistência das culturas populares. Nesse contexto a cultura popular pode ser usada pela lógica global como algo exótico e domesticada (SANTOS, 2001), que consiste em uma estratégia da modernidade para a colonização e silenciamento das diferenças (DUSSEL, 2016). Contudo, Santos (2001) aponta para a resposta da cultura popular que utiliza os instrumentos da cultura de massas para promover o cotidiano, das minorias excluídas pelo discurso hegemônico.

Santos (2001) ainda argumenta que, ainda que sem os recursos suficientes para participar da cultura de massas, a cultura popular, por ser territorializada, construída em de maneira conjunta e solidária, consegue “deformar o impacto da cultura de massas”. A partir disso, o autor afirma que a “cultura endógena” passa a ser alimento da política da população, é criada de forma vida, integrada com o território e o conteúdo humano. Já a cultura das massas, que é inserida pela verticalidade do mercado, é construída por símbolos fixos, que envelhecem, e precisam ser frequentemente substituídos (SANTOS, 2001). Com essas características, é possível perceber que a cultura popular, apresentada por Santos (2001) pode ser uma ação, não teórica, mas prática, do “paradigma outro” de pensamento crítico proposto pela abordagem decolonial, como enfrentamento ao cenário de sofrimento causado pelo projeto de modernidade (MIGNOLO, 2003).

Outro autor que contribui para a reflexão sobre território é Zaoual (2006). Ao escrever sobre iniciativas locais, como as pequenas atividades da economia popular, o autor marroquino considera que o homem é um “animal territorial”, ou seja, depende do sentimento e das redes de pertencimento que a relação com o território fornece. Para o autor, diante dos efeitos nocivos que o modelo econômico tradicional provoca à vida, principalmente em países do chamado Sul global, os territórios de pertencimento e as iniciativas locais podem proporcionar maiores certezas aos indivíduos, que geralmente precisam lidar diariamente com o sentimento de incerteza provocado pela lógica de mercado tradicional.

Essas reflexões contribuem para dimensionar a violência que a globalização provoca ao enfraquecer o lugar, como discute Escobar (2005), bem como a relevância do território e do pertencimento para uma vida de qualidade. Logo, a partir do reconhecimento da relação entre território, pertencimento e identidade, e da compreensão de que o cineclubismo é uma atividade que relaciona coletividade, cinema e dialogicidade, a seção a seguir será dedicada à discussão sobre associação e a sociologia do cinema.

2.4. A experiência com o cinema e o papel da associação no comportamento dos indivíduos

Ao se pensar sobre os primeiros passos do cinema na sociedade é possível supor que houve uma aproximação entre o uso do cinema enquanto linguagem e as práticas de colonização e difusão do pensamento global. Segundo Bernardet (2006), a primeira exibição pública de cinema aconteceu em Paris, sendo que um dos inventores do cinema afirmou que “o cinematógrapho não tinha o menor futuro como espetáculo, era um instrumento científico para reproduzir o movimento e só poderia servir para pesquisas.” (BERNARDET, 2006, p. 125). Contudo, ao comparar o início da história do cinema com o contexto do setor no início do século XXI, o autor destaca a grande proporção que o cinema, enquanto atividade cultural, e sua indústria adquiriram nos últimos anos.

Entre os usos não científicos do cinema, Carrière (1995) informa que os primeiros filmes produzidos mundialmente não eram compreendidos com facilidade pelo público. Segundo o autor, neste momento inicial as produções não possuíam o recurso de edição, as exibições precisavam ser acompanhadas por uma pessoa que exercia a função de explicador do filme. O autor ainda afirma que a atenção dos espectadores era dividida com a busca por compreender a tecnologia usada na reprodução e captação das imagens. Nesse contexto, o autor destaca o exemplo da África, que no período da Primeira Guerra Mundial recebia sessões de cinema organizadas por colonizadores franceses, que objetivavam entreter e “demonstrar a supremacia das nações brancas” (CARRIÈRE, 1995, p.9). O autor afirma que os espectadores africanos, com uma cultura vigorosamente de tradição oral, não conseguiam se adaptar às sequências de imagens silenciosas, não editadas, que eram exibidas. Dessa maneira, havia uma colonização por meio das mensagens transmitidas pelos filmes e por meio da padronização da forma de assisti-los. Já no Brasil, o exemplo de uma prática semelhante de colonização por meio da exibição

de filmes é apresentado por Barros *et al.* (2019). De acordo com a autora e os autores, na década de 1960 filmes eram produzidos com financiamento empresarial com o intuito de formar uma opinião pública contrária ao avanço do pensamento comunista no Brasil.

A possível relação entre colonização e cinema torna-se ainda mais necessária de ser pensada quando a sociologia do cinema é compreendida com base em Morin (1983). De acordo com o autor, a experiência com o cinema está relacionada ao complexo de projeção-identificação-transferência, que também ocorre no cotidiano, no qual, por meio da imaginação, a subjetividade deforma a realidade das coisas. Especificamente no caso do cinema, o autor afirma que o mecanismo projeção-identificação origina a experiência cinematográfica. O autor ainda discute que a forma como se institucionalizou a exibição de filmes nas salas de cinema comerciais, citadas por ele como “cinematógrafos”, o espectador não possui possibilidade de participação, nesse ambiente a participação ativa é ausente e atrofiada. Com isso, Morin (1983) afirma que ao assistir um filme na sala de cinema, o espectador precisa interiorizar sua participação, sendo a subjetividade, por meio das projeções-identificações, a alternativa para as reações ao que foi exibido. Além disso, o autor afirma que o ambiente escuro também propicia um maior isolamento no espectador, ou seja, a redução da resistência. Dentro da reflexão sobre o isolamento que a experiência em uma sala de cinema proporciona, Morin (1983) lembra que a sala de cinema é uma participação coletiva. Contudo, o autor afirma que o isolamento em meio à participação coletiva, amplifica a participação individual. Para o autor, é este isolamento que proporciona a magia do cinema.

A descrição realizada por Morin (1983) a respeito da participação individual no cinema contribui para que surjam questionamentos sobre como o cinema pode ser usado como instrumento da colonialidade do ser e do saber, discutida por Escobar (2005). Por outro lado, ao relacionar as informações apresentadas por Morin (1983) com o conhecimento de que o cineclubismo estimula o não isolamento, ou seja, propõe a participação ativa após a exibição dos filmes, as considerações feitas pelo autor provocam o exercício de comparar a experiência do cinema comercial e a possibilidade de colonialidade do ser e do saber, com o cineclubismo e a possibilidade de desenvolver o pensamento decolonial, por exemplo, o questionamento da hegemonia e da “ordem natural das coisas”, como cita Escobar (2005). Com isso, a reflexão provocada por Morin (1983) a respeito da subjetividade que constitui a experiência fílmica, quando atrelada ao conhecimento da característica de associação e promoção de debate presentes nos cineclubes, torna necessária a discussão sobre associação, vida em comunidade e

individualidade, que são conceitos que também envolvem a ideia de vida humana associada discutida por Ramos (1981).

De acordo com Tuomela e Tuomela (2005), apesar de existirem interações que são socialmente construídas, agir como membro de um grupo é uma propriedade inata dos seres humanos. No entendimento dos autores, o indivíduo inserido em um grupo pode atuar em dois modos: o “modo-nós” e o “modo-eu”. No “modo-nós” os autores afirmam que o indivíduo age e pensa como membro do grupo, enquanto que no “modo-eu” as ações e pensamentos são realizadas como pessoa particular. Dentro desse contexto, os autores afirmam que o grau de cooperação é influenciado pelos laços sociais entre os atores, ou seja, quando os atores estão conectados por crenças mútuas a cooperação é maior.

Ao relacionar a ideia da cooperação, como algo inerente ao ser humano (TUOMELA; TUOMELA, 2005), à ênfase que a teoria substantiva da vida humana associada dá às relações sociais (RAMOS, 1981), e à compreensão de que os cineclubes são pontos de partida para a dialogicidade, surge a necessidade de incluir nesta fundamentação teórica o conceito de comunidade. Isso se dá devido a aproximação que o conceito de comunidade possui com a teoria substantiva da vida humana associada (RAMOS, 1981), que, *a priori*, consiste na principal base teórica da pesquisa. Para justificar esse entendimento é possível citar Carrillo (2013), que informa que antes de iniciar as discussões sobre comunidade teve questionamentos como qual o sentido da comunidade em um contexto no qual o capitalismo deixa como seqüela a desarticulação “dos vínculos sociais [em] todas as dimensões da vida social”. Dessa maneira, assim como Ramos (1981) desenvolveu a teoria substantiva a partir de uma inquietação com as consequências da centralização do mercado na vida humana associada, Carrillo (2013) escreve sobre comunidade tendo como ponto de partida a percepção das seqüelas que o capitalismo mundial provoca nos vínculos sociais.

Para discutir o conceito de comunidade, Carrillo (2013) realiza um levantamento bibliográfico a respeito do tema. A partir desse levantamento, o autor identifica que o conceito de comunidade é debatido principalmente nos campos da sociologia e filosofia, e em discussões relacionadas a América Latina. Segundo o autor, em cada um desses três campos a comunidade é discutida com base em distintas problematizações. Na sociologia, por exemplo, o autor afirma que alguns teóricos discutem comunidade tendo como foco a natureza dos vínculos sociais na atualidade, baseados teoricamente em autores clássicos, como Tönnies e Durkheim; enquanto que outros autores como “Sennet, Touraine e

Bauman” estão interessados em estudar a experiência em comunidade como uma saída para os problemas causados pela globalização; além das perspectivas que estudam a comunidade com base em referências estéticas. Logo, ao reconhecer a riqueza desse debate, Carrillo (2013, p.9 – tradução própria) busca caracterizar as discussões sobre comunidade para então, enquanto autor latino-americano, contribuir com “ideias sobre o potencial da comunidade como categoria analítica e política para entender e canalizar processos e projetos comunitários em um horizonte emancipatório.”.

Assim como Carrillo (2013) escreve sobre o conceito de comunidade na América Latina, visando contribuir para um horizonte emancipatório, esta pesquisa pretendeu estudar os cineclubes da Baixada Fluminense com base na perspectiva de que a dialogicidade é uma possibilidade de decolonização. Além disso, a escolha por utilizar como fundamentação teórica para o debate sobre comunidade um autor colombiano, que possui como campo de estudo a América Latina e a educação popular, também é um posicionamento baseado na perspectiva decolonial. Essa diferenciação ocorre porque autores clássicos como Tönnies escrevem sobre comunidade a partir de uma experiência europeia, ou seja, as comunidades que conhecem possuem características distintas das existentes na América Latina, talvez devido a diferença histórica do desenvolvimento territorial de cada um, como a posição de colonizador ou colonizado. Sendo assim, a pesquisa partiu da compreensão de que a comunidade na América Latina possui especificidades e complexidades que não são abarcadas pela produção acadêmica elaborada com base na comunidade europeia. No caso do Brasil, por exemplo, a extensão geográfica e a história de formação territorial podem provocar características típicas em cada organização local, como o desenvolvimento de culturas próprias. Dessa maneira, estudar os cineclubes da Baixada Fluminense a partir da compreensão de comunidade escrita por um autor da América Latina foi uma possibilidade de maior conscientização a respeito das características culturais próprias – e diversificadas – das comunidades presentes nas organizações locais.

De acordo com Carrillo (2013) o termo comunidade é utilizado de maneira vasta, por exemplo, quando narrativas de políticas públicas usam o termo para retratar uma parcela pobre da população, ou, no cotidiano, quando alguém pretende citar um grupo de pessoas com características em comum, e então usa termos como “comunidade científica” e “comunidade LGBTQ”. Contudo, para o autor, o problema da versatilidade de usos que o termo assume está na possibilidade de a comunidade ser compreendida erroneamente como algo homogêneo, ou, como um grupo unido e acolhedor. Segundo o autor,

relacionar o termo comunidade a ideia de uma população homogênea e unitária é uma simplificação do termo que “torna invisível as diferenças, tensões e conflitos próprios de todo coletivo ou entidade social” (CARRILLO, 2013, p.12). Por outro lado, o autor afirma que o termo comunitário/comunidade também é usado como uma alternativa em cenários em que a convivência humana é colocada em perigo, seja pelos efeitos do capitalismo ou por ações do Estado. Para exemplificar, o autor afirma:

Por ejemplo, la emergencia de la comunidad como “asunto” de conocimiento a fines del siglo XIX, coincidió con la consolidación del sistema capitalista en Europa, el cual traía consigo la destrucción de formas y vínculos comunitarios en el mundo rural y el deterioro y envilecimiento de la vida de los trabajadores de las ciudades. (CARRILLO, 2013, p.14)

Logo, Carrillo (2013) apresenta a retomada do termo comunitário e comunidade como uma resposta aos efeitos da lógica de mercado. De maneira semelhante, Ramos (1981) considerou que a centralização do mercado na sociedade provoca um efeito deculturativo na vida humana, e que movimentos associativos são uma possibilidade de reverter esses efeitos. Para Carrillo (2013, p.14), muitas organizações populares e movimentos sociais se automeiam comunitários com a intenção de resistirem à lógica da economia de mercado, uma lógica que, segundo o autor, contribui para a “desarticulação do tecido social”. Sendo assim, é possível perceber uma aproximação entre o debate realizado por Ramos (1981) sobre vida humana associada, e o debate feito por Carrillo (2013) ao discutir o conceito de comunidade.

De acordo com Carrillo (2013), entre os grupos que dão o sentido de resistência ao termo comunidade, estão aqueles que buscam preservar e afirmar seus valores culturais, principalmente quando a convivência humana está em perigo. A respeito disso, o autor cita o caso dos povos indígenas organizados, e dos movimentos camponeses e urbanos, que “resgatam o sentido comunitário de suas ações coletivas, e questionam as políticas e ações estatais e de outros agentes externos como ‘anticomunitários’” (CARRILLO, 2013, p.13). Para o autor, esses grupos transformam o termo comunidade em sinônimo de resistência quando percebem que o convívio social está em risco.

Essa consideração feita por Carrillo (2013) se aproxima da reflexão realizada por Zaoual (2006) a respeito da relevância dos territórios de pertencimento, uma vez que o autor afirma que as organizações informais, caracterizadas como complexas e plurais, predominantemente “ignoradas pelo reducionismo da economia e da administração tradicionais” (p.137), são como colchas de retalhos formadas por indivíduos que

racionam dentro de uma “localidade de situação”. Segundo o autor, nessas organizações os indivíduos podem agir de forma não mecânica, ou seja, não enfrentam as pressões feitas por organizações formais, o que possibilita aos indivíduos a confiança e a certeza nas ações da vida social. Por outro lado, o autor alerta que essas considerações podem provocar a falsa ideia de beleza ou perfeição quanto às iniciativas locais, assim como Carrillo (2013) aponta para o sentido simplista de união que comumente é dado ao termo comunidade. Diante disso, da mesma maneira como Carrillo (2013) ressalta a complexidade presente no conceito de comunidade, Zaoual (2006, p.141) aponta que o *homo situs* é mutável, por isso sua compreensão é contrária às “definições clássicas e uniformizantes do homem”, como as divisões do racionalismo. Diante de uma racionalidade dinâmica, o autor afirma que ocorre o fim do entendimento do ocidente como cultura de domínio, que dá lugar a uma abordagem de “abrir mão dos *a priori*”.

A crítica feita por Zaoual (2006) às dicotomias da racionalidade, que refletem a maneira ocidental europeia de se pensar, também alcança a didática utilizada por Ramos (1981) ao apresentar a teoria substantiva da vida humana associada. Diante disso, é possível considerar que pensar de maneira não dicotômica seria uma maneira de decolonizar⁹ o saber. De acordo com Pinto e Mignolo (2015, p.384) a decolonialidade consiste em “esforços de desligamento ou desengajamento subjetivo, epistêmico, econômico e político em face do projeto de dominação ocidental”. Considerando isso, a maneira dividida como Ramos (1981) apresenta as racionalidades parece ser uma herança da colonização ocidental europeia do saber, que possivelmente também esteve presente nesta pesquisa, visto que a decolonização consiste em um esforço de desligamento da dominação ocidental, conforme afirmam Pinto e Mignolo (2015), ou seja, não é um processo fácil e rápido.

A reflexão sobre o tradicional costume de realizar divisões na definição de conceitos, iniciada a partir das considerações de Zaoual (2006), também provocou refletir sobre quais são as possíveis heranças ocidentais europeias que estiveram presentes na pesquisa. Um possível exemplo foi o estilo de escrita deste relatório de pesquisa, que

⁹ Apesar de o termo desocidentalizar parecer, de maneira intuitiva, o mais adequado a ser usado como antônimo de ocidentalizar, de acordo com Pinto e Mignolo (2015) o termo consiste no movimento posterior a descolonização (movimento que teve por foco transformar as ex-colônias europeias em estados-nações independentes). Segundo os autores, desocidentalizar consiste na apropriação do capitalismo, como ocorreu com Singapura e China. Ainda segundo os autores, assim como o movimento decolonial, a desocidentalização e a descolonização também são movimentos dissidentes a colonização ocidental europeia, a diferença é que estes dois últimos disputam o controle da matriz colonial de poder, ou seja, reproduzem a colonização.

inicialmente, de maneira automática, seguiu a tradição da escrita acadêmica: de transmitir à leitora ou leitor a ideia de distanciamento por parte da pesquisadora para com a pesquisa. Sendo que este distanciamento da pesquisadora ou pesquisador a partir da escrita do texto é muito utilizada – de maneira consciente – em pesquisas positivistas. Por outro lado, esta pesquisa possuiu o esforço e o exercício consciente de inserção no movimento de decolonialidade, principalmente na escolha da abordagem metodológica da pesquisa, apresentada no capítulo seguinte, e também na fundamentação teórica adotada. Porque Ramos (1981), o principal autor que fundamentou esta pesquisa, mesmo não sendo um autor contemporâneo da abordagem decolonial, no desenvolvimento da teoria substantiva da vida humana associada e em toda sua trajetória acadêmica e profissional, teve o esforço e a relevante dedicação às ações que resultassem na transformação social e na ruptura da sociedade brasileira com a colonização, que é um dos objetivos do atual movimento decolonial.

De acordo com Bauer, Silva e Wanderley (2019), Guerreiro Ramos foi um dos pensadores sociais brasileiros que lutou contra as injustiças sociais no Brasil e a favor da autonomia política do país, valorizando a realidade local brasileira. Sendo assim, conforme argumentam as autoras e o autor, as obras de Guerreiro Ramos na década de 1960 indicam que o autor realizou reflexões voltadas para a conscientização social que ainda hoje contribuem para o fortalecimento do movimento decolonial. Portanto, a reflexão sobre herança colonial, provocada por Zaoual (2006), e sobre o esforço de desligamento da dominação ocidental realizado pela opção decolonialidade (PINTO e MIGNOLO, 2015), possibilitam considerar que o alcance de um processo de pensar e conhecer, que rejeite por completo os vestígios ocidentais europeus, poderia se configurar em uma radicalização da decolonialidade. Sendo que o objetivo do movimento decolonial não consiste em negar o conhecimento já existente, isso seria o que Pinto e Mignolo (2015) chamam de movimentos de desocidentalização e descolonialidade, que segundo os autores são movimentos que disputam o controle da matriz colonial de poder, como é feito pelo projeto de dominação colonial.

As discussões apresentadas por Pinto e Mignolo (2015), Abdalla e Faria (2017) e Bauer, Silva e Wanderley (2019) possibilitam afirmar que o uso da dicotomia para explicar as racionalidades realizado por Ramos (1981) não consiste em um problema para a decolonialidade, porque a opção decolonial é um movimento de desligamento com a dominação colonial, que rejeita a busca pelo controle de poder, como é feito por Ramos (1981). Além disso, a radicalização de um tipo de conhecimento provoca pobreza e

desigualdade geopistêmica, como discutem Abdalla e Faria (2017) a respeito da “radicalização da universalização do conhecimento euro-estadunidense”. Para os autores, uma maneira de superar essa radicalização, que provoca pobreza e desigualdade geopistêmica, seria a “co-construção de saberes decoloniais” entre pesquisadores e pesquisadoras. Logo, a solução proposta pelo movimento decolonial não consiste em invisibilizar os saberes construídos no exterior, porque isso poderia resultar até mesmo em uma nova dominação do saber. Antes disso, a solução proposta pelo movimento está na prática conjunta da reflexão e do esforço decolonial, como foi realizado de maneira antecipada por Guerreiro Ramos.

No livro “A redução sociológica”, por exemplo, Ramos ([1958], 1996) enfatiza a importância da prática de redução enquanto atitude metódica. Para o autor, alguns métodos de análise ou categorias utilizadas por pesquisadores estrangeiros são adequados às particularidades do local que deu origem àquelas categorias, mas não estão ajustados à realidade brasileira. Para exemplificar, Ramos (1996) cita que as diferenças ecológicas, culturais e econômicas de cada nação e região são particularidades que influenciam a pesquisa. Com isso, o autor considera que o conhecimento produzido a partir de outras realidades pode servir de subsídio para uma investigação, mas jamais como “modelo ou paradigma universal e, portanto, obrigatório para o pesquisador brasileiro” (RAMOS, 1996, p.82). Sendo assim, Ramos (1996) não defende o isolacionismo em relação ao conhecimento estrangeiro, mas sugere que seja praticada uma assimilação crítica em relação ao conhecimento de fora.

Ramos (1996) ainda sugere, como atitude de redução, que os pressupostos da natureza histórico-social da comunidade estudada sejam investigados, visto que isso provocará questionamentos sobre como “as relações humanas tornaram-se relações de mercado”, por exemplo (RAMOS, 1996, p.82). Portanto, o tratado brasileiro de redução sociológica apresentado por Ramos (1996) muito se aproxima do atual movimento decolonial Pinto e Mignolo (2015). Além disso, apesar de Ramos (1981) utilizar a divisão entre racionalidades para apresentar a teoria substantiva da vida humana associada, que pode ser uma herança da maneira de escrever e pensar eurocêntrica, como crítica Zaoual (2006), o autor cumpriu com o compromisso de romper com a dependência colonial, que é um dos objetivos da opção decolonial.

Por fim, no contexto desta pesquisa, refletir sobre as definições de comunidade como forma de resistência, como apresenta Carrillo (2013), provocou ainda o interesse por conhecer exemplos de comunidades no Brasil que surgiram, ou, se fortaleceram, pela

necessidade de resistência, especificamente na área cultural e no movimento cineclubista. Sendo assim, como exemplo cabe citar as considerações feitas por Matela (2008) ao estudar os cineclubes no período ditatorial, que ocorreu entre os anos 1968 e 1985. Ao entrevistar pessoas que participaram do movimento cineclubista em um período não democrático, no qual as interações sociais eram vigiadas pelo regime empresarial militar, a autora apresenta o cineclubismo como um movimento de resistência. Além disso, ao analisar os depoimentos dos cineclubistas que resistiram ao regime empresarial militar de 1968, Matela (2008) realiza reflexões a respeito do contexto brasileiro nos anos 2000. Entre as reflexões que a pesquisa provocou na autora está a necessidade de reafirmação da dialética, em um contexto de permanente risco na luta pela democracia, no qual o modelo neoliberal proporciona aos indivíduos o desinteresse em relação ao outro. Como alternativa aos “aprisionamentos atuais” Matela (2008, p.82) cita o exemplo dos cineclubes brasileiros nos anos de chumbo:

Julgo que a forma como se caracterizou a atividade cineclubista naquele período, ajudou a semear práticas democráticas mesmo na época da ditadura. [...] Ela teceu estímulos a sentimentos de liberdade, despertou a vontade de confrontar, de arriscar, de ser responsável e solidário, mesmo sob um governo ditatorial. [...] Contribuiu, enfim, para a formação de sujeitos mais comprometidos com o dever humano. Gostaria então, que ela [a pesquisa] germinasse e florescesse sementes, frutificando movimentos contrários à ‘terceirização’ dos afetos, à ‘terceirização’ da vida contemporânea, que destitui os sujeitos da capacidade de estar consigo e com os outros; de construir sua autonomia coletiva e individual. (MATELA, 2008, p.82)

Portanto, o estudo realizado por Matela (2008) sobre o movimento cineclubista no período ditatorial brasileiro (1968 – 1985), contribui para exemplificar uma organização cultural no Brasil que agregou ao conceito de comunidade o sentido de resistência, como cita Carrillo (2013), e que se fortaleceu em um período no qual a democracia sofria ameaças. Além disso, as considerações finais apresentadas pela autora também contribuem para reforçar a suposição de que a inserção dos cineclubes na sociedade possibilita a “transformação social revitalizadora”, discutida por Ramos (1981) na “teoria substantiva da vida humana associada”. Afinal, ao propor os cineclubes como solução para a necessidade de reafirmação da dialética, preservação da democracia e possibilidade de autonomia coletiva e individual, a autora está considerando o contexto do Brasil e do mundo na primeira década dos anos 2000.

Pensando no contexto político no fim da segunda década dos anos dois mil, parece que organizações/movimentos comunitários e culturais de resistência, que reforçam a dialogicidade, como é o caso dos cineclubes estudados por Matela (2008) podem ser ainda

mais relevantes enquanto possíveis alternativas para a “transformação social revitalizadora” (RAMOS, 1981). Logo, para investigar a suposição apresentada, e alcançar os objetivos deste estudo, o capítulo a seguir é dedicado a expor a abordagem metodológica adotada na pesquisa.

3. Percurso Metodológico

Este capítulo possui o objetivo de explicar como a pesquisa foi realizada, ou seja, qual foi a metodologia utilizada para encontrar e analisar as informações que auxiliaram no estudo sobre os cineclubes localizados na Baixada Fluminense e sua inserção social. Sendo assim, o capítulo é iniciado com a apresentação da investigação temática, que foi a abordagem metodológica escolhida para a realização da pesquisa. Nesta parte inicial do texto também são discutidas as aproximações entre a investigação temática e a abordagem decolonial, que são as bases teórico-epistemológicas da pesquisa. Além disso, o capítulo é dedicado à apresentação dos dados e fontes utilizadas durante a investigação, assim como a maneira como os dados foram tratados e analisados.

3.1. A investigação temática e a abordagem decolonial

A investigação temática é uma metodologia de pesquisa participativa, iniciada por Paulo Freire e desenvolvida em instituições da América Latina, como o Centro Interamericano de Desenvolvimento Rural e Reforma Agrária, por autores como João Bosco Guedes Pinto (2014[1975]). Bosco Pinto foi um sociólogo rural brasileiro que contribuiu para programas de desenvolvimento rural no Brasil e outros países da América Latina, bem como para o desenvolvimento da metodologia participativa. Para Thiollent (2014), Bosco Pinto foi importante para a fundamentação e prática da pesquisa participativa, operacionalizada principalmente na área rural do Brasil e demais países da América Latina.

Entre as décadas de 1960 e 1970 ocorreu, na América Latina, um movimento, na área de ciências sociais críticas, que questionava o predomínio da epistemologia ocidental em pesquisas de países latinos (DUQUE-ARRAZOLA, 2014). Este movimento defendia a construção de metodologias participativas, ou seja, metodologias alternativas à pesquisa considerada clássica (DUQUE-ARRAZOLA, 2014). Os debates promovidos pelo grupo tiveram início em movimentos das ciências sociais críticas e da sociedade civil, como o movimento camponês e operário, que contestava os programas de desenvolvimento promovidos na época por países imperialistas e centrais, como os Estados Unidos, em países da América Latina (DUQUE-ARRAZOLA, 2014). Dentre eles, Wanderley e Barros (2020) citam a Aliança para o Progresso que, prometendo modernização e investimentos financeiros em instituições de ensino, foi usada para encobrir e marginalizar o conhecimento local.

Como reação à expansão de programas imperialistas na América Latina neste período, foram ampliadas, pelo movimento das ciências sociais, as críticas sociológicas, teórico-epistemológicas e metodológicas contra a “[...] influência esterilizante do positivismo e empirismo nas ciências sociais e humanas com a proposta de separação entre [...] ciência dominante e ciência popular; a elitização e monopolização da produção do conhecimento por parte de uma elite acadêmica” (DUQUE-ARRAZOLA, 2014, p.7). Também neste contexto, foi criado em 1957, no Rio de Janeiro, o Centro Latino-americano de Pesquisas em Ciências Sociais (CLAPCS), com o objetivo de olhar para a realidade da América Latina e questionar a servidão das ciências sociais à reprodução dos padrões culturais estrangeiros (BRINGEL; MALDONADO, 2016).

Também no ano de 1957 foi criado o Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (CLACSO) que, assim como o CLAPCS, teve, em sua criação, a participação do sociólogo colombiano Orlando Fals Borda, pesquisador que participou ativamente dos movimentos camponeses no Brasil (BRINGEL; MALDONADO, 2016). Fals Borda também foi importante para o movimento das ciências sociais que defendia o comprometimento e a inserção de pesquisadores nos movimentos populares e no desenvolvimento da modalidade de investigação-ação-participativa (DUQUE-ARRAZOLA, 2014).

Em 1998, o mesmo conselho criado no contexto de crítica ao imperialismo na América Latina contribuiu para a realização de um dos encontros formativos do grupo modernidade/colonialidade, que reuniu autores como “Edgardo Lander, Arturo Escobar, Walter Dignolo, Enrique Dussel, Aníbal Quijano e Fernando Coronil” (BALLESTRIN, 2013, p.97). Então, o movimento das ciências sociais críticas da América Latina, que, na década de 1960, defendia a construção de metodologias participativas, também teve presença marcante na constituição do grupo modernidade/colonialidade no fim da década de 1990, por meio do CLACSO.

Com isso, percebe-se as conexões entre a pesquisa participativa e a abordagem decolonial, sendo a primeira uma possibilidade de caminho metodológico coerente com a segunda. A pesquisa participativa emergiu “[...] de uma insatisfação com as metodologias tradicionais de investigação social, todas elas fundamentadas em concepções idealistas ou empiristas da realidade social e estruturadas com base na lógica formal” (BOSCO PINTO, 2014, p. 95). A escolha pela investigação temática é justificada, portanto, pelas características formativas da abordagem participativa (de antecessora da abordagem decolonial) e por sua proposta de não se colocar como uma fórmula que produza resultados mecânicos.

A fundamentação teórico-metodológica da pesquisa utilizou como principal referência o livro “Metodologia, Teoria do Conhecimento e Pesquisa-ação”, organizado pela professora Duque-Arazola e o professor Michel Thiollent. O livro consiste em uma reunião de textos produzidos por Bosco Pinto a respeito da temática teórico-metodológica que esteve relacionada à ação do autor como sociólogo, militante e educador (DUQUE-ARRAZOLA, 2014). Diante da ação transformadora que caracterizou a vida profissional de Bosco Pinto, o trecho a seguir contribui para dimensionar qual era o posicionamento do autor a respeito da pesquisa e o conhecimento:

A adoção de um método de trabalho (seja qual for), é também a adoção de um pensamento e de uma concepção de mundo, à medida que mais se encontra criticamente, mais adquire identidade como ser da práxis e, portanto, da transformação. Isso se contrapõe ao olhar frio, à maneira burocrática e formalista, e, por isso, exige um comprometimento teórico e uma atitude prática, eminentemente dialógica. (BOSCO PINTO, 2014[1975], p. 128)

Dessa forma, Bosco Pinto (2014) compreendia que a pesquisa exige uma postura de trabalho comprometida com a teoria, a prática e a dialogicidade. Esse posicionamento consciente a respeito das realidades que a pesquisa se relaciona também é apontado em textos que discutem a abordagem decolonial, como Pinto e Mignolo (2015), por exemplo, que afirmam que a pesquisa exige um compromisso com a transformação. Além disso, a decolonialidade é descrita como “esforços de desligamento ou desengajamento subjetivo, epistêmico, econômico e político em face do projeto de dominação ocidental” (PINTO; MIGNOLO, 2015, p.384). Logo, assim como Bosco Pinto (2014) aponta para o compromisso com a transformação social, que caracteriza a investigação temática, Pinto e Mignolo (2015) definem a decolonialidade como um esforço, ou seja, uma ação e postura contra o imperialismo.

Outra definição interessante a respeito da investigação temática é que esta metodologia pode ser compreendida como um processo dinâmico e relacional, resultante de um desenvolvimento histórico, e, por isso, não pode ser captada em um único momento (BOSCO PINTO *et al.*, 2014). Para esta metodologia, a ação e o pensamento compõem o processo de conhecimento, ou seja, esta perspectiva considera que é na ação – “a interação do homem com o universo” – que o pensamento é colocado em movimento e o conhecimento é elaborado (BOSCO PINTO *et al.*, 2014). A partir desse entendimento, “a investigação temática estuda o pensamento da comunidade, através da expressão desse pensamento na linguagem” (BOSCO PINTO *et al.*, 2014, p.104). A metodologia da investigação temática investiga ainda a criação cultural da comunidade, compreende que a realidade social é mutante, histórica e relacional, ou seja, é um processo aberto, em

desenvolvimento, e entende que os sujeitos – no tempo presente – são o “produto de um passado que se projeta até o futuro” (BOSCO PINTO *et al.*, 2014, p.106). Portanto, a investigação temática consiste em uma metodologia que valoriza os sujeitos e se interessa pela criação cultural da comunidade.

A respeito da prática de perceber o pensamento da comunidade na linguagem, comumente é utilizado na investigação temática o estudo da linguagem, para “num primeiro momento, [...] captar o pensar da comunidade sobre sua realidade objetiva, e a percepção dessa realidade.” (BOSCO PINTO *et al.*, 2014, p.97). Isso ocorre porque esta metodologia de pesquisa considera o “sujeito” e o “objeto de conhecimento” como “dois aspectos de uma mesma realidade em unidade e contradições dialéticas” (BOSCO PINTO *et al.*, 2014, p.99). Essa postura de valorização do lugar, da história e dos saberes locais contribui para que a investigação temática seja uma metodologia de resistência à reprodução de saberes hegemônicos, assim como propõe a abordagem decolonial.

A reprodução de saberes hegemônicos é discutida como a “radicalização da universalização do conhecimento” (ABDALLA; FARIA, 2017). Uma vez que essa prática radical de adotar um tipo de conhecimento, considerando-o universal, como ocorre frequentemente com o conhecimento euro-estadunidense, provoca pobreza e desigualdade geoeconômica (ABDALLA; FARIA, 2017). Sendo que uma maneira de superar essa radicalização, e conseqüentemente superar a pobreza e desigualdade geoeconômica, pode ser a “co-construção de saberes decoloniais” entre pesquisadores, pesquisadoras e uma comunidade diversa (ABDALLA; FARIA, 2017). Diante dessa reflexão, é questionável a quem pertence a construção dos saberes, uma vez que a ausência da participação popular nas análises de dados da pesquisa, por exemplo, dá ao pesquisador, ou, pesquisadora, a propriedade das definições e análise do fenômeno pesquisado. Portanto, também deve ser considerado fundamental incluir no processo de construção de saberes a participação popular. Para isso, a investigação temática, por seu caráter participativo, tem muito a contribuir. Afinal, assim como a abordagem decolonial, que ao questionar o domínio do saber, contribui para a luta contra a subalternização e controle do conhecimento, a investigação temática incentiva a diversidade de saberes e foi construída a partir da crítica ao monopólio de uma elite acadêmica na produção do conhecimento.

Além disso, de maneira semelhante à abordagem decolonial, a investigação temática rejeita a possibilidade de se tornar uma fórmula. Nessa perspectiva, utilizar um “método como fórmula ou conjunto de técnicas” pode provocar a produção mecânica de

um resultado, porque a realidade é dinâmica e mutante, ou seja, não é estática para se adequar a uma fôrma (BOSCO PINTO *et al.*, 2014, p.96). Sendo assim, é fundamental que sejam respeitadas as “formas próprias e originais de organizações” que surgem “nas diferentes comunidades” (BOSCO PINTO, 2014, p. 128). Portanto, além da consciência sobre os silenciamentos e pressões sofridas por práticas alternativas de metodologias de pesquisa, a investigação temática também alerta que não existem modelos de pesquisa universais, assim como discute a abordagem decolonial. A respeito disso é apropriado citar um trecho escrito por Bosco Pinto sobre a metodologia da investigação temática:

O *design* exposto, de nenhum modo é uma camisa de força, com a qual se aprisiona a realidade, pelo contrário, é um auxílio para a sistematização e o ordenamento da multiplicidade de aspectos que apresenta e que devem ser apreendidos em seu conjunto. As pessoas e grupos realmente interessados em seu uso sistemático não a formalizem cedo demais, e permitam que a criatividade que ela supõe, e às vezes exige, continue através de uma prática reflexiva do método para aprofundar seus elementos teóricos, para melhorá-lo em suas técnicas, no intuito de alcançar uma aproximação cada vez mais objetiva da realidade social, que, em última instância, é o critério definitivo da veracidade. (BOSCO PINTO, 2014[1975], p.129)

Por isso, a forma como a pesquisa foi realizada consiste em um dos caminhos metodológicos possíveis, pensado de acordo com um contexto específico dos cineclubes da Baixada Fluminense. Sendo que existiam outros possíveis caminhos metodológicos para a pesquisa decolonial, como a cartografia decolonial, que discute a não neutralidade dos mapas e propõe a elaboração de mapas afetivos e coletivos (NEVES *et. al*, 2019; RIBEIRO, 2021); as metodologias baseadas no “Buen-Vivir”, que baseadas na interculturalidade estão preocupadas com os “bens relacionais”, ou seja, sentimentos como o amor e o companheirismo (DULCI; MALHEIROS, 2021); e práticas decoloniais que sugerem a reconstrução dos termos usados no processo de pesquisa, uma vez que o próprio termo pesquisa é fundamentado na colonialidade (OCAÑA; LÓPEZ, 2019). Essas escolhas, assim como a investigação temática, possuem em comum a compreensão de que a pesquisadora é apenas uma mediadora dentro da pesquisa, que a todo tempo precisa se avaliar para não retomar às práticas coloniais e que a pesquisa decolonial é construída de maneira comunitária, em uma relação sujeito-sujeito, sem hierarquias. Portanto, o caminho metodológico a seguir foi um caminho compreendido como coerente para o contexto dos cineclubes da Baixada, principalmente por seu caráter dialógico, ou seja, uma pesquisa não-extrativista, realizada com os sujeitos, como discutiram Silva, Sauerbronn e Thiollent (2021).

3.2. A prática da investigação temática na pesquisa sobre os cineclubes da Baixada Fluminense

Apesar de Ocaña e López (2019) criticarem o uso de termos como pesquisa, metodologias e etapas no fazer decolonial, por entenderem que a proposta de metodologias decoloniais é um neocolonialismo, consideramos que ainda não ocupamos uma posição, dentro da área de pesquisa em administração, que nos permita sustentar tal postura. Aliás, se o fato da adoção da perspectiva decolonial já provoca inseguranças e obstáculos diante de algumas avaliações acadêmicas (DULCI; MALHEIROS, 2021; ABDALLA; FARIA, 2017; TENÓRIO; PARRA, 2020), não seguir a estrutura textual recomendada pelos periódicos e congressos acadêmicos possivelmente poderia levar ao isolacionismo acadêmico. Então, por considerar a relação com o outro e a dialogicidade elementos importantes para a co-construção de um conhecimento outro, é entendido ser necessário evitar o isolamento dentro do campo de estudo, já que o isolamento, ainda que seja marginal, também pode ter traços fundamentalistas e essencialistas (GROSGOUEL, 2008). Sendo assim, tendo a consciência da importância de questionar, durante toda a pesquisa, o que fundamenta o conceito de conhecimento adotado e se o que está por trás das escolhas metodológicas consiste em uma doutrinação colonial, também é percebida a necessidade de transitar entre as fronteiras geográficas, epistêmicas e políticas constituídas pela modernidade, para construir outros conhecimentos a partir da própria realidade (MIGNOLO; TLOSTANOVA, 2006).

No caso da pesquisa participativa, a metodologia da investigação temática pode ser pensada como um exemplo, antecipado, de conhecimento construído a partir da transição entre fronteiras. Formulada em meados da década de 1960, no contexto da Reforma Agrária de países da América Latina, a investigação temática consiste em uma ampliação do “método psicossocial” de Paulo Freire, pensado, no início da década de 1960, a partir da preocupação com a alfabetização de adultos (BOSCO PINTO, 2014). Sendo que a pesquisa participativa não teve origem na América Latina, foi originada na década de 1940, nas aplicações da psicologia social de Kurt Lewin nos EUA, e, nas regiões da Grã-Bretanha e Escandinávia, quando foi usada numa perspectiva de reconstrução e adaptação ao contexto do pós-guerra (THIOLLENT; COLETTE, 2017). Mas na América Latina, a pesquisa participativa ganhou forte conotação política e foi usada na área educacional como uma possibilidade de conscientização popular (GAJARDO, 1984).

O conceito de conscientização é definido por Paulo Freire (1979) como uma postura de ação-reflexão sobre a realidade que, por meio da reflexão crítica, homens e mulheres são sujeitos que criam e recriam novas realidades. Para o autor, a conscientização é a constante ação reflexiva transformadora da realidade. Por outro lado, dentro do processo de conscientização para a libertação, o autor cita que também existe a atuação do opressor, que tende a criar ideias místicas da realidade para captar oprimidos. Diante disso, Freire aponta a conscientização como uma desmistificação da realidade, ou seja, o trabalho de conhecer os mitos que contribuem para a manutenção da ideia da estrutura dominante enquanto realidade.

Apesar de Paulo Freire ser a principal referência do conceito conscientização, o próprio autor afirma que a origem do conceito teve como referência pensadores sociais brasileiros, como Guerreiro Ramos:

Acredita-se geralmente que sou autor deste estranho vocábulo “conscientização” por ser este o conceito central de minhas idéias sobre a educação. Na realidade, foi criado por uma equipe de professores do INSTITUTO SUPERIOR DE ESTUDOS BRASILEIROS por volta de 1964. Pode-se citar entre eles o filósofo Álvaro Pinto e o professor Guerreiro. Ao ouvir pela primeira vez a palavra conscientização, percebi imediatamente a profundidade de seu significado, porque estou absolutamente convencido de que a educação, como prática da liberdade, é um ato de conhecimento, uma aproximação crítica da realidade. Desde então, esta palavra forma parte de meu vocabulário. (FREIRE, 1979, p.15)

Partindo desse conceito, Freire (2011) afirma que: com a conscientização homens e mulheres deixam de apenas estar no mundo, passam a ser sujeitos **com** o mundo. Este poder de agência citado pelo autor, alcançado pela conscientização, é o movimento oposto ao que Ramos (1981) observou na deformação da natureza humana de associação, provocada pelo sistema de mercado, que transforma os indivíduos em criaturas que se comportam. No processo de transformação do mundo, provocado pela ação da conscientização, Freire (2011, p.87) afirma que o ser humano também é transformado e impregna o mundo “de sua presença criadora, deixando nele as marcas de seu trabalho”. Com isso, pensar a conscientização debatida por Freire (2011) no contexto das organizações substantivas, discutida por Ramos (1981) é pensar em sujeitos criadores com o mundo, que lidam com o trabalho para além da relação de sobrevivência.

Como possibilidade para a conscientização, Freire (2011) propõe a ação cultural, que possui como ponto de partida a investigação temática, por meio da reflexão crítica a respeito do próprio ser e da realidade. Com isso, a partir do diálogo e ações culturais em

oposição a cultura dominante, Freire (2011) afirma que a ação cultural para a libertação contribui para a problematização e transformação da realidade.

A escolha pela investigação temática para o estudo sobre os cineclubes da Baixada Fluminense, que utiliza como base teórica as contribuições de Ramos (1981) a respeito da vida humana associada, também é justificada pela percepção da influência do pensamento de Guerreiro Ramos para o desenvolvimento do pensamento de Paulo Freire, enquanto teórico da conscientização. Assim como Ramos (1981) apresenta que o pressuposto da nova ciência das organizações é o fim da escravidão psicológica do indivíduo ao mercado, Freire (1979) afirma que a conscientização é o primeiro objetivo para a educação libertadora. Logo, a partir da obra de Ramos (1981), a conscientização discutida por Freire (1979) seria a ação crítica de romper com as síndromes psicológicas provocadas pela lógica de mercado como centro da vida humana, que possibilitaria a busca por transformação da realidade social. Considerando as aproximações entre os autores, a investigação temática é percebida na pesquisa como uma possível solução às lacunas metodológicas deixadas por Ramos (1981), para a análise das organizações substantivas, bem como para as deixadas pela abordagem decolonial, como discutem Silva e Wanderley (2022).

Apesar de anteceder as discussões realizadas por Mignolo e Tlostanova (2006), é possível considerar que a metodologia participativa na América Latina, iniciada por Paulo Freire, contribuiu para a construção de outros saberes, sem a necessidade de isolamento. Afinal, a partir do desenvolvimento do método freiriano, a pesquisa participativa na América Latina passou a reconhecer e considerar os saberes e culturas, próprios das pessoas, como ponto de partida para o ensino e investigação (GAJARDO, 2021). Logo, partindo do posicionamento do pensamento de fronteira (MIGNOLO; TLOSTANOVA, 2006), a seguir é apresentado o método utilizado neste estudo sobre os cineclubes da Baixada Fluminense, como uma pesquisa posicionada dentro da abordagem decolonial, fundamentada na teoria substantiva da vida humana associada:

Com um contexto de formação e reconstrução relacionada aos projetos de Reforma Agrária na América Latina, nas décadas de 1960 e 1970, a epistemologia da investigação temática é delineada pela concepção de que a realidade é dinâmica, relacional e resultado de processos históricos (BOSCO PINTO, 2014). Diante disso, a primeira ação proposta na metodologia da investigação temática, após a definição da comunidade que irá participar da pesquisa, é a realização de um **levantamento a respeito das características geográficas, culturais e históricas**, bem como dos modos de vida

da comunidade que participará da pesquisa (BOSCO PINTO *et al.*, 2014). Depois da sistematização das informações observadas e a construção de uma proximidade com as pessoas que irão participar da pesquisa, é sugerido o **desenvolvimento de círculos de pesquisa**, com o objetivo de que os/as participantes da pesquisa expressem o que pensam.

Os círculos de pesquisa/círculos de investigação, podem ser realizados a partir de técnicas como observação participante e entrevistas abertas, por exemplo. O objetivo dessa ação é descrever a realidade sociocultural que está sendo estudada, como a comunidade entende a própria realidade, assim como o processo histórico que a constitui (BOSCO PINTO *et al.*, 2014). A respeito desse objetivo, nesta pesquisa foi considerado que a relevância dos processos históricos e do lugar também são pontos de reflexão na perspectiva decolonial, uma vez que a globalização, ao propagar a ideia de que o lugar não é relevante, provoca uma interferência na noção de lugar e invisibiliza as distintas formas regionais e locais de configurar o mundo e a natureza¹⁰ (ESCOBAR, 2005). Essas provocações contribuíram a reflexão sobre o quanto a ausência de consciência sobre o papel do lugar e dos saberes locais podem alterar, e até mesmo cegar, a percepção em relação à um grupo ou fenômeno, bem como inviabilizar o próprio processo de aprendizagem e reflexão a partir de um “paradigma outro”, como aborda Mignolo (2003).

Então, na etapa inicial da pesquisa participei de cursos online, ofertados pelo Museu Vivo do São Bento, de Duque de Caxias, que tinham como tema o ensino sobre “Os tempos da Baixada”. Nesses cursos foi possível compreender o panorama histórico da Baixada e conhecer referências bibliográficas, pesquisadoras e pesquisadores que estudam a história da região. Para compreender o contexto histórico da Baixada e do cineclubismo no Brasil, também realizei buscas de reportagens na coleção digital de jornais e revistas da Biblioteca Nacional, porque em três entrevistas que realizei com cineclubistas foram mencionados que já tinham existido cineclubes na Baixada Fluminense. Então iniciei a busca no acervo digital da Biblioteca Nacional por temas como Cineclubes, Cine-clubes e Clube de Cinema na Baixada Fluminense. Essas escritas da palavra cineclubes foram sendo adaptadas a partir das reportagens que apareciam. Com essas palavras encontrei reportagens nos jornais Folha de Caxias e A Luta Democrática.

¹⁰ Para a reflexão sobre as distintas formas de relacionamento com a natureza sugerimos que seja assistido o documentário “Fio da meada”, dirigido por Silvio Tendler, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pm7OjaE6vDc>. Também sugerimos o debate sobre o documentário, promovido pela Fiocruz, com a participação do diretor e os pesquisadores do documentário, do cientista social Boaventura de Sousa Santos e do Cacique Munduruku Juarez Saw, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VCGu-C7agro>

Como eu já tinha iniciado a escrita do tópico sobre a história da Baixada Fluminense, que indicavam a região como local de armazenamento no período colonial, tive a ideia de também fazer buscas no acervo digital da Biblioteca Nacional sobre reportagens que citassem o meu bairro, chamado Venda Velha, localizado em São João de Meriti, na Baixada Fluminense. Porque atualmente, guardada a proporção de diferenças de tempo, o meu bairro também é um local de armazenamento, mas através dos centros de logística, que também é uma característica de diversos outros bairros da Baixada. Iniciadas as buscas, os temas predominantes das reportagens que apareciam eram a violência e o time de futebol Fraternidade. Então, para complementar a discussão sobre o contexto da Baixada Fluminense, foi utilizado como exemplo o bairro Venda Velha, em São João de Meriti.

A respeito do movimento cineclubista no Brasil, as reflexões realizadas pelo cineclubista e antigo diretor da distribuidora de filmes Dinafilme, Felipe Macedo, no grupo de e-mails “debates-cineclubistas” contribuíram muito para entender as articulações e desarticulações do movimento cineclubista no Brasil. As lembranças do Felipe Macedo me ajudaram a ter pistas sobre os temas de reportagem que eu deveria pesquisar para compreender o cineclubismo brasileiro.

Nesse momento inicial também participei de uma sessão cineclubista presencial, no Cineclube Imbariê nos Trilhos e, devido a pandemia, sessões online nos cineclubes Mate com Angu, Buraco do Getúlio, Xuxu ComXis e Imbariê nos Trilhos. Também participei de cursos online ofertados durante a pandemia: do Xuxu ComXis, participei do curso “as possibilidades audiovisuais na educação”; já do Cineclube Ankito, do IFRJ, participei do curso “cineclubismo: trajetórias e desafios”, que foi organizado em parceria com o Heraldo HB, do Mate com Angu. Além de palestras online que tiveram participação das e dos cineclubistas da Baixada Fluminense, como a conversa que aconteceu no “Festival Internacional de Cinema de Arquivo”, que teve a participação do Josinaldo Medeiros, do Mate com Angu. No quadro 4, a seguir, pode ser visualizada a lista das sessões, cursos e eventos que participei para a realização da pesquisa:

Quadro 4: participação em cursos, sessões cineclubistas e eventos para a realização da pesquisa

Evento/Curso	Data/ Período	Instituição organizadora	Local	Principal Contribuição
Sessão Filma (presencial) Baixada	05/05/2018	Cineclube Imbariê nos Trilhos	Imbariê	Conhecer os/as cineclubistas e entender como funciona uma sessão organizada pelo cineclube.

Disciplina presencial: Cinema e Processos Subjetivos, com o Prof. Dr. Cezar Migliorin	2019.1	PPGCINE – UFF	<i>Campus</i> Niterói	Discussões filosóficas sobre o ser no mundo e os usos de dispositivos.
Disciplina Pós-colonialismo e decolonialismo, com o Prof. Dr. Marcus Hemais	2020.1	PPGA - PUC-Rio	<i>Campus</i> Gávea e Online (devido a pandemia de covid-19)	Conhecer e discutir textos de autoras e autores de abordagem decolonial.
Minicurso: “Os Tempos da Baixada: história do Município de Duque de Caxias e da Baixada Fluminense	16, 23 e 30/10, 06 e 13/11/2020	Museu vivo do São Bento	Youtube Museu Vivo do São Bento	Ouvir pesquisadoras e pesquisadores do tema e conhecer referências bibliográficas.
Debate: “Festival do Conhecimento: O Cineclubismo como ferramenta de diagnóstico social popular para incidência política na gestão pública”	17/07/2020	Extensão UFRJ	Facebook Festival do Conhecimento UFRJ	Conhecer os relatos do cineclubista Heraldo HB.
Evento “Das ruas às redes”	Todas as segundas-feiras de agosto/2020	Cineclube Xuxu ComXis, com apoio do edital “Cultura Presente nas Redes”	Facebook do Xuxu ComXis	Assistir ao longa produzido pelo cineclube; sentir a experiência de participar de sessões organizadas por esse coletivo.
Conferência “Audiovisual Sem Fronteiras: como o cinema, o audiovisual e a imprensa internacional ajudam a moldar o que se pensa do Brasil no mundo”	11/08/2020	Instituto de Conteúdos Audiovisuais Brasileiros (ICAB) e Fórum Brasileiro de Ensino de Cinema e Audiovisual (Forcine)	Zoom	Observar quais temas e referências teóricas os estudiosos da área do audiovisual estão interessados.
Transmissão ao vivo: “Terror em Casa”	29/08/2020	Cineclube Imbariê nos Trilhos	Instagram do Imbariê nos Trilhos	Observar como um debate é conduzido e quais são os principais pontos levantados pelo mediador da sessão.
Disciplina Historiografia do Cinema, com a Profa. Dra. Luciana Corrêa de Araújo e o Prof. Dr. Arthur Autran	2020.2	PPGIS - UFSCAR	Online (Google Meet)	Compreender o início do cinema no Brasil e as disputas que caracterizaram a formação do mercado cinematográfico.
Festival Semana de Cinema	26/01/2021	Semana de Cinema	Youtube Semana de Cinema	Conhecer filmes produzidos por cineclubistas da Baixada Fluminense e a perspectiva dos cineclubistas sobre a Baixada.

12 sessões cineclubistas online: Mate com Angu	03/02 a 13/10/2021	Mate com Angu	Youtube Mate com Angu	Entender quais são os temas de interesse debatidos nas sessões cineclubistas e quais tipos de filmes são exibidos nas sessões.
Oficina: “as possibilidades audiovisuais na educação”, com a cineclubista Pâmela Martinho	04 e 05/02/2021	Cineclube Xuxu ComXis, com apoio do edital “Cultura Presente RJ”	Zoom	Compreender quais são as linhas de atuação do cineclube.
Oficina cinema Documentário contemporâneo, com Clementino Junior	02, 03 e 04/03/2021	SESC Copacabana	Google Meet	Aprender sobre o documentário contemporâneo, já que é o principal gênero de filme produzido pelos cineclubes da Baixada Fluminense.
Sessão cineclubista: “Made in Baixada”	14/03/2021	Buraco do Getúlio	Youtube Buraco do Getúlio	Conhecer uma sessão do cineclube Buraco do Getúlio.
“Ciclo de conversas sobre produção audiovisual”	13/04/2021	Mate com Angu	Youtube Mate com Angu	Conhecer a perspectiva de produtoras audiovisuais da Baixada Fluminense.
Transmissão ao vivo: conversas com realizadores	26/04/2021	Cineclube Velho Brejo	Instagram do cineclube	Conhecer o processo de criação audiovisual da diretora do curta “Fragmentos de Fé”.
Seminário Impactos da Covid-19 na Economia Criativa da Baixada Fluminense	03, 04 e 05/05/2021	Observatório Baixada Cultural	YouTube OBaC	Conhecer o relatório de pesquisa sobre os “Impactos da Covid-19 na Economia Criativa da Baixada Fluminense”.
1º Ciclo Conversas de Cineclube: cineclubismo no Rio de Janeiro	14/05/2021	Rede de Cineclubes do IFRJ	Youtube Rede de Cineclubes do IFRJ	Ouvir a perspectiva do cineclubista Heraldo HB e da cineclubista Pâmela Martinho.
Curso: patrimônio histórico, arte contemporânea e arte barroca na Baixada Fluminense	14 a 21/05/2021	Sesc Rio	Google Meet	Conhecer o papel da igreja católica na formação dos municípios da Baixada Fluminense.
Ciclo de debates: um panorama sobre o audiovisual na Baixada Fluminense	15, 22 e 29/05/2021	Sesc Rio	Google Meet	Ouvir sobre as experiências audiovisuais na Baixada Fluminense.
Seminário Cineclubismos Latino-americanos	22 a 25/07/2021	Cineclube Ó Lhó Lhó e Instituto Federal de Santa Catarina	Youtube Seminário Cineclubismos Latino-americanos	Ouvir as experiências de cineclubistas, pesquisadoras e pesquisadores do tema na América Latina, especialmente o cineclubista brasileiro Felipe Macedo.

Curta-debate: cinemas possíveis	11/08/2021	Midrash Centro Cultural e Ministério do Turismo	Zoom	Assistir curtas produzidos por cineclubistas da Baixada e conhecer as perspectivas dos cineclubistas HB e Sandro Garcia.
Curso de extensão: “Cineclubismo: trajetórias e desafios”	28/09 a 07/10/2021	IFRJ – <i>campus</i> Nilópolis, com participação de integrantes do Cineclub Ankito e Heraldo HB, do Mate com Angu	Plataforma Pluriverso	Compreender o que é o cineclub, na perspectiva do Heraldo HB, e conhecer a história do Cineclub Ankito.
Processo de emenda participativa, voltada para o setor cultural do estado do Rio de Janeiro	30/09/2021	Mandato do deputado Glauber Braga	Plataforma zoom	Perceber a mobilização do setor cultural da Baixada Fluminense.
Debate: “o cineclubismo em tempos de pandemia”, com Josinaldo Medeiros, representante do cineclub Mate com Angu	19/11/2021	Arquivo Nacional: Arquivo em Cartaz, festival internacional de cinema de arquivo	Facebook Arquivo em Cartaz	Ouvir sobre a perspectiva de cineclubistas sobre os efeitos da pandemia para a atividade.
MiniCurso: “Os Tempos da Baixada: as cercanias da Guanabara nos tempos da colonização lusitana”	10 e 17/11, 01, 07 e 08/12/2021	Museu vivo do São Bento	Youtube Museu Vivo do São Bento	Ouvir pesquisadoras e pesquisadores do tema e conhecer referências bibliográficas.

Fonte: elaborado pela autora.

A participação nos eventos e cursos, além de contribuir para a compreensão da forma como os cineclubes funcionam e os temas que são importantes nas discussões dos cineclubes, contribuiu para que eu passasse a conhecer quem participa dos cineclubes e a produção audiovisual da Baixada Fluminense. Isso ajudou muito também na etapa de agendamento das entrevistas e na interação com os/as participantes da pesquisa.

Na etapa de desenvolvimento de círculos de pesquisa conversei individualmente com o Maciel, do cineclub Imbariê nos Trilhos; a Erika, do cineclub Donana; o Sandro, do Velho Brejo; Bion, do Buraco do Getúlio; Ricardo, do Cinema de Guerrilha; Murilo, do Cineclub Ágora; HB, do Mate com Angu; e a Sassá, da Facção Feminista Cineclub. Já em entrevista coletiva, conversei com a Pamela, a Isa e a Nati, do Xuxu ComXis. As mulheres da Facção Feminista também quiseram que a entrevista fosse coletiva, mas a falta de tempo das participantes impediu que ocorresse. Um detalhe interessante é que as participantes desses dois coletivos feministas propuseram que as entrevistas fossem em grupo, enquanto que nenhum homem propôs a realização de entrevista coletiva.

As entrevistas duraram entre 40 minutos e 2 horas e 55 minutos. Inicialmente, formulei um roteiro semiaberto para ter ideia de quais perguntas deveria fazer, mas essas perguntas foram sendo adaptadas a partir das falas das entrevistadas e dos entrevistados. Com o tempo, percebi que para entender como as/os cineclubistas se relacionavam com os cineclubes e o território era importante perguntar sobre quais eram as suas lembranças a respeito do cineclube e o que era a Baixada Fluminense para eles e elas. No quadro a seguir estão listas as entrevistas realizadas e o tempo de duração de cada uma:

Quadro 5: lista de entrevistas realizadas para a pesquisa

Nome do Cineclube	Nome do/da participante	Tipo de entrevista	Local da entrevista	Tempo de duração
Xuxu ComXis	Pamela; Nati; Isa	Em grupo	Vídeo chamada no Skype	1h 48min
Imbariê nos Trilhos	Maciel	Individual	Chamada de voz no Meet	1h 24min
Donana	Erika	Individual	Vídeo chamada no Meet	52 min
Cinema de Guerrilha	Ricardo	Individual	Vídeo chamada no Meet	1h 49min
Velho Brejo	Sandro	Individual	Vídeo chamada no Meet	40 min
Buraco do Getúlio	Bion	Individual	Vídeo chamada no whatsapp	1h 17min
Ágora	Murilo	Individual	Presencial no Shopping Unigranrio, Duque de Caxias	2h 55min
Mate com Angu	Heraldo HB	Individual	Presencial em uma cafeteria e depois em um boteco em Duque de Caxias	2h 26min
Facção Feminista	Sassá	Individual	Chamada de voz no whatsapp	2h 20min

Fonte: elaborado pela autora.

Para o agendamento de todas as entrevistas usei a rede social *instagram*, como meio de contato inicial. Apenas para a entrevista com o HB, do Mate com Angu, que o contato foi através do whatsapp, porque eu já tinha conseguido o número de celular dele no curso do Cineclube Ankito. Apesar da maioria das pessoas ter sido muito solícita, conseguir agendar um horário foi difícil, porque todas e todos estavam com a agenda ocupada. Já no agendamento da entrevista com o Cineclube Ágora, que é um cineclube que se diferencia dos demais cineclubes por ter um posicionamento político conservador de extrema direita, tive que enviar um pedido de entrevista por e-mail, com o meu currículo lattes e do meu orientador, o meu projeto de pesquisa, informação sobre a minha

linha de pesquisa e o nome da instituição de ensino que faço parte. O meu primeiro contato com eles foi em junho, a entrevista foi agendada para o fim de novembro e foi exigido que fosse realizada presencialmente.

Após realizar todas as entrevistas e transcrever cada uma, usando o programa Express Scribe Transcription, que agilizou o processo de transcrição por disponibilizar no mesmo programa o espaço para digitação do texto e controle do áudio, iniciei a organização dos dados utilizando o programa Excel. Para isso, resgatei as pré-categorias de análise, elaboradas com base na teoria das organizações substantivas, desenvolvida por Serva (1993), a partir de Ramos (1981), e nas epistemologias da investigação temática, de Bosco Pinto (2014), que podem ser visualizados no quadro 6, a seguir. Nessa fase também resgatei minhas anotações sobre as novas categorias que percebi nas falas das/dos participantes da pesquisa durante as entrevistas. Feito isso, inseri nas linhas da tabela Excel as categorias de análise e nas colunas os nomes de cada cineclubes participante da pesquisa. Em seguida, preenchi cada cédula da planilha com trechos de temas similares aos das categorias de análise, apresentados durante as entrevistas.

Quadro 6: categorias de análise dos dados

Objetivo Específico	Técnica de coleta de dados utilizada	Fonte dos dados	Categorias de observação	Fundamentação teórica
a) Caracterizar a região da Baixada Fluminense nos âmbitos histórico, geográfico, econômico e cultural;	Pesquisa Documental	<ul style="list-style-type: none"> - Site IBGE; Fundação CEPERJ; - Livros e artigos acadêmicos sobre a Baixada Fluminense, entre eles: “Concepções, Memórias e Patrimônio Cultural” e “De Iguassú à Baixada Fluminense: Histórias de um Território”. 	<ul style="list-style-type: none"> - Formação do território; - Índices sociais e econômicos da região; - Atividades culturais da região; - Acesso da população à equipamentos culturais e educação; - Relação da população com o cinema. 	De acordo com Bosco Pinto (2014, p.106) os sujeitos são o “produto de um passado”, por isso que para compreender o presente e a projeção do futuro foi estudada a história da região. Além disso, segundo Santos (2007) o território é parte de quem os indivíduos são.

	- Pesquisa Documental	<ul style="list-style-type: none"> - Artigos publicados em Jornais; - Textos do cineclubista Felipe Macedo; - Livros e artigos acadêmicos sobre o cineclubismo no Brasil. 	<ul style="list-style-type: none"> - Perfil dos idealizadores e participantes dos primeiros cineclubes no Brasil; - Tipos de filmes exibidos; - Objetivos dos cineclubes; - Justificativas para as proibições e reaberturas dos cineclubes. 	A trajetória histórica do cineclubismo possuiu como base Bosco Pinto (2014, p.106) e a pesquisa realizada por Matela (2008).
<p>b) Descrever a trajetória histórica dos movimentos de organização e reorganização do cineclubismo no Brasil e apresentar seu momento atual na Baixada Fluminense;</p>	- Círculos de investigação	- Observação das discussões realizadas nas sessões cineclubistas (online) da Baixada Fluminense.	<ul style="list-style-type: none"> - Objetivos dos cineclubes; - Perfil dos participantes e organizadores dos cineclubes; - Maneira como os conflitos são tratados; - Relacionamento entre os participantes; - Categorias de temas discutidos após a exibição dos filmes; - Forma como os debates são conduzidos; - Relação entre as dimensões individuais e coletivas dos participantes dos cineclubes; - Engajamento político dos cineclubistas; - Possível liderança do grupo. 	O momento atual dos cineclubes foi investigado com base nas categorias das organizações substantivas desenvolvidas por Serva (1993), a partir de Ramos (1981).
<p>c) Articular a teoria das organizações substantivas com o conceito de colonialidade no território discutida pela</p>	Revisão teórica	Bibliotecas virtuais e bases de dados acadêmicas	<p>Estrutura:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Desenvolvimento e conceito da teoria das organizações substantivas; 	Esta articulação teve como principal base teórica Ramos (1981); Serva (1993); Escobar (2005).

<p>abordagem decolonial;</p>			<ul style="list-style-type: none"> - Definição da abordagem decolonial e a discussão sobre colonialidade do território; - Globalização: as intercessões entre a teoria substantiva e a desterritorialização. 	
<p>d) Descrever o processo de seleção dos filmes exibidos nos cineclubes da Baixada Fluminense, assim como a relação das temáticas dos filmes selecionados com a territorialidade;</p>	<p>Entrevista semiestruturada</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Representantes dos cineclubes estudados. 	<ul style="list-style-type: none"> - Gêneros e temas dos filmes exibidos; - Participação na escolha dos filmes e dos mediadores dos debates; - Percepção sobre o cinema de mercado. 	<p>Este objetivo também teve como base teórica a definição de organizações substantivas desenvolvida por Serva (1993) a partir de Ramos (1981).</p>
<p>e) Analisar os efeitos do processo de discussão de filmes para os cineclubistas da Baixada Fluminense nas dimensões inserção territorial e associação da vida humana.</p>	<p>Entrevista semiestruturada</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Moradores da Baixada Fluminense que participam dos cineclubes estudados há pelo menos um ano. 	<ul style="list-style-type: none"> - Tipo de participação nos cineclubes; - Relação com o território onde mora; - Redes de pertencimento; - Tipos de sentimento em relação ao território, como identidade, pertencimento, certezas/incertezas. - Engajamento político. 	<p>De acordo com Santos (2007) o território é o lugar de identidade e para Zaoual (2006) é lugar de formação de redes e construção de certezas. Portanto, além das categorias relacionadas a teoria das organizações substantivas, a noção de território, de Milton Santos, foi considerada na elaboração deste objetivo.</p>

Fonte: elaborado pela autora.

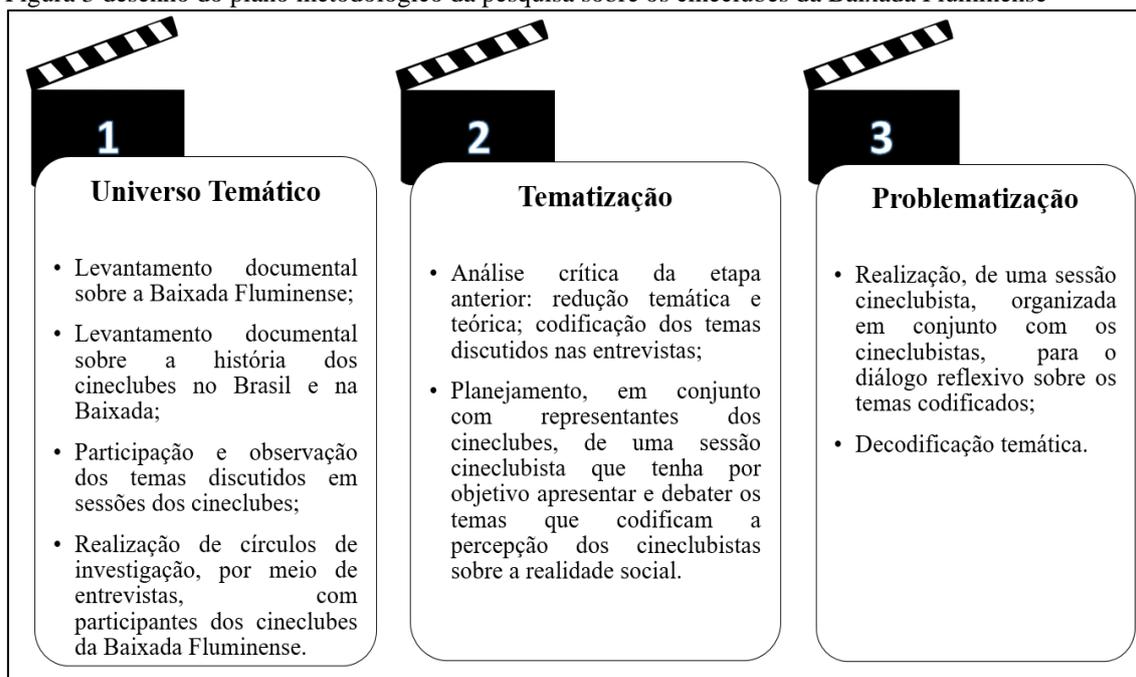
Sendo assim, após o momento de investigação do universo temático, que consistiu na minha participação nas sessões cineclubistas, palestras e cursos com participação das/dos integrantes dos cineclubes, com o objetivo de compreender o contexto e a história que constitui a realidade dos cineclubes da Baixada, e a realização das entrevistas, visando compreender como os sujeitos da pesquisa entendem a realidade, iniciei o **momento de**

tematização, como sugerido por Bosco Pinto (2014). Logo, realizada a organização dos dados na tabela Excel, destaquei os temas principais e que demonstraram maior sentimento de alegria, insatisfação ou saudosismo por parte das entrevistadas e entrevistados. Porque segundo Bosco Pinto (2014), o objetivo da tematização é identificar os termos mais relevantes para a comunidade estudada, ou seja, que foram mencionados de forma enfática ou repetida durante os debates e entrevistas. Durante esse momento da pesquisa também foi realizada a fase de redução teórica, sugerida por Bosco Pinto (2014) como uma fase de comparação dos dados com os conceitos teóricos, assim como a identificação de lacunas entre a teoria e a percepção dos/das participantes da pesquisa.

Este processo em muito se aproxima da atividade de “redução sociológica” proposta por Ramos (1996 [1958]). Afinal, a redução sociológica consiste em um método, seja teórico ou empírico, que busca “descobrir os pressupostos referenciais, de natureza histórica, dos objetos e fatos da realidade social” (RAMOS, 1996, p.79). Portanto, assim como a redução sociológica, a redução temática e teórica são práticas de conscientização que buscam valorizar os contextos locais.

Realizadas as fases de redução temática e teórica, era sugerido o início do terceiro momento da investigação, denominado por Bosco Pinto (2014) como momento problematizador, que consiste em um diálogo reflexivo com os participantes a respeito dos temas codificados. No planejamento inicial da pesquisa, o momento problematizador iria ocorrer em uma sessão de exibição de curtas, organizada em conjunto com os cineclubes participantes do estudo. O momento da problematização, segundo Bosco Pinto (2014, p.128), objetiva que a comunidade se torne um “fator de transformação social, por meio de sua ação crítica sobre a realidade em que está vivendo”. Apesar de não termos conseguido realizar o momento da problematização, devido aos atrasos provocados pela pandemia de covid-19, considero que os cineclubes já vivenciam o fator de transformação social por meio da ação crítica sobre a realidade vivida, por meio do formato reflexivo das sessões. Por outro lado, diante da relevância dos temas ressignificação da imagem da Baixada Fluminense e distanciamento com o poder político municipal, criamos, como resultado prático da pesquisa, a Cinemateca da Baixada Fluminense, onde é possível visualizar informações sobre os cineclubes da região, perfil nas redes sociais; o catálogo de filmes produzidos pelos cineclubes e os festivais e eventos da área do audiovisual que acontecem na região. Para uma maior compreensão das fases da pesquisa, na imagem a seguir estão detalhadas as etapas das fases 1 e 2, que foram realizadas, e a fase 3, que não foi realizada:

Figura 3 desenho do plano metodológico da pesquisa sobre os cineclubes da Baixada Fluminense



Fonte: elaborado pela autora com base em Bosco Pinto (2014).

Por fim, a reflexão provocada pelo percurso metodológico da pesquisa se aproxima das discussões feitas por Guerreiro Ramos, que argumenta que a consciência crítica “surge quando um ser humano ou um grupo social reflete sobre tais determinantes e se conduz diante deles como sujeito” (RAMOS, 1996, p. 48). A noção de sujeito também é adotada na investigação temática, que menciona que tanto a investigadora/investigador quanto o grupo participante da pesquisa são sujeitos unidos pela relação e o diálogo com a realidade objetiva da pesquisa (BOSCO PINTO, 2014). No caso da pesquisa sobre os cineclubes, eu e os cineclubistas estamos conectados pela realidade da vivência na região da Baixada Fluminense – RJ. Portanto, a partir da perspectiva decolonial, entendo que durante o processo de investigação temática, olhar para os cineclubes e conversar com os/as cineclubistas também provocou em mim uma transformação enquanto cidadã da Baixada Fluminense e pesquisadora.

4. Resultados e análise dos dados da pesquisa

A apresentação dos resultados e análise dos dados da pesquisa está subdividida em quatro seções. Na seção 4.1 é apresentado o contexto histórico, geográfico, econômico e cultural da Baixada Fluminense, com o objetivo de compreender a formação da região onde estão localizados os cineclubes estudados na pesquisa. Para isso, o primeiro tópico desta seção é dedicado a discutir as ocupações que o território sofreu ao longo dos anos; no tópico seguinte é apresentado um exemplo de ocupação atual em um bairro localizado em São João de Meriti, na Baixada Fluminense; e no último tópico é discutido o contexto sócio econômico da região da Baixada Fluminense e a conexão desse cenário com a formação de cada município da região.

Na segunda seção deste capítulo são apresentados os movimentos de articulação e rearticulação dos cineclubes no Brasil. A seção é iniciada com a apresentação do início do cineclubismo no Brasil, na década de 1920; a institucionalização e crescimento do número de cineclubes no Brasil; as perseguições que essas organizações sofreram na Era Vargas e na ditadura empresarial militar; a apresentação de reportagens que citam a existência de cineclubes na região da Baixada Fluminense até a década de 1980; e a desarticulação que o movimento sofreu após a criação de novas tecnologias no mercado cinematográfico e o encarecimento da distribuição de filmes na década de 1980. Em seguida a seção é dedicada a apresentar o processo de criação de cineclubes na região da Baixada Fluminense a partir dos anos 2000.

O capítulo ainda é formado pelas seções 4.3 e 4.4. Na seção 4.3 são discutidos os resultados da pesquisa a respeito do objetivo intermediário de descrever a relação entre as produções cineclubistas na Baixada Fluminense e a valorização do território. Já na seção 4.4 é apresentada a análise dos dados referente ao objetivo intermediário de analisar os efeitos do processo de participação nos cineclubes da Baixada Fluminense nas dimensões inserção territorial e associação da vida humana, a partir da teoria das organizações substantivas. Para isso, são discutidos os princípios que baseiam as práticas cineclubistas na Baixada Fluminense; a forma como as individualidades de cada participante é respeitada dentro da organização e a espontaneidade como os compromissos coletivos são assumidos por cada cineclubista; o equilíbrio entre as dimensões individuais e coletivas também é um ponto de discussão dessa seção, assim como os conflitos, relacionamentos interpessoais e redes de apoio acontecem nos cineclubes.

4.1. Apresentação da região da Baixada Fluminense nos âmbitos histórico, geográfico, econômico e cultural

Com o intuito de compreender o território da delimitação da pesquisa, apresento a seguir um breve histórico das ocupações e formações da Baixada Fluminense, assim como suas características econômicas e culturais, conforme indica Bosco Pinto (2014) a respeito da investigação temática e a importância de conhecer o contexto histórico do local em que a pesquisa é realizada. Sendo assim, este tópico começará com a apresentação dos processos de ocupação no território da Baixada Fluminense. Essa reflexão provocará o início das reflexões sobre a situação atual da Baixada, a partir do caso do bairro Venda Velha, no município de São João de Meriti, de onde sou. Após isso, veremos os dados sócio econômicos da Baixada, que indicam as desigualdades entre os grandes investimentos e o desenvolvimento local, assim como as demandas por resistência e formação de redes de apoio presentes na região, que são refletidas no campo da cultura.

4.1.1. As ocupações do território da Baixada Fluminense

Os vestígios mais antigos já encontrados da ocupação do território que conhecemos hoje como Baixada Fluminense foram os deixados pelos “povos das conchas”, também conhecidos como “sambaqueiros” (NETO, 2018). O termo é uma derivação da palavra “conchas” em tupi e é usado em referência às conchas dos moluscos que esses povos comiam e acumulavam (COSTA, 2016). Como exemplo de vestígios desse período, podemos citar os achados do Instituto de Arqueologia Brasileira (IAB), cuja sede fica no município de Belford Roxo – Baixada Fluminense. Em monitoramento arqueológico (iniciado no ano 2009) das obras da Rodovia do Arco Metropolitano do Rio de Janeiro, que afetaram diretamente os municípios de Duque de Caxias, Nova Iguaçu, Japeri, Seropédica e Itaguaí, na Baixada Fluminense, foram encontrados pela equipe do IAB nove sítios pré-históricos, como é mencionado por Neto (2018). Destes nove sítios encontrados, dois eram sambaquis (com datação de cerca de 3 mil anos antes do período presente, localizados próximos à Baía de Guanabara, em Duque de Caxias) e sete “sítios ceramistas vinculados à Tradição Tupiguarani”, próximos ao Rio Guandu, entre os municípios de Seropédica e Japeri (NETO, 2018, p.42).

Nas fichas de registros de sítios arqueológicos enviados pelo IAB ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), além dos locais que indicaram

ocupações anteriores ao período colonial, foram registrados sítios mistos, ou seja, áreas com materiais dos períodos coloniais e pré-coloniais. Segundo Neto (2018), estes materiais de períodos mistos indicam que ocorreram reocupações no território ao longo do tempo. Um dos sítios importantes para representar a reocupação é o sítio Aldeia das Escravas II, localizado em Duque de Caxias, onde foram encontrados, em diferentes profundidades de escavação do solo, fragmentos ceramistas tupis, mas também louças europeias, principalmente portuguesas, dos finais do século XV e XVII, assim como “uma grande estrutura portuária formada com barrotes [peças] de madeira” que “certamente sustentavam uma cobertura com telhado” (NETO, 2018, p.48). Com isso, para a pesquisadora, que é uma das diretoras do IAB, as estruturas e artefatos encontrados nesta localidade “indicam tratar-se de um porto fluvial de importância econômica no período colonial e que se assentara nas proximidades de uma aldeia indígena tupi” (NETO, 2018, p.48).

A ocupação portuguesa em antigas aldeias tupis e a presença de portos fluviais na Baixada Fluminense também é apontada em pesquisa historiográfica realizada por Souza (2002). Segundo a autora, em torno de 1560, diante da presença de franceses no território, os portugueses iniciaram a disputa pela apropriação das terras que eram ocupadas pelos povos Tupis. De acordo com a pesquisa realizada pela autora, nesse período inicial os povos Tupinambás haviam estabelecido relações de troca com os franceses (madeira e alimentos por produtos manufaturados) e se aliançaram aos franceses na guerra contra a ameaça portuguesa. Contudo, aliados aos povos Temiminós, que guerreavam contra os Tupinambás, os portugueses conseguiram vencer os franceses (COSTA, 2016).

Com a derrota e as mortes dos dois lados da guerra, os Tupinambás passaram a ser escravizados pelos portugueses e iniciaram um processo de fuga para as serras do Tinguá e da Taquara (NETO, 2018). A autora então relata que, com a ocupação a partir da doação de terras pelo sistema sesmarias, à uma pequena quantidade de pessoas, as áreas da região passaram a ser usadas para “produção agrícola voltadas à exportação e ao comércio intercolonial”, assim como foram aproveitados os rios, que “facilitavam o escoamento da produção e a comunicação com a cidade portuária do Rio de Janeiro” (NETO, 2018, p.28). Portanto, a partir da apropriação lusitana, a região que cerca a Baía de Guanabara começou a ser usada à serviço dos interesses da cidade do Rio de Janeiro, com o trabalho predominante de indígenas escravizados durante o século XVI (NETO, 2018).

A presença de população africana escravizada passou a ser predominante na Baixada Fluminense apenas a partir do século XVII. Como a região, além do abastecimento interno, também abastecia a cidade do Rio de Janeiro, que passava por aumento populacional naquele período, a mão-de-obra negra escravizada foi usada para a ampliação da produção agrícola da Baixada Fluminense (NETO, 2018). No século XVIII também teve aumento da presença da população negra na região, porque, com o início da extração de ouro em Minas Gerais e as aberturas dos caminhos do ouro (Caminho Novo de Garcia Paes (1704) e Caminho do Proença (1722), segundo Bezerra (2013)), ocorreu outro aumento populacional na capitania do Rio de Janeiro (NETO, 2018). Então, além da relevância portuária e agrícola, a região foi transformada em caminho de conexão entre Rio de Janeiro e Minas Gerais, com presença de uma população de origem diversa, como indígenas, africanos e europeus (NETO, 2018; BEZERRA, 2013).

Para Bezerra (2013, p.9), as diversas pessoas que passaram pelos caminhos da Baixada Fluminense, entre eles viajantes, tropeiros, barqueiros e autoridades, transmitiram “diferentes formas de pensar, diferentes modos do fazer cotidiano que forjaram tradições, sociabilidades e expressões culturais que ainda hoje se encontra na região”. A diversidade de origem étnica dos africanos escravizados que viviam na região também constituiu a região. Em análise preliminar de 641 registros de batismo dos bebês da Freguesia do Pilar, dos anos de 1791 a 1809, por exemplo, realizada por Neto (2018), foi identificado que as mães, de origem africana, pertenciam às seguintes etnias: Angola (54), Benguela (35), Congo (10), Rebola (04), Cassange (01), Mina (01), Moçambique (01) e Quilamane (01). Com essa pequena informação é possível vislumbrar um pouco mais os diferentes modos de vida que foram incorporados à região da Baixada ao longo dos anos, como menciona Bezerra (2013).

No caso da herança religiosa, também houve influência católica, a partir das instalações de capelas próximas aos portos. As capelas buscavam atender aos interesses da metrópole de manutenção do modelo escravista, por meio do controle administrativo e religioso dos portos (NETO, 2018). Com o tempo, dependendo dos interesses políticos e econômicos, algumas capelas foram transformadas em paróquias e, a partir do século XVII, foram transformadas em freguesias, ou seja, distritos, que posteriormente foram elevadas à categoria de vilas, ou seja, municípios.

Ao longo dos anos a região da Baixada também foi usada como caminho para a escoação da produção cafeeira do Vale do Paraíba. Para Neto (2018), além de integrar o

porto iguaçuano à região produtora de café, a Estrada da Polícia foi construída com o objetivo de enfraquecer as rotas de fuga dos quilombolas da região, que eram acobertados por comerciantes de tabernas e escravos de fazenda. Segundo a autora, a Baixada era vista pelos escravizados da corte como “uma pequena possibilidade de sobrevivência e liberdade” (NETO, 2018, p.57). Além disso, de acordo com Bezerra (2013), mesmo após o fim do regime escravocrata, a Baixada permaneceu como território de famílias de origem africana que inicialmente viveram para a região como escravizados, mas que ali construíram relações, batizaram os filhos e enterraram parentes.

Portanto, quando pensamos na Baixada Fluminense, estamos pensando em um território construído pela junção de modos de vida de diferentes regiões; usado pela capitania do Rio de Janeiro como um local de passagem e fornecimento de recursos; mas também pensamos em um lugar de resistências e vivências próprias, que por muitas vezes foram e são invisibilizadas. A partir das reflexões sobre os acontecimentos passados que compõem a formação da Baixada Fluminense, apontaremos a seguir as ocupações que ocorrem no tempo presente na região.

4.1.2. Ocupações na Baixada Fluminense do tempo presente: o exemplo do bairro Venda Velha, em São João de Meriti/RJ

Olhar os acontecimentos formativos da região da Baixada instiga pensar, de forma quase involuntária, em alguns momentos, sobre o que ocorre no tempo presente. Com o aumento da relevância econômica da produção cafeeira em meados do século XIX, por exemplo, foram iniciadas na Baixada Fluminense as construções de estradas de ferro, que visavam acelerar o transporte da produção de café. Naquele cenário, a construção da Estrada de Ferro Pedro II fez com que o uso portuário da região perdesse a relevância:

Os rios que funcionavam como antigas vias de circulação foram abandonados, sem conservação, agravando os problemas ambientais do lugar. Nesse momento, os eixos de ocupação privilegiados deixam de ser as margens dos rios e passam a ser as proximidades das estações ferroviárias e das rodovias. (NETO, 2018, p.63)

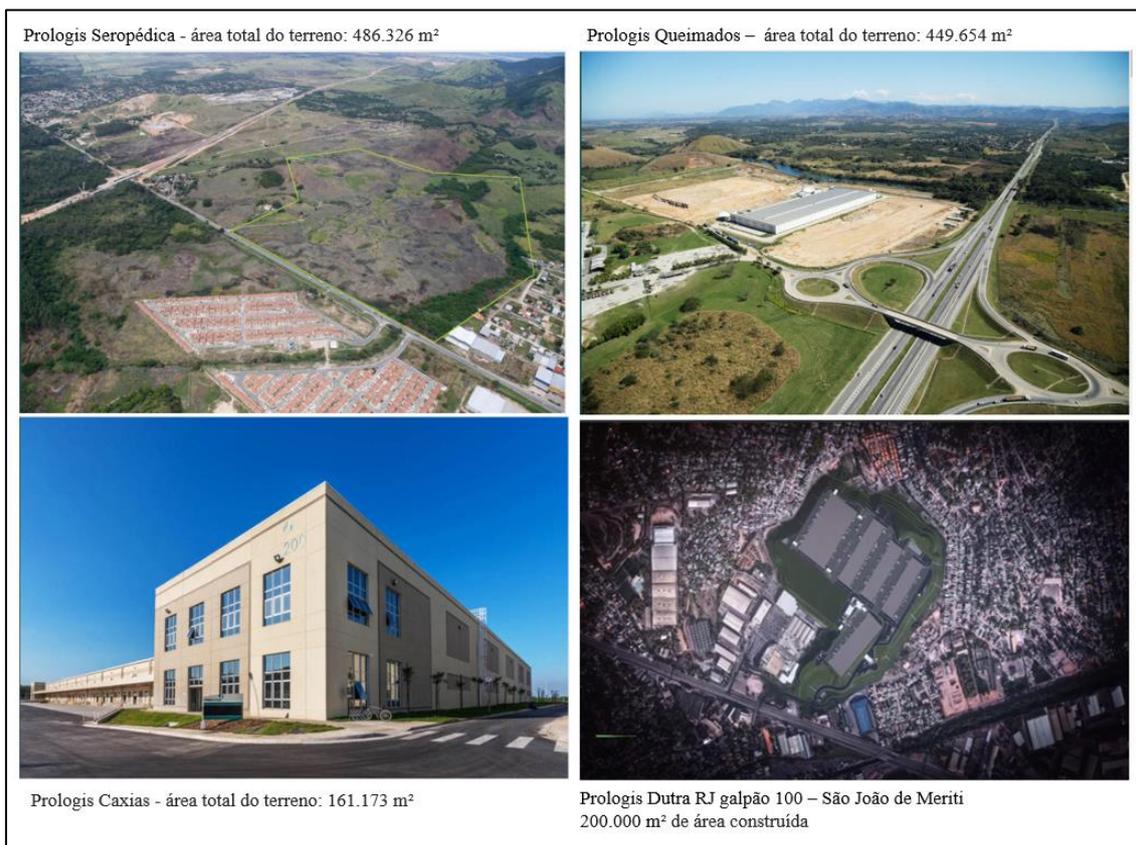
Pensando nesse fato, este tópico será dedicado a discutir o cenário atual da região da Baixada Fluminense, a partir da característica desse território de ser usado como local de armazenamento e escoação de produtos para outras regiões.

Em agosto de 2021, por exemplo, foi aprovado pelo governo do estado do Rio de Janeiro o programa PactoRJ, que objetiva impulsionar a economia do estado (RJ.GOV, 2021). O programa possui orçamento de R\$ 17 bilhões, dos quais R\$ 10 bilhões foram provenientes do leilão do saneamento, conforme reportagem de Granda (2021) publicada no site Agência Brasil. A maior parte do orçamento estará concentrada em melhorias e obras de infraestrutura: R\$ 7,4 bilhões, conforme informa a apresentação do PactoRJ, divulgada pelo Governo do estado. Entre os projetos de infraestrutura estão a recuperação de asfaltos de estradas estaduais; implemento de pavimentações; construção e reformas de pontes e viadutos; e a construção do metrô leve (superfície), na Baixada Fluminense.

A respeito das ações do programa PactoRJ na Baixada Fluminense, em um encontro com empresários, promovido pela Firjan Caxias e Região, em outubro de 2021, que objetivava “detalhar os investimentos previstos para a Baixada Fluminense no Pacto RJ”, o secretário de Estado de Desenvolvimento Econômico, Energia e Relações Internacionais, Vinicius Farah, afirmou que “a Baixada vai se consolidar como o maior polo logístico e de desenvolvimento econômico do estado. [...] uma oportunidade de os condomínios industriais serem cofinanciados pelo estado, através do Pacto RJ”. Apesar da afirmação do secretário consistir em uma perspectiva para o futuro, os centros de logística já estão muito presentes na região da Baixada Fluminense.

A companhia global Prologis, por exemplo, que ingressou no Brasil no ano de 2008 em parceria com a Cyrela Commercial Properties, e em 2017 comprou a porcentagem da Cyrela na sociedade pela quantia de R\$ 1,2 bilhões, possui, no ano de 2021, quatro galpões de logística na Baixada Fluminense, nos municípios de Duque de Caxias, Queimados, Seropédica e São João de Meriti, este último é chamado pela empresa como Dutra RJ. Curiosamente, em nenhum momento no site ou no vídeo de apresentação da empresa é mencionado o nome São João de Meriti. Nas imagens a seguir estão os galpões e as áreas dos terrenos/construções da Prologis na Baixada Fluminense:

Figura 4: áreas dos terrenos/construções da Prologis na Baixada Fluminense



Fonte: PROLOGIS, adaptado pela autora. Recuperado de <https://www.prologis.com.br/industrial-logistics-warehouse-space/americas/brasil/panorama-do-mercado-do-rio-de-janeiro>

No município de São João de Meriti, as obras do centro de distribuição foram iniciadas no ano de 2017, em uma área onde antes tinha um campo de futebol, vegetação e árvores. Na época, os moradores do bairro afetado pela construção (Parque Barreto/Venda Velha) não foram notificados sobre o que seria construído no local, mas foram afetados pelas enchentes provocadas pelas obras, como demonstram as imagens:

Figura 5: área afetada pelas obras da PROLOGIS em São João de Meriti – RJ



Fonte: Movimento Pró-Saneamento da Baixada (2018), adaptado pela autora. Recuperado de <https://rioonwatch.org.br/?p=32458>

O campo de futebol, que foi aterrado pelas obras da Prologis, era um ponto de encontro e memória dos moradores da região. Nesse processo, a Associação de Moradores da Venda Velha e o Movimento Pró-Saneamento da Baixada se mobilizaram e conseguiram uma reunião com representantes da prefeitura de São João de Meriti e representantes da Prologis. Segundo matéria escrita por Larson (2018), na página RioOnWatch, na reunião ficou acordado que seria construída uma ciclovia ao redor do empreendimento, reflorestamento e uma escola técnica federal, mas até dezembro de 2021 essas obras ainda não haviam sido realizadas. Além disso, essas obras, assim como a construção da Estrada Ferro Pedro II, no período cafeeiro, citada por Neto (2018), impactaram ambientalmente a região, com alagamentos, poeira e desmatamento. A intervenção da empresa no bairro também impactou um dos poucos espaços de lazer e convívio que existiam, como relatou um morador da Venda Velha, com quem conversei sobre as lembranças do campo de futebol:

Ah Vanessa, eu sou testemunha disso. Você lembra né, por quantas vezes eu saía daqui e tinha encontro certo no Campo Barreto né, ou, no Campo do Estrela, ou, no Campo do Morro do Urubu. Tenho foto com você lá no Campo do Morro do Urubu. E o Campo do Barreto, às vezes, não tinha nem jogo pra gente, mas era o point né, **era um ponto de encontro. Onde nós revíamos os amigos né. Onde íamos pra lá pra colocar os assuntos em dia, saber um pouco da dificuldade de cada um, interagir um com o outro**, sorrir um com o outro, brincar um com o outro. E quando acabou ali o Barreto, e acabou o Estrela, e acabou o morro do Urubu, cara, **é como se tivesse tirando uma parte da nossa história**. Tirou uma parte da minha história né. **E aí a gente fica sem ver as pessoas muito tempo, pessoas que eu via todo sábado né**. Por quantas vezes eu saía daqui, pra sentar na beira do campo, pra ver um time

ruim jogar? Mas eu sabia que os meus amigos estariam ali também. Ia ali, sentava, brincava, tomava coca-cola, ria [...]. Ou, no domingo, que tinha campeonato, que vinha, juntava torcida. Poxa, [campeonato] casado e solteiro né. E ninguém sabe disso, ninguém sabe o valor, ninguém sabe a importância que tem isso na vida das pessoas aqui. (Morador do bairro Venda Velha, em São João de Meriti)

Esse processo de ver um campo de futebol destruído pela construção de um centro de distribuição já havia sido vivido no bairro. Na década de 1970, na área onde era o campo do Fraternidade Futebol Clube, foi construído o depósito das Casas Sendas, hoje incorporada ao Grupo Pão de Açúcar. Em buscas realizadas no acervo digital da Biblioteca Nacional, por reportagens sobre o bairro Venda Velha, o futebol do Fraternidade foi uma das principais pautas de reportagens encontradas sobre o bairro, além dos anúncios de venda de terrenos, a violência e reivindicações contra o descaso público. Nessas reportagens da década de 1960, foi possível perceber a relevância dada ao time do Fraternidade Futebol Clube, do bairro Venda Velha, como exemplificam as imagens a seguir:

Figura 6: relevância dada ao time Fraternidade Futebol Clube, da Venda Velha

Esportes em Meriti

Fraternidade e GR 1.º de Maio, em Revanche sensacional

No dia de hoje, o campo do Fraternidade será palco de sensacional encontro entre o Clube local e o Grêmio Recreativo 1.º de Maio, que estará festejando a data natalícia de sua fundação. O 1.º de Maio está altamente credenciado, face ao seu último triunfo frente ao B. Rôxo, enquanto o Fraternidade espera desferrar-se da derrota sofrida frente ao seu oponente, quando da última partida. Como atrativo, veremos o clube da Venda Velha inaugurando o seu novo material e, ainda, a estréia de Nande, sua última conquista.

Olarias enfrentará mixto do Vasco

Também no dia de hoje, sensacional peleja será realizada no campo do bi-campeão meritienense, quando sua equipe enfrentará um quadro mixto do Vasco da Gama. O encontro promete ser bastante movimentado.

Fraternidade recepcionou o Social Clube Meriti

A praça de esportes e a sede do Fraternidade FC, acolheram, no último domingo, a fidalga delegação do Social Clube Meriti, constituída de Diretores, associados e encantadoras senhorinhas, frequentadoras do clube orgulho de São João de Meriti. Foi na praça de esportes do "Campeão da Disciplina" que o SCM promoveu a parte futebolística de suas Olimpíadas, em obediência ao programa comemorativo da passagem da data de sua fundação. Sagrou-se vitoriosa, a equipe do "Gêlo" que atuou, aliás, com a camisa do dono do campo, tendo, ainda, a integrada, sete jogadores do clube local.

Espetacular vitória do Unidos de Rosali

Conseguiu o Unidos de Rosali FC, domingo último, brilhante vitória, contra a equipe do Itaguaí FC, derrotando seus primeiros e segundo quadros.

Na preliminar, venceu o Unidos pela contagem de 2x0 e no jogo principal por 2x1.

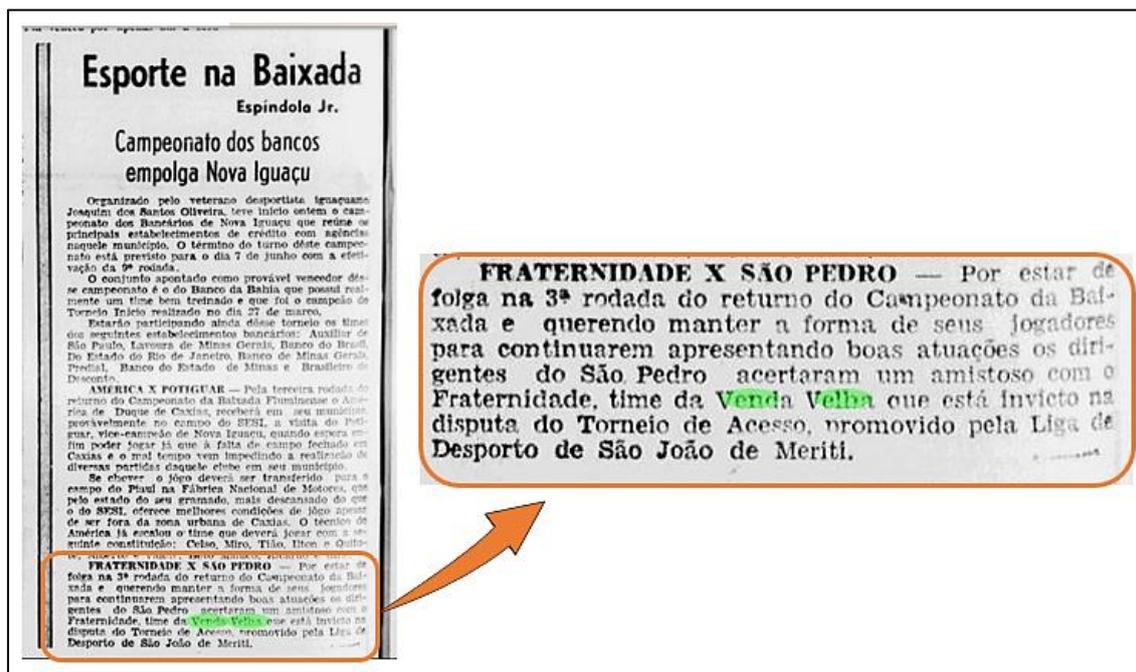
O Unidos de Rosali formou assim, seu primeiro quadro: Walter; Moisés e Zé; Sete Dias, Ademar e Eli; Gilberto, Bislene e Aderaldo; Tim e Niquinho.

Estrêla de Ouro irá a Tinguá

No dia de hoje, a equipe do Estrêla de Ouro FC, do Jardim Redentor, irá a Tinguá, onde

Fonte: Folha de Caxias (RJ), Ano 1960\Edição 00195 (2). Recuperado de <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=123456&pesq=%22Venda%20Velha%22&pasta=ano%20196&hf=memoria.bn.br&pagfis=1509>

Figura 7: Reportagem sobre o time da Venda Velha



Fonte: A Luta Democrática, Ano 1969\Edição 04686 (2). Recuperado de <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030678&pesq=%22Venda%20Velha%22&pasta=ano%20196&hf=memoria.bn.br&pagfis=41735>

Na reportagem da primeira imagem foi citada a estreia de um jogador, considerada a “conquista” do clube e usado o adjetivo “clube orgulho de São João de Meriti”, enquanto que na segunda reportagem apresentada foi usado o termo time “invicto”, ou seja, indicam o valor do futebol do bairro. Contudo, após 1969 não foram encontradas reportagens com menções ao clube de futebol Fraternidade, da Venda Velha. A partir da década de 1970, o acontecimento foi a construção do depósito da Casas Sendas, rede de mercados e distribuidora de alimentos. Apesar de não terem sido encontradas reportagens sobre a relação entre as construções desse empreendimento no bairro e o fim do Fraternidade FC, relatos do morador do bairro apontam a conexão entre os acontecimentos:

Da mesma forma foi na Sendolândia aqui. Entra com máquina e acaba com tudo. Acaba com o meio ambiente, acaba com a natureza, acaba com árvores, onde as crianças brincavam. **Eu lembro que eu brincava ali. Ali tinha um campo de futebol, que era o campo do Fraternidade. Foi na década de 70.** Eu era bem novo. Eu era bem criança quando ia pra beira do campo ver meu pai jogar. Eu nem jogava nesse tempo. **Eu cansei de ir ali e colher tamarindo.** Tinha uma árvore grande ali, um pé de tamarindo grande ali. A gente ia pra ali brincar, colher o fruto da tamarindo. Foi algo que impactou muito né a nossa localidade aqui. [...] Aqui nessa área nossa aqui era [tinha] o Campo do José Bonifácio, o Campo do Fraternidade, o Campo do Morro do Urubu, o Campo do Barreto, o Campo do Santana e Campo do Novo Brasil. E hoje nós não temos, só tem um, que é o Campo do Novo Brasil, que ficou, mas é caro. (Morador do bairro Venda Velha, em São João de Meriti)

Estes relatos e o exemplos do bairro Venda Velha apontam para o uso do território para finalidades externas a ele, como resume Neto (2018):

Nos séculos XVI, XVII e meados do XVIII, a cidade do Rio de Janeiro precisava do Recôncavo para obter alimentos, combustível e tijolos. Na segunda metade do XVIII, dependia dela para armazenar e transportar a produção mineira. Passando para o século XIX, o Recôncavo passaria a armazenar e escoar a produção cafeeira do Vale do Paraíba. Posteriormente, durante a primeira metade do XX, para abrigar os trabalhadores pobres. (NETO, 2018, p.66)

No tempo presente, podemos considerar que a região da Baixada voltou a ser usada como local de armazenamento e transporte, como ocorreu nos séculos anteriores, estudados por Neto (2018). Estes usos do território por grandes corporações remetem ainda às considerações de Santos (2007) a respeito das ações de empresas globais no território:

[...] por menor que seja um lugar, por mais insignificante que pareça, no mundo da competitividade este lugar é fundamental porque as empresas globais dependem de pequenas contribuições para que possam manter o seu poder. Esse poder que é cego, porque não olha ao redor. Esse poder que se preocupa com objetivos precisos, individualistas, egoísticos, pragmáticos é um poder cego, já que não olha ao redor. Mas escolhe esses lugares aqui e ali, hoje e amanhã, em função das respostas que imaginam poder ter, e desertam esses lugares quando descobrem que já não podem oferecer tais respostas. (SANTOS, 2007, p.19)

Nesta citação, especialmente na parte em que o autor fala do abandono dos lugares quando as empresas percebem que não há mais o que aproveitar, exemplificam a realidade do bairro Venda Velha, assim como indicam o que ocorre globalmente em consequência da lógica de poder do mundo globalizado (SANTOS, 2007). Como pontuou Ramos (1981, p.162), as alterações nos espaços para atender aos interesses do mercado e que deterioram a vida comunitária, “tem sido uma consequência normal da expansão do sistema de mercado”. Diante desse contexto histórico dos usos da Baixada Fluminense, o tópico seguinte será dedicado a apresentação dos dados sócio econômicos da região.

4.1.3. O contexto sócio econômico da Baixada Fluminense

De acordo com dados do IBGE (2020), o município da Baixada Fluminense com maior área é Nova Iguaçu, com 520,581 km². Duque de Caxias, por exemplo, que já foi distrito de Nova Iguaçu, possui a segunda maior área territorial (467,319 km²) e também apresentou a maior estimativa de quantidade de habitantes do ano de 2021 na região, com

929.449 pessoas. Já Nilópolis e São João de Meriti são os dois menores municípios da Baixada e os municípios com maior densidade demográfica, segundo o Censo (2010). Em São João de Meriti a densidade é de 13 mil pessoas por quilometro quadrado. Dessa forma, podemos compreender os municípios da Baixada Fluminense como diversos em área territorial, população e densidade demográfica.

No quesito meio ambiente, as taxas de domicílio com esgotamento sanitário adequado também são desiguais na região. Enquanto que 98,7% dos domicílios localizados em Nilópolis possuem esgoto sanitário adequado, no município de Magé apenas 63,20% das residências contam com o esgoto adequado, a partir de dados do último Censo (2010). As diferenças ambientais também ocorrem nas taxas de arborização e urbanização adequada das vias públicas dos domicílios urbanos. Nas áreas urbanas da região, as taxas de arborização das ruas variam entre 81,6% (Paracambi) e 25,7% (Japeri). Já a porcentagem de domicílios urbanos localizados em ruas com bueiro, calçada, pavimentação e meio-fio variam entre 19,7% em Seropédica e 91,3% em Nilópolis. Sendo que a alta taxa de urbanização adequada em Nilópolis, maior que do município de Rio de Janeiro, com taxa de 70,5%, destoa dos demais municípios, uma vez que a segunda maior taxa de ruas arborizadas é de 68,2%, no município de Duque de Caxias. Esses dados podem ser visualizados na tabela a seguir:

Tabela 1: dados populacionais e ambientais dos municípios da Baixada Fluminense

Município	Área da unidade territorial [2020]	População estimada [2021]	Densidade demográfica [2010]	Domicílios com esgotamento sanitário adequado [2010]	Domicílios urbanos em vias públicas com arborização [2010]	Presença de bueiro, calçada, pavimentação e meio-fio em vias públicas de domicílios urbanos [2010]
Belford Roxo	78,985 km ²	515.239 pessoas	6.031,38 hab/km ²	81,40%	35,10%	38,10%
Duque de Caxias	467,319 km ²	929.449 pessoas	1.828,51 hab/km ²	85,30%	47%	68,20%
Guapimirim	358,443 km ²	62.225 pessoas	142,70 hab/km ²	68,50%	79,50%	49,70%
Itaguaí	282,606 km ²	136.547 pessoas	395,45 hab/km ²	77,50%	36,10%	54,10%
Japeri	81,697 km ²	106.296 pessoas	1.166,37 hab/km ²	68,30%	25,70%	26,80%
Magé	390,775 km ²	247.741 pessoas	585,13 hab/km ²	63,20%	54,10%	24,50%

Mesquita	41,169 km ²	177.016 pessoas	4.310,48 hab/km ²	93,30%	62,40%	62,30%
Nilópolis	19,393 km ²	162.893 pessoas	8.117,62 hab/km ²	98,70%	70,40%	91,30%
Nova Iguaçu	520,581 km ²	825.388 pessoas	1.527,60 hab/km ²	83,10%	57,90%	53,30%
Paracambi	190,949 km ²	53.093 pessoas	262,27 hab/km ²	83%	81,60%	59%
Queimados	75,927 km ²	152.311 pessoas	1.822,60 hab/km ²	83,40%	61,40%	47,40%
São João de Meriti	35,216 km ²	473.385 pessoas	13.024,56 hab/km ²	94,20%	30,10%	46,90%
Seropédica	265,189 km ²	83.841 pessoas	275,53 hab/km ²	64,10%	46,70%	19,70%
Rio de Janeiro	1.200,329 km ²	6.775.561 pessoas	5.265,82 hab/km ²	94,40%	70,50%	78,40%

Fonte: IBGE (2010, 2020 e 2021), adaptado pela autora.

Em relação à economia, o município de Itaguaí é o que apresenta o maior PIB per capita (2018), no valor de R\$ 63.968,12, maior que o da capital do Rio de Janeiro (R\$ 54.426,08). Apesar disso, as porcentagens de receitas provenientes de fontes externas (49,7%), como da União e do Estado, e a proporção de pessoas ocupadas em relação à população total (20,7%), em 2019, são menores que as proporções apresentadas na capital do estado do Rio de Janeiro (33,3% e 37,1%), como indicam os dados divulgados na figura a seguir. Esses resultados ficam ainda mais questionáveis se considerarmos que, apesar do maior PIB per capita da região, 22,5% dos domicílios do município não possuem esgotamento sanitário adequado e quase metade das casas em áreas urbanas (45,9%) não possuem bueiro, calçada, pavimentação e meio-fio, como indicaram os dados do último censo (2010).

Seropédica e Duque de Caxias também apresentaram PIB per capita (2018) altos: R\$ 51.442,50 e R\$ 45.490,61, respectivamente. Sendo que em Seropédica as discrepâncias entre os valores do PIB per capita e dos dados sobre a ocupação do território e ambiente são ainda mais evidentes. Nesse município, que possui a maior média de salário mensal de trabalhadores formais da Baixada Fluminense (3,9 salários mínimos mensal em média), ainda possui 35,9% dos domicílios sem esgoto sanitário adequado e 80,3% das vias públicas de domicílios urbanos sem bueiro, calçada, pavimentação e meio-fio. Esses números, apresentados nas tabelas 3 e 4, mostram que até mesmo nos municípios com as melhores taxas econômicas, existe desigualdade social e descaso

público com a qualidade de vida da população no uso do território e no direito a recursos básicos de saúde, como o esgoto sanitário adequado.

Tabela 2: dados econômicos dos municípios da Baixada Fluminense

Município	PIB per capita [2018]	Percentual das receitas oriundas de fontes externas (União e Estado) [2015]	IDH [2010]	Proporção de pessoas ocupadas em relação à população total [2019]	Salário médio dos trabalhadores formais (em salários mínimos – s.m.) [2019]
Belford Roxo	R\$ 15.598,12	77,30%	0,684	7,10%	2,1 s. m.
Duque de Caxias	R\$ 45.490,61	66,20%	0,711	17,80%	2,7 s. m.
Guapimirim	R\$ 16.377,56	83,40%	0,698	12,40%	2,0 s. m.
Itaguaí	R\$ 63.968,12	49,70%	0,715	20,70%	2,8 s. m.
Japeri	R\$ 13.825,88	84,20%	0,659	8,30%	2,2 s. m.
Magé	R\$ 15.926,84	77,70%	0,709	11,90%	1,7 s. m.
Mesquita	R\$ 12.879,91	-	0,737	9,70%	1,9 s. m.
Nilópolis	R\$ 17.270,92	73,80%	0,753	12,60%	1,7 s. m.
Nova Iguaçu	R\$ 20.538,67	68,80%	0,713	12,80%	2,1 s. m.
Paracambi	R\$ 18.799,04	89,90%	0,72	12,00%	1,8 s. m.
Queimados	R\$ 24.050,05	76%	0,68	11,60%	2,3 s. m.
São João de Meriti	R\$ 19.726,47	-	0,719	13,00%	1,8 s. m.
Seropédica	R\$ 51.442,50	-	0,713	18,80%	3,9 s. m.
Rio de Janeiro	R\$ 54.426,08	33,30%	0,799	37,10%	4,2 s. m.

Fonte: IBGE (2010, 2015, 2018 e 2019), adaptado pela autora.

O valor alto do PIB per capita dos municípios da Baixada Fluminense pode ser justificado pela presença de megaempreendimentos, como o Porto de Itaguaí (VILELLA et al, 2017). Segundo pesquisas de Vilella et al (2017), em Itaguaí os megaempreendimentos seguem um modelo mercadocêntrico e não participativo, e não contribuíram para a melhora da qualidade de vida da população local. Sendo que esses resultados já haviam sido previstos por Santana et al (2011), ao refletirem sobre os megaempreendimentos no Rio de Janeiro, especialmente em Itaguaí, os autores afirmam:

A implantação de grandes projetos é decidida e implementada sem a participação do poder local que normalmente não está capacitado para equacionar possíveis encaminhamentos que reduzam as negatividades dos impactos. Esses grandes projetos, por sua vez, quase sempre, não estão

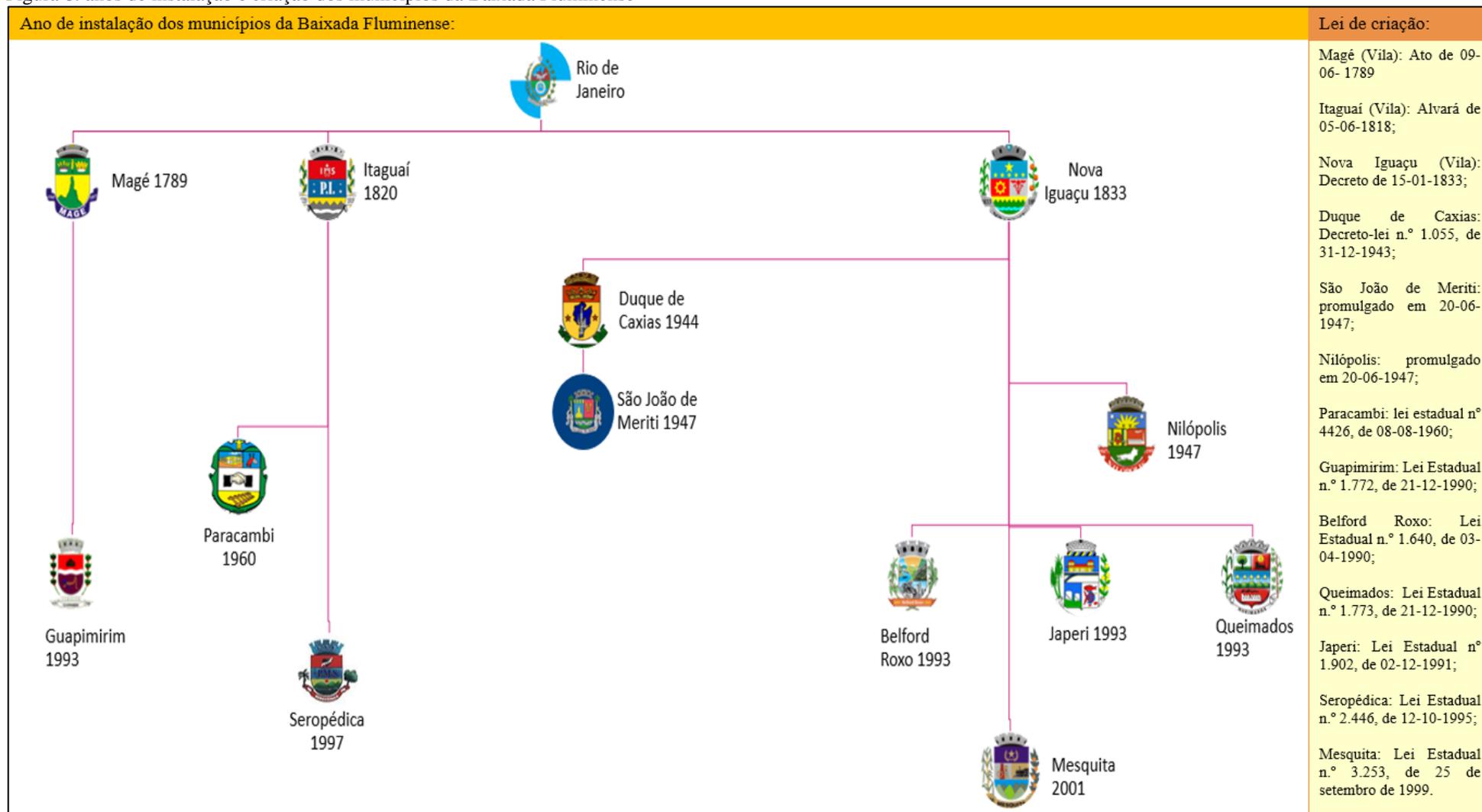
relacionados com o desenvolvimento prévio da região, como é o caso em análise. (Santana et al, 2011, p. 864)

Conforme os autores analisaram, no caso de Itaguaí ocorreu uma assimetria entre a construção de megaempreendimentos (apoiados pelo poder público central) e o poder público local. Para os autores, essa diferença de poder e falta de participação local, provoca um processo de desterritorialização, ou seja, o território perde a sua identidade. Itaguaí, segundo os autores, deixou de ser majoritariamente agrário e familiar e passou a ser industrial e prestador de serviços, sem que houvesse a participação do poder público local e da sociedade civil nessas transformações. Ikeda *et al.* (2018), chamam o município de “território dos megaempreendimentos” e também consideram que a participação e o controle local não acompanharam as transformações do território. Semelhanças ao caso de Itaguaí ocorrem também em outros municípios da Baixada Fluminense, como Seropédica (PAULA et al., 2018) e o exemplo do centro de logística PROLOGIS, em São João de Meriti. Portanto, a região da Baixada Fluminense está configurada socioeconomicamente como uma região cercada por desigualdades, com a instalação de grandes investimentos que alteram o território e não incluem a participação local nas decisões. Esse contexto está próximo ao conceito de “verticalidade” (SANTOS, 2001), uma vez que as grandes empresas se tornaram as reguladoras das mudanças do território. Com isso, a região é demandante de resistências e mobilizações dos poderes locais para que os direitos sociais sejam garantidos.

Outro ponto característico da Baixada Fluminense é a dependência que os municípios, que inicialmente eram distritos, mantêm com as cidades que, anteriormente, eram suas sedes. Com isso, apesar das divisões formais, para quem vive na Baixada Fluminense ainda existe a manutenção da conexão entre os territórios. A falta de salas de cinema no Município de Belford Roxo, por exemplo, obriga pessoas que desejam ir ao cinema a se deslocarem para cidades como Duque de Caxias, Nova Iguaçu ou São João de Meriti.

O histórico das datas de lei de criação e ano de instalação de cada município, ou seja, o ano em que o município passou a ter prefeitura, pode ser observado na figura 14, apresentada na página a seguir. O município de Nova Iguaçu, por exemplo, inicialmente foi a vila (a sede) de distritos que hoje são municípios: Duque de Caxias, que deu origem a São João de Meriti; Nilópolis; Belford Roxo; Japeri; Queimados e Mesquita.

Figura 8: anos de instalação e criação dos municípios da Baixada Fluminense



Fonte: elaborado pela autora a partir de dados do IBGE.

As diferenças entre o desenvolvimento social e econômico dos municípios da Baixada Fluminense também são evidenciadas dentro de cada município. Em Duque de Caxias, que é dividido em quatro distritos (Duque de Caxias, Campos Elyseos, Imbariê e Xerém), existem diferenças no acesso a equipamentos culturais para quem mora no primeiro distrito, ou seja, no centro de Duque de Caxias, e para quem mora nos outros distritos. Durante a pandemia de covid-19, por exemplo, quando os projetos culturais e os produtores de cultura tiveram a oportunidade de receber apoio financeiro por meio da Lei Aldir Blanc, a partir da observação de eventos online, um dos municípios que mais parecia organizado para cumprir a lei era Duque de Caxias. Contudo, ao entrevistar um cineclubista do bairro Imbariê, que fica no terceiro distrito de Duque de Caxias, foi possível compreender que o acesso à lei Aldir Blanc não foi tão fácil como parecia.

Por outro lado, os projetos do município de Belford Roxo tiveram uma dificuldade ainda maior para conseguir o direito da lei Aldir Blanc. Isso provoca pensar que todo centro possui um subúrbio e que as desigualdades seguem uma hierarquia, ou seja, quanto mais distante do centro estiver determinada localidade, maior será a desigualdade vivenciada ali. Enquanto que Duque de Caxias é colocado como o subúrbio da cidade do Rio de Janeiro, Imbariê, em questão de acesso aos equipamentos culturais, por exemplo, está posicionado como subúrbio do centro de Duque de Caxias. Já outros municípios, como Belford Roxo ou São de Meriti, sofrem ainda mais as consequências dentro dessa subalternização territorial:

Eu brinco com o pessoal de Caxias: "ah, vocês reclamam de boca cheia. Tem teatro, o Raul Cortez. Tem biblioteca pública". Qual é a biblioteca pública que tem aqui em São João? Qual é a que tem? A Academia de Letras (de São João) fez uma no Mc Donalds. O Mc Donalds fechou, lá em cima, e acabou a biblioteca. E é pública. Tá numa instituição privada, mas é pública. Biblioteca pública na cidade, tá aonde que tá? Se tá, eu não sei. Não sei onde tá. Eu quero, tá? Eu tenho livro pra doar. Eu tenho no açougue aqui duas caixas cheia de livro que iam jogar fora: "me dá aqui, não joga fora não que uma hora vou encontrar um lugar pra colocar". Não tem. [...] Nova Iguaçu tira onda com aquele, com aquele centro cultural que tem lá, do lado de cá. Esqueci até o nome do centro cultural que tem lá. Tira onda. Caxias tira onda. (Ricardo, Cinema de Guerrilha)

teve uma situação que a gente estava na Escola Livre de cinema, antes de virar itinerante né. Porque aí sim, a gente virou itinerante e a gente percebeu como o nosso município ainda é precário, como o nosso município ainda precisa da gente, como [...] ainda não conhece as coisas boas da vida. Como o direito ainda é negado pra essas pessoas. [...] teve uma sessão que foi uma sessão de funk, [...] E aí uma criança não pôde assistir essa sessão. [...] Ele falou: "isso aqui não dá dinheiro e não sei o que, porque eu tenho que ajudar meus pais no trem pra botar comida dentro de casa". Aí aquilo, eu, né, me baqueei né. [...]

ele não podia assistir pra ajudar num trem, vender pra botar comida dentro de casa, sabe? (Pamela, Xuxu ComXis)

As desigualdades presentes na região da Baixada Fluminense também podem ser exemplificadas a partir de dados da Ancine (2019) sobre a distribuição de salas de cinema no Brasil. De acordo com relatório Ancine (2019), o Rio de Janeiro é o segundo estado brasileiro com maior concentração de salas de cinema (373 salas), e a maior unidade da federação com população residente em municípios com sala de cinema. Contudo, os registros da Ancine (2019) também indicam que há uma concentração na capital do Rio de Janeiro, que possui 223 salas de cinema comerciais, ou seja, 59,8% das salas de cinema do Estado. Já os municípios da Baixada Fluminense possuem juntos 7 complexos cinematográficos comerciais registrados na ANCINE, que resultam na oferta de 35 salas de cinema na região (9% do total de salas de cinema do Estado do Rio de Janeiro).

Além disso, o Anuário Estatístico do Cinema Brasileiro 2018, divulgado pelo Observatório Brasileiro do Cinema e do Audiovisual – ANCINE (2019), destaca que no Brasil o único município com mais de 500 mil habitantes que não possui cinema é Belford Roxo, localizado na Baixada Fluminense. Essas informações podem ser visualizadas no quadro apresentado a seguir:

Tabela 3: Comparação da relação entre população e salas de cinema no Estado, Capital e Municípios da Baixada Fluminense - RJ.

Local	População (IBGE, 2010)	Número de salas de cinema em 2018 (ANCINE, 2019)	Número de habitantes por sala de cinema ¹¹
Estado do Rio de Janeiro	15.989.929	373	42.868,44
Capital do Rio de Janeiro	6.320.446	223	28.342,81
Baixada Fluminense	3.565.862	35	101.882
Dados de cada Município da Baixada Fluminense:			
Belford Roxo	469.332	0	-
Duque de Caxias	855.048	8	106.881,00
Guapimirim	51.483	0	-

¹¹ O número de habitantes por sala de cinema foi calculado a partir da divisão do número da população contabilizada no último censo IBGE (2010) pelo número de salas de cinema comerciais registradas no Mapa de cinemas ANCINE (2019). No Anuário Estatístico do Cinema Brasileiro 2018 (ANCINE, 2019) também foram divulgados o número de habitantes por sala de cinema do Estado do Rio de Janeiro e dos Municípios Duque de Caxias e Nova Iguaçu, o cálculo foi realizado a partir do número da população estimada pelo IBGE em 2018. Nos resultados Duque de Caxias aparece como o município brasileiro, com mais de 500 mil habitantes, que apresenta a pior relação habitante por sala de exibição no ano de 2018. Nessa mesma categoria Nova Iguaçu aparece como o quinto pior município.

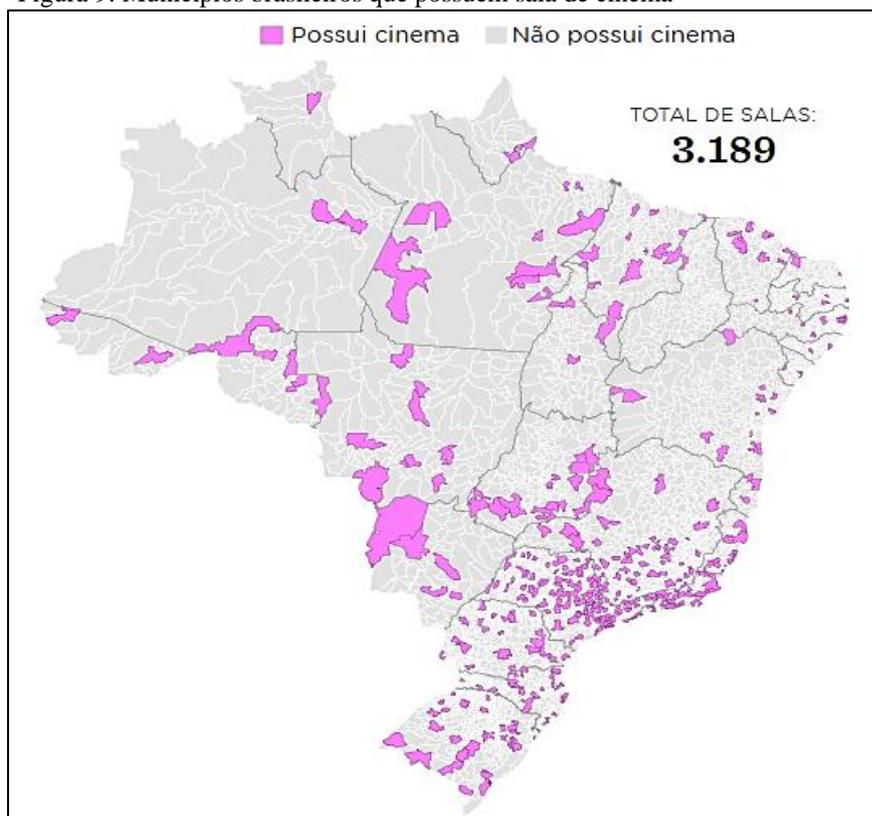
Itaguaí	109.091	4	27.272,75
Japeri	88.245	0	-
Magé	216.078	0	-
Mesquita	160.764	0	-
Nilópolis	152.271	3	50.757,00
Nova Iguaçu	751.874	13	57.836,46
Paracambi	44.466	1	44.466,00
Queimados	130.351	0	-
São João de Meriti	458.673	6	76.445,50
Seropédica	78.186	0	-

Fonte: elaborado pela autora a partir de dados do último censo IBGE (2010) e relatório ANCINE (2019).

As informações apresentadas indicam que enquanto que na capital do Rio de Janeiro há uma sala de cinema para cada 28 mil habitantes, na Baixada Fluminense a relação é uma sala de cinema para cada 101 mil habitantes. Sendo assim, o resultado positivo que o Estado do Rio de Janeiro alcançou no Anuário Estatístico do Cinema Brasileiro 2018 ocorreu graças à capital do Rio de Janeiro, que em termos estatísticos talvez possa ser chamada de um *outlier* entre a série de números de salas de cinema que os municípios do Estado apresentam. Os dados apresentados no quadro ainda indicam que moradores de sete municípios da Baixada Fluminense precisam se deslocar para outras cidades para irem ao cinema. Diante disso, a partir da ausência de oferta de salas de cinema em municípios da Baixada Fluminense, bem como a disparidade na quantidade de cinemas presentes na região em relação a capital do Rio de Janeiro, é possível pensar que a forma como o cinema está distribuído no estado do Rio de Janeiro pode ser considerada uma amostra da distribuição de salas de cinema em estados das regiões nordeste, norte e centro-oeste, quando comparados às regiões sudeste e sul do Brasil.

A distribuição das salas de cinema no Brasil pode ser visualizada na figura a seguir, elaborada por Souza e Maia (2019), e publicada no Nexo Jornal, a partir de dados do Sistema Nacional de Informações e Indicadores Culturais - SNIIC (2016):

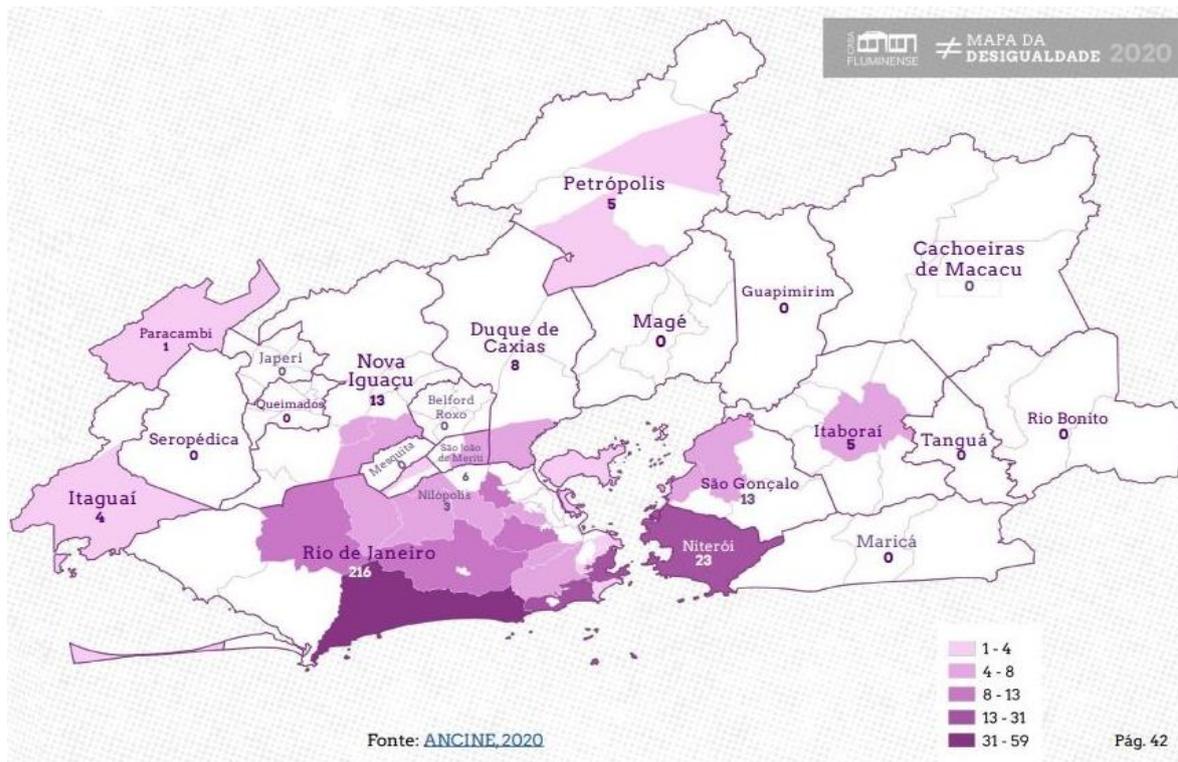
Figura 9: Municípios brasileiros que possuem sala de cinema



Fonte: elaborado por Souza e Maia, Nexo Jornal (2019), a partir de dados do SNIIC (2016).

Já o mapa de distribuição das salas de cinema comerciais no Rio de Janeiro, elaborado pela Casa Fluminense (2020), com dados atualizados do relatório ANCINE (2020), referente ao ano de 2019, contribui para visualizar as desigualdades de distribuição de salas de cinema presentes na região metropolitana do Rio de Janeiro:

Figura 10: mapa de distribuição de salas de cinema comerciais na região metropolitana do Rio de Janeiro



Fonte: Casa Fluminense (2020, p.42), elaborado a partir do Anuário Estatístico do Cinema Brasileiro 2019 (ANCINE, 2020)

No mapa, os municípios e regiões com cores mais escuras são os que possuem maior concentração de salas de cinema. Como é possível perceber, enquanto que grande parte do município do Rio de Janeiro está marcado com a cor roxa, os municípios que compõem a região da Baixada Fluminense estão marcados, predominantemente, com a cor branca. Apesar dos dados utilizados pela Casa Fluminense (2020) serem baseados no anuário da Ancine (2020), os números das distribuições das salas comerciais de cinema na região na Baixada Fluminense não tiveram alterações em relação ao anuário Ancine (2019). Com isso, o mapa também sinaliza os municípios e distritos que moradores e moradoras da Baixada Fluminense precisam ir para encontrar uma sala de cinema.

A disparidade entre os números de salas de cinema nos municípios da região metropolitana do Rio de Janeiro fica ainda mais visível no mapa a seguir. Uma vez que são especificadas, por meio dos marcadores nas cores cinza e vermelha, a concentração das salas de cinema na região central e da zona sul do estado e a falta de marcadores em municípios localizados na região da Baixada Fluminense:

da votação, as três propostas mais votadas foram as da Baixada. Sendo elas: Escola de Arte e Cultura Periférica – São João de Meriti, vencedora com 22% dos votos; Festival Literário da Baixada – representada por moradoras de Queimados, com 17% dos votos; e o Fundo Municipal de Duque de Caxias, com 13% dos votos.

Para esta audiência de emenda participativa, a sala online onde seria realizada a reunião e votação tinha limitação de até cem participantes. Sabendo disso, os organizadores dos projetos culturais da Baixada fizeram campanhas nas redes sociais para que os moradores da região entrassem na reunião pontualmente, para garantir a maioria dos votos. Outro ponto que chamou atenção foi que, nas falas dos três representantes, os projetos eram apresentados como ações voltadas para a Baixada Fluminense, não para um município específico. Entre os argumentos da conselheira de cultura de Duque de Caxias, em defesa da captação dos recursos para o fundo municipal de cultural, foi mencionado que aquela apresentação era “em nome do conselho de cultura de Caxias e dos projetos culturais de quatro distritos de Caxias e dos outros municípios”. Já Dai Brasil, ao apresentar o Festival Literário da Baixada e o objetivo de estender para toda a Baixada o projeto “Zé de livros”, que em 2021 realizou entre 50 e 70 entregas semanais de livros em Queimados, mencionou que “pensa a Baixada como um lugar potente e imbricado” e, após o resultado da votação, mencionou a felicidade pelo “tamanho da mobilização da Baixada Fluminense”.

Diante disso, para conhecermos mais sobre as conexões e redes de apoio presentes, especificamente, no campo da cultura do audiovisual na Baixada Fluminense, a seguir será discutida a trajetória do cineclubismo no Brasil, para, em seguida, descrever o movimento cineclubista na Baixada Fluminense.

4.2. Dos movimentos de organização e reorganização do cineclubismo no Brasil ao atual contexto do cineclubismo na região da Baixada Fluminense

O movimento cineclubista no Brasil teve início em um contexto de disputa pelo setor audiovisual. Dominado por uma classe média masculina, o cineclubismo consistia inicialmente em uma busca pela consolidação do mercado cinematográfico brasileiro. Porém, para esse grupo, a palavra “brasileiro” era delimitada àquilo que era rico, branco e moderno. Porque nesse período, o cinema no Brasil sofria fortemente os impactos dos ideais modernistas, que buscavam utilizar o audiovisual como ferramenta de criação de

um imaginário de Brasil moderno, rico e branco, como observou Schvarzman (2005), ao analisar publicações dos anos 1920 na revista Cinearte:

Desde meados dos anos 20 jovens jornalistas cariocas como Adhemar Gonzaga na revista Paratodos e Cinearte, e Pedro Lima na revista Selecta, procuram incentivar a produção de filmes nacionais e a melhoria das salas de exibição através da “**Campanha pelo Cinema Brasileiro**”. Em suas colunas, definem **as imagens do Brasil que esses filmes deveriam veicular: modernização, urbanização, juventude e riqueza, evitando o típico, o exótico e sobretudo a pobreza e a presença de negros**. As salas de cinema deveriam ser extensões desse mesmo projeto: atestariam o grau de desenvolvimento e civilidade de suas populações. (SCHVARZMAN, 2005, p.155 – grifo próprio)

Com isso, Schvarzman (2005) considera que o futuro do cinema brasileiro ficou marcado pelos preconceitos que constituíam as campanhas da revista Cinearte em prol do cinema brasileiro. Segundo a autora, para a elite defensora do “enobrecimento” do cinema brasileiro, o povo não era desejado nem mesmo enquanto consumidor. Ainda assim, o cinema se manteve como uma atividade popular, como relata Schvarzman (2005). Nesse contexto de valorização das imagens “modernas” nos filmes e a construção da Broadway Brasileira, na Cinelândia do Rio de Janeiro, em 1920, com a construção dos palácios de cinema (SCHVARZMAN, 2005), foi criado o primeiro cineclube sistematizado do Brasil. Denominado Chaplin Club, em homenagem ao ator Charles Chaplin, foi criado em 1928 (BUTRUCE, 2003). Sendo que em 1917 já existia um grupo de amigos (Adhemar Gonzaga, Pedro Lima, Paulo Vanderley e outros) que se reunia para discutir os filmes após a ida ao cinema, porém não consistia em uma atividade sistematizada (BUTRUCE, 2003).

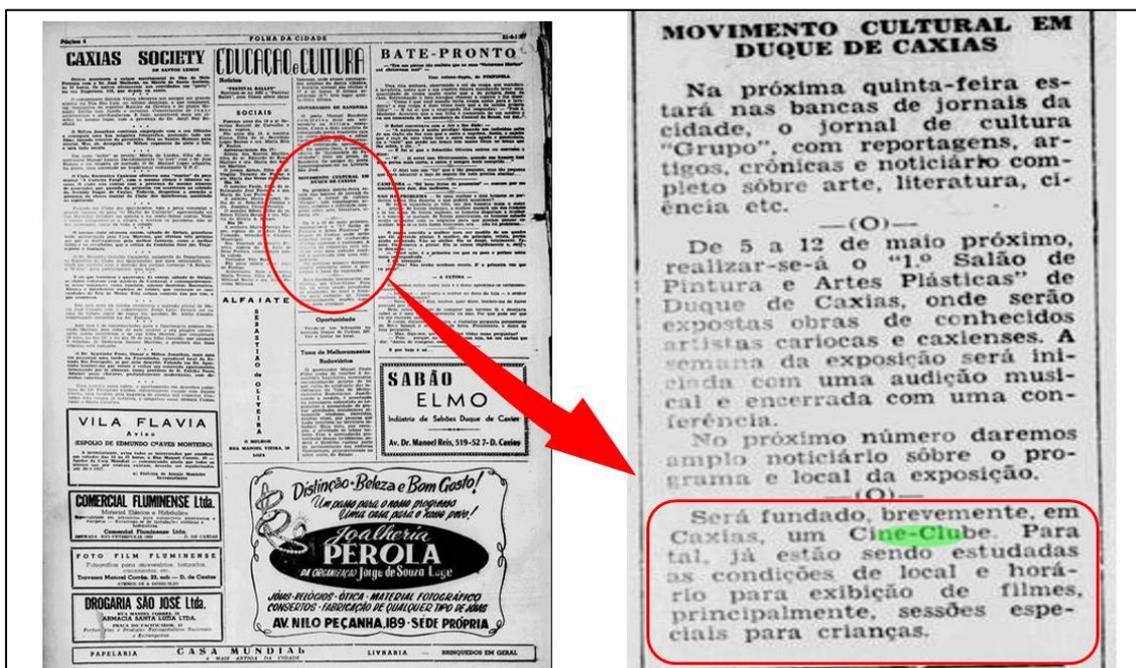
Já em 1940, vinculado ao curso de Filosofia da Universidade de São Paulo, foi criado o primeiro cineclube de São Paulo: o Clube de Cinema de São Paulo, com a participação de Paulo Emílio Salles Gomes, Décio de Almeida Prado e Lourival Gomes Machado (BUTRUCE, 2003). Para a autora, que também foi organizadora do Cachaça Cinema Clube (um cineclube que entre 2002 e 2014 existiu no Cine Odeon, no Rio de Janeiro), os dois primeiros cineclubes brasileiros, apesar de restritos a um pequeno grupo de intelectuais, deram início a uma nova interação do espectador com o cinema, a partir da reflexão crítica e coletiva sobre os filmes. Vale ressaltar que para Felipe Macedo (2018), figura importante do movimento cineclubista da década de 1970 do Brasil, como o cineclubismo é uma atividade marginal, é possível que nesses hiatos de tempo entre o Chaplin Club e o Clube de Cinema, tenham existido outros cineclubes que ainda não temos conhecimento.

Na década de 1940, o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), criado em 1939, na Era Vargas, censurou as atividades do Clube de Cinema de São Paulo (BUTRUCE, 2003). Segundo Lucas (2018) o DIP era responsável por criar filmes de propaganda pró governo e censurar películas. Ainda assim, o Clube de Cinema manteve atividades clandestinas por um tempo, mas foi retomado apenas em 1946, com o fim do Estado Novo (BUTRUCE, 2003). A autora ainda afirma que após o fim do controle da censura dos filmes pelo Estado Novo, diversos outros cineclubes foram criados no Brasil. Para Butruce (2003) esse foi o primeiro movimento cineclubista brasileiro. Já na década de 1950, Moreira Chaves (2012) cita que ocorreu a influência católica na criação de novos cineclubes. Segundo o autor, desde a década 1920 o cinema foi considerado um potencial instrumento de educação. Então, em 1956, com a chegada da missão francesa “*Office Catholique International du Cinéma*” ao Brasil, foram organizados cursos e seminários para estimular a formação de cineclubes que compartilhassem da ideologia católica (MOREIRA CHAVES, 2012).

Com o aumento do número de cineclubes em diversas cidades brasileiras, como Porto Alegre, Fortaleza, Salvador, Florianópolis, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, São Paulo e Marília, começaram a ser criadas organizações dentro do movimento cineclubista, como relata Macedo (2018). Em 1956, por exemplo foi criado o Centro dos Cineclubes de São Paulo e em 1958 foi fundada a Federação de Cineclubes do Rio de Janeiro. Em 1959 ocorreu a Primeira Jornada dos Cineclubes Brasileiros. Segundo Macedo (2018) as jornadas foram uma tradição do movimento cineclubista no Brasil. Já ao longo da década de 1960 as federações de Minas Gerais, Gaúcha, Nordeste e Centro-Oeste foram criadas (MACEDO, 2018).

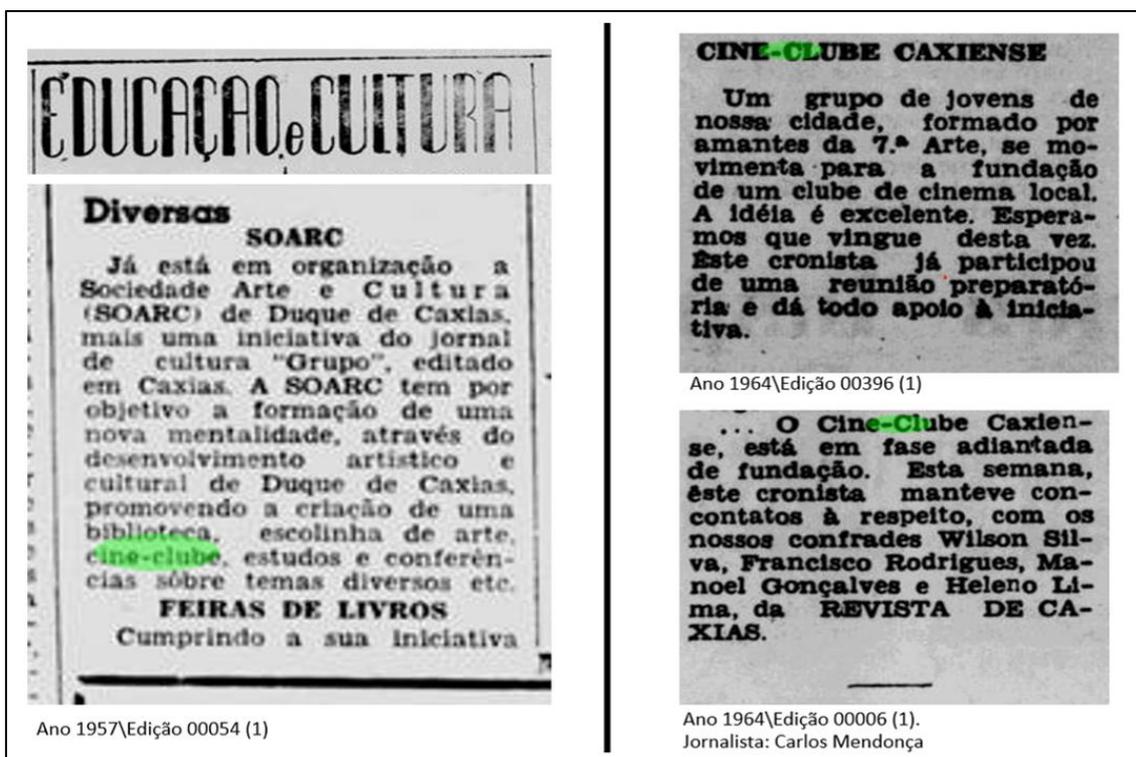
Entre as décadas de 1950 e 1960 também existiram cineclubes na Baixada Fluminense. Em buscas que realizei no arquivo online da Biblioteca Nacional, encontrei algumas reportagens de jornais que mencionavam a existência e o processo de criação de clubes de cinema nos municípios de Duque de Caxias e Nova Iguaçu.

Figura 12: reportagem 1 sobre criação de cineclube e Duque de Caxias no ano de 1957



Fonte: Jornal Folha da Cidade, Ano 1957\Edição 00043 (1), p. 4. Recuperado de <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=123456&pasta=ano%20195&pesq=%22Cineclube%22&pagfis=564>

Figura 12: reportagem 2 sobre criação de cineclube e Duque de Caxias no ano de 1957

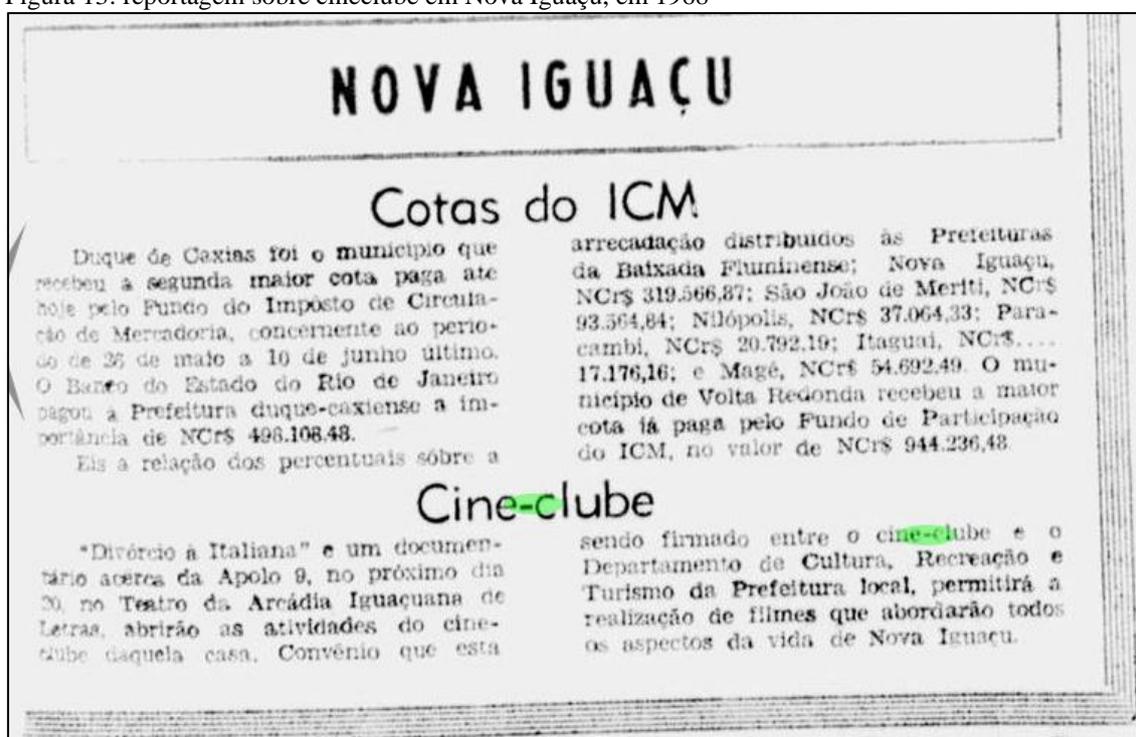


Fonte: Jornal Folha da Cidade, Ano 1957, Ed 00054 (1); Ano 1964, ed. 00396 (1) e 00006 (1). Recuperados de <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=123456&pasta=ano%20195&pesq=%22Cineclube%22&pagfis=631>; <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=123456&pasta=ano%20195&pesq=%22Cineclube%22&pagfis=2348>; <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=123456&pasta=ano%20195&pesq=%22Cineclube%22&pagfis=2360>

Em 1964, com a ditadura empresarial militar, Macedo (2018) afirma que ocorreu o desaparecimento dos cineclubes vinculados à igreja católica. Já os cineclubes que eram vinculados à movimentos estudantis, inicialmente permaneceram em atividade como forma de resistência ao golpe. Segundo o cineclubista, em 1968 ainda existiam cerca de 300 cineclubes filiados ao Conselho Nacional de Cineclubes e naquele ano ocorreu, em Brasília, a sétima jornada cineclubista. Contudo, com o endurecimento da ditadura os cineclubes passaram a ser diretamente perseguidos, sofriam pressões políticas e precisavam passar por censura prévia. Com isso, em 1969 existiam “no máximo uma dúzia de cineclubes em funcionamento e quase todas as suas entidades representativas haviam sido destruídas” (MACEDO, 2018, P.8).

Nas buscas no acervo da Biblioteca Nacional por relatos de cineclubes da Baixada Fluminense em jornais, também encontrei uma reportagem do ano de 1969. Esta reportagem mencionava que no município de Nova Iguaçu teria início um cineclube, conveniado ao Departamento de Cultura, Recreação e Turismo da Prefeitura local, que permitiria a realização de filmes que abordam “todos os aspectos da vida em Nova Iguaçu”.

Figura 13: reportagem sobre cineclube em Nova Iguaçu, em 1968



Fonte: Jornal Luta Democrática, 16 jul. 1969, p. 7, ed. 04777 (1). Recuperado de <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030678&Pesq=%22Cineclube%22&pagfis=42580>

Portanto, enquanto ocorria uma redução do número de cineclubes no ano 1969, em Nova Iguaçu foi criado um cineclubes vinculado à prefeitura. Infelizmente esta reportagem foi o único relato que encontrei sobre o cineclubes, que poderia indicar talvez a forma como o cineclubismo foi apropriado no período ditatorial pelo poder público local.

Já nos anos entre 1972 e 1976, os relatos de Felipe Macedo (2018) indicam que ocorreu a retomada de instituições do movimento cineclubista, como as federações do Rio de Janeiro e Nordeste, bem como as jornadas nacionais de cineclubes. Além disso, o cineclubista cita que em 1976, na 10ª Jornada Nacional de Cineclubes, que ocorreu em Curitiba, foi criada a Dinafilme – Distribuidora Nacional de Filmes para Cineclubes, vinculada ao Conselho Nacional de Cineclubes, e que seria dirigida pelo próprio Felipe Macedo. Com acervo de filmes de clássicos que pertenciam a Cinemateca de São Paulo, a Dinafilme passou a distribuir filmes para exibição em cineclubes do país. Além dos clássicos, com o passar do tempo a distribuidora passou a ter um acervo “enriquecido principalmente com documentários brasileiros e produções “clandestinas” – não submetidas à Censura – que documentam a vida e as lutas dos setores populares” (MACEDO, 2018, p.8). O cineclubista ainda afirma que em 1977 a Embrafilme também passou a distribuir longas metragens brasileiros para os cineclubes e que a partir de 1980 a Dinafilme passou a também distribuir filmes de outros países da América Latina, que também retratavam a luta popular cotidiana.

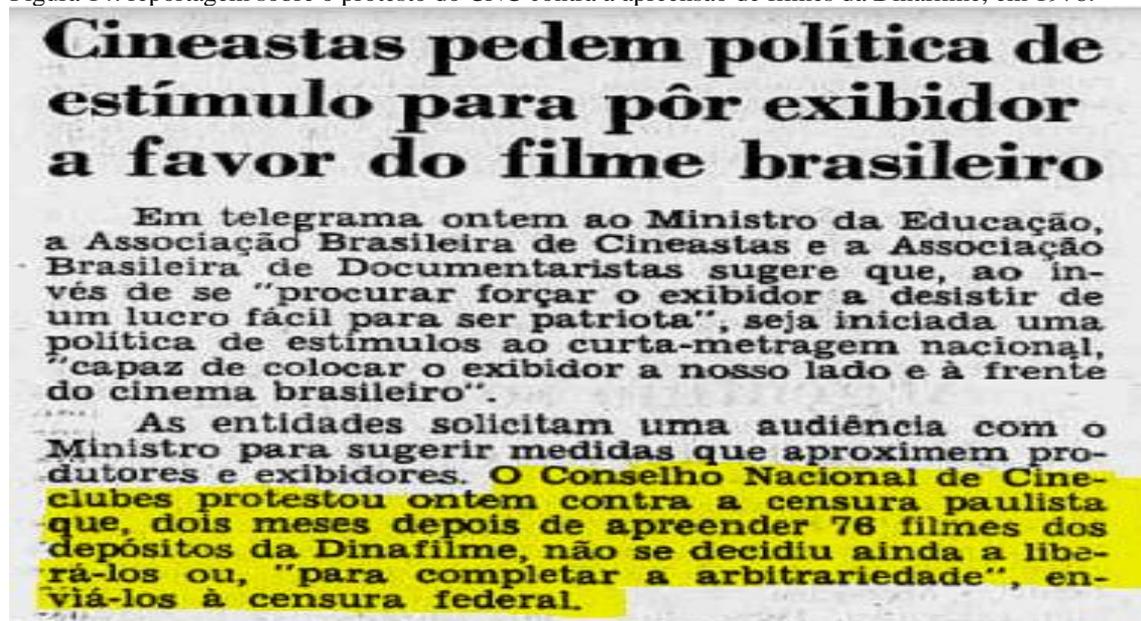
Contudo, Macedo (2018) registra que na década de 70 ocorreram, em todo Brasil, “invasões de cineclubes, detenção de cineclubistas, apreensões de filmes” por parte da Polícia Federal. Em 1977, por exemplo, a sede da Dinafilme foi invadida por policiais federais, que apreenderam “filmes, principalmente clássicos, documentários britânicos, desenhos de Émile Cohl, etc...” (MACEDO, 2018, p.8). Por outro lado, a partir do ano 1978, com a retomada dos movimentos grevistas, a Dinafilme passou a apoiar movimentos sociais e exibir nas assembleias dos sindicatos filmes documentários sobre as greves do ABC paulista. O diretor da Dinafilme do fim da década de 1970 afirma que naquele período ocorreu um crescimento da quantidade de cineclubes (por volta de 600 cineclubes estavam filiados ao Conselho Nacional de Cineclubes), especialmente nas, chamadas, periferias:

A atividade de distribuição da Dinafilme atinge mais de 2.000 pontos de exibição, em associações, sindicatos, igrejas e diversos movimentos populares. Vários cineastas, que acompanham de perto a distribuição de seus filmes pela Dinafilme nesse circuito popular, são influenciados por esse contato com o

público e, de resto, pelo próprio clima de resistência que já é muito nítido no Brasil. (MACEDO, 2018, p.9)

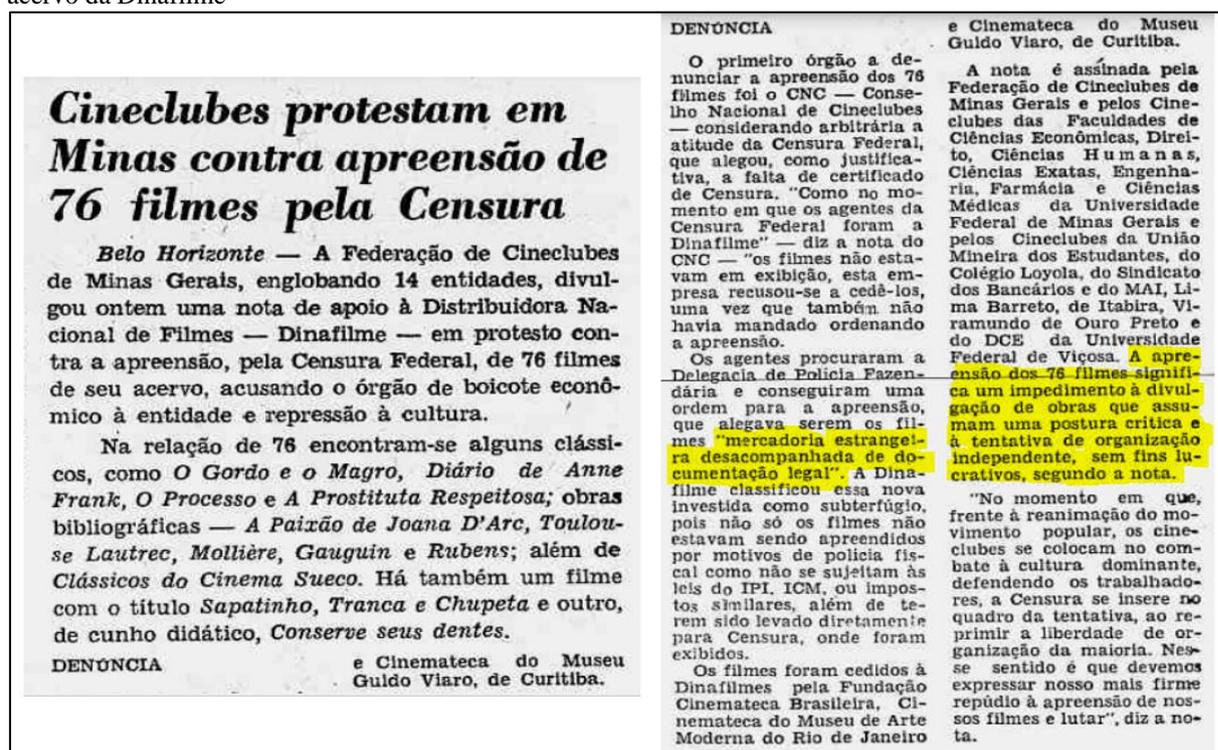
Em 1979, Macedo (2018) cita que houve outra invasão da Polícia Federal à Dinafilme. Contudo, as reportagens que encontrei no Jornal do Brasil a respeito da invasão, dos protestos e notas publicadas são de março de 1978. A primeira reportagem indica que a invasão ocorreu em janeiro de 1978:

Figura 14: reportagem sobre o protesto do CNC contra a apreensão de filmes da Dinafilme, em 1978.



Fonte: Jornal do Brasil, 4/3/78, 1º Caderno, p.15. Recuperado de http://memoria.bn.br/pdf/030015/per030015_1978_00326.pdf

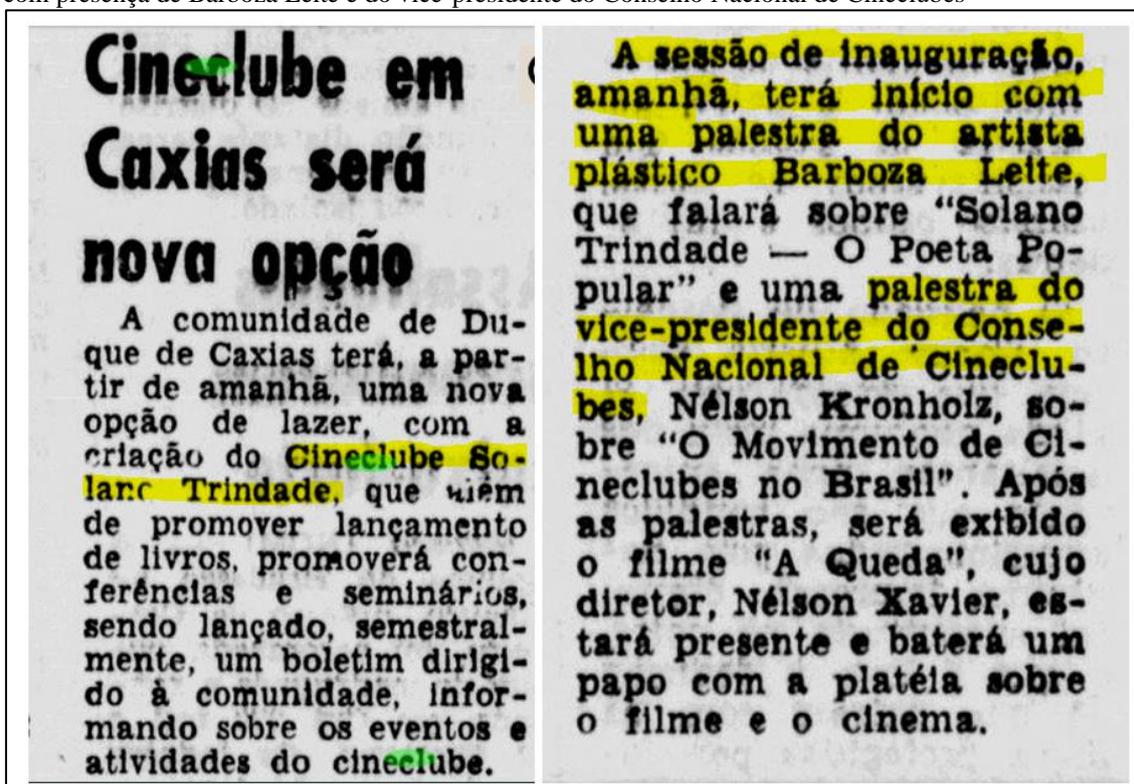
Figura 15: reportagem sobre o protesto da Federação de Cineclubes de Minas Gerais contra a apreensão do acervo da Dinafilme



Segundo Macedo (2018), em um contexto no qual a imprensa não sofria mais censura, os protestos provocaram a retratação do ministro da Justiça Petrônio Portela e a devolução do material apreendido. Segundo trecho da reportagem, que pode ser visualizada na figura 21, a nota, assinada pela Federação de Cineclubes de Minas Gerais e diversos cineclubes estudantis do estado de Minas Gerais, argumentam sobre a postura crítica e de organização independente dos cineclubes, que a censura tentou reprimir. Com esses protestos é possível observar a força de mobilização que os cineclubes preservaram durante a década de 1970, mesmo diante da censura.

Em 1980, o filme “O Homem que Virou Suco” ganhou o prêmio de “melhor filme do Festival de Moscou e foi lançado simultaneamente no circuito comercial pela Embrafilme e nos cineclubes de bairro pela Dinafilme” (MACEDO, 2018, p.9). Como exemplo desse movimento de distribuição de filmes no circuito popular, citado por Macedo (2018), encontrei a reportagem que cita a criação do cineclube Solano Trindade, em Duque de Caxias, no ano 1980:

Figura 16: reportagem sobre a criação do cineclube Solano Trindade, em Duque de Caxias, no ano 1980, com presença de Barboza Leite e do vice-presidente do Conselho Nacional de Cineclubes



A partir de 1981, Macedo (2018) aponta que devido as alterações no mercado cinematográfico, o início do uso de filmes 35mm no lugar dos antigos 16mm, que exigia a renovação de equipamentos, o aumento da inflação e dos preços dos fretes provocou dificuldades para o movimento cineclubista, principalmente para os cineclubes menos estruturados. As duas reportagens a seguir, de 1985 e 1986, justificam a redução do número de cineclubes pela falta de investimento, o encarecimento dos alugueis dos filmes e a chegada da tecnologia que permite a exibição de fitas de vídeo em casa:

Figura 17: reportagens sobre as dificuldades enfrentadas pelos cineclubes nos anos 1980.



Fontes: Luta Democrática, 1985, ed. 08965 (1) e 1986, ed. 09054 (1). Recuperado de <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030678&Pesq=%22Cineclube%22&pagfis=73561> <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030678&Pesq=%22Cineclube%22&pagfis=72937>

Nos anos 2000 houve uma retomada do cineclubismo, inclusive na Baixada Fluminense. Para Heraldo HB (2013), um dos fundadores do cineclubes Mate com Angu, de 2002, em Duque de Caxias, a justificativa para possibilidade de criação do cineclubes foi a “popularização” do acesso à internet. Na entrevista com o Bion, do cineclubes Buraco do Getúlio, que foi criado em 2006, a maior facilidade de acesso à internet e aquisição de equipamentos de vídeo também é citada como uma explicação para o contexto de criação dos cineclubes no início dos anos 2000:

é importante dizer né, a gente tá falando de um momento de um boom da tecnologia do digital né. A gente tá falando do início dos anos 2000, com o avanço tecno... E também, esse depoimento, de certa maneira, ele é simbólico do quanto o desenvolvimento tecnológico ele impactou né no barateamento dos custos e tornou determinados meios de produção mais acessíveis, assim, né. Embora nós nunca. Embora a gente nunca tenha tido projetor. A gente foi ter projetor em 2014, assim, já com quase 10 anos de cineclubes [riso]. - Bion, Buraco do Getúlio

Esse momento de retomada também é explicado pelos casos dos cineclubes que foram incentivados pelo Programa do Governo Federal Cine Mais Cultura, assim como os que foram influenciados por instituições culturais e de ensino, como a Escola Livre de Cinema. Para debater mais sobre a nova onda de cineclubes na Baixada Fluminense, o tópico a seguir será voltado para apresentar as características de formação e os objetivos dos cineclubes em atividade na região.

4.2.1. O cineclubismo na Baixada Fluminense a partir do ano 2000

A partir de entrevistas realizadas com representantes dos cineclubes Mate com Angu; Buraco do Getúlio; Donana; Cinema de Guerrilha da Baixada; Xuxu Com Xis; Ágora; Fação Feminista; Imbariê nos Trilhos e Velho Brejo, foi possível compreender que nos processos de fundação dos cineclubes em atividade na Baixada Fluminense, todos criados após o ano 2000, as **experiências anteriores dos fundadores e fundadoras dos cineclubes** em outras organizações culturais e projetos de ensino na área do audiovisual, assim como a ida a outros cineclubes, foram elementos importantes para que os/as participantes da pesquisa tivessem o interesse de criar um cineclubes, como apontam trechos selecionados das entrevistas:

Antes disso, a gente **já frequentava vários cineclubes**, eu e esse coletivo de amigos né. [...] Era frequentadora, ia, assistia. É, ainda não tava na organização de nada. (Erika, Cineclubes Donana)

Sempre fui cinéfilo e **frequentava os cineclubes da Baixada**: o cineclubes do Mate, o Buraco do Getúlio, vários cineclubes aí conhecidos. [...] **eu fiz um curso lá de empreendedorismo, empreendedorismo social lá (no IFRJ)**. E o meu projeto final foi um plano de negócios do Baixada Cine, assim. [...] teve uma apresentação final né com os projetos. **E aí eu apresentei o cineclubes lá**. (Sandro, Cineclubes Velho Brejo)

Com 15 anos eu vi um cineclubes que tinha aqui [em Duque de Caxias], uma das últimas exibições deles. 16 milímetros ainda, aquele barulhinho. [...] Eu fiquei muito chapado. Eu saí dali, assim: eu me afilei ao PT naquele dia (risos). [...] E a TV Maxambomba, que não é exatamente um cineclubes, mas é uma parada muito potente. Eles faziam os filmes pra comunidade ali, exibiam pra própria comunidade, depois tinha o debate com a comunidade. Uma coisa que, sabe: "caraca, **eu quero fazer isso da minha vida**". [...] **Eu acabo proporcionando pra muita gente o que eu passei**. E aí eu sou feliz também porque uma galera do Mate, cara, também tem essa coisa. (HB, Mate com Angu)

O meu primeiro contato com o audiovisual, assim, com a produção audiovisual, ele se dá por muita sorte através do CECIP, que era a mesma

instituição que anos antes, é, geria a TV Maxambomba, que é uma experiência de tv comunitária [...] Porque essa ideia de tv comunitária em que você ia pros bairros, você construía narrativas, você tinha ali as aulas né básicas da linguagem cinematográfica, você produzia, depois você levava né pra praça pública essa produção, pras pessoas verem, se verem e conversarem sobre isso. **Então, assim, não tinha esse nome, mas isso também é um pouco a base do cineclubismo né.** (Bion, Buraco do Getúlio)

A partir de oficinas que a gente fazia na antiga Escola Livre de Cinema. Aí a partir dessas oficinas a gente começou a entender também sobre a história do cinema na Baixada. Que é uma coisa que eu, antes da Escola Livre, não sabia. Aí um ponto de cultura apresentou isso pra gente. **E o Xuxu nasce dentro de alguma oficina, ministrada pelo cineclubete Mate com Angu.** Que também é um cineclubete muito famoso aqui na Baixada né, lá de Caxias. **E a partir né, dessa sementinha plantada, a gente foi se desenvolvendo** né, crescendo e criando a nossa característica né. Porque o Xuxu tem a sua característica dentro desse movimento todo [...] de ser um cineclubete onde o poder feminino tá de frente né. (Isa, Xuxu ComXis)

Como indicam os trechos das entrevistas destacados, as experiências anteriores com projetos culturais e educacionais contribuíram para que as fundadoras e fundadores dos cineclubes participantes da pesquisa tivessem o interesse em criar um cineclubete. O cineclubista Maciel, do cineclubete Imbariê nos Trilhos, por exemplo, contou que ter realizado um curso de cinema livre em um ponto de cultura no bairro dele, o possibilitou perceber que a cultura estava em espaços além dos tradicionais museus e teatros. Já a Erika, do cineclubete Donana; o Sandro, do Velho Brejo, e o Bion, do Buraco do Getúlio contaram que antes de criarem os cineclubes já frequentavam outros cineclubes como o Mate com Angu. As fundadoras do Xuxu ComXis compartilharam que o coletivo foi iniciado a partir de uma oficina, ofertada pela Escola Livre de Cinema de Nova Iguaçu, com a participação do Cineclubete Mate com Angu. Logo, assim como Ramos (1981) considera a relevância das experiências anteriores dos indivíduos para a construção do pensamento, as vivências dos e das cineclubistas da Baixada Fluminense em projetos culturais, educacionais e em outros cineclubes provocaram o interesse pelo cineclubismo.

A respeito das **inquietações que contribuíram para a criação dos cineclubes**, durante as conversas com as cineclubistas e os cineclubistas apareceram temas como a possibilidade de ter um momento de discussão de determinado tema, como o feminismo e o racismo, como disse a Sassá, da Facção Feminista Cineclubete; ou a necessidade de ocupar um espaço de cultura público, que sofria da ameaça de ser fechado pela prefeitura, como argumentou o Maciel; mas a justificativa mais frequente nas conversas foi a falta de espaços para a exibição de produções culturais independentes, como mencionou a Erika, do Donana: “A intenção era muito de ser um espaço pra divulgar filmes

independentes”. A seguir estão trechos das justificativas apresentadas por participantes da pesquisa:

Foi numa **oficina do Roque Pense que, de cultura feminista, antissexista**, essas paradas [...]. Aí a gente foi pra esse, que eram vários encontros, uma espécie de formação feminista. E no final a gente fazia uma feira pra gente expor o que sabia fazer né. **Eu e a Bia sabia fazer cineclube: exhibir filmes, debater e coisa e tal. E acabou que nessa organização ali, teve outras meninas que agregaram também nessa organização desse cineclube, que seria só um dia de exibição. Acabou que no final ali a gente decidiu que ia fazer um cineclube itinerante.** [...] E por acaso a gente fez esse primeiro cineclube feminista, que era o Facção Feminista. (Sassá – Facção Feminista)

Eu fazia parte do movimento de audiovisual de Imbariê. Aí a gente fazia os curtinhas, brincava com cinema e tal né. E... e calhou da Casa Brasil, que onde era o nosso foco, onde a gente se reunia e tal. **Calhou da prefeitura querer fechar a Casa Brasil** pra fazer uma obra que a gente sabia que não ia rolar, entendeu? [...] sozinho a gente não ia conseguir e tal né. E tinham uns outros movimentos culturais rolando aqui na área do terceiro distrito (de Duque de Caxias) e tal. [...] a gente meio que se encontrou. **E a gente achou que precisava ter um polo de mais atividades né aqui no território, pra que a gente pudesse sentar e discutir essas questões mais latentes aqui da comunidade.** (Maciel, Imbariê nos Trilhos)

Aí eu pô, falei com uma galera: “cara, **a gente tem que ter um cineclube aqui na cidade, porque não tem sala de cinema né e tal**”. Aí eu coleí com o pessoal do IF (Instituto Federal), os professores. A gente fez uma parceria e fez uma sessão num bar assim. [...] **muito no foco de ter um cinema na cidade mesmo. Assim, de entretenimento a primeiro plano.** Assim, de pegar uma sexta-feira e assistir um filme, bebendo cerveja, na nossa própria cidade, assim. (Sandro, Velho Brejo)

a gente percebeu que o mesmo **desejo que a gente tinha de mostrar o nosso trabalho**, de mostrar – e as nossas referências também – as pessoas de outras linguagens também tinham né. (Bion, Buraco do Getúlio)

Não sei se você sabe, mas eu sou açougueiro. Você sabe né, que eu sou açougueiro né? Então, assim, do lado aqui tinha um bar, que eu tive uma ideia, assim, de fazer uma série chamada “CARAMUJO E SEU PÉ SUJO”. [...] Passamos a fazer filme lá na porta da casa do Caramujo, [...] E aí o que aconteceu? Passou um garoto, que eu conhecia, da comunidade [...] que eu vi ele pequeno. Eu falei: cara, tô precisando de um, de alguém pra fazer uma ponta aqui [...]. E aí ele topou fazer. E ele falou assim: cara, tem muita gente na minha comunidade lá que gostaria de tá fazendo isso. E aí eu falei: bora, **vamos dar aula de cinema pra essa molecada aí.** [...] E aí a gente postava na rede, no facebook na época né. **E aí começaram a perguntar: “poxa, posso passar meu filme aí? Posso exhibir meu filme aí? Posso passar o meu filme mês que vem? Posso lançar aí?”, “Mas a gente não é um cineclube”. Mas as pessoas achavam que a gente fazia também cineclubismo. E aí eu falei: “vambora, então fazer cineclubismo”.** (Ricardo, Cinema de Guerrilha)

Sendo assim, as falas das/dos cineclubistas entrevistados apontam para a espontaneidade na forma como os cineclubes da Baixada Fluminense foram criados,

como os pedidos para exibir filmes feitos aos fundadores do Cinema de Guerrilha, quando ainda não eram um cineclube. Assim como apontam para a percepção sobre a falta de espaços de exibição de produção audiovisual independente e local na região da Baixada, como mencionou o Sandro, do Velho Brejo. Logo, é possível considerar que a criação dos cineclubes na Baixada Fluminense está ligada aos ideais e expectativas das e dos cineclubistas para a região, como a criação de um polo cultural no terceiro distrito do município de Duque de Caxias, mencionado pelo Maciel, do Cineclube Imbariê nos Trilhos, ou, a identificação coletiva do desejo de ter um espaço para mostrar os trabalhos culturais no próprio município, como contou o Bion, do Buraco no Getúlio.

Esses dados contribuem para os apontamentos feitos por Serva (1993) nos estudos sobre organizações substantivas. Segundo o autor, as organizações substantivas são formadas de maneira espontânea, pela força coletiva de indivíduos que compartilham ideais e princípios parecidos. Além disso, considerando que os cineclubes estudados estão localizados em uma região popularmente considerada a periferia da metrópole do Rio de Janeiro, o movimento cineclubista na Baixada Fluminense e a produção audiovisual dessas organizações indicam que, apesar da lógica individualista e homogeneizante que a colonialidade e a centralidade do mercado busca impor nos territórios, existem espaços de resistência e consciência que traduzem a esquizofrenia do território, debatida por Santos (2001).

Outro tema que apareceu nas entrevistas, que também está relacionado às **explicações sobre os motivos dos cineclubes terem sido criados**, e que corrobora para a característica da organização substantiva apresentada por Serva (1993), foi a intenção de contribuição para “a construção de novas imagens e imaginários sobre a Baixada Fluminense”, como mencionou o Bion, do Buraco do Getúlio, e a importância e o prazer de realizar algo dentro da própria cidade, como disse a Nati, do Xuxu ComXis:

a gente sempre teve assim um desejo, assim, muito simples, muito fácil de conseguir, que era mudar a maneira como as pessoas olham pra Baixada Fluminense. Então, é... isso, claro, também passa pelas próprias pessoas da Baixada Fluminense, não só por quem tá de fora né. É, então, assim, **a gente sempre teve uma perspectiva de contribuir com a construção de novas imagens e imaginários sobre a Baixada Fluminense.** [...] Mas enfim, passava por esse desejo é de... de tá no imaginário das pessoas né, **das pessoas terem recordações, a partir dessas experiências produzir memórias que pudessem modificar também, de alguma maneira, a nossa relação com esse território,** a relação com a, a maneira que a gente lê esse espaço e esse território. (Bion, Buraco do Getúlio)

a gente faz coisas pra ressignificar também esse espaço. [...] E também acho que o Xuxu, vem muito mais de tornar uma coisa, o cinema, muito mais

acessível né. [...] Então, eu acho que levar os filmes, de trazer o cinema pra rua, ressignifica totalmente esse espaço, assim. E dizer também que essa arte também é possível tá dentro da rua né e ser de forma gratuita. Eu acho que surge muito dessa ideia também. É, e também tem outras coisas. Eu acho que, por exemplo, eu quando era adolescente, eu pensava muito em, não em sair daqui, mas tipo assim, a maioria das coisas que eu fazia era fora da Baixada. Por mais que tivessem coisas que eu fizesse muito aqui dentro, mas é... se eu ia num show, era fora; se eu ia numa exposição, era fora. Tudo era muito pra fora. **E a partir de um momento que eu comecei a realmente entender que a Baixada Fluminense era uma potência muito forte, eu comecei a encontrar pessoas que fazem esses movimentos acontecerem dentro da rua e também dentro das instituições né, dentro de outros espaços.** E aí, eu comecei a convidar, por exemplo, as pessoas que eram de fora da Baixada, pra dentro da Baixada, pra contribuir pra cá também. E acho que também fomentar a participação de outras pessoas, que estão dentro das comunidades periféricas, pra fazer algo diferente pra dentro da Baixada, que isso é uma coisa que, eu acho que pra além da gente fazer, é a gente fazer com que outras pessoas façam também. E isso é uma coisa que é muito importante pra quem mora na Baixada Fluminense. (Nati, Xuxu ComXis)

Além da motivação de contribuir para a reconstrução do imaginário da Baixada Fluminense, muitos cineclubes foram criados em um contexto de fomento de projetos culturais no Brasil, a partir do programa dos Pontos de Cultura, que foi desenvolvido a partir do Ministério da Cultura. O Bion, do Buraco do Getúlio, trabalhou na Escola Livre de Cinema, que era um ponto de cultura, por exemplo. Enquanto que a Nati e outras integrantes do Xuxu ComXis foram alunas nesse mesmo projeto. Portanto, os cineclubes criados na Baixada Fluminense a partir dos anos 2000 foram pensados em um momento de ampliação do acesso à internet e aos equipamentos de vídeo; participação em projetos culturais e de ensino; bem como do sentimento coletivo de inquietação e desejo de ter espaços para exibição e interação social no próprio território.

4.3. A substância dos cineclubes da Baixada Fluminense: a relação entre as produções audiovisuais e a valorização do território

Durante a realização da pesquisa foi possível observar que os cineclubes em atividade na Baixada Fluminense, produtores de conteúdo audiovisual, podem ser apresentados das seguintes formas:

- **Mate com Angu**

Criado no ano de 2002, o Mate é o cineclubes mais antigo, em funcionamento, na Baixada Fluminense e já inspirou a criação de vários outros cineclubes na região. As sessões do Mate já ocuparam diferentes espaços na cidade de Duque de Caxias. Atualmente, as sessões do Mate estão concentradas

na Sociedade Musical e Artística Lira de Ouro e no Gomeia Galpão Criativo. Além da exibição e produção de filmes, o Mate também realiza oficinas de formação na área de cinema, como a de elaboração de roteiros e a de produção audiovisual.

- **Buraco do Getúlio**

O Buraco foi criado em 2006, durante uma conversa entre amigos e amigas, no Ananias Bar, em Nova Iguaçu. Com o desejo de mesclar diferentes linguagens artísticas e ter um espaço para mostrar o próprio trabalho, o cineclube já ocupou um bar, centro cultural e praça pública. As sessões do Buraco envolvem exibição de filmes, apresentações artísticas e musicais.

- **Cineclube Donana**

No ano de 2009 um grupo de primos e amigos decidiu criar um cineclube no Centro Cultural Donana, em Belford Roxo. Desde 2019 o Donana apoia o projeto @sessãodamana, voltado para a discussão de filmes produzidos por mulheres via Instagram, e também realiza sessões cineclubistas em parceria com o Cineclube Velho Brejo.

- **Xuxu ComXis**

Criado no ano de 2012, o Xuxu ComXis é formado por um grupo de mulheres que realizam sessões cineclubistas itinerantes em praças públicas da Baixada Fluminense. A última produção audiovisual do coletivo é o clipe "BXD Existe", que exalta a ancestralidade cultural do território baixadense e canta que "mais que resistência", a Baixada "é existência".

- **Imbariê nos Trilhos**

Do 3º distrito de Duque de Caxias - RJ, o Imbariê nos Trilhos foi criado pela junção de pessoas que perceberam a necessidade de existir no próprio território um polo de atividades e discussões culturais. Engajados com as necessidades locais, os participantes do cineclube realizam oficinas audiovisual e de fotografia para a comunidade e durante a pandemia de covid-19 arrecadaram alimentos e distribuíram cestas básicas no bairro.

- **Cine Velho Brejo**

Motivado pela indignação de não existir nenhuma sala de cinema no município de Belford Roxo, e pelo desejo de ter opções de entretenimento na própria cidade foi criado o Cineclube Velho Brejo. Conectada ao cineclube está a Baixada Cine, que atua na produção de filmes e realização de oficinas de cinema de periferia. O Velho Brejo também possui parceria com o Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ), campus Belford Roxo, e o Centro Cultural Donana.

- **Cinema de Guerrilha da Baixada**

Na espontaneidade do “vambora, então vamos fazer cineclubismo” como disse o Ricardo durante a entrevista, e apoio do Açogue Império, o Cinema de Guerrilha da Baixada foi criado em 2011. As sessões aconteciam no bar do Caramujo, em São João de Meriti. Por estar localizado na beira da rua, contava com diferentes perfis de espectadores, como trabalhadores e trabalhadoras, assim como já teve a presença de um vice-cônsul, como contou Ricardo Rodrigues, poeta, roteirista, açogueiro e um dos fundadores do cineclube. Com histórico de participação em programa de televisão e realização de oficinas de cinema, hoje o Cinema de Guerrilha atua como produtora audiovisual e seus filmes podem ser assistidos na plataforma YouTube.

- **Facção Feminista Cineclube**

A Facção foi criada como resultado de discussões sobre cultura feminista e antissexista em uma oficina da Roque Pense! no ano de 2016. A primeira sessão foi realizada na Feira Pense!, em Duque de Caxias, e as demais sessões aconteceram de maneira itinerante na Baixada Fluminense. As produções audiovisuais do coletivo podem ser visualizadas no perfil delas na plataforma vimeo.

Estes cineclubes possuem como foco o debate de filmes, geralmente de curta metragem, produzidos no território da Baixada Fluminense, mas também realizam sessões com filmes de longa metragem e produzidos em outras periferias, ou, que discutam temas de relevância social. Portanto, o cinema nacional e local possui grande relevância para os cineclubes estudados. A programação das quatro primeiras sessões do

cineclube Imbariê nos Trilhos¹², apresentada a seguir, exemplifica os tipos de filmes e temas das sessões cineclubistas da Baixada Fluminense:

Tabela 4: Programação das sessões do Cineclube Imbariê Nos Trilhos

Sessão 1: Lançamento Cineclube Imbariê Nos Trilhos Data: 02 set. 2017 Tema: mobilidade urbana			
Filme exibido	Direção/Produção	Duração	Link para acesso
Se essa rua, se essa rua	Paula Vanina Cecing	3min43	https://www.youtube.com/watch?v=df37Q_Eqj60
Vida Carioca – um dia na central (década de 1950)	Recuperado por Hugo Caramuru	10min 25	https://www.youtube.com/watch?v=lwS9QFoqtP4
Tem gente com fome	Poesia de Solano Trindade na voz de Ney Matogrosso	2min44	https://www.youtube.com/watch?v=I5FUX3e089I
Proposta VLT nos ramais Vila Inhomirim e Guapimirim	SERGE-RJ	7min54	https://www.youtube.com/watch?v=Xsy0--HVaDs
Caminhando com Tim Tim	Genifer Gerhardt	4min 29	https://www.youtube.com/watch?time_continue=3&v=1dYukOrq5RI&feature=emb_logo
Mobilidade Urbana e Direito à Cidade - O Tempo	Zona Imaginária	3min 32	https://www.youtube.com/watch?v=vSa6NH8bdtc
A comunidade que desviou o trem	Coletivo Nigéria Audiovisual	11min 39	https://www.youtube.com/watch?v=7hi4G0jPpIA
Sessão 2: Armanda Data: 04 nov. 2017 Descrição: “Armanda Alvaro Alberto, educadora que revolucionou a ideia de escola, criadora da Escola Regional de Meriti (Mate com Angu), presa como comunista (tendo dividido a 'cela 4' com Nise da Silveira e Olga Benário). Armanda é, ainda hoje, lembrada e tomada como inspiração por movimentos artísticos e culturais da Baixada Fluminense.”			
Filme exibido	Direção/Produção	Duração	Link para acesso
Armanda - o documentário	Liliane Leroux e Rodrigo Dutra	41min	Trailer: https://www.youtube.com/watch?v=1BzblscpK9M
Sessão 3: 1962 - O ano do saque Data: 03 mar. 2018 Descrição: “Em 1962 as forças conservadoras contra o presidente Jango criavam um clima instabilidade no país. Além da crise política faltava aos brasileiros produtos elementares como o arroz, açúcar e			

¹² A lista com a programação destas e outras sessões do Cineclube Imbariê nos Trilhos está disponível no apêndice 3.

feijão. Em meio a este cenário aconteceu, principalmente em Duque de Caxias, um dos maiores saques populares que se tem notícia na história do Brasil no século XX”.			
Filme exibido	Direção/Produção	Duração	Link para acesso
1962 O ANO DO SAQUE	Rodrigo Dutra e Victor Ferreira	45min	https://www.youtube.com/watch?v=gDzD6JY2IrM&vl=pt
<p>Sessão 4: Baixada Filma Data: 05 maio 2018</p> <p>Descrição: “A BAIXADA TRANSMUTA EXTIGMA EM ARTE. O título desse texto é parte do Manifesto A Baixada Filma, um movimento dos produtores de audiovisual da baixada pela territorialização do orçamento do setor [...]. Na verdade queremos algo que não é tão difícil, basta perceber o quanto nossa baixada realmente transmuta estigma em arte, mas com um “q” a mais, metendo a mão na massa e no bolso sem esperar que promessas se cumpram, numa rede cultural superpoderosa.”</p>			
Filme exibido	Direção/Produção	Duração	Link para acesso
Cascudos	Igor Barradas	18min	Making of - cena 03: https://www.facebook.com/cascudos/videos/194015044493699/
Cineclubismo na BF	Carol Vilamaro,	21min	http://www.futuraplay.org/video/cineclubismo-na-baixada-fluminense/443293/
Lá no fim do mundo	Mate com Angu	18min	https://vimeo.com/4968870

Fonte: adaptado pela autora, a partir de dados disponíveis no perfil do facebook do Cineclube Imbariê nos Trilhos.

Assim como aponta o exemplo de programação das sessões do cineclube Imbariê nos Trilhos, a característica de **conexão da atividade cineclubista com o território da Baixada Fluminense** foi um tema presente na fala da grande maioria das cineclubistas e dos cineclubistas que participaram da pesquisa. Em alguns cineclubes essa conexão pôde ser percebida, inclusive, nas escolhas dos nomes, que fazem referências ou homenagens à região onde os cineclubes estão localizados:

o cineclube ele resgata o nome Velho Brejo justamente porque a cidade, a fazenda Velho Brejo, as ruínas da cidade. Então, **tem um resgate territorial aí que estão tentando apagar e a gente tenta fazer esse resgate**. Então, eu acho que é muito sobre... sobre a gente também. Sobre ser beldforroxense, ser baixadense, ser fluminense. **Eu acho que tem uma identidade nisso**. (Sandro, Velho Brejo)

"Vamos fazer o cineclube aqui e tal, não sei o que". Na hora já veio o nome: Buraco do Getúlio. Porque esse bar ficava, no final dessa rua tem uma passagem subterrânea né, sobre a linha férrea, é que é uma passagem que tem esse nome em homenagem ao Getúlio de Moura, que foi prefeito em Nova Iguaçu na época da expansão ferroviária. E aí a população, carinhosamente, chama de Buraco do Getúlio. **Então, tinha uma referência local com território, com identidade** e tal. (Bion, Buraco do Getúlio)

O interesse em preservar a história do lugar, como evidencia a fala do Sandro, durante a entrevista, indica a tentativa dos/das cineclubistas de resgatar a relevância do território e da identidade. Assim como o Sandro, Escobar (2005) também percebeu nos estudos decoloniais que existe uma tentativa, por parte da ideia de globalização, de interferência na noção de lugar, que busca propagar o entendimento de que o lugar não é relevante. Para o autor, esse processo global de enfraquecer o lugar e a construção cultural do lugar invisibiliza as formas alternativas de pensar e as distintas formas regionais e locais de configurar o mundo. Sendo assim, os cineclubes da Baixada Fluminense são organizações que caminham em oposição à hegemonia da globalização e modernidade:

E a gente mantém o cineclubes também por causa disso: porque a gente acredita, a gente vê a Baixada Fluminense como um polo de produção cultural. (Isa, Xuxu ComXis)

Eu nunca pensei em sair da Baixada. Eu não pretendo sair daqui. Já morei, sempre morei aqui, mas trabalhei em outros lugares, tive acesso a outros lugares, entendeu? **A gente não perde em nada pra outros lugares. A gente tem é que conseguir – eu sei que a luta é ferrenha – é melhores formas de, do nosso território né, estar bem.** Sabe? É isso que o cineclubes luta, a mobilidade urbana, a cultura. Entendeu? A luta pra que, pra que esse território seja reconhecido, visto e **tenha mesmo as condições de uma vida plena, em qualquer canto.** Tanto tanto, que o morador daqui possa se sentir tão bem quanto o morador que não seja daqui e **tenha acesso a todos esses tipos de coisas sabe, que tornam a sociedade melhor.** (Maciel, Imbariê nos Trilhos)

a gente ficou triste por não exibir na Baixada. Porque essa sessão do edital só passou no Odeon. E a gente cobrou. Falou: não, **tem que exibir na Baixada também.** Porque a gente não conseguiu levar as pessoas pra lá. Eu acho que a ligação com a Baixada Fluminense é isso, cara, **é você se sentir pertencente do território, sabe. É você se sentir ali acolhido mesmo,** assim, de... Porque no Odeon eu não posso levar quem eu quero levar, sabe. Eu posso ir, mas... **Eu queria que tivesse um Odeon na Baixada Fluminense. Assim, pra gente ter o nosso cinema, no nosso território, com a nossa galera. Poder levar todo mundo,** assim e tal. (Sandro, Velho Brejo)

Os discursos das e dos cineclubistas sobre a Baixada Fluminense também indicam a relevância do território para a atividade cineclubista e vida pessoal deles e delas. A percepção das faltas de espaços culturais no próprio território, por exemplo, foi um fator que motivou a criação de alguns cineclubes, porque as pessoas queriam houvessem atividades dentro do próprio território. Além disso, as/os cineclubistas resistem nessa atividade porque acreditam na força cultural da Baixada Fluminense, como disse a Isa, do Xuxu ComXis.

Como consequência da postura de vínculo e preocupação com o território, as escolhas dos temas dos filmes exibidos nas sessões geralmente também possuem ligação com o

território. Além disso, os filmes produzidos pelos próprios cineclubes também possuem essa conexão:

É meio um rito. A gente vai pra feira, fala do cineclube e panfleta. É meio, é meio assim. Vê uns amigos da feira e tal. É muito legal. [...] **E eu acho que a feira ela conecta.** Porra, a feira popular aqui ela junta todo mundo. **Você vê todo mundo na feira,** é muito maneiro. [...] **Eu tô com um roteiro pra fazer sobre as feiras da Baixada há um tempão. Eu acho esse filme necessário e fantástico,** assim. (Maciel, Imbariê nos Trilhos)

Eu fui a diretora do filme (risos). Que foi um filme sobre a feira de areia branca, é, em Belford Roxo. **Que é uma feira gigante e aí a gente fez um documentário sobre essa feira.** A gente foi entrevistando algumas pessoas pra tentar entender quanto tempo essa feira existia e tal. **Entender um pouco desse lugar né, da feira.** E aí a gente fez esse filme e a Josi fez a edição. E todo mundo colaborou um pouco com a produção nossa. Foi bem bacana. (Erika, Cineclube Donana)

Com isso, às alternativas sugeridas por Lander (2005) para enfrentar as desigualdades provocadas pelo mundo moderno, que para o autor pode ser iniciada pelo questionamento das ciências sociais globais, que naturalizam e legitimam a ordem social, também poderíamos acrescentar, no campo da prática, a atividade cineclubista. Afinal, enquanto o autor cita que o pensamento eurocêntrico, quando não questionado, pode impedir que a própria realidade seja compreendida, a característica de valorização do território, desde o nome, até a produção de filmes locais, presentes nos cineclubes da Baixada Fluminense, indicam o resgate da consciência e valorização do próprio lugar, bem como da vida diária.

A partir das produções autorais dos cineclubes da Baixada, os moradores e moradoras da região também vivenciam a experiência de identificação com as imagens do cotidiano presentes nos filmes exibidos durante as sessões cineclubistas, como foi contado nas entrevistas:

Eu vejo muito esse reflexo das pessoas também, de **se ver no filme.** Porque geralmente os filmes que a gente partilha são de produtores locais, então **rola aquela questão de se identificar com a arte.** Sabe? (Isa, Xuxu ComXis)

E aí **a sessão foi uma catarse,** assim. Quando começou a passar os filmes, todo mundo falando: "caralho, é a minha rua! Olha aquilo ali!". Tinha um filme que era na visão de um cachorro, que o aluno simulou a câmera como se fosse o cachorro. E era o cachorro de uma moça que tava na sessão. E ela falou: "esse é o meu cachorro! é o meu cachorro que tá no filme e tal". E ela não sabia, porque o cachorro tava na rua, assim, no dia que tava filmando. Então, **eu acho que tem muito disso assim, de pertencimento mesmo. Assim, de amor à coisa. De estar ali vendo coisas possíveis né, vendo coisas plausíveis.** Não é um filme de Holywood que retrata um Rio que a gente nem conhece, assim. É um filme que você... você se vê, às vezes, assim: "caraca, isso parece comigo né. Isso parece eu, assim". Então eu acho que a grande coisa é essa. **E a gente é daqui né.** (Sandro, Velho Brejo)

A valorização do cotidiano e dos modos de vida locais são percebidos por Santos (2001) como a possibilidade de ruptura da cultura popular com as alienações impostas pela cultura das massas. O trecho a seguir, por exemplo, traduz tão bem essa realidade, que parece que o autor estava utilizando como referência os cineclubes da Baixada Fluminense:

Os "de baixo" não dispõem de meios (materiais e outros) para participar plenamente da cultura moderna de massas. Mas sua cultura, por ser baseada no território, no trabalho e no cotidiano, ganha a força necessária para deformar, ali mesmo, o impacto da cultura de massas. Gente junta cria cultura e, paralelamente, cria uma economia territorializada, uma cultura territorializada, um discurso territorializado, uma política territorializada. Essa cultura da vizinhança valoriza, ao mesmo tempo, a experiência da escassez e a experiência da convivência e da solidariedade. E desse modo que, gerada de dentro, essa cultura endógena impõe-se como um alimento da política dos pobres, que se dá independentemente e acima dos partidos e das organizações. Tal cultura realiza-se segundo níveis mais baixos de técnica, de capital e de organização, daí suas formas típicas de criação. Isto seria, aparentemente, uma fraqueza, mas na realidade é uma força, já que se realiza, desse modo, uma integração orgânica com o território dos pobres e o seu conteúdo humano. (SANTOS, 2001, p. 144 - 145)

Além disso, nos cineclubes da Baixada Fluminense as reflexões e valorizações sobre a vida cotidiana são ampliadas quando as sessões acontecem em locais públicos abertos. Porque possibilitam que os filmes produzidos no próprio território sejam vistos e debatidos por um número mais diversificado de público:

o Xuxu, além de ser um cineclube, ele produz também um material. Então, a gente produz filme também. E essa produção, ela mostra a Baixada. Então, por exemplo, o clipe, o clipe ele fala da Baixada Fluminense. Então, **não é um lugar distante da visão deles né, de quem tá ali assistindo. É um lugar muito próximo.** E eu acho que esse olhar das pessoas pra o que a gente produz é algo que também acaricia também o coração da gente que tá lá, de que tá produzindo né. Porque, às vezes, a gente fica: "caramba". Tipo, a gente chega no lugar e tem, aí chega uma, duas pessoas. Aí a gente fala: "ai, só tem uma ou duas pessoas". Mas aí vai aumentando né. A galera vai chegando né, vai passando na rua, vai vendo: "ai o que que é aquilo dali?". **Aí se interessa e chama as crianças e chama a avó, e chama a mãe. Aí todo mundo senta lá, senta no chão né, dá o jeito lá de sentar em algum lugar da praça pra participar de algum momento.** (Nati, Xuxu ComXis)

Eu acredito que o que me encantava no nosso cineclube era ver a pessoa saindo do Guanabara, com bolsa de compra, e parar pra assistir. Era o aluno voltando da escola. Era o cara voltando do trabalho, pedia uma cerveja e parava pra assistir: "o que que tá acontecendo aqui?" [...] **Ninguém sabia o que que era isso.** "Não, isso aí é um cineclube". "Ah, já teve um cineclube aqui há 40 anos atrás chamado Bica da Mulata, mas não era aqui, era lá no morro, lá em cima". Teve cineclube há 40 anos atrás, tem gente que se lembra. **É tão marcante que tem gente que se lembra que existia um cineclube aqui.** Tenho certeza que marcou a vida de algumas pessoas né. Pode marcar a vida de muitas pessoas, mas o que mais me encantava era isso: ver a dona de

casa com [bolsa] do Guanabara e parar numa cadeira daquela dali e assistir um filme, nem que seja por meia hora, nem que seja pra entender aquilo dali, entendeu? Então **isso foi uma cena que me marcou**. (Ricardo, Cinema de Guerrilha)

Com a produção e exibição de imagens predominantemente do próprio território, e a promoção de debates sobre questões que envolvem a vida cotidiana na Baixada Fluminense, os cineclubes contribuem para que as pessoas parem para olhar para o território e suas subjetividades. Já quando saem do ambiente fechado e vão para ruas e escolas, as/os cineclubistas amplificam o alcance das reflexões questionadoras e valorizadoras do território para uma quantidade maior da população local. Dessa maneira, os cineclubes da Baixada Fluminense, produtores de obras audiovisuais dentro do próprio território, são uma cultura popular, que mesmo com poucos recursos, conseguem se apropriar das ferramentas audiovisuais da cultura de massa, como discutiu Santos (2001), e com isso provocar fagulhas de questionamento sobre a vida cotidiana na periferia.

4.3.1. Exemplos de produções audiovisuais realizadas e exibidas por cineclubes da Baixada Fluminense

Para exemplificar a produção audiovisual dos cineclubes da Baixada Fluminense podemos refletir sobre o curta metragem “Sobre dormentes, estamos acordadas”¹³, produzido pela Facção Feminista Cineclubes, com apoio da Associação Civil Casa Fluminense. O filme documentário, com 5 minutos de duração, conta a história de mulheres, moradoras da região da Baixada Fluminense, que utilizam o trem como meio de transporte para chegar ao centro da cidade do Rio de Janeiro.

O filme é iniciado com imagens e sons produzidas dentro do trem. Nos primeiros segundos do filme é possível ter a sensação de estar dentro do trem: olhar para as paisagens que aparecem na janela do vagão; perceber o balanço do trem em movimento; ouvir o barulho do trem e as vozes dos vendedores informais que trabalham dentro do vagão. A segunda imagem que aparece é mais ampla: como se estivéssemos no alto da estação, mostra os trilhos do trem e os movimentos de embarque e desembarque que acontecem na plataforma de parada do trem. Nesse momento, mesclado com imagens pessoas dentro de um vagão, uma mulher começa a narrar sobre as desigualdades da garantia de segurança. Em seguida, com imagens alternadas desta mulher, em pé na

¹³ Para assistir ao curta “Sobre dormentes, estamos acordadas”, acesse: <https://vimeo.com/245128584>

plataforma do trem, e imagens e barulhos da viagem de trem, a participante do documentário fala:

“a gente vive numa cidade partida, onde a segurança, o discurso da segurança, ele é extremamente restrito. Para garantir a segurança de poucos, se submete, à maioria, uma vida extremamente violenta, sabe? Porque é preto, pobre e periférico. [...] Na verdade, o transporte aqui, a mobilidade de conjunto, ela é pensada só para garantir que as pessoas vão trabalhar, e muito precariamente, ainda.” (Participante 1 do documentário “Sobre dormentes, estamos acordadas”)

Ainda com imagens e sons do deslocamento do trem, é inserida uma fala, que parece ser de uma outra mulher, sobre a forma como o trem é colocado apenas como meio de transporte voltado para atividades relacionadas ao trabalho:

“eu fico com a sensação que o trem tá ali só pra quem vai trabalhar. E como se a gente só precisasse se deslocar por essa... só pudesse se deslocar por essa relação. Porque existem outras” (Participante 2 do documentário “Sobre dormentes, estamos acordadas”)

Em seguida, a primeira participante do filme volta a aparecer e fala sobre as mortes que acontecem no trem: “a gente tem visto que as pessoas estão morrendo nos trilhos. E que estão morrendo de forma silenciosa. Porque essas pessoas aqui são matáveis. Então a gente morre e nem sai na mídia”. Após imagens e sons externos do trem passando por uma estação, aparece a imagem da terceira participante do filme, filmada próximo a saída da plataforma, que diz e gesticula: “as pessoas saem do trem tudo de cara feia, todo mundo de mau humor. Pode reparar a cara do pessoal, como eles já saem do trem: aí, todo mundo de cara feia. Sabe por causa de quê? Porque eles passam mais tempo dentro do trem do que fora”. Em seguida, aparecem imagens de muitas pessoas saindo de um trem, entre elas, uma palhaça e outros palhaços correndo e gritando.

Com imagens da palhaça trabalhando dentro do vagão do trem, começa o áudio dela falando sobre o trabalho no trem:

“a gente tem uma relação de achar que o pobre ele só precisa do básico. Mas a arte também é o básico né, felicidade, é... como é que diz? Saúde mental né. A gente precisa disso. Eu acho que a nossa função é essa: é alegrar as pessoas, porque a gente tá vivo”. (Participante 4 do documentário “Sobre dormentes, estamos acordadas”)

Com transição entre as imagens de uma mulher andando sozinha em uma passarela, imagens de um grupo com outras duas palhaças cantando na plataforma e imagens de pessoas andando em uma passarela, o filme volta a apresentar a participante 3, que trouxe

o assunto do assédio que as mulheres sofrem nos trens: “Tem muito homem que é abusado. Não adianta, colega. [...] Se uma mulher chegar pra mim aqui e falar assim: ‘ah, eu nunca fui assediada, eu nunca fui roçada, eu nunca fui nada’. Já fui sim. Porque tem muito homem que é sem ética”. Após essa fala, volta a aparecer a palhaça, que compartilha a história de um caso de assédio que já passou no trem. A imagem volta para a primeira participante e ela conta um caso de assédio que também testemunhou. Em seguida, com imagens do trem chegando a uma estação e o trajeto que a participante 1 faz após sair do trem, é contado o caso de uma mulher que sofreu um acidente no trem e faleceu.

Na parte final do filme são exibidas as imagens, vistas de dentro do trem, das paisagens dos lugares por onde o trem passa. O som é o barulho das conversas das pessoas que estão dentro do trem e os vagões passando pelos trilhos. Em seguida, aparece a participante 3, que diz: “eu participo do bagulho, tá ligado? Feminista. Porque nós *bota* o terror mesmo, porque a gente é mulher, a gente pode botar a mão onde a gente não alcança. [...] a gente pode chegar onde a gente quiser”. Por fim, os créditos do filme são apresentados ao som da música “O samba do trem”, cantada pela Banda Gente, uma banda da Baixada Fluminense que possui músicas baseadas nas experiências vividas neste território:

Se o trem ‘variou’ não sei
Só sei que parou
E se eu chego atrasado mais uma vez
Isso me é descontado
E é por isso que eu bato com força na porta do trem

Se o trem ‘variou’ não sei
Só sei que parou
E se eu chego atrasado mais uma vez
Eu perco o trabalho

E é por isso que eu bato com força na porta do trem

Mais uma vez oprimido,
Mais uma vez humilhado
Mais uma vez sem resposta
Mais uma vez sem trabalho

Composição: Wallace Cruz

Interpretes: Banda Gente

Como sintetiza a letra da música que encerra o filme, o documentário produzido pela Facção Feminista Cineclube, que tem como delimitação as mulheres da Baixada Fluminense, traz para o debate as experiências vividas dentro dos trens. Nesse debate são

retratadas as questões da segurança como privilégio de classes, o assédio sexual sofrido por mulheres no transporte público, violência contra a vida e o silenciamento das injustiças. Os sons das vozes dos vendedores ambulantes e o trabalho das palhaças também documentam os outros usos desse transporte público. Com isso, o filme contribui para a reflexão compartilhada sobre a vida no território da Baixada Fluminense. Essa reflexão gerada pelo filme pode provocar mudanças futuras na realidade do território. Como afirma Santos (2001):

Sem dúvida, os brotes individuais de insatisfação podem não formar uma corrente. [...] Mas isso não impede que, no âmago da sociedade, já se estejam, aqui e ali, levantando vulcões, mesmo que ainda pareçam silenciosos e dormentes. (SANTOS, 2001, p.133 - 134)

Em entrevista com a Sassá, da Facção Feminista, o cineclubista que produziu e editou o filme “Sobre dormentes”, foi possível saber mais detalhes sobre a produção do curta, que reforçam a reflexão de Santos (2001) a respeito das possibilidades de transformações da cultura popular. Curiosamente, a mensagem do curta, denominado “Sobre dormentes, estamos acordadas”, em referência às madeiras, também conhecidas como dormentes, usadas nos trilhos dos trens, reflete a ideia da insatisfação individual, que pode levantar vulcões, que parecem estar dormentes, como cita (SANTOS, 2001).

Segundo a cineclubista, o filme foi produzido com baixo orçamento, com recursos provenientes de um edital da Associação Casa Fluminense:

Umás meninas tinham aprovado um projeto na Casa Fluminense. [...] Foi um edital que eu acho que a gente ganhou, eu acho que, 2 mil ou 2.500. Não foi nem 3 mil, assim. Foi um filme de baixíssssssimo orçamento. Era pra ser um curta mesmo. E era sobre mobilidade urbana na Baixada Fluminense, nos territórios dos coletivos. [...] E aí a gente fez o filme né em homenagem até a prima da Rafaela Albergaria. Ela conseguiu fazer uma lei agora né, nessa questão de mobilidade do trem. A prima dela tinha morrido indo pra faculdade. (Sassá – Facção Feminista)

Rafaela Albergaria é a primeira participante que aparece no filme. De acordo com informações apresentadas por Souza (2018) no site Casa Fluminense, a Rafaela realizou uma pesquisa, com apoio da associação, sobre o transporte e mobilidade urbana na região metropolitana do Rio de Janeiro. Os dados da pesquisa indicaram que, entre os anos de 2008 e 2017, ocorreram “285 casos de homicídio culposo provocado por atropelamento ferroviário e 138 casos de lesão corporal culposa provocada por atropelamento ferroviário nos doze municípios que são cortados por trens da SuperVia. No mesmo período, foram registrados 32 casos de suicídio em linhas de trens da região” (SOUZA, 2018). Esses

dados foram usados no relatório da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) que investigou as irregularidades da gestão pública no setor de transportes do Rio de Janeiro e solicitava, entre outras medidas, o fim da relação entre o Governo do Estado e a Federação das Empresas de Transportes de Passageiros do Estado do Rio de Janeiro (Fetranspor). Portanto, mesmo com baixo recurso, o curta contribuiu para fomentar o debate do tema mobilidade urbana, que posteriormente foi incorporado na agenda pública.

Apesar do documentário ser o gênero predominante nas produções audiovisuais dos cineclubes da Baixada Fluminense, na região também são produzidos filmes de ficção. O curta “Rádio Perifa”¹⁴, por exemplo, produzido pela produtora Baixada Cine, que é vinculada ao Cineclube Velho Brejo, possui como sinopse um programa de rádio, que na programação conta a história de um jovem da periferia. Apesar de ser uma ficção, o filme retrata questões reais da Baixada Fluminense, como pode ser observado no trecho, apresentado a seguir, retirado da fala da personagem principal do filme, a apresentadora da rádio:

“A pergunta é: ‘por que é que vocês estão contando a história do Vitor?’ [pausa, seguida de quebra da quarta parede]. A gente está contando a história do Vitor porque não tem ninguém mais contando.” (Trecho do filme “Rádio Perifa”, dirigido e roteirizado por Sandro Garcia)

Mais um exemplo de produção audiovisual que não é documentário, mas que retrata as questões vividas no território da Baixada Fluminense é o vídeo clipe “BXD Existe”¹⁵, produzido pelo cineclube Xuxu ComXis. Gravado em Belford Roxo, como contaram as integrantes do cineclube durante a entrevista, o filme apresenta muitas referências sobre a Baixada Fluminense: através das roupas, dança e maquiagem das dançarinas e do dançarino, o filme menciona as matrizes africanas presentes na cultura local; na letra da música são mencionados os usos do trem, entre eles o trabalho informal e as apresentações culturais; a necessidade de deslocamento para outras regiões e o sentimento duplo que é amar e sofrer por morar na Baixada. Com isso, a produção audiovisual reconhece as ações de resistência dentro do território, mas reivindica que a Baixada Fluminense seja reconhecida por sua existência, como resume o trecho a seguir:

*cotidiano bxd
tô cantando pra você

tá ligado que existe*

¹⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Fx2W5pVUPLU&t=192s>

¹⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aGdkfMTUgpl>

a beleza é que *nós insiste*

insiste em derrubar
A engrenagem do sistema

[...]

Atravessando a cidade desde a nossa infância
Nem vem com esse papo que não temos relevância

[...]

Mais que resistência, *Nós é existência*

(PRODUÇÃO EXECUTIVA: CINECLUBE XUXU COMXIS e LAISA COSTA; COMPOSIÇÃO: ADRIELLE VIEIRA)

As produções audiovisuais da Baixada Fluminense provocam pensar que os cineclubes exercem o papel de propagar pensamentos outros na região da Baixada Fluminense, a respeito da realidade local, especialmente quando realizam exposições em praças públicas e bares. Além disso, para quem integra os cineclubes, participar da atividade e das oficinas de produção audiovisual, há a oportunidade de ampliar as opções de escolha das carreiras profissionais, como aconteceu com a Sassá, da Facção Feminista:

Eu frequentava o Mate com Angu quando eu era adolescente. **Eu saí depois aqui do Rio de Janeiro, fui fazer faculdade de ciências sociais, pra trabalhar com antropologia audiovisual, por causa de tudo que o Mate com Angu jogou na minha cabeça ali, do que é que é informação, arte, cultura né.** [...] Aí, enfim, eu fiquei cinco anos, morei no Rio Grande do Sul, aí voltei. Aí acabou que eu fiz uma militância antirracista, morando no sul do Rio Grande do Sul. [...] Aí eu já estava trabalhando com audiovisual, mesmo não tendo concluído a universidade. [...] **Eu quis seguir uma carreira acadêmica de acordo com aquelas quartas-feiras que eu me divertia.** [...] E aí eu fui convidada, quando estava lá em Floripa, as meninas tinham um curso de cinema lá também. Aí umas meninas, negras, que faziam um curso lá, elas são de Santa Catarina mesmo, **me chamaram para mediar uma mesa entre a Yasmin Thainá e a Adélia Sampaio. Foi a primeira mesa de mulheres negras da Universidade Federal de Santa Catarina.** Nunca teve uma mesa com só pessoas negras dentro dessa Universidade. E aí a primeira mesa foi entre mulheres negras, que foi o encontro de audiovisual lá. E aí eu mediei. E foi uma mesa com a temática de cinema de guerrilha. (Sassá, Facção Feminista)

Sendo assim, as contribuições dos cineclubes da Baixada Fluminense para o território também envolvem a formação profissional e acadêmica dos e das participantes. Como Ramos (1981, 114) refletiu sobre a teoria das organizações substantivas, os cineclubes da Baixada Fluminense valorizam as relações interpessoais e os processos que formam as ações culturais, enquanto tendem a transformar o olhar sobre a “organização

econômica formal” em uma questão complementar – não única, como impõe a lógica de mercado formal – da vida humana.

4.4. Os efeitos do processo de participação nos cineclubes da Baixada Fluminense nas dimensões inserção territorial e associação da vida humana

A respeito dos **princípios basilares dos cineclubes** participantes da pesquisa, as entrevistas com as e os cineclubistas indicaram que o respeito ao equilíbrio entre as individualidades de cada participante e a valorização da coletividade são pontos importantes para os cineclubes. Essa questão ficou evidenciada, principalmente, quando perguntei sobre o objetivo do cineclubes. Como resposta, alguns cineclubistas mencionaram que os objetivos eram múltiplos, devido à diversidade do grupo:

Assim, **como ele nasceu de várias pessoas, eu não vejo como um objetivo só, não tem como.** Pra mim, como como cineasta e fotógrafo, entendeu, eu queria exibir filmes e falar de filme. (Maciel, Imbariê nos Trilhos)

Eu acho válido ter várias motivações diferentes. Tipo o IF (Instituto Federal), o IF tem motivação. O professor quer lá o projeto de extensão, pra ele ter no currículo dele, ele ganhar uma hora lá e tal. Eu acho um movimento super válido. Mas ele também é um amante de cineclubes, assim. A minha motivação inicial é ter cinema na minha cidade. Assim, é poder ver filmes aqui, tomar uma cerveja com os meus amigos aqui e tal. **Mas tem uma motivação ampla, assim. Eu acho que é uma política cultural,** quase que uma política pública assim. Porque a gente, antes da pandemia, ia ativar o cineclubes em mais dois lugares aqui em Belford Roxo. Com outras pessoas tomando conta, assim. E isso ia fomentar uma sala de cinema. Porque isso, se tá tendo tanto cineclubes, é porque precisa de cinema. [...] Então, têm esses porquês assim, que eu acho que são todos válidos. **Eu acho que é uma coisa meio caótica, mas é pro bem, sabe.** (Sandro, Velho Brejo)

Sendo assim, o caos e as multiplicidades de objetivos dos cineclubes, mencionados por Maciel e Sandro, são um exemplo do respeito aos interesses individuais e coletivos dentro dessas organizações. Na perspectiva de Serva (1993), nas organizações substantivas a individualidade dos membros e a dimensão coletiva são valorizadas e provocam a busca pelo equilíbrio entre os participantes e a organização.

Outro princípio da organização substantiva citado por Serva (1993) é o respeito à dignidade e liberdade humana, assim como o autocontrole e a espontaneidade que os compromissos são assumidos. Durante as entrevistas, a questão do **respeito à disponibilidade de cada participante** apareceu principalmente nas explicações sobre o

processo de organizar as sessões ou participar das atividades dos cineclubes, como analisaram o Sandro, do Velho Brejo, e a Isa, do Xuxu ComXis:

Então é muito, é muito orgânico assim, não tem uma hierarquia, uma regra, uma equipe fechada não. **As pessoas vêm, vão, na sua disponibilidade.** [...] Então tipo, tem uma organização, mas é como eu falei, não é regrada. Assim, é bem combinado na hora. Tipo: "oh, vamos fazer tal coisa, esse movimento, o que que vocês acham?" Aí vai rolando. [...] É bem legal o movimento que vai rolando, assim. Não precisa ser uma coisa burocrática. Mas é isso, assim, como eu falei. Tem tem, **como falei, tem uma organização, mas é uma organização que flutua né, que vai, que vem.** Tipo agora, os professores saíram. Tem uma professora em Caxias, tem um professor em Niterói. Só que agora eu tô com o Donana também. Então o Donana agora já faz parte do cineclubes. Então lá é fixo, então lá já tem um projetor. Então, vai vai **flutuando assim, entre um espaço e outro.** (Sandro, Velho Brejo)

Porque **como é um movimento que é aberto, a circulação né das pessoas que chegam também é aberta.** Basta você querer, chegar e somar. Não é fechado. Mas essa característica de permanecer mulheres é real. Tipo, no começo não era só nós né, mas aí ficou a nossa força (riso), como uma característica né. (Isa, Xuxu ComXis)

Atrelado a isso também está a forma **espontânea** como os compromissos são assumidos diante das ausências de outras pessoas ou das necessidades que aparecem. Para exemplificar, selecionei a fala da Erika, sobre o momento em que ela começou a trabalhar nos dias das sessões do cineclubes, e do Bion, sobre a participação espontânea das pessoas na primeira sessão organizada na rua:

Teve um tempo que eu não conseguia ir de jeito nenhum porque eu estava trabalhando sábado e domingo. E aí eu, enfim, foi, **e aí outras pessoas foram assumindo essa responsabilidade de tá junto.** E aí não é algo que dá pra ter uma cobrança. Enfim, como todo trabalho voluntário tem isso né, que não dá pra cobrar muito. (Erika, Cineclubes Donana)

Então teve esse buraco feminista que a gente tava na rua. **A nossa primeira ação na rua.** Praça lotada. [...] **Chegou a polícia e nós não tínhamos autorização pra fazer a ação** e eles mandaram parar. Eles só, eles não me mandaram parar, **eles me levaram pra delegacia. Entrei na viatura.** Claro que falando hoje é engraçado e divertido, assim, mas nessa hora foi tenso. [...] Aí pô, o amigo que era poeta, que não era produtor de nada, poeta, escritor, e que é advogado também, já vai pra delegacia também. Aí a galera já liga: "pô, Bion, vai babar aqui". Pessoas que não eram da equipe me ligando e articulando com outras pessoas da equipe: "bom, aqui não vai rolar, a gente não vai conseguir essa autorização. Vamos pro Ananias". Pega alguém de carro, alguém com o seu próprio carro, vai até o Ananias pra falar: "olha, a galera do Buraco tá vindo aí porque teve um problema na sessão". E a galera do Ananias adora a gente, fala: não, beleza, pode vir pra cá. E fulano liga lá do Ananias: vem, tá liberado, tudo mais e não sei o que. **E cara, acontece um movimento, assim, das pessoas entendendo aquilo que tava rolando; da equipe que ficou também, falando: galera, não vai rolar mais aqui, a gente vai lá pro Ananias. E cara, as pessoas foram se organizando em pequenos grupos e indo pro Ananias.** Porque nem todo mundo sabia onde é que era. **Enquanto outros ajudavam a tirar a decoração, a desmontar**

equipamentos, carros sendo usados pra levar o equipamento pra lá. Isso tudo coisa do público, enquanto eu estava na delegacia, sacou? E a galera fazendo a parada, fazendo tudo isso e tal, não sei o que. Quando eu chego na praça, a praça já tá praticamente vazia, com as últimas coisas de equipamento ali. Já tem uma galera no Ananias, montando parte do equipamento que tava lá. Pessoas aleatórias montando e tal, não sei o que. E aquilo eu acho que deu um gás na galera assim, que foi uma das sessões mais catárticas que a gente já teve. Assim, porque, nessa sessão, mais do que nenhuma outra, todo mundo ali fez parte da sessão de fato assim, né, da sessão, inclusive, pra além das intervenções. (Bion, Buraco do Getúlio)

Com isso, é possível perceber que nos cineclubes estudados a espontaneidade está presente não apenas na forma como o cineclubista foi criado, mas também na maneira como as pessoas assumem as responsabilidades pelas atividades da organização e aceitam as necessidades de ausência de outros/outras participantes. Por outro lado, quando a pergunta sobre o **equilíbrio** entre os compromissos pessoais e as atividades cineclubistas foi direcionada para a forma como o próprio entrevistado/a própria entrevistada prioriza sua necessidade pessoal, foi demonstrada compreensão em casos de ausência de outros parceiros e parceiras de cineclubista, mas também foram expostas dificuldades individuais em aceitar necessidades pessoais que poderiam provocar a falta em alguma atividade do cineclubista:

nesse momento aí que as coisas estavam flores, acontecendo de uma forma efervescente, eu largava o açougue, tá? Não vou mentir não. **Me prejudiquei um pouco por isso né, mas não me arrependo.** [...] antigamente eu fazia isso. Falei assim: não, agora eu também tenho que ter a minha responsabilidade aqui né. Então, tem que ter esse discernimento de não fechar o olho pra tudo. **Mas eu fazia assim né. E tava feliz pra caramba** (risos). (Ricardo, Cinema de Guerrilha)

Conforme trecho da entrevista com o Ricardo, do Cinema de Guerrilha, em alguns momentos a dedicação ao cineclubista prejudicou seu trabalho como açougueiro. Nesse relato, é percebido o vínculo afetivo do cineclubista com a organização do cineclubista que, naquele momento, ultrapassava sua preocupação com questões econômicas. A existência das relações afetivas entre os indivíduos e o vínculo com as organizações substantivas, nas considerações de Vizeu (2009), é proporcionadora de “dádivas”. Para o autor, nas organizações substantivas, o afeto e a solidariedade, por exemplo, podem contribuir para a ruptura com a impessoalidade e a lógica calculista presentes nas relações centradas no mercado. Outro exemplo de dádiva, apresentada por Vizeu (2009), ao estudar organizações substantivas, são as relações recíprocas e a liberdade de comunicação entre os/as participantes da organização. Contudo, diante das tensões presentes nas racionalidades, o autor também aponta para as contradições existentes nessas relações.

Com isso, o tema conflitos aparece no estudo das organizações substantivas e foi um dos assuntos discutidos durante as entrevistas com os/as participantes dos cineclubes da Baixada Fluminense.

Assim como foi observado por Serva (1993) nos estudos sobre organizações substantivas do estado da Bahia, entre os cineclubistas da Baixada Fluminense a existência de **conflitos** é percebida e aceita como algo comum, parte da convivência, resolvida a partir do diálogo, como mencionaram o Maciel e o Sandro:

Acontece bastante. É a tal da (risos), é a tal da esquerda que não tem uma unidade né. É assim que se fala. Mas a gente, a gente leva pro diálogo né, é isso. Leva pro diálogo. E na roda de conversa ela é ampla e todo mundo pode manifestar a sua opinião. (Maciel, Imbariê nos Trilhos)

cara, eu, eu adoro discordar. Adoro quando as pessoas discordam das coisas. Porque **quando tá todo mundo concordando tem alguma coisa errada.** (Sandro, Velho Brejo)

Portanto, de maneira próxima ao que foi analisado por Serva (1993), no estudo sobre organizações substantivas, os cineclubes da Baixada Fluminense possuem princípios de respeito às necessidades e desejos individuais, a não obrigatoriedade de participação, e a maneira espontânea como as atividades são assumidas para serem realizadas. A respeito da coletividade, nos cineclubes compostos por mulheres a priorização da dimensão coletiva ficou mais evidente, se comparado aos demais cineclubes. Em todas as solicitações de entrevista que fiz, por exemplo, os cineclubes femininos foram os dois únicos que propuseram que a entrevista fosse em grupo. Isso mostrou uma preocupação maior com a participação de todas.

Já o **relacionamento entre as/os participantes dos cineclubes** foi um dos pontos que mais chamou a atenção durante as entrevistas, assim como o trabalho em rede, tão característico da atividade cineclubista na Baixada Fluminense. Nas entrevistas, ao falar sobre relacionamento, foram mencionados temas como encontros, pertencimento, amizade, família e afeto:

Falamos todos a mesma língua, assim, a gente, **todo mundo passou pelos apertos que morador de comunidade passa,** entendeu? E a gente se entende, e tal, sabe. Eu acho que, acho que a discussão flui sempre muito bem né. [...] A gente assim: "Ah, você estudou na mesma escola que eu. Ah, a sua prima é amiga do meu irmão". Quando a gente se vê: "**putz, a gente não se encontrou na vida, não sabe como. O cineclubista que juntou**". Mas, sempre com essa coincidência de bairro né. Todo mundo já meio que se conhecia, assim, né. (Maciel, Imbariê nos Trilhos)

Então, a gente começa a fazer o nosso caixa. Assim, cada um dá o que pode. **Entendendo esse pertencimento né, estar nessa família. Porque o cineclube pra mim se tornou uma família né.** A Nati, a Pam são minhas amigas. A Kat que já não tá mais com a gente, assim, presencial. É, **são minhas amigas de caminhada**, assim, entende? Tanto territorial quanto no âmbito pessoal da coisa, **para além do cineclube.** (Isa, Xuxu ComXis)

A fala da Isa, do Xuxu ComXis explicitou que os encontros e amizades que o cineclubismo proporcionou aos seus participantes estão “para além do cineclube”. Essa consideração também foi apresentada pelo Sandro e o Bion:

Aí a gente, quando terminou a sessão, **ele falou: caraca, eu nunca vi as pessoas se amarem como vocês, assim.** E aí a gente ficou marcado com essa palavra. Assim, caraca. Tipo (riso). Sendo que a gente é desconhecido também. Os professores do IF, **virou uma amizade também.** Então foi um processo bem legal. (Sandro, Velho Brejo)

a **gente fazia tudo junto** também. "ah, vamos tomar uma cerveja?". Nunca ia tipo, eu, eu e a minha esposa. Ia eu e a minha esposa e lá encontrava fulano, beltrano e não sei o que. E quando você via era uma reunião do Buraco e todo mundo sentado ali tomando cerveja e tal. Isso é muito interessante também. Assim, **das pessoas acabarem se tornando amigas mesmo.** Assim né, porque isso foi uma coisa que eu sempre tive, assim, né. Pô, pra trabalhar com alguém, sobretudo no Buraco, que **não é uma relação que eu tenho que passa pela relação econômica, é pelo afeto, é pelo prazer** e tudo mais, eu tenho que ser amigo dessa pessoa, não vou trabalhar com um estranho, assim né. Então, de frequentar a casa e tudo mais, e não sei o que. Então, assim, eu tenho um filho de 11 anos. **Todos os integrantes que passaram pelo Buraco conhecem o meu filho e o meu filho chama todos eles de tio.** Isso dá bem a dimensão de como é que essas coisas foram acontecendo, assim, sacou? (Bion, Buraco do Getúlio)

Estas falas ainda contribuem para confirmar o pensamento de Ramos (1981) a respeito da organização substantiva e a valorização de múltiplos centros. Nos cineclubes da Baixada os relacionamentos interpessoais são fundamentais para o próprio funcionamento das organizações, já que a falta de recursos motiva a construção de redes de apoio. Já no coletivo feminista, uma outra camada apareceu, que foi a construção de relacionamentos que foram espaços de acolhimento e cura:

Eu acho que a gente se juntava mais como mulheres até para essas funções de cura mesmo. Porque a gente foi para essa formação, do Roque Pense, e acabou que **era uma roda de desabafo.** Porque a gente estava em vários coletivos. Nós eramos artistas: uma designer, eu e Bia ali do audiovisual. Mas a gente só ficava falando de como que os machos *tirava* a gente: chamava a gente de burra, chamava a gente de incompetente, vaca, e várias coisas, várias situações. E virava uma roda de desabafo, assim. A gente não *tava* conversando sobre a nossa produção em si como mulheres e o que que a gente poderia criar. A gente estava desabafando entre nós. **Porque a gente não tinha esse espaço, porque a gente era invalidada quando colocava essas coisas, sabe?** E dentro da cultura existe muito isso. Por mais mambembe, por mais aberto, por mais descoladas, não sei qual palavra poderia ser. Por mais que a galera seja libertária né [...]. E aí a **gente tem que criar esses espaços de escuta.** A gente

criou o Facção Feminista nessa função: de assistir filmes que eram feitos por mulheres, para mulheres, com discussões, geralmente, sobre mulheres. (Sassá, Facção Feminista)

Como aponta a fala da Sassá, na Facção Feminista as discussões durante as sessões cineclubistas ultrapassavam o debate técnico sobre os filmes assistidos e passavam a ser momentos de reflexão sobre as próprias vivências das participantes e das insatisfações com a realidade machista, inclusive dentro da área da cultura. Essa observação contribuiu para a discussão feita por Lugones (2010) a respeito da colonialidade do ser, que cria diferenças entre homens e mulheres, brancos e negros, inclusive dentro da abordagem decolonial, e sutilmente naturaliza a dominação colonizadora.

Com isso, uma vez que os cineclubes da Baixada Fluminense, produtores de conteúdo audiovisual e debate sobre o próprio território, consiste em um lócus fraturado (LUGONES, 2010) dentro de um território que, predominantemente, é usado para atender aos interesses de organizações econômicas formais, a ação das mulheres cineclubistas na Baixada Fluminense consiste em um lócus (re)fraturado. Porque mesmo dentro de organizações que já resistem ao sistema de mercado, estas mulheres sofrem com questionamentos sobre suas capacidades de trabalho na área audiovisual e nem sempre são ouvidas com facilidade. Além disso, a criação de espaços de cura, reflexão e escuta criado por estas mulheres, reflete a conscientização, discutida por Freire (1979), que pode provocar a transformação social.

Dentro dos processos de organização das atividades cineclubistas, as relações de troca são muito valorizadas. Para HB, do Mate com Angu, organizar uma sessão é tão prazeroso quanto estar em uma sessão, por exemplo. Portanto, assim como foi percebido por Serva (1993), no estudo sobre as organizações substantivas, nos cineclubes as relações de afeto são fundamentais para o funcionamento da organização e o processo de organizar uma sessão é tão relevante quanto a finalidade das atividades.

As **redes de apoio**, diante da quantidade pequena de fontes de financiamento externas e aos baixos recursos financeiros dos cineclubes, são uma forma de possibilitar a existência da atividade na Baixada Fluminense. A maioria dos cineclubes, por exemplo, começaram as atividades com equipamentos de projeção de filmes emprestados:

Então, a gente começou o cineclubes sem ter um cabo HDMI. No primeiro ano a gente não teve nada. **Eu pegava o projetor emprestado com o pessoal da capa pão.** A capa pão é um coletivo de quadrinhos que tem aqui em Caxias. E tem uma galera que mora aqui em Imabriê também. E som a gente pegava

emprestado. A casa Brasil não tem nada, nunca tinha nada, entendeu? A gente pegava emprestado com os amigos. (Maciel, Imbariê nos Trilhos)

Olha só, **a nossa primeira sessão a gente fez com um projetor emprestado pela FASE**, que é uma instituição aqui do Rio, que ajuda na articulação de grupos e na formação e tal. Se eu não me engano foi da FASE. E o equipamento de som, era um equipamento de som que o pai da Luana, que era uma das integrantes do grupo, tinha. [...] O Mate já emprestou projetor pra gente também. Outras galeras já emprestaram. (Bion, Buraco do Getúlio)

O projetor era de um cineclube amigo nosso, do subúrbio, que era o Subúrbio em Transe, do Luis. Ficamos seis meses usando o projetor dele. (Ricardo, Imbariê nos Trilhos)

Além disso, as **redes de apoio** são usadas também como forma de fortalecimento do movimento audiovisual da Baixada Fluminense. A partir das redes existe um processo de aprendizado sobre a atividade cineclubista, o sentimento de pertencimento a um grupo e possibilidade de criar estratégias de sobrevivência para o audiovisual local:

E o que eu percebo muito é que existe uma, uma conexão muito grande, um apoio mútuo entre as partes né, entre os cineclubes, entre os coletivos, o Mate com Angu, que sempre estava presente no Donana, é, o Buraco do Getúlio, enfim, tantos outros cineclubes que a gente sempre compartilhava ideias, referenciais, é, projetos. Enfim, tem muito, isso na Baixada é muito presente né, essa troca, enfim, **a gente se compreende né. Compreende é, as problemáticas que é viver na Baixada. E a gente compreende como resistir, como criar outras formas, como trabalhar com arte e com cultura na Baixada**. Então eu acho que pra mim, assim, e pra grande parte também né, dá pra notar muito isso, essa articulação em rede né. (Erika, Cineclube Donana)

A galera do Xuxu ComXis, sempre, que foi o primeiro cineclube que eu exibi um filme, foi o Xuxu ComXis. Então tem várias coisas assim que eu vou pegando, assim. Essa coisa delas passarem em praça, de serem só mulheres. Eu acho massa. Já fiz aqui sessão das minas, que foram só mulheres na curadoria. **Essas experiências, essas trocas, são super, super massa, assim**. E o Xuxu ComXis tem isso de a cena não vai, mas vai a galera que passa na praça e tal. **Então foi de grande aprendizado assim pra mim**. (Sandro, Velho Brejo)

essa característica, e isso eu acho que eu posso dizer dessa maneira, da produção cultural da Baixada né, que é a atuação em rede. Porque ela passa por vários lugares diferentes, mas inclusive pela, **quase que fosse uma estratégia de sobrevivência também né**. Porque aqui a gente tá falando de um território que é extremamente fragilizado em termo de políticas públicas de cultura né. Poucas são as cidades que tem Secretaria de Cultura, sobretudo de maneira contínua né. [...] A gente precisa de uma rede de fazedores, **a gente precisa de uma rede de ações culturais que vão ser capazes de juntas conseguir contribuir pra gente começar a disputar esse imaginário ali**. (Bion, Buraco do Getúlio)

Essas ações e consciência dos/das cineclubistas a respeito da necessidade de se apoiarem, como forma de sobrevivência, é um exemplo prático da horizontalidade, discutida por Santos (2001). Para o autor, os movimentos individuais de insatisfação dentro da sociedade, ainda que pareçam silenciosos, podem ser vulcões de luta e resistência. Os cineclubes da Baixada, ao proporem a reflexão sobre o próprio território, são esses movimentos de resistência.

A respeito das redes, o Bion, do Buraco do Getúlio, fez uma reflexão interessante sobre esta prática ser apenas uma maneira de levar para o campo da cultura as relações comunitárias vividas em um bairro. Para ele, o fazer em rede é uma característica da formação dele enquanto indivíduo, morador da Baixada Fluminense, que agora está sendo levada para o campo das atividades culturais que realiza:

E eu acho que o mais interessante disso tudo é que, e que fortalece esse sentido de rede, é que a gente sabe que não tá inventando a roda. Então a gente tem um olhar muito carinhoso e muito respeitoso por quem veio antes da gente. [...] **essas experiências elas estão no campo da produção cultural e artística, mas também estão no campo da experiência cultural comunitária né**, que são essas relações de rua, essas relações de bairro, essas festas de bairro, essas festas de rua. São coisas que a gente tá perdendo um pouco mais, mas que, de alguma maneira, estão na origem desse faça você mesmo [...]. **Vem tudo da mãe pedindo a vizinha uma xícara de açúcar pra fazer o bolo de aniversário da criança e convidando ela pra ir lá depois**; da vizinha que dá a torta salgada pro aniversário, sabe, e a outra que retribui fazendo sei lá o que do outro aniversário. **De como essa relação comunitária vai se construindo a partir dessas redes de pessoas que ocupam o mesmo território. A gente só tá levando pro campo da produção cultural e artística aquilo que, pelo menos, faz parte da minha trajetória enquanto ser humano e indivíduo.** Eu cresci com as pessoas ao meu redor fazendo isso. **Então pra mim é muito natural que eu vá fazer isso agora, com uma outra perspectiva**, assim, mas que no fundo, no fundo, no fundo, no fim das contas, é tudo no mesmo sentido. (Bion, Buraco do Getúlio)

Portanto, os cineclubes na Baixada Fluminense são organizações que possuem o território como vínculo de aproximação entre os participantes e os outros cineclubes da região. Porque compartilhar o sentimento de pertencer a um mesmo território e ter a mesma luta parece potencializar a conexão entre os/as participantes e as organizações culturais. Essa característica está próxima ao princípio de identificação com a causa do grupo, presente nas organizações substantivas, descrita por Serva (1993). Com isso, participar de um cineclubes está aliado a acreditar que as ações pessoais, dentro de um coletivo, podem contribuir para a mudança da realidade da própria região. Diante dessa característica, é importante ressaltar que a participação nos cineclubes também é motivada pela busca por diversão dentro do próprio território. Tanto durante as entrevistas, quanto nas sessões cineclubistas que participei, foi possível observar a

satisfação dos cineclubistas com aquela atividade. Sendo assim, nos cineclubes estudados a busca por transformação e contribuição prática para o território não exclui ou diminui a busca por prazer e realização pessoal.

A questão da inserção dos cineclubes no território da Baixada Fluminense foi outro ponto que indicou a proximidade dessas organizações com a teoria substantiva. Segundo Serva (1993), é natural das organizações substantivas a inserção social, devido à identificação com os valores e causas da organização. Uma parte da entrevista que realizei com Heraldo HB, do cineclubes Mate com Angu, por exemplo, aconteceu em um boteco no centro de Duque de Caxias. Enquanto estávamos no boteco algumas pessoas cumprimentaram o HB. Nestas interações me chamou a atenção um senhor, que já tinha sido entrevistado pelo HB para um projeto de preservação de memória do futebol em Duque de Caxias, e ficou empolgado comentando sobre o projeto. Segundo o HB, as pessoas ficam emocionadas e se sentem importantes por terem suas histórias sendo ouvidas e contadas. Em processos como estes, as pessoas deixam de apenas estar no mundo, passam a se perceber com o mundo, como apontou Freire (2014).

O tema da contribuição social dos cineclubes também apareceu nas outras entrevistas, principalmente quando o assunto era a relação do cineclubes com o próprio território:

Cara, o meu sonho é que a Baixada seja reconhecida, né, por o que ela é de bom. A gente tem esse estigma maldito de violência de sub sub assim, **eu acho que quando a galera se ligar que a Baixada é um celeiro de artistas, profissionais né, patrimônio histórico fantástico, tão bom quanto os centros urbanos, entendeu? A gente não é subúrbio né, é outro centro, sabe?** E acho que o meu sonho é esse né. (Maciel, Imbariê nos Trilhos)

[...] tem uma frase que sempre falam: “ah, isso é o problema crônico da Baixada”. E eu sempre fico incomodado. Tipo: “não cara, não é crônico, é um problema atual”. É um problema atual. Porque **eu vou ter filho aqui, tenho sobrinho, tenho parente que vai crescer aqui, então eu quero que essas pessoas tenham acesso à educação, à formação, acesso à cultura, arte e lazer.** Eu não tô exigindo nada de mais aqui. Eu tô exigindo um direito que é pra todo mundo. Morar numa cidade que não tem sala de cinema, não tem teatro, não tem biblioteca é frustrante, assim. São coisas que são simples. Na minha visão são simples. Em meio a tanta coisa que a gente precisa ter, como saneamento básico, por exemplo. Então sei lá, eu acho que a realidade é essa, é uma cidade que tenha direitos iguais, assim, no futuro. (Sandro, Velho Brejo)

Em 2006 a gente foi contactado por uma produtora. [...] No governo Lula houve uma regulamentação da legislação de impacto ambiental para populações atingidas por grandes empreendimentos. Até 2004, 2005, não existia. Por exemplo: barragens, mineradoras e o petróleo em alto mar, não tinha regulamentação. [...] E existiam os diagnósticos pagos, as petroleiras compravam esses relatórios. Que diziam que uma plataforma que estava a 200 km da costa, aquilo impactava os pescadores artesanais. Aí uma pessoa começou a questionar isso, a entrevistar os pescadores. E aí, enfim, a gente

começou a filmar os pescadores artesanais e descobriu que, na verdade, a plataformas de petróleo impactam 100% a vida deles, por vários motivos [...] Então esses peixes saíram da costa. Os pescadores tinham que navegar até as plataformas pra pescar. Só que é proibido pescar do lado da plataforma. Então essa regulamentação fala o seguinte: você precisa construir diagnósticos participativos sobre os impactos. Aí essa pessoa teve uma ideia: pô, **e se a gente fizer esse diagnóstico participativo através de oficinas de documentário? Os próprios pescadores filmarem.** Aí foi isso. Em 2007 a gente fechou no Maranhão com a ferrovia da Vale. **Os filmes foram proibidos, inclusive. Os filmes feitos por adolescentes foram proibidos. Porque não tinha discurso militante, tinham os moleques filmando a realidade deles. E aí você via que aquilo impactava.** Aí a gente foi de Arraial do Cabo até Barra de Itabapoana, filmando pescadores. Foram 10 oficinas. Foi um sucesso absoluto. Até hoje se você for na região, esses filmes são referência¹⁶. São 30 documentários: 3 por cidade. E aí isso fez com que a gente viajasse o Brasil todo dando essa metodologia. E aí a gente tem essa camada de oficina de cinema. (HB, Mate com Angu)

Com estas considerações é possível perceber que já existe por parte dos/das cineclubistas uma conscientização sobre a realidade do próprio território, tratada por Freire (1979). Além disso, os cineclubes já realizam atividades parecidas com a ação cultural discutida por Freire (2014), especialmente quando realizam sessões em praças públicas. Outro movimento destas organizações é questionar os conceitos tradicionais sobre o espaço e a ação de descentralizar a cultura:

Então, uma coisa que ficou na minha cabeça é eu na ponte do SESC ali, a minha mãe falava assim: "olha, filho, aqui se passar pra lá é outro município, se pra cá é outro município. São dois municípios divididos nessa ponte". Eu falei: "caramba, isso é muito louco, tudo tão próximo. Por que tem quer ter essa divisão aqui, essa barreira?". Então, eu tô trabalhando em um filme, que vai ficar pronto esse ano, que é esse território. **Por que que tem essa diferença de espaço? Por que que tem essa barreira? Por que lá no Rio de Janeiro acham que aqui é o fim do mundo,** se o metrô nos une a qualquer lugar que tenha? [...] **Na baixada nós temos de tudo:** se quiser, vai pra Nova Iguaçu, vai pra Caxias. Só não tem praia né, mas aqui nós temos de tudo. (Ricardo, Cinema de Guerrilha)

E aí, nesse, é, que **era essa coisa de descentralizar né.** Pra você consumir cultura, pra você consumir coisas mais, um olhar mais crítico, de acordo com a arte, o audiovisual, você tinha que ir pro centro do Rio. E até pra discutir, as pessoas pra você discutir sobre isso. E aí o Mate com Angu: "não, vamos fazer aqui, exibir esses filmes aqui, do circuito nacional ou não, do circuito mais autônomo, e também vamos produzir, produzir pra jogar na rua". Não é piratear, sabe? É a gente produzir através das nossas linguagens, através dos nossos inquietamentos aqui também. E também tá exibindo isso aqui. **Acabou que teve uma época que vinha ônibus lá do centro do Rio, com gente da zona sul, pra última quarta-feira do mês, que era a sessão do Mate com Angu. Vindo de lá, pra vir a noite aqui pra Caxias pra assistir filme.** (Sassá – Facção Feminista)

¹⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8OavBMZa9Hw&t=24s>

Nessas falas é possível perceber a consciência dos cineclubistas sobre o lugar que a Baixada ocupa em relação à cidade do Rio de Janeiro, assim como o desejo de que mais moradores e moradoras da região saibam disso. Como no trecho da fala do Maciel, que cita que a Baixada não é subúrbio, é um outro centro; a fala do Sandro, que não aceita que a realidade seja uma cidade com desigualdades; a perspectiva do Ricardo, que também questiona as falas que diferenciam a Baixada e a capital do Rio de Janeiro; e o relato da Sassá, da Facção Feminista, que indica o caminho reverso da comum relação centro-periferia. Essas reflexões compartilhadas pelos/pelas cineclubistas indicam a prática do pensamento de fronteira, discutido por Grosfoguel (2008). Além disso, também indicam que as/os cineclubistas questionam a retórica naturalizada da modernidade, que generaliza e colonializa os conhecimentos, como aponta Mignolo (2010).

Ainda no sentido da contribuição social, a atuação nos cineclubes também passa por uma postura política dos cineclubistas, relacionada ao inconformismo com o cenário da Baixada Fluminense e os imaginários criados para a região:

Talvez eu seja utópico, mas não tem uma biblioteca pública, não tem... não tem nada. Então, **vergonhosamente, eu tinha o orgulho de dizer: “não tem (nada), mas aqui tem cineclube.** [...] Eu queria dizer aqui um montão de coisa que tem e o cineclube ser só um pequenininho. “Ah, o que que tem em São João? Tirando a pandemia, tem o que?”. Eu não sei o que que tem mais. Totalmente desaparelhado, abandonado culturalmente. [...] **Culturalmente, tem que arregaçar a manga se quiser fazer alguma coisa. Se não, vai viver essas mesmices.** Só que eu não consigo viver a mesmice do dia a dia sem respirar arte, assim. Eu queria muito... **Eu já pedi a Deus: "olha, tira essas coisas da minha cabeça". Me desgasta muito né. Porque o artista sofre né. O artista sofre.** E aí eu falei: "tira da minha cabeça". Mas ele, ele insiste comigo de alguma forma, **então eu continuo tentando. Continuo fazendo.** Tô fazendo um filme sobre São Jorge. Tô fazendo esse filme do território Pavuna-São João. Tô fazendo um livro sobre o universo dos sebos. Os sebos, vai acabar tudo daqui a pouco. Tô fazendo um filme sobre. Acabei de fazer um roteiro agora. Enfim, eu tô fazendo as coisas né. Eu tô fazendo as coisas que têm que ser feitas. Porque eu não consigo agir de outra forma, a não ser ganhando o meu pão e batalhando o meu, a minha arte. (Ricardo - cinema de guerrilha)

Eu acho que isso é **uma das coisas mais interessantes, assim, que uma ação como essa pode produzir na cidade, no território né. Que é de alguma maneira estimular que outras pessoas façam o mesmo, sabe? Que outras pessoas façam. Que não fique só no lugar das reclamações, das críticas né, do: "não, assim, beleza, mas o que que a gente faz pra mudar? O que que a gente propõe aí né? Diante desse problema, o que que a gente propõe?".** E eu acho que isso tem muito a ver com aquela primeira pergunta que você me fez lá no início né, sobre o que é a Baixada Fluminense né. Então, **a Baixada Fluminense ela tem essa característica na sua produção cultural né, de ser uma turma que tá propondo, e que tá produzindo a partir e apesar das condições de vida que são impostas a ela.** (Bion, Buraco do Getúlio)

Diante disso, a preocupação das organizações substantivas com o “efetivo resgate da condição humana”, discutido por Serva (1993, p. 41), está presente nos cineclubes para além dos limites da organização. Isso pode ser observado nas falas dos/das cineclubistas sobre os desejos das sessões cineclubistas reverberarem no próprio território, nas mobilizações de alguns cineclubes para organizar sessões itinerantes em bares, praças públicas e escolas, assim como a maneira que os cineclubistas percebem a Baixada Fluminense e a retratam com respeito e valorização nas produções audiovisuais. Portanto, os cineclubes na Baixada Fluminense estão inseridos no território como uma contribuição para a área do audiovisual, a partir das produções de filmes; para a construção de uma narrativa da região, contada a partir da perspectiva local e para a satisfação e construção de laços afetivos de quem participa do cineclube. Como exemplo, cabe citar a história contada pela Sassá, da Facção Feminista, sobre um pedido de namoro que aconteceu em uma sessão realizada em uma praça pública no município de Nilópolis:

Eu lembro dessa menina, que pediu em namoro a outra menina. Se sentiu à vontade, mesmo que a sessão fosse no calçadão ali de Nilópolis. Ela se sentiu à vontade, na sessão do Facção Feminista, de pedir em namoro a menina que ela *tava* ficando, assim. **Eu achei que ela sentiu que estava num espaço seguro pra fazer isso**, sabe. Imagina, você, tipo, uma menina lésbica, pedir em namoro pra outra mulher ali. Tem que estar se sentindo em um espaço seguro, sabe. Ela como uma mulher negra, pedindo em namoro outra mulher negra. [...] Ela tinha ido na sessão. Ela tinha ido pra ver filme lá em Nilópolis. Aí chamou a mina que ela *tava* ficando e pediu em namoro. Ela avisou assim pra gente antes. Aí eu: "nossa, vai ser uma honra. Tipo, a gente tá funcionando, sabe?". Mesmo que não seja um espaço físico, as nossas sessões itinerantes, mas a gente tá conseguindo fazer um espaço itinerante seguro, pra mulheres, independente, *ce tá ligado?* Eu senti muito isso assim, sabe? Dela fazer uma manifestação de amor entre mulheres, esse pedido, na nossa sessão. Eu achei que aquilo foi bem simbólico. Eu senti que a gente estava gerando esse espaço seguro que tanto a gente desejava ser, sabe? Que era um espaço de discussão e agregar outras mulheres pra gente se cuidar. Porque no final é isso né. Acaba sendo. Tipo, **era esse sentimento que a gente queria gerar, que é: estamos juntas e estamos cuidando uma das outras.** (Sassá, Facção Feminista)

Com essas características, os cineclubes caminham em direção oposta ao projeto neoliberal, criticado por Mignolo (2003) pelas consequências de desvalorização da vida, redução do senso de comunidade e ampliação o egoísmo. A valorização da vida em comunidade, presente na maioria dos cineclubes da Baixada, também contribuem para o distanciamento dos indivíduos de síndromes psicológicas como a individualista, que a ideia do mercado como único centro da vida provoca nos indivíduos, como menciona Ramos (1981). A fala do cineclubista Ricardo, por exemplo, que pensa que talvez seja utópico, por pensar em mudanças para o próprio município, no âmbito da prática está

relacionada ao “paradigma outro”, apresentado por Mignolo (2003) quando estava pensando sobre as ciências sociais.

Porque, a respeito do “paradigma outro”, Mignolo (2003) afirma que é um conector de pensamentos críticos emergentes, ou seja, é “o pensamento crítico e utópico que se articula em todos aqueles lugares nos quais a expansão imperial/colonial negou a possibilidade da razão, do pensamento e de pensar o futuro” (MIGNOLO, 2003, p.20 – tradução própria). A fala do cineclubista Bion, durante a entrevista, também indica essa postura de não conformismo com o que foi imposto, quando afirma que percebe que na Baixada Fluminense as pessoas realizam produções culturais “a partir e apesar das condições impostas”. Com isso, a participação nos cineclubes da Baixada Fluminense é uma possibilidade da realidade e do futuro serem repensados.

Contudo, na região da Baixada Fluminense existe um outro cineclubista, que se descaracteriza dos demais por ter uma postura política autodeclarada conservadora e buscar a manutenção do pensamento dominante. Este cineclubista não possui conexão com nenhum outro cineclubista, não desenvolve produção audiovisual e não mantém nenhum vínculo com o território da Baixada Fluminense. Além disso, foi criado em um contexto de insatisfação com os cineclubes da Baixada Fluminense:

Começamos em 2013. Logo depois daquelas manifestações que tiveram né. Porque a gente já estava com a faca e a vontade de comer. Aí o pessoal falou: **“vamos fazer uma coisa na área cultural, porque tá degrading muito”**. Isso já naquela época, em 2013. [...] O objetivo principal do cineclubista é **resgatar a alta cultura**. É resgatar a alta cultura. Não existe, a alta cultura foi destruída. [...] A primeira coisa é, assim: a alta cultura, a arte, ela tem que transcender você. Você tem que olhar pra aquilo dali, você tem que ver aquela obra de arte, ver, assistir né, aquilo tem que transcender você. **Aquilo tem técnica**. Aquilo tem um estudo por trás. Não é alguém chegar e pegar uma tela, jogar uma tinta e falar que é arte. A beleza importa. [...] Então essa tentativa de destruição do que é belo, com a desculpa de ser transgressor, entre aspas, isso aí é pra destruir a nossa cultura. **Nós somos o ocidente**. (Murilo, Ágora Cineclubista)

As respostas do cineclubista sobre o motivo do cineclubista ter sido criado e quais são os objetivos dessa atividade, indicaram a discordância dos fundadores do cineclubista Ágora com os cineclubes existentes na Baixada Fluminense e o interesse em preservar a cultura ocidental padrão. Essa prática remete às considerações de Ramos (1981, p.114) a respeito das reações dos indivíduos ao sistema de mercado dominante:

Escravos de um sistema de comunicação e de massa dirigido por grandes complexos empresariais, os indivíduos tendem a perder a capacidade de se empenhar no debate racional. Cedendo a influências projetadas, a maioria das pessoas perde a capacidade de distinguir entre o fabricado e o real e, em vez

disso, aprende a reprimir padrões substantivos de racionalidade, beleza e moralidade, inerentes ao senso comum. (RAMOS, 1981, p.114)

Além disso, com uma dicotomia entre bem e mal, belo e feio, o representante do cineclube explica os tipos de filmes que são exibidos nas sessões:

Através do cinema, nós exibimos obras, por exemplo, filmes ou documentários, que façam a pessoa refletir, que não tenha aquela carga ideológica. Às vezes exibimos, até para exemplificar: olha só, como é que foi feito, como é que o cinema foi utilizado pro mal; olha como o cinema foi usado pra fazer uma coisa bonita. Tem os dois exemplos, entendeu? (Murilo, Ágora Cineclube)

Apesar de relatar que os filmes exibidos não possuem interesse ideológico, ao observar os tipos de filmes escolhidos para as sessões, foi possível perceber que os filmes exibidos nas sessões do cineclube Ágora são voltados para debates de cunho políticos. Em uma das sessões realizada pelo cineclube, por exemplo, foi exibido o filme “Guevara - a anatomía de un mito”. Em imagem divulgada nas redes sociais do cineclube, a respeito do debate realizado após a exibição do filme, foi apresentado um diagrama, escrito com giz, em um quadro semelhante aos usados em escolas. Neste diagrama o nome do Che Guevara estava escrito no centro e ao redor dele haviam setas que conectavam o nome às palavras citadas durante o debate da sessão: ladrão; cruel; imbecil; psicopata; assassino; preguiçoso; corrupto; covarde; comunista; incompetente; feio; porco; e mentiroso. Este diagrama é um exemplo da estratégia usada pelos defensores do pensamento dominante, que para impedir “outras possibilidades de consciência social” utiliza termos ofensivos, geralmente formados pelo sufixo “-ismo”, na busca de desestabilizar o emissor do pensamento alternativo (TENÓRIO; PARRA, 2020).

Já a possibilidade de tema de produção audiovisual que o cineclube poderia realizar, indica o interesse do cineclubista em manter a ordem natural das coisas:

Eu posso falar dos pracinhas, que lutaram na segunda guerra mundial. Olha só que história bonita que nós temos: os caras foram lá pra guerra lutar contra nazista, fascista. Foram lutar lá com os caras, os verdadeiros. Não isso que a gente vê hoje na internet, que todo mundo é fascista, taxista [riso]. (Murilo, cineclube ágora)

Sendo assim, enquanto que todos os outros cineclubes seguem na busca por produzir e exibir filmes que valorizem o território e provocar outros pensamentos, o cineclube Ágora utiliza a estratégia de usar termos pejorativos, na busca pela manutenção dos pensamentos e comportamentos que sejam diferentes do pensamento hegemônico.

4.5. Resultado Prático da Pesquisa

Com o objetivo de apresentar os resultados práticos da pesquisa, este subcapítulo será dividido em três seções: Criação do site Cinemateca da Baixada Fluminense; Realização de sessões cineclubistas e Apresentação dos resultados preliminares da pesquisa em aulas e congressos.

4.5.1. Criação do site Cinemateca da Baixada Fluminense

A partir da participação em sessões cineclubistas, cursos e eventos; da busca de dados sobre os cineclubes e a realização das entrevistas com as/os participantes dos cineclubes, foi possível perceber que o cineclubismo na Baixada Fluminense existe e resiste com ações de solidariedade e parceria entre os cineclubistas. Entre as redes de apoio que contribuem para a sobrevivência dos cineclubes e da produção audiovisual da região estão o compartilhamento de equipamentos de projeção de filmes; o apoio na organização das sessões, como a participação enquanto debatedora/debatedor do filme; autorização, enquanto produtor do filme, para a exibição na sessão; e divulgação das sessões nas próprias redes sociais. Dada a espontaneidade com que as relações de apoio são estabelecidas, os cineclubes da Baixada Fluminense não estão constituídos como um movimento formal, como ocorreu no Brasil na década de 1960, com instituições como a distribuidora de filmes Dinafilme.

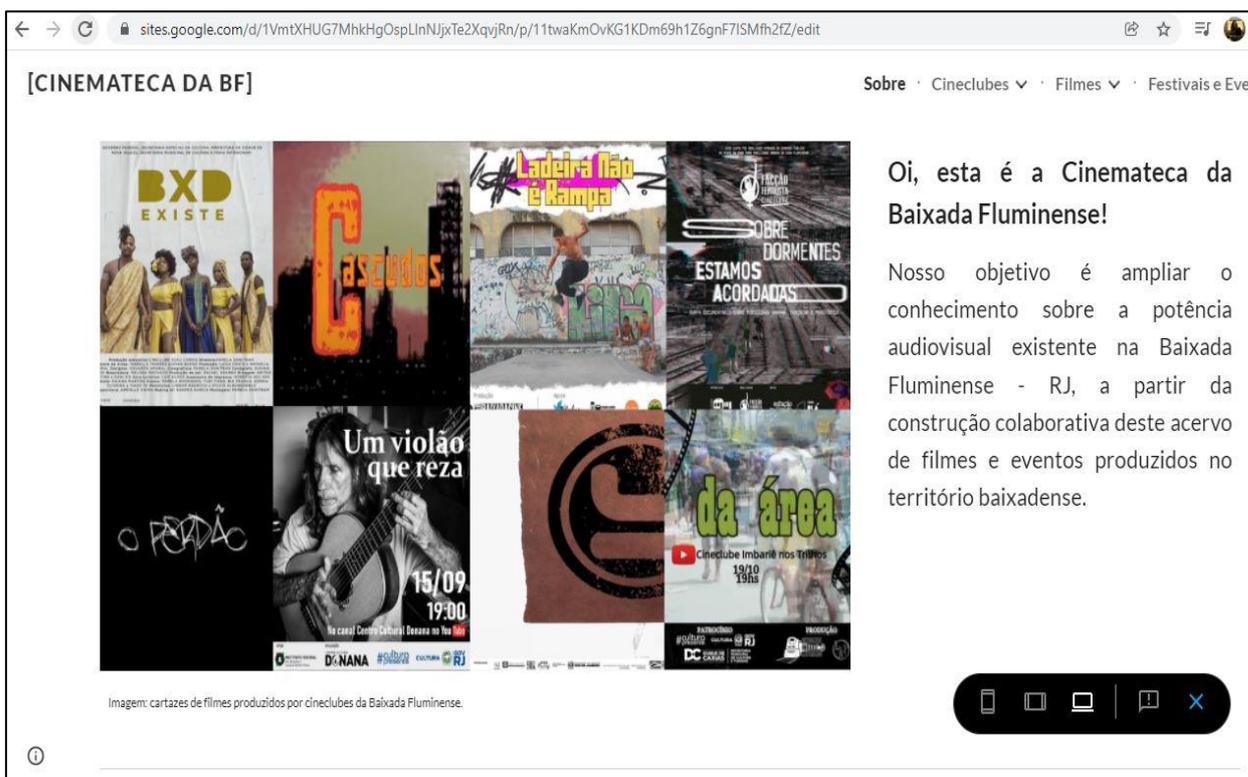
Apesar de os cineclubes Mate com Angu e Buraco do Getúlio estarem inscritos em órgãos como a Associação de Cineclubes do Rio de Janeiro e a maioria dos cineclubes terem assinado o Manifesto a Baixada Filma, estas associações não fazem parte da organização prática dos cineclubes. Já as colaborações espontâneas atendem às necessidades dos coletivos e são adaptáveis às necessidades de cada grupo. Contudo, o apoio espontâneo entre as/os cineclubistas acontece para atender necessidades imediatas, o que parece provocar uma ausência de projetos que documentem a relevância do audiovisual produzido na Baixada Fluminense enquanto um movimento coletivo, não isolado.

Com isso, por meio de conversas com as/os representantes dos cineclubes, foi pensada a criação do site Cinemateca da Baixada Fluminense¹⁷, um projeto colaborativo.

¹⁷ Disponível em: www.cinematecabf.com

Na figura a seguir é possível visualizar a página inicial da Cinemateca, com imagens de cartazes de filmes produzidos pelos cineclubes:

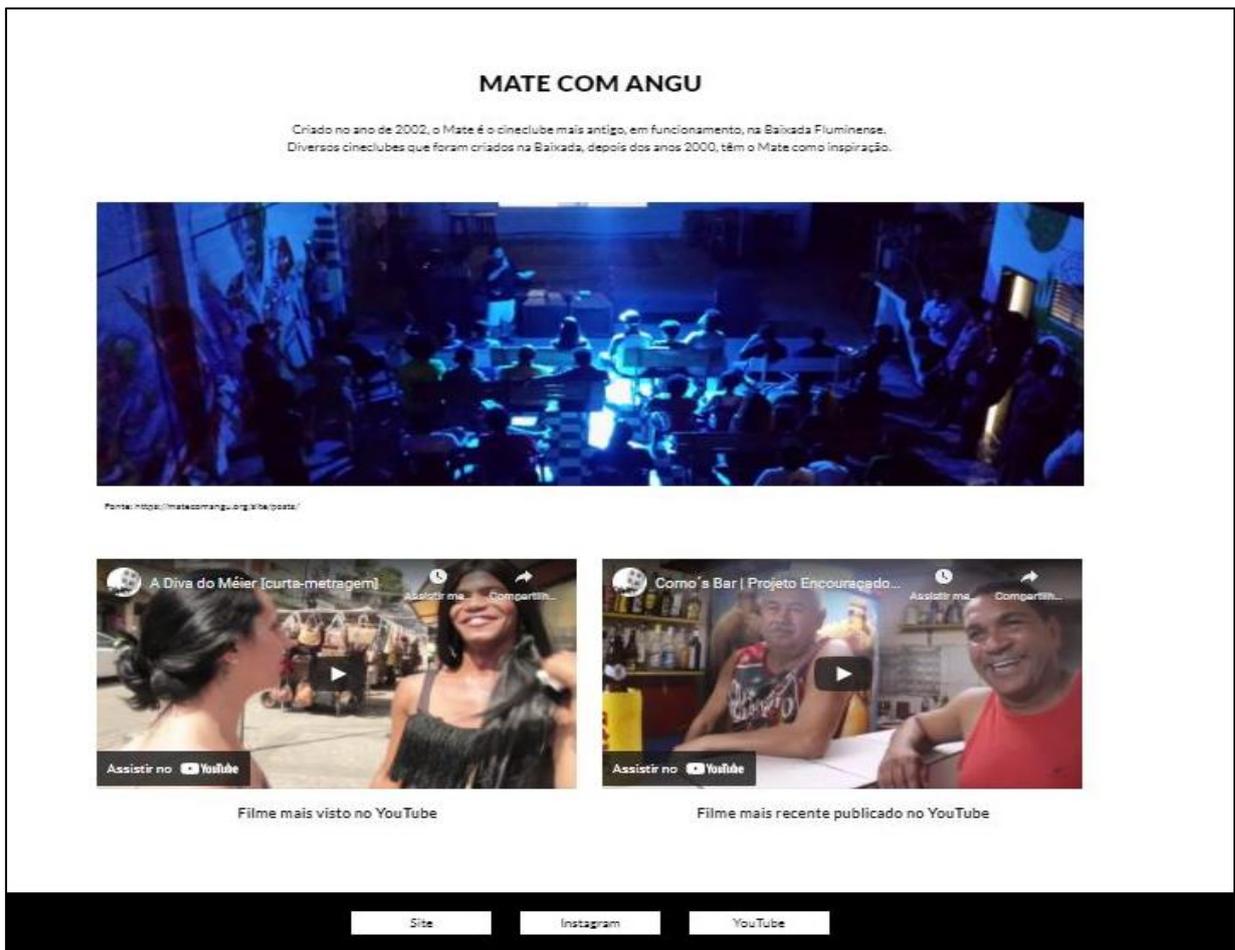
Figura 18: página inicial do site Cinemateca da Baixada Fluminense



Fonte: elaborado pela autora em parceria com cineclubes da Baixada Fluminense

A segunda página do site é dedicada a apresentar os cineclubes em atividade na Baixada Fluminense. Na página de cada cineclube é apresentado um breve texto de apresentação do cineclube, o filme mais visualizado e o mais recente disponível no canal do *YouTube*, e os endereços de acesso ao site e redes sociais do cineclube, como indica a página a seguir:

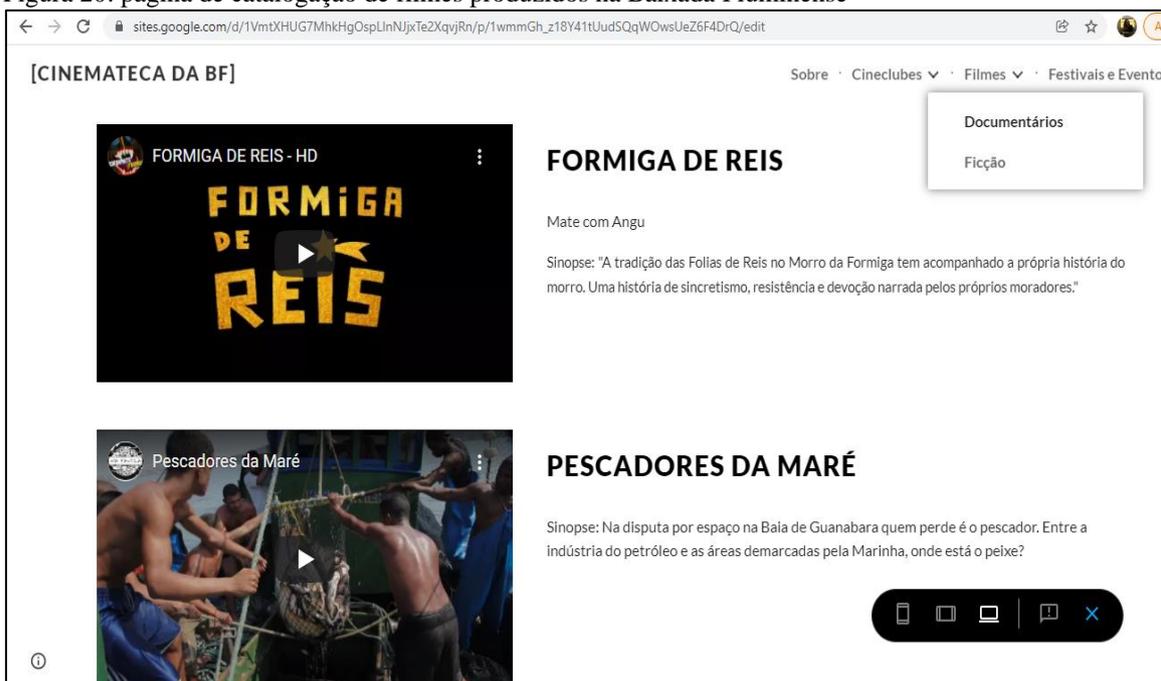
Figura 19: segunda página do site Cinemateca da Baixada Fluminense



Fonte: elaborado pela autora em parceria com cineclubes da Baixada Fluminense

A terceira página do site é dedicada a lista as produções audiovisuais dos cineclubes da Baixada Fluminense. No caso dos filmes que estão disponíveis na internet, geralmente no canal do YouTube dos cineclubes, nesta página são disponibilizados os links que direcionam os visitantes às plataformas onde filmes podem ser assistidos, como indica a figura 20:

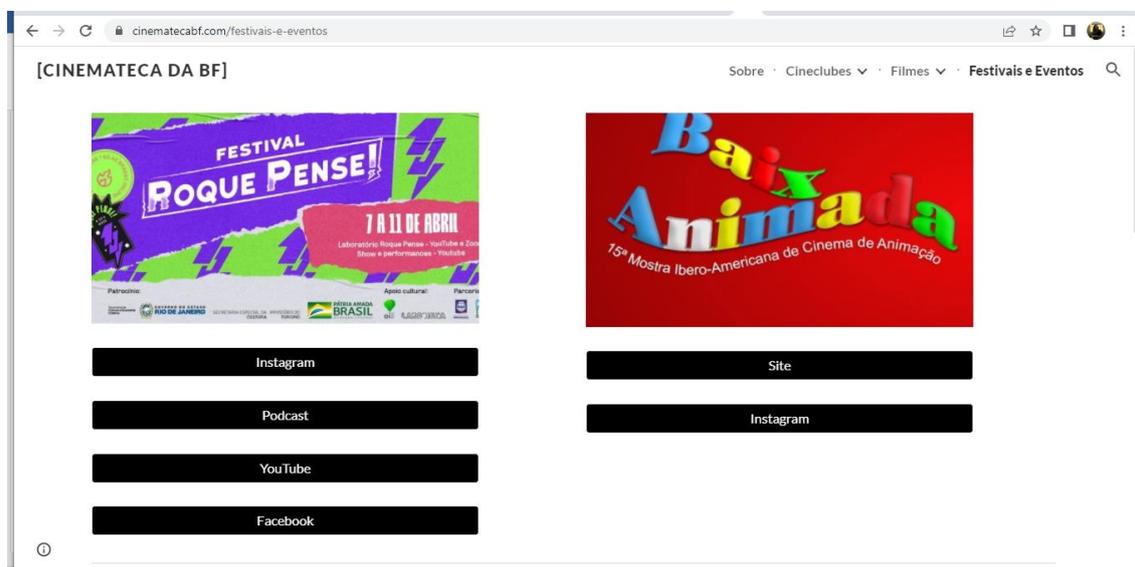
Figura 20: página de catalogação de filmes produzidos na Baixada Fluminense



Fonte: elaborado pela autora em parceria com cineclubes da Baixada Fluminense

Já a última página do site é dedicada à divulgação dos festivais e eventos da área do audiovisual relacionados à Baixada Fluminense. Na figura 21, apresentada a seguir, é apresentada a página de divulgação de eventos e festivais, divulgadas no site:

Figura 21: Página de divulgação de eventos e festivais de audiovisual no site Cinemateca da Baixada



Fonte: Página do site cinematecabf.com, elaborada pela autora e os participantes da pesquisa.

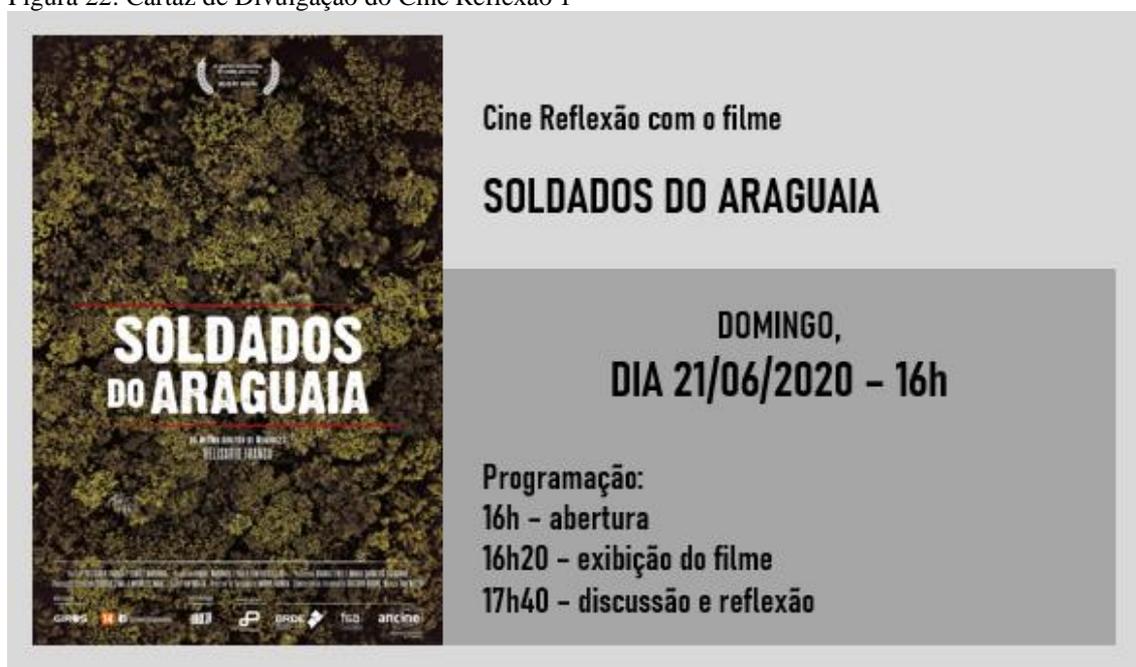
Dessa maneira, a Cinemateca possui o objetivo de ampliar e divulgar o conhecimento sobre a potência que é a produção audiovisual na Baixada Fluminense; criar um acervo dos filmes produzidos no território; divulgar os cineclubes e os eventos relacionados ao audiovisual na região. A partir disso, a curadoria de filmes de cineclubes

iniciantes poderá ser facilitada. Além disso, a Cinemateca possibilitará que expectadoras e expectadores individuais tenham mais informações sobre os cineclubes e os filmes da Baixada Fluminense.

4.5.2. Realização de sessões cineclubistas

Influenciada pela prática cineclubista na Baixada Fluminense, durante a realização da pesquisa organizei, em parceria com uma amiga do curso de doutorado, a discente Ana Paula Bauer, duas sessões de debates de filmes. Chamamos estas sessões de “cine reflexão” e as realizamos de maneira remota, na plataforma google meet. Também elaborados os cartazes para a divulgação das sessões, que podem ser visualizados a seguir:

Figura 22: Cartaz de Divulgação do Cine Reflexão 1



Fonte: elaborado por Vanessa F. Silva e Ana Bauer

Como é possível visualizar na figura 22, na primeira sessão do Cine Reflexão foi exibido e debatido o filme “Soldados do Araguaia”, um documentário, dirigido por Belisário Franca. O documentário conta a história e os traumas de soldados de baixa patente, recrutados pelo exército brasileiro para lutar contra a Guerrilha do Araguaia na década de 1970. Escolhemos este filme por conta do nosso interesse por documentários que retratam histórias de grupos desfavorecidos pela história oficial no Brasil.

Após a exibição do filme realizamos o debate, com mais quatro amigas que aceitaram participar. Para o debate realizamos uma pré-seleção de temas importantes e pesquisamos dados extras que poderiam fomentar a discussão. Além disso, utilizamos os temas que gostaríamos de discutir com as participantes para dividir as responsabilidades

da mediação do debate. Neste processo, foi possível experimentar um pouco dos sentimentos de satisfação que os/as cineclubistas citaram durante as entrevistas, a respeito dos momentos de organização e realização das sessões.

Para a segunda sessão do Cine Reflexão decidimos seguir a “trilogia do silenciamento”, dirigida por Belisário Franca. Desta vez, escolhemos para o debate o documentário “Menino 23: infâncias perdidas no Brasil”. Assim como no filme “Soldados do Araguaia”, “Menino 23” retrata a realidade brasileira que é silenciada pela história oficial. O filme conta a história de meninos negros que foram retirados de um orfanato, na década de 1930, e foram levados para uma fazenda, feita de tijolos marcados por símbolo nazista, cujos donos simpatizavam com o nazismo, e obrigavam os meninos a trabalhar e seguir regras rígidas, como as do período escravista. A seguir, o cartaz de divulgação da sessão:

Figura 23: Cartaz de Divulgação do Cine Reflexão 2



Fonte: elaborado por Vanessa F. Silva e Ana Bauer.

Estas sessões do Cine Reflexão foram pensadas de forma espontânea, sem a intenção de ser parte da metodologia da pesquisa. Ainda assim, organizar as sessões e mediar o debate contribuiu para a compreensão, de forma prática, do processo de curadoria das sessões, da mediação e organização de uma sessão cineclubista. As sessões também contribuíram para o entendimento aproximado do sentimento de alegria, conexão com os outros e satisfação que os e as cineclubistas experimentam em suas sessões de cineclube.

4.5.3. Apresentação dos resultados preliminares da pesquisa em aulas e eventos acadêmicos

Durante a realização da pesquisa, os dados e resultados preliminares do estudo sobre os cineclubes da Baixada Fluminense foram apresentados em aulas e eventos acadêmicos. Estas apresentações contribuíram para a reflexão da realização da pesquisa e também ajudaram no processo de organização da apresentação do trabalho.

No Fórum Decolonial, organizado pela professora doutora Denise Franca, doutora Renata Couto e professor doutor Marcus Hemais, foi apresentada a prática cineclubista na Baixada Fluminense, a partir da perspectiva decolonial. Após a apresentação de alguns dos resultados do trabalho, foi exibido o curta “Encouraçado Botequim”, produzido pelo Cineclube Mate com Angu, com o objetivo de exemplificar os filmes que são exibidos nos cineclubes da Baixada Fluminense e promover um debate fílmico. A seguir, o cartaz de divulgação do evento:

Figura 24: cartaz de divulgação do Fórum Decolonial.



Fonte: elaborado por Renata Couto para o Fórum Decolonial.

A realização da pesquisa sobre os cineclubes da Baixada Fluminense também contribuiu para a organização do evento Seminário de Pesquisa do Programa de Pós-graduação em Administração da Unigranrio. O Seminário, cujo tema foi “Trajetória e perspectivas do mercado do ensino superior privado no Brasil”, foi organizado em parceria com o doutorando Davi Marques, supervisão da professora doutora Rejane Nascimento e orientação do professor Sergio Wanderley. Com minha participação em sessões cineclubistas da Baixada Fluminense, consegui entrar em contato com o diretor do filme “Neguinho”, o baixadense Marçal Vianna, e ter a aprovação da produtora do filme, a Encantamento Filmes, para exibir o filme gratuitamente no evento. Além disso, o seminário teve como debatedoras convidadas a professora doutora Camila Furlan e a mestra e protagonista do filme Juliana França, como foi informado no cartaz de divulgação do evento:

Figura 25: cartaz de divulgação Seminário de Pesquisa

SEMINÁRIO DE PESQUISA

PPGA

TEMA
TRAJETÓRIA E PERSPECTIVAS DO MERCADO DO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL
COM EXIBIÇÃO DO CURTA "NEGUINHO"

CONVIDADAS
Camila Furlan da Costa
Professora Dra. na Escola de Administração (UFRGS)
Pesquisadora no Núcleo de Estudos Marcelo Milano Falcão Vieira (NeMaVI)
Juliana França
Mestra em Filosofia (UFRJ)
Protagonista do curta "Neguinho"

ORGANIZADORES
Davi Marques e Vanessa Silva
(Doutorandos PPGA/UNIGRANRIO)

10/06 14h BLACKBOARD

UNIVERSIDADE UNIGRANRIO PPGA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO NÍVEL S - CAPES

Fonte: Divulgação Unigranrio.

Além destes dois eventos, a pesquisa foi apresentada na aula do curso de graduação em administração da Universidade do Grande Rio (Unigranrio), do *campus* Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, a convite da professora dra. Denise Barros. O foco da aula foi apresentar as organizações culturais da Baixada Fluminense. A maioria das alunas e alunos que participaram da aula residiam nesta região. Apesar disso, ficaram surpresos com a existência de organizações culturais, como os cineclubes, na Baixada Fluminense.

A pesquisa também foi preliminarmente apresentada na disciplina Cultura Brasileira, Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes, ofertada pela professora dra. Rejane Nascimento e pelo professor dr. João Felipe Sauerbronn. Nesta aula o objetivo foi apresentar a experiência dos cineclubes na Baixada Fluminense. Para incentivar o debate sobre a relevância da prática cineclubista na região da Baixada, após a apresentação foi exibido o curta “Sobre dormentes estamos acordadas”, produzido pela Facção Feminista Cineclubes. Neste debate, discutimos as noções de território em regiões periféricas como a Baixada Fluminense.

Parte da pesquisa também foi apresentada no Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais (CBEO) e no Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (EnANPAD), com os respectivos trabalhos: “O peso de organizações culturais no desenvolvimento da participação política de jovens e adolescentes: um estudo sobre o cineclubes Mate com Angu” e “Aproximações entre a metodologia da investigação temática e a abordagem decolonial: uma proposta para a área dos Estudos Organizacionais”. Posteriormente, o trabalho apresentado no EnANPAD foi revisado e publicado, em co-autoria com o professor dr. Sergio Wanderley, na revista acadêmica Cadernos EBAPE.BR.

Desta maneira, a pesquisa sobre os cineclubes da Baixada Fluminense apresentou resultados práticos para o campo do audiovisual da região, por meio da criação do site Cinemateca da Baixada Fluminense; ampliou a visibilidade do cineclubismo da região da Baixada e da potência cultural da região para estudantes e residentes deste território, e provocou o debate acadêmico a respeito da potência das organizações culturais em regiões periféricas, cujos imaginários hegemônicos estão relacionados à subalternização.

4. Considerações Finais

Os cineclubes localizados na região da Baixada Fluminense, produtores de conteúdo audiovisual, estão inseridos na sociedade, enquanto organizações culturais, a partir de um desejo pessoal e coletivo por transformação da própria região, mas também pelo prazer individual dos/das participantes em produzir e discutir filmes autorais. Sendo assim, com a pesquisa foi possível perceber que as características dos cineclubes se aproximam da teoria das organizações substantivas, especialmente pela forma espontânea de inserção na organização e realização das atividades, baseada na identificação com os ideais do coletivo; bem como os vínculos afetivos presentes nas relações entre os/as participantes e a construção de redes de apoio, que garantem a sobrevivência da atividade na região da Baixada Fluminense.

Com a realização da pesquisa também foi possível confirmar a suposição de que a inserção dos cineclubes na sociedade possibilita a “transformação social revitalizadora”, debatida por Guerreiro Ramos (1981, p.XII) na “teoria substantiva da vida humana associada”. Além disso, ao provocar reflexões sobre a própria realidade, a prática de produzir filmes e ofertar oficinas na área do audiovisual faz com que os cineclubes contribuam para ampliar o conhecimento de possibilidades de carreiras profissionais entre crianças e jovens da região. Porque muitos participantes dos cineclubes descobriram a carreira no audiovisual a partir das sessões cineclubistas, como a Sassá, da Facção Feminista, que quando era adolescente começou a frequentar o cineclubes Mate com Angu e atualmente possui uma carreira profissional na área de edição audiovisual. Além disso, a realização de filmes sobre o próprio território e a divulgação e debate destes filmes em praças e bares indica que a maioria dos cineclubes da Baixada Fluminense retomam o papel conscientizador que estas atividades exerceram entre as décadas de 1960 e 1970 no Brasil.

A realização da pesquisa ainda contribuiu para perceber as riquezas culturais e a força de resistência presentes na região da Baixada Fluminense, que não costumam receber divulgação em grandes mídias de comunicação. Porque dentro do histórico de exploração do território da Baixada Fluminense, também existe o histórico de atividades reflexivas, prazerosas e locais, que não costumam receber tanto destaque quanto as atividades de produção econômica, abastecedoras de outras regiões do estado. Durante a realização da pesquisa, por exemplo, em muitas vezes em que apresentei os resultados preliminares do estudo e iniciei a caracterização da história da Baixada Fluminense,

alguns ouvintes comentavam que sabiam que a Baixada Fluminense tinha uma grande produção de laranjas. Na minha infância também ouvi bastante essa informação, vinda dos meus pais, quando eu perguntava sobre o que tinha sido a Baixada Fluminense anos atrás.

O curioso é que essa informação da Baixada Fluminense como produtora, que ouvi durante a minha infância e agora de pessoas com quem conversei sobre os resultados preliminares da pesquisa, também estava no meu imaginário sobre a Baixada. Mesmo tendo estudado o setor cultural da região, desde o ano de 2010, eu não tinha conhecimento do que já tinha acontecido culturalmente na Baixada Fluminense em anos anteriores. Quando comecei a estudar o cineclubismo na Baixada Fluminense, por exemplo, imaginava que o Mate com Angu, criado em 2002, tivesse sido o primeiro cineclube da região, e me surpreendi durante a pesquisa, quando ouvi relatos de cineclubistas como o HB, o Ricardo e o Bion, sobre a existência de cineclubes anteriores ao Mate com Angu. Fiquei ainda mais surpresa quando encontrei reportagens antigas no repositório online da Biblioteca Nacional que comprovam a existência de alguns cineclubes nos anos 1970. Entendo essa surpresa como resultado da minha colonialidade e imaginário sobre a Baixada Fluminense. Com isso, a pesquisa também contribuiu para decolonizar o meu conhecimento sobre a Baixada Fluminense.

Os resultados do estudo ainda demonstraram os cineclubes da Baixada Fluminense como lócus de enunciação da potência cultural deste território. Porque por meio da criação, exibição e discussão de imagens autorais do próprio território, os cineclubes da Baixada Fluminense tornam-se possibilidades de superação coletiva da colonialidade do saber, em uma região periférica da metrópole do Rio de Janeiro. Assim, os cineclubes contribuem para desmistificar a visão, potencializada por meios de comunicação, como os jornais, que limitavam a Baixada Fluminense como território de criminalidade, pobreza e todo tipo de falhas. Os cineclubes, portanto, reforçam e ampliam a valorização das ações culturais que compõem o próprio território.

Já a descrição da trajetória histórica dos movimentos de organização e reorganização do cineclubismo no Brasil contribuiu para o entendimento sobre como a atividade cineclubista foi apropriada ao longo dos anos. Iniciada como uma atividade que visava a formação de um mercado cinematográfico no Brasil, com o tempo os cineclubes passaram a ser pontos de mobilização política, especialmente durante a década de 1970, quando alguns cineclubes funcionaram de maneira clandestina. Até os anos 1980, a organização dos cineclubes esteve apoiada em instituições como a distribuidora

Dinafilme e os Conselhos de Cineclubes. Contudo, com a realização da pesquisa, foi possível perceber que, no contexto atual dos cineclubes na Baixada Fluminense, apesar de ainda existir o Conselho Nacional de Cineclubes, as articulações entre os cineclubistas da Baixada ocorrem a partir de redes de apoio informais, que existem graças ao relacionamento interpessoal dos/das cineclubistas. Sendo assim, não existe uma rede formalizada de cineclubistas da Baixada Fluminense ou entidades de associações formais. O movimento cineclubista que ocorre na Baixada Fluminense no contexto atual é espontâneo, com interações e redes de apoio que acontecem e funcionam para as necessidades de curto prazo destas organizações e ações culturais.

A análise do cineclubismo na Baixada Fluminense também foi importante para perceber a relevância da produção audiovisual local dos cineclubes. Os filmes produzidos pelos cineclubes, em sua maioria de curta metragem, contribuem para a construção de identidade da região da Baixada Fluminense e valorização do cotidiano e histórias locais, porque podem ser exibidas e discutidas com moradoras e moradores locais. Além disso, o processo de discussão dos filmes contribui para a reflexão a respeito da própria realidade e o compartilhamento do conhecimento local. Por outro lado, também acontecem na Baixada Fluminense sessões de um cineclube, que se posiciona como um cineclube conservador. Segundo o representante deste cineclube, o interesse é propagar valores como a proibição do aborto e a crítica ao comunismo. Com essa característica, este cineclube se distancia dos demais cineclubes da região da Baixada Fluminense, não realiza ou exhibe produções audiovisuais locais e atua de maneira isolada na região.

Por fim, realizar uma pesquisa com base metodológica participativa durante o período de isolamento, provocado pela pandemia de covid-19 foi um desafio. Inicialmente, o planejamento da pesquisa visava a realização de um evento para a exibição de curtas produzidos pelos cineclubes e o debate dos temas apresentados pelos cineclubistas durante as entrevistas. Com os atrasos provocados pelos efeitos da covid-19 e as demoras nas campanhas de vacinação no Brasil, não consegui realizar a tempo a fase final da metodologia da investigação temática, o que torna este trabalho um relatório de pesquisa ainda em construção. Diante disso, em trabalhos futuros, pretendo concluir a fase da investigação temática, com a participação das/dos cineclubistas da Baixada Fluminense para uma reflexão coletiva sobre a realidade do cineclubismo na Baixada.

Ainda assim, a pesquisa pode contribuir para a formulação de políticas públicas de cultura na região da Baixada Fluminense, pois sistematiza informações sobre a produção audiovisual dos cineclubes. Além disso, com a criação da Cinemateca, a

visibilidade dos cineclubes e a distribuição dos filmes podem alcançar um público maior da Baixada e indicar a relevância dos cineclubes serem incluídos na agenda pública local. Outro ponto que a pesquisa indica é a necessidade de os cineclubes serem reconhecidos e respeitados pelos poderes públicos municipais da Baixada Fluminense. Para a realização de atividades em praças públicas, por exemplo, os cineclubes enfrentam dificuldades para conseguirem autorização. Com isso, os resultados da pesquisa indicam a necessidade de meios que facilitem a atuação dos cineclubes nas ruas da Baixada.

Para a teoria das organizações substantivas, o estudo dos cineclubes contribuiu para atualizar os exemplos práticos a respeito das organizações substantivas. Além disso, possibilitou perceber que não são o tipo de atividades desenvolvidas que indicam se uma organização é substantiva, mas a valorização dos sujeitos e a conscientização que a atividade e o convívio proporcionam aos participantes. Porque enquanto que os cineclubes que trazem temas conscientizadores e de valorização do território são caracterizados como organizações substantivas, o outro cineclubes, que também realiza atividades de visionamento e debate de filmes, apresenta temas que visam a manutenção da ordem naturalizada e se aproxima das organizações hegemônicas.

A realização da pesquisa também proporcionou compreender as conexões presentes entre a teoria das organizações substantivas; a investigação temática e a abordagem decolonial. A teoria das organizações substantivas foi desenvolvida por Guerreiro Ramos por uma inquietação com os efeitos da imposição do mercado como o centro da vida humana na maneira como as pessoas vivem, se relaciona, lidam com o tempo e o espaço. Nesta reflexão o autor pressupõe que o fim da escravidão psicológica à lógica de mercado é fundamental para a transformação social. Com propostas práticas, a investigação temática também possui o compromisso com a conscientização da realidade enquanto pesquisa participativa. Elaborada a partir dos estudos de Paulo Freire e atualizada por Bosco Pinto, a investigação temática propõe ações culturais como forma de mudança da relação dos sujeitos com o mundo. Esta proximidade existe porque Paulo Freire teve como referência do conceito de conscientização as contribuições de Ramos e outros autores do ISEB no início dos anos 1960.

Ao olhar para os conhecimentos e práticas dos cineclubes da Baixada Fluminense, produtores de filmes que valorizam o território, com base teórica da abordagem substantiva, a investigação temática, a abordagem decolonial e o conceito de territorialidade, foi possível entender que os cineclubes proporcionam ações culturais no território da Baixada Fluminense que conscientizam, resistem e proporcionam pequenas

transformações dentro do próprio território. Estas atividades são realizadas porque estas pessoas anteriormente tiveram experiências culturais conscientizadoras, que transformaram a maneira como elas compreendem o mundo. Isso explica os motivos das ameaças que o setor cultural brasileiro vem sofrendo nos últimos tempos, mas também reforça a relevância das atividades culturais para a criação de cada vez mais fraturas no sistema dominante, que consigam combater as complexas dimensões da colonialidade nos seres e saberes.

Por fim, para pesquisas futuras, é pretendido aprofundar a análise sobre os lócus fraturados no campo da produção audiovisual da Baixada Fluminense. O interesse por ampliar o estudo sobre este tema, em pesquisas futuras, foi provocado pelos relatos trazidos pelas mulheres entrevistadas durante a pesquisa, participantes da Facção Feminista Cineclubes e do Cineclubes Xuxu ComXis, que são cineclubes formados por mulheres. Durante as entrevistas com estas mulheres as questões de gênero dentro da atividade cineclubista e do trabalho na área do audiovisual foram mencionadas e demonstraram a necessidade de serem analisadas de maneira mais aprofundada. Além disso, a postura de parceria demonstrada pelas mulheres participantes dos cineclubes femininos, durante o processo de agendamento das entrevistas para pesquisa, ao pedirem que as entrevistas fossem em grupo, e não individuais (pedido este que não foi realizado por nenhum dos homens entrevistados), apontou para o questionamento sobre quais são as conquistas e lutas presentes nas questões de gênero dentro de organizações substantivas de regiões consideradas periféricas, como os cineclubes da Baixada Fluminense. Afinal, enquanto que o estudo com foco nos cineclubes da Baixada Fluminense apontou para uma produção cultural e audiovisual que persiste, apesar deste território ser historicamente silenciado enquanto produtor epistêmico, as entrevistas com as mulheres cineclubistas da Baixada Fluminense indicaram a existência de elementos de desigualdades de gênero, presentes no próprio campo audiovisual e cultural do território, que precisam ser investigados como objetivo principal de uma pesquisa futura.

Referências

- ABDALLA, Márcio Moutinho; FARIA, Alexandre. Em defesa da opção decolonial em administração/gestão. **Cad. EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, p. 914-929, Dec. 2017. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-39512017000400914&lng=en&nrm=iso>. access on 03 Mar. 2020. <https://doi.org/10.1590/1679-395155249>.
- ALBUQUERQUE, Marcos Cintra C. Planejamento o caso da regional: Sudene. **Revista de Administração de Empresas** [online]. 1971, v. 11, n. 3 [Acessado 26 Novembro 2021], pp. 97-103. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0034-75901971000300010>>. Epub 28 Maio 2015. ISSN 2178-938X. <https://doi.org/10.1590/S0034-75901971000300010>.
- ALCADIPANI, Rafael. Reclaiming sociological reduction: Analysing the circulation of management education in the periphery. **Management Learning**, v. 48, n. 5, p. 535-551. 2017. <https://doi.org/10.1177/1350507617710321>
- ANCINE. **Anuário Estatístico do Cinema Brasileiro 2018**. dez. 2019. Disponível em: https://oca.ancine.gov.br/sites/default/files/repositorio/pdf/anuario_2018.pdf
- ANCINE. **Anuário Estatístico do Cinema Brasileiro 2019**. Dez. 2020. Disponível em: https://oca.ancine.gov.br/sites/default/files/repositorio/pdf/anuario_2019.pdf
- ANCINE. **Observatório Brasileiro do Cinema e do Audiovisual**. Painel Interativo: Número de salas por ano, de 1971 a 2018. Disponível em: https://public.tableau.com/views/SalasdeCinemanoBrasil_0/PainelParqueExibidor?:embed=y&:embed_code_version=3&:scrolling=%3Dno&:loadOrderID=1&:display_count=y&:publish=yes&:origin=viz_share_link
- ANDRADE, Sílvia Patricia Cavalheiro de; TOLFO, Suzana da Rosa; DELLAGNELO, Eloise Helena Livramento. Sentidos do trabalho e racionalidades instrumental e substantiva: interfaces entre a administração e a psicologia. **Rev. adm. contemp.**, Curitiba, v. 16, n. 2, p. 200-216, abr. 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-65552012000200003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 13 mar. 2020. <https://doi.org/10.1590/S1415-65552012000200003>.
- AUGÉ, Marc. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas, SP: Papirus, 1994.
- AZEVEDO, Ariston. A sociologia antropocêntrica de Alberto Guerreiro Ramos. Tese (doutorado em Sociologia Política). Universidade Federal de Santa Catarina, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/88639>
- BALLESTRIN, L. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 11. Brasília, maio - agosto de 2013, pp. 89-117. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010333522013000200004&script=sci_abstract&lng=pt
- BARROS, Denise Franca; BARROS, Amon; WANDERLEY, Sergio. “When Executives Turned Revolutionaries”: Moral Panic through Image and Sound in 1960s Brazil. **Academy of Management Proceedings**, n.1, p. 15211, jul. 2019. <https://doi.org/10.5465/AMBPP.2019.15211abstract>.

BAUER, Ana Paula; SILVA, Vanessa Faria; WANDERLEY, Sergio. Decolonialidade, border thinking e organizações: as contribuições de Guerreiro Ramos e Celso Furtado. **Cuadernos de Administración**, v.32, n.58, jan/jun, 2019. <https://doi.org/10.11144/Javeriana.cao32-58.dbto>

BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema. Coleção Primeiros Passos**, v. 9, São Paulo: Brasiliense, 2006.

BEZERRA, Nielson Rosa. Apresentação: Patrimônio e Cultura Afro-brasileira na Baixada Fluminense. In: BEZERRA, Nielson Rosa; SOUZA, MarluCIA dos S.; NASCIMENTO, Aline Sousa (Orgs.). **Nas sombras da diáspora: patrimônio e cultura afro-brasileira na Baixada Fluminense**. Duque de Caxias, RJ: APPH-CLIO/INEPAC, 2013. 350 p

BEZERRA, Sérgio Sampaio e VIEIRA, Marcelo Milano Falcão. Pessoa com deficiência intelectual: a nova "ralé" das organizações do trabalho. **Rev. adm. empres.** [online]. 2012, vol.52, n.2, pp.232-244. ISSN 0034-7590.

BIZARRIA, Fabiana Pinto de Almeida. Da Razão Substantiva à Razão Substantiva Cosmopolita: ensaiando novas possibilidades. **Organ. Soc.** [online]. 2019, vol.26, n.90, pp.393-413. Epub 03-Out-2019. ISSN 1413-585X.

BOEIRA, Sérgio Luís e MUDREY, Daniele. Teoria da delimitação de sistemas sociais em duas unidades da Uni-Yôga. **Organ. Soc.** [online]. 2010, vol.17, n.52, pp.157-173. ISSN 1984-9230.

BOSCO PINTO, J. A Pesquisa-ação como Prática Social. In: DUQUE-ARRAZOLA L. D.; THIOLENT M. (Orgs.). João Bosco Pinto: **Metodologia, teoria do conhecimento e pesquisa-ação: textos selecionados e apresentados**. Belém: UFPA / Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, 2014.

BOSCO PINTO, J. G; ANGEL, M. A; REYES, V. (1975). Metodologia da Investigação Temática: pressupostos teóricos e desenvolvimento. In: DUQUE-ARRAZOLA, L. S; THIOLENT, M. J. M. (Orgs). **Metodologia, teoria do conhecimento e pesquisa-ação: textos selecionados e apresentados**. Belém: UFPA, 2014. p.94-105.

BUTRUCÉ, D. Cineclubismo no Brasil: esboço de uma história. **Acervo**. Rio de Janeiro: v.16, n. 1, p.117-124, jan/jun, 2003.

CARRIÈRE, J. C. **A linguagem secreta do cinema**. Tradução: Fernando Albagli. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. ISBN 85-209-0651-6

CARRILHO, Afonso T. **El retorno a La comunidad: problemas, debates y desafios de vivir juntos**. Fundação centro deducção y Desarrollo Humano CINDE. Editora El Búho Ltda, 2013.

CARVALHO, Osório; MEDEIROS, Janann. Racionalidades subjacentes às ações de responsabilidade social corporativa. **Organ. Soc.**, Salvador , v. 20, n. 64, p. 17-36, mar. 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-92302013000100003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 13 mar. 2020. <https://doi.org/10.1590/S1984-92302013000100003>.

CASA FLUMINENSE. **Mapa da Desigualdade**: região metropolitana do Rio de Janeiro. 2020. Disponível em: http://casafluminense.org.br/wp-content/uploads/2020/07/mapa-da-desigualdade-2020-final_compressed.pdf

CASTELLS, Manuel. **A era da informação: economia, sociedade e cultura. A sociedade em rede.** São Paulo: Paz e Terra, vol. 1, 2011.

COSTA, Izabel Cristina Gomes da. DUQUE DE CAXIAS: UM LUGAR DE VÁRIAS MEMÓRIAS E HISTÓRIAS. In: **Duque de Caxias: o território e sua gente.** 2016. Disponível em: <https://lurdinha.org/site/livro-duque-de-caxias-o-territorio-e-sua-gente-download/>

CAULOS. **Jornal do Brasil.** Rio de Janeiro, 29 março 1978, pág. 9, Caderno B. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/030015/per030015_1978_00351.pdf

CINECLUBE IMBARIÊ NOS TRILHOS. Lançamento Cineclube Imbariê Nos Trilhos. Duque de Caxias, 2 de setembro de 2017. Facebook: **Cineclube Imbariê nos Trilhos.** Disponível em: <https://www.facebook.com/events/1590579434296047/>. Acesso em: 7 ago. 2019.

_____. Eventos anteriores. Facebook: Cineclube Imbariê nos Trilhos. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/CineclubeImbarieNosTrilhos/events/?ref=page_internal. Acesso em: 13 set. 2019.

DULCI, T. M. S., MALHEIROS, M. R. Um giro decolonial à metodologia científica: apontamentos epistemológicos para metodologias desde e para a América Latina. **Revista Espirales**, Edição Especial, 2021, pp. 174-193. Recuperado de <https://revistas.unila.edu.br/espirales/article/view/2686>

DUQUE-ARRAZOLA, L. S. Apresentação. In L. D., Duque-Arazola & M. J. M., Thiollent (Orgs.). João Bosco Guedes Pinto: **Metodologia, teoria do conhecimento e pesquisa-ação: textos selecionados e apresentados.** Belém, PA: UFPA, 2014.

DUSSEL, Enrique. Europa, Modernidade e Eurocentrismo. In E., Lander (Org.), **A colonialidade do saber: Eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas** (pp. 25-34). Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO), 2005. Disponível em http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624093038/5_Dussel.pdf

DUSSEL, Enrique. Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação. **Sociedade e Estado**, 2016, v. 31, n. 1, pp. 51-73. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/S0102-69922016000100004>

ESCOBAR, Arturo. O lugar da natureza e a natureza do lugar: globalização ou pós-desenvolvimento?. In: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas.** Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005. pp. 133-168.

FANON, Frantz. **Pele negra máscaras brancas.** tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 194.

FARIA, A. Border Thinking in Action: Should Critical Management Studies Get Anything Done? **Dialogues in Critical Management Studies**, 2013, pp. 277-300. [https://doi.org/10.1108/S2046-6072\(2013\)0000002018](https://doi.org/10.1108/S2046-6072(2013)0000002018)

FERNANDES, Valdir e PONCHIROLI, Osmar. Contribuições da racionalidade comunicativa, racionalidade substantiva e ambiental para os estudos organizacionais. **Cad. EBAPE.BR** [online]. 2011, vol.9, n.spe1, pp.604-626. ISSN 1679-3951.

FLORES, Elio Chaves. O conceito de "comunidade humana universal" na obra de Guerreiro Ramos. **Cad. EBAPE.BR** [online]. 2015, vol.13, n.spe, pp.573-592. ISSN 1679-3951.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação**: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 14 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FUNDAÇÃO CEPERJ. Regiões do estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.ceperj.rj.gov.br/Conteudo.asp?ident=81>

FURTADO, Celso. **Cultura e desenvolvimento em época de crise**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GAGLIONI, Cesar. Quem é o novo secretário de Cultura. E as mudanças na pasta. **NEXO JORNAL**. 08 de nov. de 2019. Expresso. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2019/11/08/Quem-%C3%A9-o-novo-secret%C3%A1rio-de-Cultura.-E-as-mudan%C3%A7as-na-pasta>. Data de acesso: 12 mar. 2020.

GAJARDO, M. **Pesquisa participante na América Latina**. São Paulo, SP: Brasiliense, 1986.

GAJARDO, M. Procurando Paulo Freire no Chile, algumas observações sobre a origem e a evolução de suas ideias pedagógicas. **Revista Ideação**, v. 23, n. 1, p. 72, 2021. <https://doi.org/10.48075/ri.v23i1.26701>

GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos**. Rio Janeiro: Zahar. 375 pp, 2020.

GRANDA, Alana. Governo do Rio lança programa para alavancar economia do estado. **Economia. Agência Brasil**. 13 ago. 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2021-08/governo-do-rio-lanca-programa-para-alavancar-economia-do-estado>

GROSGOUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Revista Crítica de Ciências Sociais** [Online], 80, 2008. URL: <http://journals.openedition.org/rccs/697>; DOI: 10.4000/rccs.697.

HAESBAERTH, R. Introdução e Definindo Território para Entender a Desterritorialização. In: HAESBAERTH, R. **O Mito da Desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil. 2004. p.19-98.

HB, Heraldo. **O cerol fininho da Baixada: histórias do cineclube Mate com Angu**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013. 236 p.

IKEDA, M. G. As leis de incentivo e a política cinematográfica no Brasil a partir da “retomada”. **Revista Eptic**, v. 17, n. 3. 2015. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/epitic/article/view/4308/pdf>

IKEDA JUNIOR, R.; SANTOS, E. S.; PAULA, T. A. S.; VILLELA, L. E. Um olhar sobre a caracterização do território dos megaempreendimentos através da participação social. **Brazilian Journal of Development**, v. 4, p. 252-269, 2018.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Perfil do Municípios Brasileiros**: 2009. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

População residente. IBGE, 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/pesquisa/23/25207?tipo=ranking>. Acesso em: 15 ago. 2019.

Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, **Pesquisa de Informações Básicas Municipais 2006/2014**. Rio de Janeiro: IBGE, 2014. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv95013>.

LANDER, E. Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêntricos. In: Edgardo Lander (org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas**. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Setembro, 2005.

LARSON, Lucas Smolcic. Movimento Pró-Saneamento da Baixada. Portal **RioOnWatch**, 24 abr. 2018. Disponível em: <https://riononwatch.org.br/?p=32458>

LEITÃO, Sergio Proença, FORTUNATO, Graziela e FREITAS, Angilberto Sabino de. Relacionamentos interpessoais e emoções nas organizações: uma visão biológica. **Rev. Adm. Pública**, Out 2006, vol.40, no.5, p.883-907. ISSN 0034-7612. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-76122006000500007&lng=pt&nrm=iso>.

LEROUX, L. Táticas do cinema de guerrilha da baixada para transitar entre o popular e o artístico. **POLÊMICA**, [S.l.], v. 17, n. 1, p. 001-023, abr. 2017. ISSN 1676-0727. Disponível em: <<https://www.epublicacoes.uerj.br/ojs/index.php/polemica/article/view/28300/20344>>. Acesso em: 06 jun. 2019. doi: <https://doi.org/10.12957/polemica.2017.28300>.

LIMA, Sandra Mara Maciel de; HOPFER, Kátia Regina; SOUZA-LIMA, José Edmilson de. Complementaridade entre racionalidades na construção da identidade profissional. **RAE electron.**, São Paulo, v. 3, n. 2, dez. 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-56482004000200011&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 13 mar. 2020. <https://doi.org/10.1590/S1676-56482004000200011>.

LUGONES, María. Toward a Decolonial Feminism. *Hypatia*, v. 25, n. 4, **Hypatia**, 2010, pp. 742–59, <http://www.jstor.org/stable/40928654>.

MACEDO, Felipe. Nova Cronologia do Cineclubismo Brasileiro. **Academia.edu**, 2018. Disponível em: https://www.academia.edu/37058388/Nova_Cronologia_do_Cineclubismo_Brasileiro

MAGRI, Diogo e OLIVEIRA, Joana. Regina Duarte deixa a Secretaria da Cultura para assumir a Cinemateca em São Paulo. **Jornal El País**. São Paulo, 20 maio 2020. Seção Cultura. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/cultura/2020-05-20/regina-duarte-deixa-a-secretaria-da-cultura-para-assumir-a-cinemateca-de-sp.html>

MAIO, Marcos Chor. Cor, intelectuais e nação na sociologia de Guerreiro Ramos. **Cadernos EBAPE.BR** [online]. 2015, v. 13, n. spe [Acessado 21 Janeiro 2022] , pp. 605-630. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1679-395152996>>. Epub Set 2015. ISSN 1679-3951. <https://doi.org/10.1590/1679-395152996>.

MAIO, Marcos Chor. Guerreiro Ramos interpela a Unesco: ciências sociais, militância e antirracismo. **Caderno CRH** [online]. 2015, v. 28, n. 73 [Acessado 25 Março 2022], pp. 77-90. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-49792015000100006>>. ISSN 1983-8239. <https://doi.org/10.1590/S0103-49792015000100006>.

MANNHEIM, Karl. **Ideologia e utopia**. Tradução: Magalhães Santeiro. Rio de Janeiro: ZAHAR EDITORES, 1968.

MATARAZZO, Gustavo e BOEIRA, Sérgio Luís. Incubação de cooperativas populares: representações sociais e tensões entre racionalidades. **Cad. EBAPE.BR** [online]. 2016, vol.14, n.1, pp.207-227. ISSN 1679-3951.

MATE COM ANGU CINECLUBE. Sobre o Mate. Disponível em: <https://matecomangu.org/site/contato/sobre/>

MATELA, R C. **Cineclubismo, memórias dos anos de chumbo**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2008.

MARGOTO, Julia Bellia; BEHR, Ricardo Roberto; PAULA, Ana Paula Paes de. Eu me demito! Evidências da racionalidade substantiva nas decisões de desligamento em organizações. **Organ. Soc.**, Salvador, v. 17, n. 52, p. 115-135, mar. 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-92302010000100007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 13 mar. 2020. <https://doi.org/10.1590/S1984-92302010000100007>.

MOREIRA CHAVES, G. . O cinema além do filme: o projeto da igreja católica brasileira para a formação de educadores cinematográficos via cine-clube Belo Horizonte. **Fênix - Revista de História e Estudos Culturais**, v. 9, n. 2, p. 1-17, 21 ago. 2012.

MORETTIN, Eduardo. O sequestro de nossa memória audiovisual. Artigos. *Jornal da USP*: 14/08/2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/o-sequestro-de-nossa-memoria-audiovisual/>

MORIN, Edgar. A alma do cinema. In: XAVIER, Ismail (org.). **A experiência do cinema**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

MIGNOLO, W. **Historias locales/disenos globales**: colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo. Madrid: Akal, 2003.

MIGNOLO, W. **Desobediencia epistémica**: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad. Argentina: Ediciones del signo, 2010.

MIGNOLO, W. D., TLOSTANOVA, M. V. Theorizing from the Borders: Shifting to Geo- and Body-Politics of Knowledge. **European Journal of Social Theory**, 2006, v. 9, n. 2, pp. 205-221. <https://doi.org/10.1177/1368431006063333>

MINAYO, C. S. **O desafio da pesquisa social**. In: *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 28 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 621-626, Mar. 2012. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232012000300007&lng=en&nrm=iso>. access on 07 Mar. 2020. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232012000300007>.

MinC - Ministério da Cultura. Histórico. **Ministério da Cultura**, Acesso à informação. Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/historico>>. Data de acesso: 27 nov. 2017.

MISOCZKY, Maria Ceci; FLORES, Rafael Kruter; BOHM, Steffen. A práxis da resistência e a hegemonia da organização. **Organ. Soc.**, Salvador, v. 15, n. 45, p. 181-193, June 2008. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198492302008000200014&lng=en&nrm=iso>. Access on 21 Nov. 2019.

MUZZIO, Henrique. A condição paradoxal da administração de recursos humanos: entre a racionalidade instrumental e a racionalidade substantiva. **Cad. EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p. 706-718, set. 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-39512014000300010&lng=pt&nrm=iso>. <https://doi.org/10.1590/1679-39519373>.

NETO, Jandira. Arco Metropolitano do Rio de Janeiro: Uma Experiência de Sucesso em Arqueologia de Contrato. **Revista Jesus Histórico e sua Recepção**, v. XI, p. 38-68, 2018.

NEVES, S. L. S., NEVES, L. V. R. F., SANTOS, L. M., FIGUEIREDO, L. R. É possível reivindicar uma cartografia decolonial? **Revista Desenvolvimento Social**, v. 25, n. 1, 2019, pp. 125-138. Recuperado de https://redib.org/Record/oai_articulo3165523-%C3%A9-poss%C3%ADvel-reivindicar-uma-cartografia-decolonial

OCAÑA, A. O., LÓPEZ, M. I. A. Hacer decolonial: desobedecer a la metodología de investigación. **Hallazgos**, v. 16, n. 31, 2019, pp. 147-166. <https://doi.org/10.15332/s1794-3841.2019.0031.06>

PAULA, Ana Paula Paes de. Guerreiro Ramos: resgatando o pensamento de um sociólogo crítico das organizações. **Organ. Soc., Salvador**, v. 14, n. 40, p. 169-188, Mar. 2007. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-92302007000100010&lng=en&nrm=iso>. <http://dx.doi.org/10.1590/S1984-92302007000100010>.

PAULA, Thássia A. S. ; ARAUJO, E. M. ; FERREIRA, S. ; IKEDA JUNIOR, R. . Análise socioeconômica dos impactos dos megaempreendimentos nos municípios de Seropédica-RJ e Itaguaí-RJ sob a ótica do GPI e controle social. **Revista Controle Social e Desenvolvimento Territorial**, v. 3, p. 1-10, 2018.

PINTO, Júlio Roberto de Souza; MIGNOLO, Walter D.. A modernidade é de fato universal?: Reemergência, desocidentalização e opção decolonial. Civitas, **Rev. Ciênc. Soc.**, Porto Alegre, v.15, n.3, p.381-402, Sept.2015. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-60892015000300002&lng=en&nrm=iso>. Access on 02 Mar. 2020. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2015.3.20580>.

RAMOS, Alberto Guerreiro. **A Nova ciência das organizações: uma reconceitualização da riqueza das nações**. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1981.

RAMOS, Alberto Guerreiro. **A redução sociológica**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1996.

RIBEIRO, D. Contramapeamento indígena: aproximações entre a cartografia crítica e o decolonialismo. **Logos**, v. 27, n. 3, 2020, pp. 17-36. <https://doi.org/10.12957/logos.2020.53054>

SALGADO, Francisco e ABAD, Andrés. Utopía como imaginación organizacional en el pensamiento crítico de Guerreiro-Ramos. **Cad. EBAPE.BR** [online]. 2015, vol.13, n.2, pp.220-236. ISSN 1679-3951.

SANTANA, Jeferson Simões; GUEDES, Cezar Augusto Miranda e VILLELA, Lamounier Erthal. Desenvolvimento territorial sustentável e desafios postos por megaempreendimentos: o caso do município de Itaguaí - RJ. **Cadernos EBAPE.BR** [online]. 2011, v. 9, n. 3 [Acessado 6 Dezembro 2021] , pp. 846-867. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1679-39512011000300009>>. Epub 20 Out 2011. ISSN 1679-3951. <https://doi.org/10.1590/S1679-39512011000300009>.

SANTOS, Laís Silveira; SERAFIM, Mauricio C. e PINHEIRO, Daniel Moraes. Bernard Lonergan and Alberto Guerreiro Ramos: dialogues between the existential subject and the parenthetical man. **Organ. Soc.** [online]. 2019, vol.26, n.88, pp.96-113. ISSN 1413-585X.

SANTOS, Milton. O dinheiro e o território. In: SANTOS, M. e BECKER, B. K. (orgs.). **Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial**. 3ª ed. Niterói: PPGEU/UFF, 2007.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SAQUET, M. A.; BRISKIEVICZ, M. Territorialidade e identidade: um patrimônio no desenvolvimento territorial. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 31, n. 1, p. 3 – 16, 2009. Disponível em: <http://agbpp.dominiotemporario.com/doc/CPG31A-3.pdf>.

SCHVARZMAN, Sheila. Ir ao cinema em São Paulo nos anos 20. **Revista Brasileira de História**, vol. 25, no 49, p.153-174.

SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA. Acesso à Informação - Histórico. Disponível em: <http://cultura.gov.br/acesso-a-informacao/institucional/historico/>. Data de acesso: 12 mar. 2020.

SERVA, M. O fenômeno das organizações substantivas. **Rev. adm. empres.**, São Paulo , v. 33, n. 2, p. 3643, Apr. 1993 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003475901993000200005&lng=en&nrm=iso>.

SERVA, M. A racionalidade substantiva demonstrada na prática. **Revista de Administração de Empresas: São Paulo**, v 37, n 2, p. 18-30, abr/jun, 1997.

SEVERO, Lessandra Scherer; PEDROZO, Eugênio Ávila. A citricultura orgânica na região do Vale do Caí (RS): racionalidade substantiva ou instrumental?. **RAM, Rev. Adm. Mackenzie**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 58-81, Apr. 2008. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-69712008000200004&lng=en&nrm=iso>. access on 13 Mar. 2020. <https://doi.org/10.1590/S1678-69712008000200004>.

SILVA, C. M. DA; SAUERBRONN, F. F.; THIOLENT, M. Estudos Decoloniais, Métodos Não Extrativistas e Pesquisa-Ação Participativa em Contabilidade. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 26, n. 4, p. e210014, 23 nov. 2021.

SILVA, Miriam Soares de Oliveira e; FERNANDES, Antônio Sérgio Araújo. Racionalidade substantiva no processo decisório: um estudo em instituições que lidam com o tratamento oncológico infantojuvenil na cidade de Natal (RN). **Rev. Adm. Pública** [online]. 2011, vol.45, n.5, pp.1327-1361. ISSN 0034-7612.

SILVA, V. F.; WANDERLEY, S. Aproximações entre a metodologia da investigação temática e a abordagem decolonial: uma proposta para a área dos Estudos

Organizacionais. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, RJ, 2022. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/cadernosebape/article/view/85352>.

SIMÕES, J. M. Organizações, cultura e desenvolvimento: as contradições em torno da administração pública da cultura no estado do rio de janeiro. 2011. 329 p. **Tese** (Doutorado em Administração) - Fundação Getúlio Vargas, Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/17067/Tese_Final%20JANAINA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.

SIQUEIRA, Gabriel de Mello Vianna. Tensão entre as racionalidades substantiva e instrumental: estudo de caso em uma ecovila no sul da Bahia. **Cad. EBAPE.BR** [online]. 2017, vol.15, n.4, pp.768-782. ISSN 1679-3951.

SOUZA, Aline. CPI dos Transportes divulga relatório após seis meses de trabalho. Notícia. 17 ago. 2018. **Casa Fluminense**. Disponível em: <https://casafluminense.org.br/cpi-transportes-dados-mortes-supervia/>

SOUZA, Caroline; MAIA, Gabriel. A distribuição geográfica das salas de cinemas no Brasil. **NEXO JORNAL**. 31 maio 2019. Gráfico. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/grafico/2019/05/31/A-distribui%C3%A7%C3%A3o-geogr%C3%A1fica-das-salas-de-cinemas-no-Brasil>. Data de acesso: 08 ago. 2019.

SOUZA, Marlúcia Santos de. Escavando o passado da cidade. História política de Duque de Caxias. **Dissertação**, PPGH UFF, Niterói, 2002.

SOUZA, Gustavo Costa de e ORNELAS, Antonio Lima. Alberto Guerreiro Ramos e a autonomia dos estudos organizacionais críticos brasileiros: esboços de uma trajetória intelectual. **Cad. EBAPE.BR** [online]. 2015, vol.13, n.3, pp.438-461. ISSN 1679-3951

TENÓRIO, Fernando Guilherme. ALBERTO GUERREIRO RAMOS – O DRAMA DE SER DOIS: Um Sociólogo Engravatado. In: TENÓRIO, Fernando Guilherme; WANDERLEY, Sérgio Eduardo de Pinho Velho (Orgs.). **Peregrinos da Ordem do Desenvolvimento: gestores públicos do Nordeste na Formação do Estado Republicano (1930-1964)** – Alberto Guerreiro Ramos, Celso Furtado, Cleantho de Paiva Leite, Jesus Soares Pereira e Rômulo Almeida. Ijuí: Ed. Unijuí, 2019, pp. 29 – 55. Disponível em: <https://www.editoraunijui.com.br/produto/2211>.

TENÓRIO, Fernando Guilherme. Superando a ingenuidade: minha dívida a Guerreiro Ramos. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 5, p. 29 a 44, abr. 1997. ISSN 1982-3134. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/7836/6488>>. Acesso em: 07 Mar. 2020.

TENÓRIO, Fernando e WANDERLEY, Sergio. Celso Furtado: um economista a serviço da gestão pública (1943-1964). **Revista de Administração Pública** [online]. 2018, v. 52, n. 3 [Acessado 6 Dezembro 2021] , pp. 507-526. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0034-7612173859>>. ISSN 1982-3134. <https://doi.org/10.1590/0034-7612173859>.

TENÓRIO, Fernando e PARRA, Fernando. “BOLIVARIANISMO” OU “CHAVISMO”, EIS A QUESTÃO? PROLEGÔMENOS. **Revista Debates Insubmissos**, 2020, v. 3, n. 10. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/debatesinsubmissos/article/view/245817>. DOI: <https://doi.org/10.32359/debin2020.v3.n10.p10-36>

THIOLLENT, M. J. M. Preservar a memória da obra de João Bosco Guedes Pinto: resgate de uma obra. In L. D., Duque-Arrazola & M. J. M., Thiollent (Orgs.). João Bosco Guedes Pinto: **Metodologia, teoria do conhecimento e pesquisa-ação: textos selecionados e apresentados**. Belém, PA: UFPA, 2014.

THIOLLENT, M. J. M., & COLETTE, M. M. Pesquisa-Ação, Universidade e Sociedade. In **XIII Coloquio Internacional de Gestión Universitaria en América del Sur: Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad** [Colóquio]. Universidad Tecnológica Nacional, Argentina, 2013. Recuperado de <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/114882>

TUOMELA, Raimo; TUOMELA, Maj. Cooperation and trust in group context. **Mind & Society**, v. 4, p. 49–84, 2005. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s11299-005-0008-5>

VIZEU, F. Contribuições da sociologia da dádiva aos estudos sobre organizações substantivas. **Organ. Soc., Salvador**, v. 16, n. 50, p. 409-427, Sept. 2009. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198492302009000300001&lng=en&nrm=iso.

WEBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Brasília: UnB. 2 v, 1999.

WEBER, Max. **A Ética protestante e o 'espírito' do capitalismo**. Companhia das Letras, 2004.

WEBERING, SUSANA IGLESIAS. Os “pontos cegos” das teorias organizacionais segundo Guerreiro Ramos. **Cad. EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 435-447, Sept. 2019. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-39512019000300435&lng=en&nrm=iso

ZAOUAL, H. **Nova Economia das iniciativas locais: uma introdução ao pensamento pós-global**. Tradução: Michel Thiollent. Rio de Janeiro: DP&A: Consulado Geral da França: COPPE/UFRRJ, 2006.

Anexo 1: entrevista de Guerreiro Ramos ao Jornal Última Hora (1956)

“Está Errado o Esquema da Divisão Das Ciências”

Alfredo Estrella Obolerando a uma Expedição Obolero Para no Museu em Que a Biologia e a Zoologia Têm o Mesmo Espaço - Onde o Sociólogo Delimita os

Publicações de uma segunda parte de polêmica entre o sociólogo Guerreiro Ramos e o filósofo ALFREDO ESTRELLA. O filósofo não tem nenhuma ideia sobre sociologia, mas o sociólogo não tem nenhuma ideia sobre filosofia. O filósofo não tem nenhuma ideia sobre sociologia, mas o sociólogo não tem nenhuma ideia sobre filosofia.

— Não se temer as teorias da sociologia, mas a sociologia da sociologia. Não se temer as teorias da sociologia, mas a sociologia da sociologia. Não se temer as teorias da sociologia, mas a sociologia da sociologia.



ALFREDO ESTRELLA. Filósofo, escritor e crítico social.

Estrella Obolerando a uma Expedição Obolero Para no Museu em Que a Biologia e a Zoologia Têm o Mesmo Espaço - Onde o Sociólogo Delimita os

Estrella Obolerando a uma Expedição Obolero Para no Museu em Que a Biologia e a Zoologia Têm o Mesmo Espaço - Onde o Sociólogo Delimita os

NOTAS de CRITICA

NELSON WERNECK SODRE

SOBRE LITERATURA COLONIAL

Nelson Werneck Sodre discute a literatura colonial brasileira, abordando temas como a identidade cultural e a influência europeia. Ele critica a visão tradicional da literatura colonial e propõe uma abordagem mais crítica e contextualizada.

Verificação crítica, a saber, a crítica da crítica. Verificação crítica, a saber, a crítica da crítica. Verificação crítica, a saber, a crítica da crítica.

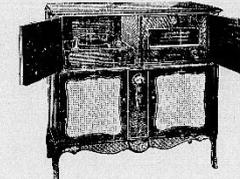
Verificação crítica, a saber, a crítica da crítica. Verificação crítica, a saber, a crítica da crítica. Verificação crítica, a saber, a crítica da crítica.

Aproveite esta oferta RCA VICTOR PARA TODOS OS PREÇOS!

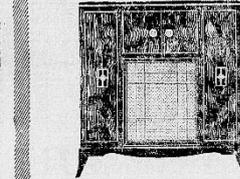
Desde Cr\$ 2.650,00 a Cr\$ 38.500,00

Consulte, hoje mesmo, o seu Revendedor RCA Victor sobre facilidades de pagamento.

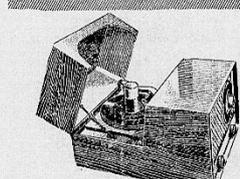
Escolha entre três lindos modelos, o seu novo aparelho RCA Victor e entre a primeira loja que encontrar, para vê-lo com os seus próprios olhos, e sentir a pureza de som que caracteriza a qualidade RCA Victor.



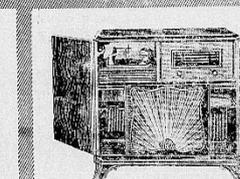
Rádio-Victrola BV-93: micro Luz XV, 5 válvulas, três faixas de onda, alto-falante de 12". Automático de três velocidades, com "pick-up" de retância variável.



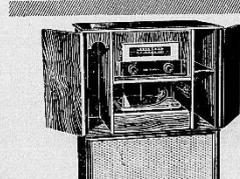
Rádio-Victrola BV-115: imbuída, 11 válvulas, 5 faixas de onda, alto-falante de 12". Automático de três velocidades, com "pick-up" de retância variável. Câmara acústica total.



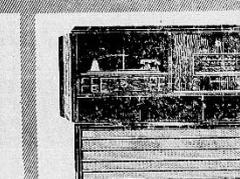
Rádio-Victrola BV-52: extratorista NOVO SISTEMA "45" para discos de 45 rpm, imbuída clara e imbuída escura, 5 válvulas, ondas curtas e longas.



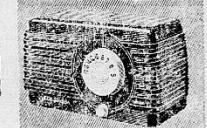
Rádio-Victrola BV-931: 9 válvulas, três faixas de onda, alto-falante de 12". Automático de três velocidades, com "pick-up" de retância variável.



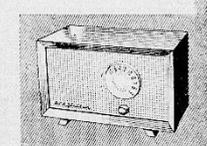
Rádio-Victrola BV-722: imbuída, 7 válvulas, 2 faixas de onda, alto-falante de 12". Automático de três velocidades, com "pick-up" de cerâmica, refratário à umidade.



Rádio-Victrola BV-83: 8 válvulas, 3 faixas de onda, alto-falante de 12" com ímã permanente. Automático de três velocidades, com "pick-up" de cerâmica.



Rádio BX-513: caixa de plástico em 6 cores, 5 válvulas, alto-falante de 4", corrente AC/DC.



Rádio BX-514: caixa de marfim em imbuída, 5 válvulas, alto-falante de 4", corrente AC/DC.



Rádio de Pilha BP-431: caixa de madeira, 4 válvulas, três faixas de onda, alto-falante de 6" de ímã permanente, pilha de 90 e 15 volts.



Rádio B-521: marfim em imbuída, 5 válvulas, ondas médias e curtas, alto-falante de 4", transformador para correntes de 100, 120, 190 e 220 volts AC.



Rádio B-533: caixa de plástico em 6 cores, 5 válvulas, três faixas de sintonização, alto-falante de 6" de ímã permanente, tomadas para tomadas 100, 120, 180 e 220 volts AC.

RCA VICTOR

Líder mundial em Rádio e Discos... e primeira em Televisão!

Fonte: Jornal Última Hora, 28/06/1956, pág. 7 (2º cad.), edição 01539 (1). Recuperado de http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=386030&Pesq=%22Guerreiro%20Ramos%22&pagfis=31020

Apêndice 2: Roteiro de Entrevista

- **Identificação do entrevistado/entrevistada**

Nome:

Cineclube:

Há quanto tempo participa de atividades cineclubistas:

Já participou antes de algum cineclube?

- **Bloco 1: Ramos (1989)**

O território da Baixada Fluminense e as noções de identidade e coletividade

As reflexões apresentadas por Ramos (1989) sobre as consequências do sistema de mercado na vida humana associada, como a constituição de síndromes psicológicas e a redução da vida em comunidade, provocam pensar sobre as consequências da lógica do mercado para o agir coletivo, bem como para a noção de identidade de um grupo, visto que a vida associada é um dos elementos centrais das discussões da teoria substantiva.

Possíveis perguntas:

1. O que é a Baixada Fluminense para você?
2. Me conta um pouco sobre a sua trajetória até a fundação/chegada ao cineclube; Como o cineclube apareceu na sua vida?
3. Como é a relação do cineclube com o território que ele está inserido (município ou região da Baixada Fluminense)? Como acha que o cineclube contribui pra Baixada?
4. O cineclube tem alguma parceria com produtores/instituições locais?
 - a. Existe alguma rede colaborativa dos produtores da região?

- **Bloco 2:**

caracterização dos cineclubes x características das organizações substantivas

Serva (1993) aponta que as organizações substantivas são organizações autônomas, que surgem a partir do esforço espontâneo e coletivo de diferentes indivíduos da sociedade, além disso, possuem princípios baseados no equilíbrio entre a valorização

da individualidade e a dimensão coletiva dos membros da organização. A partir de resultado de pesquisa realizada com 12 organizações substantivas do município de Salvador – Bahia, o autor caracteriza essas organizações pela adoção de práticas informais de controle, como o autocontrole; intensas relações interpessoais entre os membros da organização; grande participação dos membros nas reflexões e discussões sobre a organização; estrutura hierárquica altamente flexível; critério para escolha dos membros da organização pautado na identificação de valores pessoais e grupais; e não confidencialidade de informações e processo decisório coletivo. Além disso, ao corroborar com os estudos sobre organizações substantivas, Vizeu (2009) considera que as ações pessoais e o vínculo são fatores centrais para o desenvolvimento das práticas das organizações substantivas.

Possíveis perguntas:

5. Quando e em qual contexto o cineclube foi criado?
 - a. Qual o objetivo do cineclube;
 - b. O cineclube tem alguma liderança definida?

6. Quem são as pessoas que participam do cineclube?
 - a. São pessoas do entorno/de outras regiões?

7. Como costuma ser a relação do cineclube/ dos cineclubistas com a questão do engajamento político?

8. O que uma pessoa precisa fazer para dizer que é do cineclube/ que é um cineclubista?

9. Geralmente quantas pessoas participam das sessões?
 - a. Discutir questão do público. Ex. de pergunta: existe alguma preocupação em ampliar o público das sessões?

10. Como as sessões são organizadas/quem são os responsáveis?
 - a. Questionar sobre possíveis conflitos entre os participantes e como estes são resolvidos.
 - b. Como é o processo de curadoria/escolha dos filmes que são exibidos?

- c. Quais são os locais que as sessões ocorrem? Como é decidido o local de exibição?
11. Quais são os gêneros e temáticas dos filmes que costumam ser exibidos nas sessões?
 - a. Existem produções próprias/exclusivas?
 12. Como é a relação dos participantes dos cineclubes?
 13. Relação entre as dimensões individuais e coletivas dos participantes dos cineclubes: o que traz a você, como pessoa, participar do cineclube?
 - a. Como você lida com os seus interesses/autonomias individuais e os objetivos coletivos do cineclube?
 14. Como é a relação dos produtores do cinema independente da Baixada Fluminense com a Ancine e a Secretaria Especial/Municipal de Cultura?
 15. Quais foram/estão sendo os efeitos da pandemia para o cineclube/participantes?

Apêndice 3: Programação das sessões do Cineclube Imbariê Nos Trilhos

Sessão 1: Lançamento Cineclube Imbariê Nos Trilhos

Data: 02 set. 2017			
Tema: mobilidade urbana			
Filme exibido	Direção/Produção	Duração	Link para acesso
Se essa rua, se essa rua	Paula Vanina Cecing	3min43	https://www.youtube.com/watch?v=df37Q_Eqj60
Vida Carioca – um dia na central (década de 1950)	Recuperado por Hugo Caramuru	10min 25	https://www.youtube.com/watch?v=lwS9QFoqtP4
Tem gente com fome	Poesia de Solano Trindade na voz de Ney Matogrosso	2min44	https://www.youtube.com/watch?v=I5FUX3e089I
Proposta VLT nos ramais Vila Inhomirim e Guapimirim	SERGE-RJ	7min54	https://www.youtube.com/watch?v=Xsy0--HVaDs
Caminhando com Tim Tim	Genifer Gerhardt	4min 29	https://www.youtube.com/watch?time_continue=3&v=1dYukOrq5RI&feature=emb_logo
Mobilidade Urbana e Direito à Cidade - O Tempo	Zona Imaginária	3min 32	https://www.youtube.com/watch?v=vSa6NH8bdtc
A comunidade que desviou o trem	Coletivo Nigéria Audiovisual	11min 39	https://www.youtube.com/watch?v=7hi4G0jPp1A
Sessão 2: Armanda Data: 04 nov. 2017 Descrição: “Armanda Alvaro Alberto, educadora que revolucionou a ideia de escola, criadora da Escola Regional de Meriti (Mate com Angu), presa como comunista (tendo dividido a 'cela 4' com Nise da Silveira e Olga Benário). Armanda é, ainda hoje, lembrada e tomada como inspiração por movimentos artísticos e culturais da Baixada Fluminense.”			
Filme exibido	Direção/Produção	Duração	Link para acesso
Armanda - o documentário	Liliane Leroux e Rodrigo Dutra	41min	Trailer: https://www.youtube.com/watch?v=1BzblscpK9M
Sessão 3: 1962 - O ano do saque Data: 03 mar. 2018 Descrição: “Em 1962 as forças conservadoras contra o presidente Jango criavam um clima instabilidade no país. Além da crise política faltava aos brasileiros produtos elementares como			

o arroz, açúcar e feijão. Em meio a este cenário aconteceu, principalmente em Duque de Caxias, um dos maiores saques populares que se tem notícia na história do Brasil no século XX”.

Filme exibido	Direção/Produção	Duração	Link para acesso
1962 O ANO DO SAQUE	Rodrigo Dutra e Victor Ferreira	45min	https://www.youtube.com/watch?v=gDzD6JY2IrM&vl=pt

Sessão 4: Baixada Filma
Data: 05 maio 2018

Descrição: “A BAIXADA TRANSMUTA EXTIGMA EM ARTE. O título desse texto é parte do Manifesto A Baixada Filma, um movimento dos produtores de audiovisual da baixada pela territorialização do orçamento do setor [...]. Na verdade queremos algo que não é tão difícil, basta perceber o quanto nossa baixada realmente transmuta estigma em arte, mas com um “q” a mais, metendo a mão na massa e no bolso sem esperar que promessas se cumpram, numa rede cultural superpoderosa.”

Filme exibido	Direção/Produção	Duração	Link para acesso
Cascudos	Igor Barradas	18min	Making of - cena 03: https://www.facebook.com/cascudos/videos/194015044493699/
Cineclubismo na BF	Carol Vilamaro,	21min	http://www.futuraplay.org/video/cineclubismo-na-baixada-fluminense/443293/
Lá no fim do mundo	Mate com Angu	18min	https://vimeo.com/4968870

Sessão 5: Cineclubes Livres – nunca me sonharam
Data: 07 jul. 2018

Descrição: “Nunca Me Sonharam, em parceria com a VIDEOCAMP, nos convida ao diálogo sobre a realidade do ensino médio nas escolas públicas do Brasil. Na voz de estudantes, gestores, professores e especialistas, o filme questiona: como nós, enquanto sociedade, estamos cuidando e valorizando a qualidade da educação oferecida aos jovens na fase mais sensível e transformadora de suas vidas?”

Filme exibido	Direção/Produção	Duração	Link para acesso
Nunca me Sonharam	Cacau Rhoden	84min	https://vimeo.com/322915825
Historiografia	Amanda Pó	4min	-
Travessia	Safira Moreira	5min	-
CorpoStyleDanceMachine	Ulisses Arthur	7min	-
A paz ainda virá nesta vida	Isabella Geoffroy, Nicolás Bezerra	6min	-
A retirada para um coração bruto	Marco Antônio Pereira	15min	-
Talaatay Nder	Chantal Durpoix,	20min	-

Sessão 6: Vai pra onde?
Data: 01 set. 2018

<p>Descrição: “No mês da mobilidade urbana trazemos uma sessão super completa pra vocês, são 6 curtas, produzidos pela galera mais porrada do nosso Rio de Janeiro.”</p>			
Filme exibido	Direção/Produção	Duração	Link para acesso
Depois dos Jogos	Casa Fluminense	11min	
Sobre dormentes, estamos acordadas	Facção Feminista Cineclube	5min	https://vimeo.com/245125264
Mototáxi do Azul	Favela em Foco	5min	-
Conversa Afiada	Raízes em Movimento	5min	-
Bilhete O Filme	Wesley Brasil	5min	-
Mobilidade Urbana - Um olhar da Zona Oeste	Brazzaville Produções	7min	-
<p>Sessão 7: Cineclube Atlântico Negro Data: 15 nov. 2018</p>			
<p>Descrição: “Se liga nessa sessão porrada que preparamos pra vocês, imbariê vai se amarrar, é com um prazer enorme que exibiremos dentro do FAIM - Festival de Artes de Imbariê apenas filmes do Cineclube Atlântico Negro, e é só filmão!!!”</p>			
Filme exibido	Direção/Produção	Duração	Link para acesso
A Fé	Clementino Júnior	7min	-
FeliZcidade	Clementino Júnior	11 min	-
Real Card	Ross Leone	6 min	-
Tião	Jeferson Pedro e Clementino Júnior	14 min	-
<p>Sessão 8: Semana de cinema Data: 23 nov. 2018</p>			
<p>Descrição: “Fechando o ano com chave de ouro, exibiremos esse filmaço em parceria com a 10ª Semana de Cinema. [...] SINOPSE: depois de ser vítima de uma violenta desocupação ocorrida no bairro Parque Oeste, em Goiânia, uma mulher reconstrói sua vida tendo como norte a luta por moradia.”</p>			
Filme exibido	Direção/Produção	Duração	Link para acesso
PARQUE OESTE	Fabiana Assis	70 min	-
<p>Sessão 9: Nosso Sagrado Data: 16 mar. 2019</p>			
<p>Descrição: “O Cineclube Imbariê Nos Trilhos têm o orgulho e o prazer de trazer para nossas terras o documentário Nosso Sagrado - Filme, com ele, vai chegar junto para uma troca de ideias, os diretores Fernando Sousa e Gabriel Barbosa, e nessa roda de conversas vão colá também diversos líderes religiosos aqui da área. Chega mais! Logo após a roda de conversa a galera do FAIM - Festival de Artes em Imbariê vai chegar com Slam Poético, vai ser o bixo!</p>			

Filme exibido	Direção/Produção	Duração	Link para acesso
NOSSO SAGRADO	Fernando Sousa, Gabriel Barbosa e Jorge Santana	60 min	-
<p>Sessão 10: Cine da área Data: 19 jul. 2019</p> <p>Descrição: “O 3º distrito, o Distrito de Imbariê, vai chegar com tudo nessa sessão, os movimento culturais "da área" andam a muito tempo agitando as paradas e ocupando tudo, o Cineclube Imbariê nos Trilhos a algum tempo vêm registrando em audiovisual esses movimentos, para saber mais busque #culturanostrilhos nas redes, e a hora chegou rapaize, temos o prazer de apresentar alguns curtas e curtíssimos sobre essa galera que desenrola sem caô, conversinha e tapinha nas costas, e vc é convidado para estar com agente nessa sessão duca! [...] + Exposição Fotográfica Varal BXD”.</p>			
Filme exibido	Direção/Produção	Duração	Link para acesso
BF União Ativa FAIM SLAM Poético GTA - Grupo Tia Angélica	-	-	-
Biblioteca Comunitária Via Aracy - DOC.	-	10min	-
Projeto Central O trem nosso de Cada Dia - DOC.	-	15min	-
<p>Sessão 11: 2 anos Data: 21 set. 2019</p> <p>Descrição: “No aniversário de 2 anos do Cineclube Imbariê Nos Trilhos quem chega chegando é Francisca - O filme de Mariane Duarte e Luandeh Chagas, um curta superpoderoso que vêm desmistificando, com um olhar performático, a figura de Francisca da Silva de Oliveira mais conhecida como Xica da Silva. Como se já não fosse porreta demais, estaremos exibindo também "Mar de Elas" realizado por vários coletivos, Alma Crespa da Rebecca Joviano e do Paulo China, e "Rap de Saia" da Janaina Oliveira RE_FEM. é isso gente, curtas realizados por uma galera da pesada feito para abalar as estruturas e fazer pensar, além da roda de conversa sobre Cinema Negro Feminino mediado pela superprodutora Gabriela Freitas . Só cola!”</p>			
Filme exibido	Direção/Produção	Duração	Link para acesso
FRANCISCA	Mariane Duarte e Luandeh Chagas	35 min	-
MAR DE ELAS	Realização coletiva de Agô Yá Produções,		Teaser: https://www.youtube.com/watch?v=ZtcHlZeKprw&fbclid=I

	Angoleiras Pretas, Casa Das Pretas, Elekô, Mulheres de Pedra, Dembaia e Grupo Emú.		wAR2gz20eSgJ2-Ry-rcnV4iT5DXnMXCbP1plcWlQXc8QOjpNg4SQz_mauD0
ALMA CRESPA	REBECCA JOVIANO E PAULO CHINA	5 min	-
RAP DE SAIA	JANAINA OLIVEIRA RE-FEM	18 min	-

Fonte: elaborado pela autora a partir de informações disponíveis na rede social do cineclube.